CURA ATRAVÉS DA AGÊNCIA DO ESPÍRITO

R. H. Saunders

Tradução: Amadeu António

CURA ATRAVÉS DA AGÊNCIA DO ESPÍRITO

Eileen Garrett

PARTE 1

ABDUL LATIF ENQUANTO ESPÍRITO

…Ouvi pela primeira vez falar de Abdul Latif do lado do espírito, e da seguinte maneira:

Há um tempo que eu tinha formado um pequeno círculo para obter aquela fase do fenómeno psíquico chamado "Voz Direta." Tinham-nos dito uns amigos do espírito que, com paciência deveríamos desenvolver poder suficiente que garantisse o que é sem dúvida considerado a mais alta expressão do fenómeno psíquico, o das Vozes do Espírito. Para nos ajudar nesse empreendimento ou busca, a Sr.ª Etta Wriedt de Detroit, a bem conhecida Médium Americana, e as duas Médiuns Inglesas de Voz Direta que melhor conhecíamos, a Sr.ª Roberts Johnson e a Sr.ª Blanche Cooper, todas amavelmente nos dispensaram sessões, e na residência privada de um dos elementos do nosso grupo, e por intermédio da mediunidade da Sr.ª Wriedt, Abdul pela primeira vez se manifestou em todos os séculos desde que passou desta vida.

Lá pelo meio da sessão, uma luz azulada acerada no formato de uma bola, de algumas polegadas de diâmetro, saiu disparada pela sala proveniente do teto o mais afastada da médium (e aparentemente muito além do teto) e pousou próximo a ela no chão, e uma voz dirigiu-se-nos. Tinha um curioso acento estrangeiro, diferente do qualquer acento Europeu que eu tivesse ouvido; era profundo, claro, deliberado, e bastante rebuscado, como se tivesse dificuldade na seleção ou pronúncia das palavras. Conforme é costume no meu caso, anotei as palavras à medida que o Espírito a enunciava:

"Amigos, Encontro-me aqui para tomar parte no desenvolvimento do poder que está a ser produzido neste círculo. É-me permitido auxiliar em todo o trabalho que seja bom - trabalhar e pensar. Sou o guia do vosso círculo, e estou habilitado a ajudá-los, e estou a aprender os vossos costumes e modo de vida e a língua com esse fim em vista. Embora por vezes seja grande, o nosso poder, outras vezes é limitado. Extraímos poder de vós na medida da vossa resistência. Não nos atrevemos a privá-los em absoluto. Retiramos o que os presentes emanam, e moldámo-lo para o nosso propósito."

Isto foi dito pela "Voz Direta" exterior, e não através da Trompete, que tinha sido usada por espíritos anteriores durante a sessão, e foi enunciado num tom impressionante de voz tingida por um curioso acento, mas durante as muitas comunicações posteriores, Abdul melhorou o seu Inglês. Em muitas ocasiões Abdul irromperia num Francês ou Italiano rápido, mas logo dominou a nossa língua até se tornar tão fluente e correta quanto o de qualquer Cavalheiro Inglês instruído.

Eu perguntei.

"Quererá fazer o favor de nos dizer quem fala, e quando foi que faleceu?"

A resposta que nos deu foi:

"Há muitos anos atrás -- eu sou Abdul Latif."

"Como se pronuncia?" perguntei eu. O espírito soletrou o nome letra a letra, e acrescentou: "Há de descobrir acerca da minha vida no vosso Museu Britânico."

Eu perguntei: "Alguma vez se manifestou antes?" ao que ele me respondeu:

"Não desta forma. Influenciei muita vez tanto espíritos quanto mortais em comunicações à Terra, mas nunca antes divulguei o meu nome."

...Na manhã seguinte fui à Sala de Leitura do Museu Britânico e consultei seis das melhores Enciclopédias existentes no mundo de língua Inglesa. A Enciclopédia Americana não continha uma só palavra e até mesmo a Enciclopédia Britânica só continhas uns curtos parágrafos, e outras dispensavam Abdul com umas frases curtas. No entanto, havia colunas e colunas votadas a Abdul com fartura cujas vidas eram de pouca utilidade para a humanidade. Senti-me desapontado com o resultado, e vim embora.

Mas justamente à porta algo me moveu a perguntar ao bibliotecário (vim a saber mais tarde ter sido influenciado a fazê-lo) se ele tinha conhecimento de Abdul Latif. O bibliotecário, um Orientalista instruído, pensou ter, e amavelmente me conduziu à secção Oriental, e aí desencantou copiosas referências a Abdul que ocupavam muitas colunas de páginas só que em Arábico e noutros idiomas.

O nome de Abdul Latif ibn Yusuf, para a maioria dos povos de idioma Inglês, é estranho e pouco transmite, mas para uns quantos limitados e gratos poucos acha-se associado à gratidão e a sentidas bênçãos assim como ao retorno à saúde e felicidade, conforme será relatado no devido curso. É um nome destinado a tornar-se mais amplamente conhecido no futuro, pelo que um esboço da sua vida e trabalhos deveria ser de interesse para muitos. A informação não foi fácil de obter; já que para descrédito da literatura Inglesa, a referência a um dos homens mais notáveis da sua, ou, de facto, de qualquer outra era, é das mais escassas descrições existentes na nossa própria língua.

Durante a nossa sessão destinada à obtenção das "Vozes," tivemos a assistência de várias médiuns, a Sr.ª Wriedt, a Sr.ª Roberts Johnson, a Sr.ª Cooper e de outras, por intermédio de quem obtivemos informação através da "Voz Direta" quanto ao progresso que estávamos a fazer. E nessas sessões Abdul fora um participante constante -- nada lhe importava quem fosse a médium desde que o poder para as vozes se achasse presente.

Logo após ele nos ter surgido a nós, ele descobriu que um do nosso grupo possuía o que Abdul chamava de "Raio Pérola," a forma em hipérbole com que os Orientais descrevem algo muito raro e de enorme valor. Esse Raio Pérola constitui a emanação a partir do corpo humano, puramente física, e pode ser visto pelos Espíritos que afirmam ser de cor Cinza, e provavelmente constitui uma forma de ectoplasma. Possui a propriedade de ser capaz de incinerar os tecidos físicos, e assim dar à Natureza a oportunidade de recuperação.

A natureza é sempre desejosa e trabalha no reajustamento e equilíbrio das perturbações e distúrbios, e constitui factor primordial na cura da doença. Esse Raio, tangível para os Espíritos, pode dissociar-se do corpo e ser adotado por parte do Espírito, e aplicado aos pacientes à distância. A certa altura os próprios Espíritos não tinham a certeza de poder ser utilizado "para além das águas" o que evoca a velha superstição da feitiçaria de que o poder (em grande parte nesses dias associado a más influências) não podia atravessar a água, mas fossem quais fossem as dificuldades existentes, elas foram superadas, por eu dispor de registos de muitas curas efetuadas além-mar.

Ao visualizarmos os pacientes para além das águas, foi-nos dito para visualizarmos uma imensidão de areia, pelo que provavelmente dessa forma a dificuldade seria sobrepujada. Ainda não foi plenamente compreendido que essa emanação -- chamem-lhe magnetismo humano, se quiserem -- é um facto muito real enquanto agente de cura, e certos curandeiros dotados possuem-no de forma marcada, e é utilizado por médicos do espírito na cura de doenças. Não tem nada que ver com a Cura pela Fé, por mais potente que esse factor seja na cura das doenças, porquanto muitos pacientes foram curados que eram fortemente céticos, e outros que não tinham consciência nem sequer do método do tratamento aplicado, ou sequer que estavam a ser objeto de tratamento.

Os médicos Espirituais não são impedidos pela limitação dos seus confrades terrestres, cujos órgãos possuem uma clareza cristalina para eles, e o seu maior desejo é de influenciar o médico assistente num verdadeiro diagnóstico do caso. Aqueles que forem mais sensíveis a essas influências perfazem os praticantes mais bem-sucedidos, ainda que o não percebam em si mesmos O Raio Pérola difere daqueles Curandeiros dotados que conhecemos ultimamente, na medida em que pode ser usado à distância...

Mas quero agora voltar-me para os casos tratados por Abdul somente, e a banda de médicos que tem sob a sua direção numa espécie de Missão Médica, na qual a sequência do diagnóstico, do tratamento e da cura são mostrados. Precisa ser lembrado que em praticamente todos estes casos o paciente tinha sido dado como incuráveis pelo seu próprio pessoal médico, ou pelos hospitais.

A maravilha de tudo isto poderá ser melhor entendido quando afirmo que numa ocasião, ao participar de uma sessão com a Sr.ª Roberts Johnson, para poder averiguar através da "Voz Direta" o progresso dos diversos casos submetidos a tratamento, Abdul veio e deu o historial de doze casos, um diagnóstico completo de cada, o tratamento adequado a ser seguido, a certeza de uma cura na maioria deles, o resultado duvidoso de alguns, e a perspetiva incorrigível de dois. Conforme Abdul o expressou, com respeito a esses dois:

"Nós não conseguimos renovar os órgãos, e nos casos em que o fiat (decreto) foi pronunciado pelos Espíritos Elevados de que a passagem deve ser feita, nada podemos fazer, porém, naqueles casos em que indiquei um retorno à saúde isso é certo. Em dois ou três outros serei capaz de lhes dizer a esperança que há dentro de uma semana -- por presentemente ser duvidoso, mas daremos o nosso melhor.

A própria Médium submeteu um caso -- o da própria filha -- porém os outros onze eram desconhecidos dela. Ela nada sabia do historial dos casos a ser tratados, ou sequer o nome do paciente, e pareceu-me, ao me sentar a registar as mensagens, uma circunstância admirável escutar Abdul a discorrer sobre os diversos diagnósticos expressos em termos médicos apropriados na medida em que eu o conseguia julgar, e o tratamento adequado a ser seguido. Posso antecipar o resultado dizendo que todos aqueles casos preditos como curáveis foram curados. Mas darei uns exemplos de casos que foram submetidos a Abdul.

Claro que tenho os nomes, e cada detalhe registado, mais um vasto número de cartas de agradecimento, porém não estou autorizado a revelá-los, em hipótese alguma, de momento...

Os espíritos exigiram casos graves, daqueles para que, na perspetiva dos médicos da terra não havia expectativa de recuperação, porém, alguns casos mais ligeiros foram curados, tais como insónia, embora isso seja suficientemente grave para aquele que dela parecer, mas será interessante ter em mente a experiência do falecido Sr. G. R. Sims e a queixa angustiante que fez. Foi a cura desse problema que foi em larga escala instrumental na eliminação das dúvidas que tinha quanto à realidade da comunicação com o Espírito.

Por convite da minha parte ele veio a uma sessão com a Sr.ª Roberts Johnson na qual Abdul se manifestou, e se referiu a muitos dos casos em tratamento.

"Eu quisera que me curasse a insónia," disse o Sr. Sims, "por não conseguir dormir até às cinco ou seis da manhã."

"Eu vou fazê-lo," respondeu Abdul, "esta noite."

"Mas, como hei de saber que veio?" perguntou o Sr. Sims.

"Eu provocarei três pancadas na porta do seu quarto," disse Abdul. A sequela foi relatada no Referee algumas semanas depois. O Sr. Sims disse que estava a ler na cama nessa noite conforme era habitual quando, por volta da uma da manhã ele ouviu três pancadas distintas na porta. Ele recordou o que tinha sido dito na sessão, e respondeu em voz alta: "Suponho que seja Abdul, entre."

Não viu ninguém mas de imediato ele sentiu-se sonolento, e mergulhou num sono profundo, e nas noites subsequentes ele desfrutou de um sono revigorante. Isso, para relembrar, após muitos anos de ausência de sono. Quando o próprio Sr. Sims faleceu, contou-me, por via da Voz Direta, que a primeira coisa que fizera depois do período do seu repouso ter expirado (que no seu caso tinha sido de três dias) saiu em busca de Abdul para lhe agradecer a cura da insónia. "Onde para o homem que me curou da insónia?" disse ele. "Eu quero agradecer a esse Abdul."

Depois houve o Sr. Harry Fielder, bem conhecido do L.S.A. Ele padecia de um braço magoado, e Abdul tratou-o e decerto suavizou-lhe as dores, já que o Sr. Fielder me confessou quando esteve connosco, e a pós uma semana de ter feito a transição manifestou-se numa sessão da Sr.ª Roberts (a médium não estava em absoluto a par do incidente) e disse ter visto Abdul e que lhe expressara a gratidão que sentia. Vou dar detalhes de uma dúzia de casos ou isso -- de um total de cerca de cinquenta, por todas as semanas surgirem novos casos para tratamento.

GRANGRENA INTESTINAL

Este foi um dos primeiros casos, e um bastante notável. Um rapaz havia sido operado ao apêndice por um cirurgião de Harley Street, mas o caso revelou-se grave, e o rapaz começou rapidamente a sumir-se, e o médico preveniu o pai de que o caso não tinha esperança. O pai do rapaz acorreu à cidade após lhe ter sido dito isso e procurou um membro do nosso círculo que possuía o tal "Raio Pérola," ou "Raio de Cura," e numa enorme angústia rogou-lhe por auxílio.

"Visualize o rapaz," disse-lhe esse membro, "que eu vou pedir a assistência de Abdul." E ali, bem no coração da cidade, o pai fez isso, mas dificilmente conseguiu perceber qualquer benefício que pudesse advir da parte de alguém que nunca tinha visto o rapaz, não tinha conhecimento de assuntos médicos, nem fazia ideia alguma da natureza do mal, e lá foi á sua vida com a esperança, porém, não lá muito crente. No dia seguinte, voltou a aparecer muito excitado. "A que horas estive eu aqui ontem?" perguntou. "Cerca das duas da tarde," foi o que lhe responderam. "Nesse caso," disse o pai, "foi a hora exata a que a alteração ocorreu. O meu rapaz tinha estado num estado comatoso de vários dias, quando subitamente caiu num sono refrescante, e esta manhã apresenta-se muito melhor."

Tivemos uma sessão por volta dessa altura em que Abdul apareceu, e referindo-se a esse caso, disse: "Às onze da manhã, daqui a dois dias, os médicos verão os pontos da ferida que foram deixados dentro após a operação, sair numa bola coberta de pus." No exato momento indicado -- 11 da manhã -- isso sucedeu e o rapaz melhorou. Numa sessão subsequente Abdul disse: "Eles não estão a agir bem em relação ao rapaz. Ele participa em corridas a motor, e as sacudidelas abriram a ferida de novo -- isso precisa ser travado." No dia seguinte o pai apareceu, e o membro do círculo dotado do poer de cura contou-lhe o que Abdul nos dissera. "Bom," disse o pai, "é extraordinário, porque eu pensei que uma corrida lhe fizesse bem; como foi que soube disso?"

O rapaz venceu um prémio por correr no ano seguinte, e atualmente está um rapagão de excelente saúde.

CASO PERNICIOSO DE ANEMIA

Numa sessão certa vez Abdul veio e disse ao tal membro do círculo: "Quero que reserve as suas forças. Tenho um caso especial a tratar." "Onde?" foi perguntado. "Saberá disso a seu tempo." "E que se espera que eu faça?" "Eu vou-lhe impressionar isso," foi a resposta.

Passaram-se uns dias e a médium teve uns assuntos a fazer na Irlanda, quando um amigo o levou a um caso que tinha sido tratado na Escócia, na Duff House, e dado como desenganado, e deixado para morrer. A fraqueza era tal que o paciente nem as pálpebras conseguia abrir. Sem a menor experiência que o orientasse, esse membro do nosso círculo foi impressionado a colocar a mão sobre o paciente, e a trabalhar com vigor ao redor das áreas do coração e dos pulmões.

O resultado foi miraculoso - o paciente sentou-se, abriu os olhos, e pediu comida, quando anteriormente manifestara vontade de deixar de viver. o efeito que isso teve no membro do nosso círculo foi igualmente extraordinário -- durante doze horas ele permaneceu numa condição de exaustão, como se lhe tivessem extraído muito sangue. Dentro de poucos dias foi descoberto por esse membro que o paciente estava a comer uma posta de bife num restaurante, e o pai disse: "Aqui está ele. Este é o tipo que estava às portas da morte quando você chegou!"

HIDROCEFALIA

Este é um caso curioso e intrigante para os médicos, que não conseguiam diagnosticar o problema. O paciente era uma criança, e os médicos tinham dito que se chegasse a viver ficaria surda, muda e cega, e que em qualquer caso teria que ser internada num asilo. O caso foi submetido a Abdul, que de imediato disse: "A criança sofre de excesso de líquido no cérebro -- vamos fazer três operações, a primeira na Segunda-feira, a segunda na terça-feira, e a terceira no Sábado, às nove horas de cada noite." A médium tinha um compromisso para esse Sábado às nove da noite, e sugeriu uma alteração do horário para esse dia. "Não, não," disse Abdul, "esse caso está a ser alvo de um enorme interesse por parte das Esferas, e de forma nenhuma deverá o horário ser alterado, por termos combinado com um número de médicos do Espírito para estarem presentes e assistirem à operação."

Na primeira operação os médicos do Espírito retiraram o líquido e o pus todo; na segunda fortaleceram o laço existente entre o cérebro e os órgãos do corpo, e na terceira, que era a mais crítica de todas, Abdul obturou o cérebro e tornou-o estável. Aqui têm o facto notável de três operações distintas, que vão além até mesmo dos recursos dos grandes peritos médicos caso tivessem conhecimento do problema. A criança encontra-se agora bem.

SEPTICEMIA

Um indivíduo tinha sido tratado por um médico local sem resultado -- não conseguiam fazer nada em relação ao caso, e um médico que não movia antagonismo algum contra a Cura Espiritual disse: "Bem, não conseguimos fazer mais nada, podem tentar o que tudo quanto puderem fazer." O paciente compareceu a uma sessão connosco e de imediato Abdul se manifestou e diagnosticou o caso. "Aí está a correr-lhe por trás do nariz," disse-lhe ele, " e todo o seu sistema se acha impregnado de veneno -- mas nós podemos curá-lo" -- e assim o fez, por o homem se encontrar de saúde, e bem mais pesado do que alguma vez foi.

UM MOÇO DE ESTREBARIA que tinha o hábito de comer milho havia anos, descobriu por fim que danificara a digestão e que não conseguia reter a comida. Estava em enorme sofrimento -- Abdul diagnosticou logo o caso. "Os nervos do estômago encontram-se completamente destruídos," disse ele, "e não os conseguimos substituir -- digam à mulher para parar de lhe dar remédios -- isso só lhe deixa o estômago irritado." Na altura não tínhamos conhecimento nenhum disso, mas descobrimos que, pobres como eram, tinham vindo a gastar dez xelins por semana em remédios -- sobretudo láudano.

BEXIGA ENFERMA

O paciente tinha sofrido duas operações, e três médicos reuniram-se na consulta. Dois deles disseram que era um caso sem esperança -- o outro disse que poderia haver uma cura. O homem estivera em estado de coma durante nove dias, e eles desistiram. Abdul curou-o

PARALISIA

Uma senhora que lera um artigo meu publicado no jornal *Light*, relativo às maravilhas do poder revelado por Abdul com o Raio, escreveu-me de Saskatchewan, no Canadá, a dizer-me que há dez anos que não era capaz de caminhar. Eu levei a carta a uma sessão, e deixei-a no chão, sem dar a conhecer o caso à médium. Abdul manifestou-se e leu-a e disse que iria de imediato -- e subsequentemente eu recebi uma carta da parte da senhora em questão a dar-me conta de que tinha sido curada. Isso equivalia a uma travessia das águas, e ao tratarmos de casos desses temos que pensar na água como areia ou terra. Muito depois, Abdul referiu-se ao caso, e corrigiu-me a pronúncia de Sas-kat-che-wan, na qual eu empregara quatro sílabas: aqui estava um caso que não deu qualquer indicação exceto a carta.

PEDRA NA VESÍCULA

O paciente encontrava-se doente, e em grande sofrimento. Estava a ser tratado com respeito a problemas estomacais, e receava apendicite. Abdul diagnosticou o caso como Pedra, e o irmão do membro do nosso círculo dotado de poder de cura, que passara desta vida havia muitos anos, manifestou-se numa sessão e disse: "Se não usares o teu Raio, Archie, não tarda nada o George irá passar para aqui." O Raio foi enviado, com empurrão (Archie imaginara na sua mente o esmagar de uma pedra) e Abdul disse que provocara um

esmagamento literal da pedra. A dor cessou por completo e o homem saiu curado sem operação nenhuma. Os médicos do Espírito interessam-se vivamente por curar sem cortar, e desejam em especial lidar com casos em conjugação com os seus colegas na Terra, sempre que os descobrem sensíveis à impressão da sua parte.

TUBERCULOSE

Uma senhora que tinha consultado os médicos em Harley Street, na Suiça e na Alemanha, e que tinha sido dada como incurável, foi enviada para casa para morrer. Abdul disse, numa sessão: "O pulmão esquerdo foi à vida, e o direito acha-se afetado, mas iremos curá-lo -- e aquilo que prometemos nós fazemos -- envie o seu Raio às dez da noite, de dois em dois dias." Em pouco tempo a senhora andava de bicicleta, e sentia-se tanto melhor que foi cortar a relva do jardim e fez exercícios tão vigorosos que em consequência provocou uma hemorragia.

Abdul contou-nos isso, e disse que ela era tola e que devia repousar e que ele corrigiria as coisas. Nós escrevemos-lhe a dar conta do que Abdul tinha referido, e que ela necessitava de um enorme cuidado. Ela acatou o conselho, embora muito surpreendida por a sua indiscrição ter sido conhecida, e foi curada. Três médicos diferentes que anteriormente tinham declarado o seu caso como incurável agora admitiam a inexistência de traços de tuberculose, e um exame por raios X não conseguiu descobrir qualquer indício da sua presença. Ela foi inteiramente curada, muito para espanto dos médicos.

ÚLCERAS ESTOMACAIS

Uma empregada que tinha estado connosco havia muitos anos criou uma considerável quantidade de sangue. Dez anos antes o mesmo tinha ocorrido, e durante seis semanas os médicos tiveram que a alimentar por via artificial. Desta vez pedi auxílio a Abdul. Numa semana, sem consultar qualquer médico, e sem ter precisado recorrer a tal método desagradável, ela ficou boa, e há já alguns anos que continua, e consegue comer e digerir qualquer tipo de alimento.

CASO DE SUPOSTO CANCRO QUE PROVOU SER UM MITO

Eu recebera uma carta de uma senhora que dizia que a mãe estava com cancro, e a rogar por auxílio. Eu não conhecia a autora da carta, e jamais a tinha visto. Mas isto mostra a maneira verdadeiramente maravilhosa como as coisas e as pessoas podem estar ligadas. Eu coloquei a carta na mesa durante uma sessão, claro que se o conhecimento da médium, e pedi a atenção dos nossos amigos do Espírito para ela, e numa sessão de Voz Direta alguns dias mais tarde referi de novo a questão. Foi-me dito que a carta tinha sido lida, e que a paciente tinha sido examinada, e que o problema não era cancro, nem nada que se parecesse. Era um tumor só que não era maligno e foi feita a promessa de que gradualmente iria diminuir. Naturalmente, a filha ficou enormemente aliviada, e subsequentemente o diagnóstico dos Espíritos foi visto estar acertado.

CANCRO

Este foi um outro caso notável, já que eu jamais tinha visto o paciente, nem tivera o paciente a menor ideia de estar a ser tratado. Numa Manifestação das Voes dos Espíritos, com a ajuda de instrumentos científicos que teve lugar no Salão do Grémio dos Trabalhadores da Arte (arquitetos), em Julho de 1924, que eu tive o privilégio de organizar, eu solicitei que me apresentassem um caso de cancro, e uma senhora escreveu-me uma carta deplorável a dizer que a mãe se encontrava no Hospital Enfield Cottage, a sofrer dessa pavorosa doença. Ela descrevia a posição em que se encontrava a ala onde estava, e dizia que os médicos tinham escrito a dar conta de que graves sintomas se tinham desenvolvido.

A paciente encontrava-se num sofrimento medonho, e a senhora rogava por auxílio. Eu próprio não possuo dão de curar, mas assim que recebi a carta coloquei-a sobre a mesa que tinha diante de mim e enviei um sincero pedido de auxílio. Na transmissão das Vozes do Espírito, e noutras ocasiões, eu declarara que nos estágios iniciais do cancro ele é passível de ser curado pelos médicos do Espírito amigos, e que nos casos avançados, eles garantiam um alívio das dores que tanta vez acompanham a doença. Este era um caso muito avançado, e só podíamos buscar um alívio da dor.

Dois dias após eu ter participado numa sessão com a Sr.ª Cooper, a médium da Voz Direta, eu pedi que o meu pedido tinha sido recebido. "De imediato," foi a resposta que recebemos da parte do Espírito, "e Abdul esteve instantaneamente junto à senhora em questão. Surgiu uma possibilidade de uma certa dificuldade ligada á conexão, mas ele ultrapassou-a no seu jeito maravilhoso. A senhora encontra-se mal, mas ele de imediato travou-lhe as dores." No correio da manhã seguinte, veio uma carta a dizer:

"A minha mãe repousou tranquilamente, livre de dores, e passou uma noite maravilhosa. Só lamento não termos encaminhado o caso à atenção de Abdul antes." Passados uns meses recebi carta da senhora a dizer-me: "A minha mãe faleceu da maneira que os médicos disseram ser a mais misericordiosa. Ela foi capaz de chegar a sentir-se confortável até cerca de dez dias do fim. Quando lhe escrevi pela primeira vez ela estava a suportar dores terríveis, mas depois, foi como se não tivesse nada."

BRAÇO ENVENENADO

Este caso forneceu características extraordinárias e fui especialmente solicitado o para incluir entre estes poucos exemplos que eu dou da Cura pelo Espírito. Conforme o paciente disse: "É mais maravilhoso acho eu do que os outros que me contou."

Certa tarde por volta das quatro horas o paciente, que estava a tratar de umas mercadorias recentemente importadas do Japão, reparou numa grande bolha que se formava no pulso, e começou a sentir muitas dores. No espaço de uma hora apareceu-lhe uma marca cor de sangue pelo braço acima a estender-se até à axila, como se a pele tivesse

sido entalhada por uma unha. Ele apressou-se a ir ao médico, ainda com dores pavorosas, e foi-lhe dito que tinha sido mordido por alguma criatura venenosa.

"Isso é muito grave," disse o médico, "e devo avisá-lo que pode ser necessário cortar o braço, por não podermos deixar que o veneno alastre até ao coração." Diante de uma circunstância dessas, o Sr. M (o tal membro do Raio Pérola) que se encontrava próximo, tomou conhecimento do caso, e mentalmente o submeteu a Abdul. Durante toda essa noite o Sr. M., que geralmente dorme bem, não conseguiu repousar, e não conseguia encontrar razão para a inquietação que se apoderara dele. Acontecia o caso dele ter uma marcação com a médium de Voz Direta para a manhã seguinte, e antes da sessão começar, a médium disse: "Olhe para o meu braço. Não é curioso?" e para admiração do Sr. M., viu uma réplica da marca cor de sangue que lhe corria pelo braço até à axila que ele tinha visto no dia anterior no braço do amigo.

Enquanto ainda estava a examinar a marca, ela passou de vermelho vivo para castanho, e a seguir desapareceu por completo -- tudo no espaço de poucos minutos. Bom, eis um aspeto importante que não devo perder de vista. A médium não estava a par de nada com respeito ao incidente do dia anterior. Não tinha sido mencionado. Durante a sessão Abdul manifestou-se, e disse: "Eu coloquei essa marca no braço da médium para mostrar que operamos no braço do seu amigo. Durante a noite retirei de si (*i. e.*, do Sr. M.) e de outros médiuns, razão porque não conseguia dormir. O veneno foi extraído do coração e o homem encontra-se curado." Isso fora verdade, porquanto no dia seguinte o homem retomou o negócio, com o braço em bom estado, estado em que continuou desde então. A acrescentar a uma cura temos aqui o admirável sinete do médico do Espírito que recebeu a impresso no braço da médium que nada sabia do caso, para provar a assistência de Abdul.

DOENÇA DO SONO

Esse foi um caso bem fora do comum, não só por causa da queixa ser pouco compreendida, mas por Abdul Latif se manifestar por intermédio de três médiuns (Sr.ª Roberts Johnson, a Sr.ª Cooper, e a Sr.ª Maskell) no aconselhamento do tratamento.

Nessa altura, o Sr. Valiantine estava a dar sessões para o Sr. Dennis Bradley, e o Sr. Bradley perguntou ao médico do Espírito do círculo de Valiantine se existiria algo de específico para a Doença do Sono. O médico do Espírito aconselhou injeções de óleo de salmurgrade (?) e espírito de antimónio. Ninguém no círculo tinha ouvido falar em tal óleo, e a palavra teve que ser soletrada, letra a letra. (Posteriormente descobri que se usava nos casos da lepra). Entrevistei o médico local que é espírito aberto o suficiente para crer que existam coisas com que a filosofia do médico mediano nem sonha, e que pode receber cultivo da parte das Esferas, e após ter consultado o Especialista, quatro injeções foram administradas. Ao mesmo tempo submeti o caso a Abdul Latif, e por intermédio da Voz Direta foi-me dito: "Eu vou-me encarregar do caso em questão, por ser grave."

"Mas," disse eu, "supondo que o tratamento dos médicos terrenos não mereça a aprovação da sua parte?"

"Não precisa recear isso, por eu impressionar o médico a fim de alterar o método."

Durante cinco dias e noites o paciente não conseguiu dormir -- e nessa noite dormiu bem.

Em dois dias, sem qualquer sugestão da minha parte, os médicos abandonaram as injeções, que só estavam a causar perturbação local e angústia ao paciente, e não mais foram dadas injeções. Uma vez mais recorri a Abdul e ele disse que nenhum médico terreno conseguiria curar, e que o caso era muito difícil, mas que eu poderia ter esperança. "Confie em nós," disse ele. Oito médicos terrenos interessaram-se por esse caso, e todos o encararam com a mais séria das preocupações, e não deram qualquer esperança de recuperação.

Abdul curou o paciente o suficiente para ele retomar o trabalho, mas após alguns meses a doença sofreu uma reviravolta e o paciente teve que deixar o trabalho de novo. Eu encontrava-me numa sessão ao entardecer com a Sr.ª Roberts Johnson, que não tinha qualquer conhecimento da circunstância, quando um Espírito Norte Americano, que tinha noutras ocasiões tratado participantes pela cura magnética, se manifestou Ele disse: "One Star chega -- chega da parte do grande Abdul por causa do homem que se encontra doente."

"Está a referir-se àquele da doença do sono?" perguntei eu.

"Seim," foi a resposta que deu; "que idade ele ter?"

"Ainda não tem quarenta," respondi eu. "Assim tão novo -- ele melhorar, mas precisa ter cuidado; tem o cérebro em ordem, o coração em ordem, a pressão arterial em ordem. Dizer-lhe os espíritos médicos ajudar. Ele precisar fazer massagem, ser essencial. Na nuca, e ao longo da testa -- especial."

"Pois, foi-me dito que se está a formar uma Máscara (máscara facial, chamada Hipomimia, ou perda de expressões faciais associadas à doença) de Parkinson."

"Seim, vocês chamar isso -- músculos precisam ser mantidos em funcionamento -- muito exercício no exterior, caminhar com vigor -- muito descanso quando sentir cansado -- exercícios físicos ligeiros -- massagens por trás das orelhas."

Como é que esse germe o acometeu?" perguntei.

"Veio com Índio na guerra -- au ir agora -- adeus."

"Só um instante," disse eu, "suponho que ele não receba tratamento apropriado aqui."

"Abdul impressionará médico para fazer coisa acertada," foi a resposta Esse espírito veio posteriormente por intermédio da Sr.ª Maskell (que jamais tinha tido conhecimento do paciente, nem da queixa, nem de One Star) e disse que os médicos do Espírito estavam a combater o germe, e que a esperança não deveria ser abandonada, e que o paciente já

deveria ter passado desta para melhor não fora por eles. As melhoras são muito lentas, mas, espera-se, certas.

ENVENENAMENTO DO SANGUE

Um membro da Aliança Espiritualista de Londres escreveu-me a contar o caso de um homem que tinha estado no Oriente e que sofrera muito da malária -- cuspia sangue de forma considerável, já tinha sofrido duas operações, mas os médicos estavam desesperados quanto a uma cura. Durante semanas estivera inconsciente e agora não conseguia obter nenhum sono natural. Os parentes pensaram que não tivesse desejo de viver, e os clarividentes viram o corpo Espiritual e perceberam que não desejava regressar. Eu submeti o caso a Abdul embora só tivesse uma carta em que me basear, e isso não proporcionasse o melhor dos laços, mas uma semana mais tarde revelou-se uma melhoria distinta.

CANCRO

Este caso foi submetido de uma maneira notável, desde o lado do Espírito! Estávamos numa sessão com a Sr.ª Blanche Cooper, a médium da Voz, quando o filho do Senhor M., Archie, que tinha falecido em criança, e crescido nas esferas, se manifestou, e disse ao seu pai: "Pai, quero que faça uma coisa por mim." "Sim, meu filho, de boa vontade." "Não sei que Abdul gostará que eu o mencione," disse o rapaz. "Eu assumo a responsabilidade, o que é?" disse o pai. "Quero que experimente o Raio," retrucou o filho, "na mulher que está a sofrer de cancro - - aquela que a Sr.ª Cooper conhece."

"Cancro!" exclamou a Sr.ª Cooper surpreendida. "Não conheço ninguém que esteja com cancro!"

"Conhece," disse Archie; "a mulher que a manteve acordada ao gritar em agonia."

"Ah, bom! Agora já sei quem é," disse a Sr.ª Cooper. "A duas portas de distância -- eu não sabia o que era.

O Raio foi enviado sem que a paciente fizesse a mais pequena ideia de estar a ser tratada, e a Sr.ª Cooper nunca mais passou mal. Tenho recebido cartas enviadas pelos médicos aos seus pacientes com expressões como "já que a recuperação se afeiçoa verdadeiramente miraculosa."

Eu podia multiplicar exemplos de curas espantosas efetuadas parte do Espírito, mas mesmo que só dispusesse de um caso claro a submeter ele haveria de demonstrar que os nossos médicos do Espírito têm a vontade e a capacidade de auxiliar a humanidade sofredora...

Abdul tem ao seu serviço os maiores peritos, ou especialistas conforme são conhecidos nas Esferas, e os casos são encaminhados àqueles mais experimentados no ramo da reclamação apresentada. Por exemplo, Sir Morel Mackenzie encarrega-se de todos os casos

de garganta, ouvidos e nariz (otorrinolaringologia), e eu recebo cartas da parte de pacientes que tinham sofrido dessas aflições a declarar estar curados.

Passo a publicar um trecho textual de uma das visitas de Abdul, por intermédio da mediunidade da Sr.ª Roberts Johnson para mostrar a maneira natural com que Abdul falou desses casos, anotada conforme ele falava nos círculos. Sou uma voz potente: "Abdul Latif -- vir. Desejo fazer saber ao Sr. B. sobre o seu rapaz (primeiro caso). O médico que operou o rapaz não fez uma boa incisão, não é um médico muito hábil, e não tomou as precauções que devia ter tomado. Tampouco aplicou o pó de cura apropriado, e os pontos que deu não são apropriados. A ferida não está limpa -- precisa ser aberta, e limpa de novo, ou o sistema sofrerá envenenamento. Já se está a formar pus e deve sair." Nesse momento Abdul irrompeu num Francês ligeiro, e nós pedimos-lhe que prosseguisse em Inglês.

"Pois, pois," disse ele; "Muito bem. Eu digo-lhe que o melhor é que a ferida seja aberta para extrair o pus -- o que não era necessário em absoluto. A fissura vai supurar, e isso não é bom."

Perguntamos se Abdul tivera conhecimento do rapaz antes do caso lhe ser submetido, e ele respondeu: "Não, não tinha qualquer conhecimento do *garçon*. Eu vim ajudar o Sr. M."

O Sr. M. perguntou: "Com está a senhora?" (Um outro caso que fora submetido a Abdul)

Abdul interrompeu:

"Vou falar acerca do rapaz em primeiro lugar. Os pontos foram deixados na ferida, e formaram uma guarnição -- isso precisa ser extraído. Não me agrada o tubo -- agrava o problema e retira muita da vitalidade do rapaz. A operação foi um serviço mal feito. Mas nós vamos curá-lo a partir deste lado. Tivera a injeção que o médico lhe ministrou sido azeite em vez de água, e os gases impuros teriam sido conduzidos ao exterior -- a água não faz isso. Azeite morno, não quente, também ajudariam os intestinos -- o pobre *garçon*, ele sofreu por causa da ignorância do estudante.

"Agora com respeito ao pequeno homem que sofre dores (outro caso submetido). Não é rutura, mas o estômago, e vem da mastigação. É gastrite, e tornou-se crónica, e ele precisa ter cuidado com a dieta. Nós vamos ajudá-lo.

"Agora com respeito ao rapaz que sofre de má visão. (Os médicos terrenos tinham predito cegueira nesse caso). Eu vi-o -- os óculos não são bons, por a vista não ter poder -- não deixem que os médicos brinquem com o olho, deixem que a Natureza ajude um bocado, que nós ajudá-lo-emos a partir deste lado. Vocês põem um dedo para cima e uma artéria sofre um corte, e isso puxa o dedo para baixo. O mesmo se passa aqui. O Teoduct (NT: Ducto lacrimal?) é paralisado, e a criança fica tão fraca que quando se sente cansada sente dores. O instrumento provocou isso -- ah, não se deve brincar com um órgão tão delicado quanto o olho. Agora vou-me embora, mas vejam aquele rapaz que mencionou ao princípio. A supuração não me agrada a. A senhora a que se referiu passa bem, e recuperará."

Os meus leitores poderão querer saber que aspeto terá Abdul. Em diversas ocasiões a sua aparência foi descrita ao se manifestar. O Dr. Sharp, o guia da Sr.ª Wriedt, certa vez disse: "Abdul é a figura ereta de um homem alto, com um rosto de olhar impressionante, de grande nobreza. Ele veste um hábito Persa antigo, com um longo manto, cingido com cinto de ouro. Tem um chapéu de pelo curioso, uma espécie de chapéu alto cónico e traz os pés envoltos em chinelos Orientais.

Sim pode-se chamar-lhe um homem apresentável." Clarividentes desconhecedores da relação que tínhamos com o Persa, também o descreveram como um Espírito de aparência digna, e rosto nobre. Eis como um outro espírito o descreveu, numa sessão com a Sr.ª Cooper, logo após Abdul a ter curado de um sério problema cardíaco. Ela tinha-se queixado de não se sentir tão bem quanto no dia anterior, quando Abdul subitamente se manifestou, e naquela profunda e curiosamente voz impressionante que ele tem, disse:

"Abdul Latif diz-lhe que tudo está bem. O problema de que se queixa passará dentro de umas seis horas. (Em pouco tempo o mal-estar passou e a Sr.ª Cooper foi capaz de retomar o seu trabalho.) Agora vou para o meu próprio país ajudar os meus concidadãos nos esforços que empreendem para obter tranquilidade. Adeus." Nesse instante a Persia estava a atravessar problemas.

O Xá Ahmed tinha acabado de ser deposto por Reza Kahn (Pálavi, que tinha começado a vida como soldado privado) e se fez coroar como novo Xá. Com a partida de Abdul ouvi uma Voz do Espírito que disse: "Grandioso e bom Abdul, Deus esteja contigo," e eu pedi a um dos espíritos que o descrevesse. A resposta que me deu foi a seguinte: "O esplendor da sua glória, a majestade do seu aspeto, a potência do seu poder inspira reverência, e eu estou orgulhoso por me ter ajoelhado a seus pés. Ele foi um homem maravilhoso na Terra, e um espírito grandioso nas Esferas. A luz que acompanha estes grandes espíritos é encantadora. Ele está triste com o estado em que se encontra a sua nação, e deseja auxilia-la."

PARTE II

A VIDA DE ABDUHL LATIF

Entre as muitas figuras brilhantes da história árabe, no período entre 1100 e 1200 (segundo a cronologia cristã), Abduhl destaca-se de forma notável como um homem dotado de múltiplos talentos. Na retórica, filosofia, escrita, viagens e medicina — especialmente nesta última área — a sua mestria era incomparável.

Naquele tempo, a medicina árabe liderava o mundo, e os tratados escritos por diversos sábios persas foram, durante séculos, referência obrigatória no saber médico. Entre eles, o tratado de Abduhl sobre o "Corpo Humano" é um dos mais impressionantes jamais escritos, tendo em conta o conhecimento cirúrgico limitado da época.

Para um linguista versado em Copta, Persa Antigo, Árabe, Grego, Latim, Francês, Alemão e Italiano, há muito que se pode descobrir sobre este persa, uma vez que referências abundantes a Abduhl surgem nestas línguas ao longo dos últimos 700 anos. Não domino essas línguas e por isso apresento apenas o que consegui recolher por meio de traduções, na sincera esperança de que alguém mais qualificado possa aprofundar a vida deste homem notável e fazer jus à grandeza da sua carreira.

O seu nome completo era Mowaffikeddin abu Mohamed Allatif ben Yussef ben Mohamed ben Ali ben Said, também conhecido por Ibn al Labbod. O seu nome aparece grafado de várias formas — Abd allatif, Abdolatiph e Abduhl Latif — sendo esta última a pronúncia que o próprio Abduhl usava (Ab-dool La-tif, à maneira francesa, com ênfase igual em todas as sílabas). Apresento estas variantes porque, ao consultar enciclopédias ou outras obras, os registos podem aparecer sob qualquer uma delas.

O nome Abd-al-Latif pertence a uma vasta classe de nomes "cristãos" compostos pela palavra "Abd" (servo, escravo) e por um dos nomes ou atributos de Allah (Deus); neste caso, "Latif" significa "persuasivo". No Islão estão inscritos 99 atributos de Deus, sendo que o centésimo, diz-se, "estava gravado no anel de Salomão e perdeu-se no mar".

Abduhl Latif nasceu em Bagdade no ano 557 da Hégira (a data da fuga de Maomé de Meca para Medina, que marca o início do calendário islâmico — correspondente ao ano de 1162 da era cristã, durante o reinado de Henrique II em Inglaterra). Recebeu uma educação cuidada do seu pai, ele próprio um homem instruído, profundamente conhecedor da teologia islâmica. Crescendo numa capital repleta de oportunidades de aprendizagem, Abduhl destacou-se desde cedo não só em Retórica, Gramática, Tradição Fikh, Filosofia, História e Poesia, mas também nos estudos mais exigentes da Teologia Islâmica. No Oriente, então como agora, os estudos exigiam uma memória extraordinária, e não surpreende saber que Abduhl decorou todo o Corão, assim como muita poesia persa.

Dedicou-se com especial afinco à medicina, e o seu carácter independente e corajoso revela-se no facto de, apesar do Corão proibir terminantemente o manuseamento de cadáveres, Abduhl ter compreendido que apenas por meio da dissecação cuidadosa se poderia conhecer verdadeiramente o corpo humano. Teve a ousadia de realizar tais dissecações, desvendando muitos enigmas que intrigavam os médicos do seu tempo. O seu ato foi de uma coragem extraordinária, difícil de imaginar nos dias de hoje.

Com 28 anos, decidiu sair de Bagdade para aprofundar os seus estudos médicos, viajando por diversos países — uma façanha notável, dadas as dificuldades da época. Estabeleceu-se durante algum tempo no Cairo, e a sua descrição do Egipto em termos sociais, políticos e arqueológicos é ainda hoje considerada inigualável pela precisão e riqueza de pormenores. A sua obra tornou-se fonte de referência para inúmeros autores que o sucederam.

Em Mossul (Mesopotâmia), encontrou os estudantes focados sobretudo na química da época. Foi aí que escreveu o seu tratado hoje perdido sobre o "Corpo Humano". Nesse tempo, Mossul era um estado poderoso, estendendo-se até à Síria, e detinha grande influência política. Foi um centro relevante na época das Cruzadas, tendo resistido inclusive a Saladino. Era famosa pelos seus edifícios e pelos bronzes de Mossul — exemplares dos quais existem hoje no Museu Britânico — contemporâneos de Abduhl.

Transferiu-se depois para Damasco, onde o gramático Al Kindi gozava de grande prestígio. Abduhl debateu com ele temas de gramática e filosofia, sendo amplamente reconhecido como vencedor nesses debates pelos seus contemporâneos.

Nessa altura, o Egipto estava sob o domínio de Saladino (Sultão Salá-ad-Din Yússuf Ibn Ayub, o célebre Saladino da história), ele próprio um erudito que reuniu à sua volta as mentes mais brilhantes da época. Saladino preparava-se para reconquistar a Palestina aos cristãos. O fervor religioso inflamava a cristandade, o símbolo da cruz flamejante mobilizava multidões, e os Cavaleiros Templários e Hospitalários — monges guerreiros cuja bravura e fervor religioso não têm paralelo — tinham alcançado vitórias sobre os sarracenos. A carnificina aquando da conquista de Jerusalém ultrapassa o imaginável. Raymond d'Agiles, testemunha ocular, descreveu: "No Templo e no pórtico de Salomão, cavalgava-se com sangue até aos joelhos e até às rédeas dos cavalos. Nas ruas viam-se montes de cabeças, mãos e pés."

Em Inglaterra, o entusiasmo levou à imposição de um imposto de um décimo dos rendimentos de cada homem para financiar a cruzada.

A visita de Abduhl a Saladino, a quem tinha sido recomendado, deu-se infelizmente após uma derrota dos sarracenos frente ao Rei Ricardo Coração de Leão, o que mergulhou o sultão numa profunda tristeza, impedindo o encontro. No entanto, a estima que Saladino tinha por Abduhl ficou patente quando, após a assinatura da trégua com os francos em Jerusalém (em 1192), concedeu-lhe uma

pensão mensal de 30 dinares (cerca de £12), aumentada depois para 100 dinares (£40 — uma quantia considerável na época) pelo filho e sucessor de Saladino, juntamente com um cargo na principal mesquita de Damasco.

Saladino foi um mecenas das artes e das letras. Recebia sábios de todos os países com grande hospitalidade. Um contemporâneo escreveu sobre ele: "Foi o mais cavalheiresco e nobre dos conquistadores do seu tempo — e talvez de qualquer tempo. Um príncipe cuja presença inspirava respeito e amor, acessível, intelectualmente profundo, gentil e nobre nos seus pensamentos." Doava tudo o que possuía e morreu tão pobre que foi preciso pedir dinheiro emprestado para o enterrar. "Foi um verdadeiro cavaleiro perfeito."

Abduhl acabou por se estabelecer em Damasco, onde as suas aulas orais e os seus tratados escritos foram amplamente admirados.

Certa vez, numa sessão, perguntei a Abduhl o que teria acontecido a todos os seus manuscritos, ao que ele respondeu: "Muitos foram queimados, muitos outros mereciam sê-lo, e, à luz do conhecimento que agora possuo e das oportunidades mais amplas que me são dadas nas Esferas, outros teriam de ser reescritos. Tudo o que precisa de ser sabido sobre mim está no Museu Britânico."

Distinguia-se profundamente pelos seus conhecimentos e competências médicas, mas a curiosidade intelectual que tanto marcava o seu carácter impeliu-o a viajar em busca de saber superior. Dirigiu-se a Alepo, onde deu palestras sobre Medicina, Gramática e Tradições Fikh (um ramo importante da Teologia e Jurisprudência Islâmicas), Filosofia Muçulmana, Teologia, Direito e Governança. Todos estes temas derivam, em última instância, do Corão, cuja interpretação foi desde cedo objeto de aceso debate, ocupando grande parte do tempo dos estudiosos muçulmanos.

Viveu vários anos na Grécia, tendo depois viajado pela Síria, Arménia e Ásia Menor, continuando a acrescentar obras à sua vasta produção — entre elas, algumas sobre matérias ocultas e alquimia. Contudo, rapidamente se convenceu da natureza ilusória desta última.

Na tradução francesa (de Lacy), o apêndice árabe contém apenas os títulos das obras de Abduhl, preenchendo três páginas inteiras em formato quarto, densamente escritas. Esta tradução é considerada a mais fiel e, pelas suas notas extensas, é uma das obras mais valiosas para o estudo da Geografia, História e Antiguidades do Egipto.

A obra pela qual Abduhl é mais conhecido é a sua *História do Egipto*, escrita durante a sua estada no Cairo, cidade que, à época, possuía uma biblioteca com seis mil obras só sobre Astronomia. Escreveu com base no que viu, e o seu relato é considerado um dos mais concisos e valiosos vindos do Oriente. Ainda hoje é citado como referência autorizada sobre o Egipto antigo. Um autor da *London Magazine*, há mais de cem anos, assim o descreveu:

"A descrição gráfica e detalhada do Egipto, na qual Abdollatiph revela uma precisão inquisitiva e uma simplicidade despretensiosa que quase lembram Heródoto, é dedicada ao Califa Nasir ledin illah. Divide-se em dois livros: o primeiro trata de plantas, animais, monumentos antigos, construção de barcos e alimentação; o segundo aborda o Nilo, a causa das suas cheias e conclui com a história da terrível fome de 1200 e 1201."

O fracasso do Nilo em transbordar nesses anos trouxe consequências piores do que qualquer outro episódio semelhante registado, sendo descrito por Abduhl com linguagem vívida. Relata também uma tentativa de demolição de uma das pirâmides menores, de que foi testemunha. Durante meses, um numeroso grupo acampado conseguiu apenas remover algumas pedras, cada uma medindo entre 17 e 34 pés de comprimento (cerca de 5 a 10 metros).

Na altura em que Abduhl escreveu, as três grandes pirâmides ainda conservavam o seu revestimento exterior completo, feito de um granito rosado que adquiria um belo polimento. Cerca de 300 anos antes, duas das pirâmides tinham esse revestimento coberto de inscrições do topo à base, com linhas cerradas e perfeitamente uniformes, mas já estavam apagadas no tempo de Abduhl. Com o seu conhecimento anatómico — notável para a época — observava as figuras esculpidas com olhar científico, maravilhava-se com as suas proporções exatas e oferecia interpretações anatómicas das mesmas.

Em Alexandria, descreveu dois obeliscos, um dos quais hoje embeleza o cais do Tamisa, em Londres, conhecido como a "Agulha de Cleópatra" — embora tenha sido erguido 1400 anos antes do tempo de Cleópatra. A sua história de transporte, naufrágio, recuperação e posterior colocação é hoje bem conhecida.

Foram os franceses que mais valor deram ao trabalho de Abduhl, sendo uma das melhores obras sobre ele — a do Barão Silvestre de Lacy — ainda em posse dessa nação. Os orientalistas alemães também demonstraram grande interesse, tendo traduzido muitos dos seus escritos em Tübingen, primeiro por Paulus em 1789 e depois por Wahl. O único inglês que reconheceu plenamente a vastidão intelectual

de Abduhl foi o Professor J. White, que em 1800 escreveu um tratado sobre ele e traduziu a sua obra sobre o Egipto. Curiosamente, essa tradução não foi feita para inglês, mas para latim, e tanto o tratado como a tradução se encontram hoje na Biblioteca Bodleiana de Oxford, juntamente com os manuscritos originais de Abduhl.

Apesar de ter sido um dos escritores mais prolíficos do Oriente — autor de 150 tratados sobre Medicina, Filosofia Natural e Literatura —, apenas um é conhecido nos dias de hoje: o *Al Mokhtasir*, ou *compêndio*, que é um resumo da sua *Grande História do Egipto*, infelizmente perdida. Esta obra monumental reunia tanto observações directas como tradições sobre as origens das pirâmides. No *Al Mokhtasir*, Abduhl escreve: "Sobre este assunto tratei em pormenor na minha grande obra, e relatei o que outros disseram sobre estes edifícios — a ela remeto o leitor que deseje detalhes mais minuciosos, reservando-me neste pequeno livro a relatar apenas o que testemunhei."

Este "Pequeno Livro", como lhe chama, está escrito em árabe persa e foi trazido para Inglaterra pelo célebre orientalista Pococke. Encontra-se preservado entre os manuscritos da Bodleiana. Por seu conselho, o jovem Pococke começou a traduzi-lo, mas abandonou o projeto após a morte do pai, tendo completado apenas três capítulos. Assim ficou durante cerca de cinquenta anos, até que o orientalista Dr. Hunt propôs terminá-lo. Contudo, não se sabe se o conseguiu, e foi graças à iniciativa do Professor White que possuímos hoje qualquer tradução desta obra notável sobre o Egipto.

Durante séculos, o mundo conheceu as descrições das antiguidades do Egipto deixadas por Heródoto, Estrabão e Plínio, mas uma visão do Egipto medieval era um elo em falta, só possível através da literatura oriental. Numa época de desinformação e ignorância, em que apenas a peregrinação ou a cruzada motivavam os europeus a explorar o Oriente, Abduhl visitou o Egipto com vantagens que nenhum outro viajante europeu teve, e a sua mente crítica e observadora permitiu-lhe aproveitá-las ao máximo.

O Professor White, insatisfeito com a exatidão do texto, enviou todas as cópias da sua edição ao orientalista M. Paulus, da Universidade de Jena. Assim, por pouco a Inglaterra não perdia a única tradução existente da obra. Felizmente, M. Paulus reconheceu de imediato o valor do presente e contactou os orientalistas da Alemanha. Pouco depois, foi publicada uma versão alemã em Halle, na Saxónia. O Professor White, no entanto, retomou a tradução do persa, e é essa versão em latim que hoje se conserva em Oxford.

Nas páginas 106-107 da sua obra sobre o Egipto, Abduhl descreve as ruínas de Din Sheims — a Bet-Semes das Escrituras, a Heliópolis dos Gregos, e a moderna Materea. Hoje em dia, pouco resta de visível nesse local, mas no tempo de Abduhl abundavam ali estátuas, ídolos e inscrições hieroglíficas. Descreve também a famosa coluna de Alexandria, conhecida como a Coluna de Pompeu, e entre as páginas 116 e 138 dedica-se às ruínas de Mênfis, antiga capital do Egipto. A sua descrição permite, sem margem para dúvidas, localizar o sítio da cidade, cujas ruínas já desapareceram.

Este levantamento leva-o naturalmente a reflectir sobre a sua antiga glória, quando era habitada pelos Faraós, e a traçar as principais revoluções do Egipto. Entre elas, relata a conquista e devastação do país por Nabucodonosor, que durou quarenta anos — e assim temos, de um autor muçulmano, sem qualquer inclinação para reverência judaica ou cristã, um testemunho novo e claro do cumprimento da profecia de Ezequiel (capítulo 29): "A terra do Egipto ficará desolada e vazia desde a torre de Syene até aos confins da Etiópia — não a pisará pé de homem, nem de animal, nem será habitada por quarenta anos."

Abduhl identifica também a localização de Busir, que durante muito tempo desconcertou os egiptólogos. Na página 134, cita Aristóteles sobre as "partes dos animais", demonstrando o seu conhecimento do filósofo grego e, implicitamente, da própria língua grega.

No ano muçulmano de 597 (1201–1202), o Nilo não transbordou como habitualmente. A produção agrícola no Egipto está sempre diretamente relacionada com as inundações fertilizantes do Nilo — e, claro, naquela época não existiam grandes obras de engenharia para reter a água em excesso. O relato de Abduhl descreve com pormenor as consequências desta falha: foi a fome mais terrível que alguma vez assolou o Egipto.

Como exemplo do seu estilo literário, segue-se uma tradução do árabe persa em que Abduhl escrevia. Pela minúcia dos seus detalhes, esta descrição das cenas terríveis numa terra assolada pela fome rivaliza com o relato angustiante da peste por Daniel Defoe. Nenhum historiador, sagrado ou profano, descreveu com tanta força os efeitos devastadores de uma calamidade:

"Nesse ano (Hégira 597), uma grande escassez abateu-se sobre o Egipto, ao ponto de uma medida de trigo chamada *Irdab* ser vendida por cinco dinares egípcios. Esta aflição durou quase três anos, e os homens ficaram tão desprovidos de sustento que se viram obrigados a comer uns aos outros, até mesmo os próprios

filhos, e alimentavam-se de animais mortos. Grandes multidões, com os seus filhos e servos, emigraram para a Síria e para as regiões costeiras.

Quando os pobres começaram a alimentar-se de carne humana, essas histórias espalharam-se, tornando-se o principal tema de conversa; todos manifestavam horror e repulsa perante tal crime, e espanto perante a sua novidade. Contudo, essas reações esmoreceram com o tempo, vencidas pelo exemplo e pela fome; a prática tornou-se comum, e a carne humana passou a ser procurada não apenas por necessidade, mas como uma das maiores iguarias. Era considerada uma das primeiras delícias da mesa, sendo confecionada de várias formas. Posteriormente, quando o hábito se espalhou por todo o Egipto, o espanto e a aversão desapareceram; e expressar ou ouvir tais sentimentos já não era considerado vergonhoso.

Vi uma mulher ser arrastada e mutilada por salteadores no mercado. Roubaram-lhe uma criança assada que ela preparara para se alimentar. As pessoas que estavam no mercado ignoraram por completo este espetáculo horrível e prosseguiram os seus afazeres com total indiferença. Não notei surpresa, nem sequer reprovação nos seus rostos; enquanto eu, tomado de espanto, via a cena com incredulidade perante tamanha insensibilidade. Tão poderoso é o efeito do hábito, que pode esvaziar os crimes mais antinaturais e monstruosos do seu horror, simplesmente ao apresentá-los repetidamente aos sentidos, até que se tornem tão banais como os acontecimentos quotidianos.

É impossível estimar com rigor o número de pobres que pereceram à fome, mas darei ao leitor alguns elementos para que possa formar uma ideia, ainda que vaga, da mortalidade que assolou o Egipto. No Cairo, em Mesr e nos seus arredores, onde quer que se andasse, não se podia evitar ver — ou tropeçar — em cadáveres ou moribundos. Só do Cairo, eram levados diariamente quase 500 corpos para os cemitérios, e em Mesr a mortalidade era tal que os mortos eram simplesmente atirados para fora das muralhas. Mais tarde, quando os sobreviventes já não conseguiam sequer retirar os cadáveres, estes eram deixados onde quer que caíssem — em casas, lojas e ruas.

Nas províncias e vilas mais distantes, a população extinguiu-se por completo, com exceção das cidades principais e de algumas localidades maiores como Kous, Ashmunein ou Mahalla — e mesmo aí, poucos sobreviveram. Nesses dias, um viajante podia atravessar uma cidade inteira sem encontrar um único ser humano vivo; as casas estavam abertas, com os habitantes caídos de rosto no chão. Ao

entrar nelas, via-as cheias de bens, mas sem ninguém que os pudesse usar; em todo o lado reinava uma terrível solidão e uma desolação universal.

Este relato não assenta na palavra de um único homem, mas em várias testemunhas cujas narrativas se confirmam mutuamente. Um deles disse-me o seguinte: 'Entrámos numa cidade onde não havia um único ser vivo; percorremos as casas e encontrámos os habitantes deitados, mortos, em grupos miseráveis no chão — o marido, a esposa e os filhos. Depois seguimos para outra cidade, que antes tinha 400 oficinas de tecelões. Agora era um deserto — o artesão jazia morto na sua loja, e a sua família estava estendida à sua volta.'"

É profundamente louvável que, apesar da frequência dos crimes que descreve, Abduhl nunca tenha perdido de vista os princípios morais que sempre orientaram a sua conduta, e que nunca fale desses atos sem a mais clara condenação.

Segue-se uma tradução da página 239 do *Al Mokhtasir*:

"A venda de pessoas livres tornara-se uma prática comum; e uma rapariga bela podia ser comprada por apenas alguns dirhemes (moeda de prata com valor aproximado de 10 pence). Duas jovens foram-me oferecidas por um dinar (moeda de ouro no valor de 8 xelins, de tamanho semelhante ao nosso meio-soberano), e vi duas raparigas expostas à venda por onze dirhemes. Por cinco dirhemes, uma mulher ofereceu-me a sua filha, de beleza indescritível; e quando a repreendi pela gravidade do crime, ela respondeu oferecendo-ma como presente. Mulheres com alguma beleza lançavam-se aos pés dos homens, implorando que as comprassem. Muitos que julgavam esta prática legítima enviavam os seus escravos adquiridos para Erak e Chorasan.

O que mais me espanta é que, apesar de o Corão repreender a humanidade pela sua falta de arrependimento, persistam na sua iniquidade, como se estivessem isentos da sorte comum do género humano."

Até à época de Abduhl Latif, o tratado de anatomia por excelência durante muitos séculos foi o de Galeno, que viveu no século II da nossa era. As informações ali contidas eram aceites sem questionamento pelos estudantes de todo o mundo. Sendo os muçulmanos proibidos pelo Corão de dissecar cadáveres, o ensino médico baseava-se inteiramente em teoria. Mas Abduhl rompeu com as amarras do ensino dogmático e do preconceito ao defender que a compreensão verdadeira do corpo humano só podia ser alcançada através da observação direta — e não apenas pela leitura de Galeno.

O próprio Abduhl planeava uma obra destinada a superar Galeno, e possivelmente chegou a realizá-la, embora esta esteja hoje perdida entre os muitos manuscritos desaparecidos. Em todo o caso, sabemos que teve a coragem de demonstrar que Galeno estava errado ao afirmar que a mandíbula inferior era composta por mais do que uma peça.

Durante, pelo menos, mil anos — e provavelmente mais —, foi praticado no Egipto um método de incubação artificial de ovos. No capítulo III da sua obra, Abduhl fornece uma descrição minuciosa e fascinante deste processo ancestral, revelando o nível surpreendente de conhecimento técnico da sua época, empregue no Egito.

No Capítulo IV da sua obra, Abduhl fornece informação definitiva sobre um facto histórico que durante muito tempo foi alvo de debate. Relata que, durante o reinado de Saladino, Ceracush, um dos seus oficiais, construiu o muro que rodeia Fostal e o Cairo, incluindo o espaço entre ambas, bem como a cidadela. Foi ainda responsável pela construção de dois poços no interior da fortaleza, cuja engenharia é descrita como admirável.

Esses dois poços são, na verdade, um único poço dividido em duas secções distintas, com uma plataforma de descanso a uma profundidade de cerca de 146 pés (cerca de 45 metros), até onde a água é elevada através de uma roda hidráulica. Este poço ficou conhecido como o "Poço de José", o que levou muitos a atribuírem a sua construção ao Patriarca José do Antigo Testamento. Contudo, Abduhl esclarece claramente que a obra foi realizada pelo seu patrono, o sultão Saladino — também ele chamado Yussuf (José) —, o grande opositor do rei Ricardo durante as longas e dispendiosas guerras das Cruzadas.

Nas páginas 100 a 105 do *Al Mokhtasir*, o autor relata um episódio ocorrido durante a sua estada no Egipto: um projecto insensato que, se tivesse tido êxito, teria privado o país dos seus maiores tesouros monumentais — a destruição das três grandes pirâmides de Gizé. Sendo esta história pouco conhecida dos europeus, Abduhl é citado nas suas próprias palavras:

"Quando Al-Malek Al-Aziz Othman Ben Yussuf sucedeu ao seu pai no governo do Egipto, os seus favoritos, levianamente, persuadiram-no a mandar demolir as pirâmides, começando pela terceira, construída em granito vermelho. Para isso, reuniu um grande número de engenheiros, pedreiros e trabalhadores, convocou os grandes do império e ordenou-lhes a demolição da pirâmide, encarregando-os de supervisionar os trabalhos. Instalaram então os seus acampamentos no local,

reuniram artífices e operários de todas as partes e mantiveram-nos à custa de enormes despesas.

Durante oito meses, com cavalaria e infantaria no terreno, conseguiram apenas, com grande esforço e dificuldade, remover uma pedra por dia, ou, com sorte, duas. Os trabalhadores no topo forçavam cada pedra com cunhas, alavancas e ferros, enquanto os de baixo puxavam com cordas. Quando a pedra finalmente cedia, caía com tamanha violência que o seu estrondo se ouvia a grande distância, as montanhas tremiam, a terra estremecia e a pedra ficava enterrada na areia, de onde era retirada com ainda mais esforço. Depois aplicavam cunhas nas fendas feitas para esse fim, partiam-na em pedaços e transportavam-nos em carroças para o extremo da montanha.

Ao fim de muito tempo e poucos resultados, os recursos esgotaram-se, as dificuldades aumentaram, e foram forçados a abandonar a tarefa, mergulhados em frustração, vergonha e desespero. Tudo o que conseguiram foi desfigurar a pirâmide e revelar a fraqueza e impotência dos seus esforços. Este episódio ocorreu no ano de 593 (1198 d.C.). Contudo, quem veja as pedras removidas pode pensar que a pirâmide foi inteiramente destruída. Mas, observando a pirâmide, mal se acredita que tenha sofrido algum dano — apenas uma pequena parte de um dos lados foi afetada.

Ao ver o esforço descomunal que exigia cada pedra, perguntei ao responsável dos pedreiros se, sendo-lhe oferecido mil peças de ouro, conseguiria repor uma única pedra no seu lugar original. Ele respondeu, jurando por Deus vivo, que mesmo que lhe dessem o dobro, tal coisa seria impossível."

Sobre as pirâmides diz-se: *"Todas as coisas temem os efeitos do tempo, mas o tempo, por sua vez, contempla as pirâmides com temor."*

Muito do conhecimento que hoje temos sobre Abduhl deve-se ao seu jovem contemporâneo, Ebn Abi Osaibia — também grafado Usaibia —, ele próprio um escritor de grande mérito. Tal era a sua admiração por Abduhl Latif, que dedicou muitos anos à recolha dos seus manuscritos, dispersos por toda a Arábia, Pérsia e Egipto.

Numa sessão, comentei com Abduhl: "Tenho lido sobre a vida do teu compatriota Usaibia." Pronunciei o nome com o acento na segunda sílaba — "sai" —, ao que Abduhl respondeu: "Ah! U-sa-bí-ah, um grande homem que fez muito bem." A sua pronúncia foi completamente distinta da minha — quatro sílabas, com acento na

terceira — o que constitui mais uma prova, se é que mais são necessárias, de que estávamos perante uma inteligência autónoma a comunicar.

Nos primeiros tempos do Islão, os árabes não cultivavam outra língua além da sua nem se dedicavam a outra ciência que não a Física, alegando que tal zelo preservava a pureza da fé e dos seus seguidores. Após a conquista da Pérsia, por ordem do califa Omar, muitos livros de outras ciências — e até alguns de Física — foram destruídos, com o argumento de que tudo o que a humanidade precisava de saber já se encontrava no Alcorão, e o que lá não estivesse só podia desviar da verdadeira fé. As primeiras conquistas muçulmanas foram, assim, desastrosas para o património literário dos povos vencidos. Considerando o contexto, é ainda mais impressionante o nível de erudição de Abduhl.

Sabemos que dominava, entre outras línguas, o grego, pois afirmou: "O seguinte é o conteúdo das palavras de Aristóteles (no seu décimo primeiro livro sobre os animais), segundo a minha interpretação." Refere também a obra de Galeno *Sobre o uso das partes*, o que comprova que estudou profundamente o filósofo grego.

Na *Monthly Review* de 1802, surge uma crítica à tradução de White da *História do Egipto* de Abduhl. O crítico, ao descrever a última viagem do autor, conclui:

"Partiu com ânimo rumo a Bagdade, cujos cúpulas cintilantes e minaretes erguidos devia contemplar de novo, após tão longa ausência, com uma exultação ternurenta — mas, que valem os sonhos e esperanças dos homens? Mal chegou à sua cidade natal, foi subitamente chamado para aquele destino de onde nenhum viajante regressa."

Estas palavras foram escritas há 120 anos sobre um homem que faleceu em 1231, com 69 anos. Pouco podia imaginar o revisor que esse viajante ilustre regressaria, após um intervalo de 700 anos — um período insignificante nas Esferas, onde o tempo, tal como o entendemos, não existe. Com todas as suas faculdades maravilhosas amadurecidas por sete séculos de residência espiritual, com capacidades ainda maiores e um interesse renovado pela humanidade, colocaria a sua vontade e poder ao serviço de um pequeno e obscuro grupo de pessoas de língua inglesa.

E se se perguntar por que razão alguém que privou com os mais sábios da sua época, amigo de príncipes e monarcas, se manifestaria a um círculo sem qualquer prestígio ou renome, a resposta é que os instrumentos mais humildes são, por vezes, os mais usados — e as vias para que os espíritos comuniquem os seus desígnios são extremamente limitadas. Provavelmente, não existem hoje no mundo

mais do que oito ou nove canais de alto grau capazes de comunicação por voz direta. E, ainda assim, este facto é tão real quanto a sua existência histórica há tantos séculos.

É curioso notar que um dos maiores viajantes de todos os tempos — considerando as circunstâncias — se encontre associado ao país natal de Abduhl. Em 1277, Marco Polo, o célebre veneziano, atravessou Mossul e Bagdade a caminho da corte do Grande Khan em Shang-tu. Dezoito anos depois, viajou pela Pérsia numa missão romântica que considerou a mais importante de todas — pois permitiu-lhe, enfim, regressar ao seu país após mais de vinte e quatro anos de ausência.

Arghur Khan, que governava a Pérsia, era neto de Hulagu, irmão do Grande Khan Kublai. Quando a sua esposa favorita, Bolgana, faleceu, deixou como última vontade que o seu lugar fosse ocupado por uma mulher da sua própria tribo mongol. Em cumprimento desse desejo, foram enviados embaixadores à corte do Khan, em Pequim, onde foi escolhida uma jovem de dezassete anos, confiada aos cuidados de Marco Polo para ser levada à Pérsia.

A viagem durou dois anos, e Marco Polo, já há muito tomado pela saudade da sua terra natal, aproveitou a ocasião para fugir e regressar a Veneza. Se não fosse por esta missão persa, talvez nunca tivéssemos ouvido falar daquela que é hoje considerada a mais extraordinária narrativa de exploração alguma vez registada.

O vasto conhecimento de Abduhl Latif, o seu espírito inquisitivo e penetrante, bem como a sua valorização da anatomia — ainda negligenciada pelas nações europeias da época — deram um impulso ao cultivo das ciências que perdura até hoje. Era, nas palavras de quem o estudou, "um homem de grande investigação, profundo saber e juízo sólido, historiador fiel e observador imparcial." O maior lamento é, repito, não termos ainda, em inglês, uma biografia à altura deste génio.

O manuscrito do *Al Mokhtasir* (*O Compêndio*) é escrito em pergaminho, com cerca de 15 cm de largura e 23 cm de altura, e consiste em 133 páginas redigidas em belíssimos caracteres árabes. Amarelecido pelo tempo — tem cerca de sete séculos —, o texto mantém-se claro, sem qualquer rasura ou correção, sendo todo da mão de Abduhl. Ao manusear este manuscrito na Biblioteca Bodleiana, em Oxford, não pude deixar de maravilhar-me com o facto de, em várias ocasiões, ter falado com o próprio homem que o escreveu.

Numa sessão com a Sra. Cooper, quando Abduhl se manifestou, disse-lhe: "Vi o teu *Al Mokhtasir*."
De imediato senti uma mão materializada a pousar sobre a minha cabeça — uma

mão masculina, firme, de dimensões muito superiores à da médium — que parecia cobrir todo o topo do meu crânio. Abduhl então disse: "Esta mesma mão traçou os caracteres que viste na grande Biblioteca de Oxford." Nunca mencionei Oxford, e a médium desconhecia onde eu tinha visto o manuscrito. Na verdade, a maioria das pessoas presumiria que ele se encontraria no Museu Britânico.

Uma fotografia da primeira página do manuscrito figura como frontispício deste livro, acompanhada da tradução do árabe. Lê-se, naturalmente, da direita para a esquerda, e o nome de Abduhl surge na terceira linha, a quatro palavras do fim.

Após longa investigação, recolhi diversas referências a Abduhl Latif em várias obras no Museu Britânico, até que fui encaminhado para a secção Oriental da biblioteca, onde encontrei um relato em persa sobre Abduhl, escrito por alguém que o conheceu bem, e que nutria uma profunda admiração pelo seu génio. Esse texto foi traduzido para inglês, pela primeira vez, por Mr. H. A. R. Gibb, professor de Árabe na School of Oriental Studies da Universidade de Londres. A tradução foi amplamente elogiada por quem a leu, sendo considerada de grande fidelidade ao original, especialmente por leitores fluentes em persa.

Antes de apresentar a tradução de Gibb, convém dizer algo sobre o autor da biografia — Ibn Usaibia. Muito mais novo do que Abduhl, era filho de um grande amigo deste. Tal como Abduhl, também ele é ignorado pela maioria das enciclopédias, ou mencionado apenas em breves linhas, apesar do valor das suas obras justificar muito mais reconhecimento.

Ibn Usaibia (cujo nome completo ocuparia várias linhas de texto) foi um médico árabe nascido em Damasco, em 1203. Era filho de um oftalmologista reputado, e estudou medicina em Damasco e no Cairo. Em 1236 (cronologia cristã), foi nomeado pelo corpo médico de Saladino para um novo hospital no Cairo, mas no ano seguinte abandonou o cargo para assumir uma posição oferecida pelo Emir de Damasco em Salkhad, nas proximidades da cidade. Foi aí que viveu e faleceu.

Entre outras obras, escreveu *As Vidas dos Médicos*, o seu trabalho mais importante — uma obra extensa e preciosa. No capítulo catorze desta obra, ele próprio afirma ter sido discípulo do célebre Al-Beithar. Estudou medicina no hospital fundado por Saladino e foi nomeado médico-chefe do Emir Ezzadin, na Síria. Completou o seu grande compêndio no ano da Hégira 668 (1273 d.C.), um ano antes da sua morte.

Nesta história biográfica da medicina, Ibn Usaibia fala com elevada consideração de Abduhl Latif, dizendo que este nutria há muito o desejo de conversar com

Maimónides — "a Águia dos Médicos" — e partilha numerosos episódios médicos curiosos, bem como muita informação sobre os métodos e práticas da medicina antiga. O livro está dividido em quinze capítulos e aborda desde a origem da medicina, às primeiras descobertas em cada especialidade, cobrindo médicos gregos, egípcios, árabes, persas, indianos, mouros e espanhóis — uma obra vastíssima, que abrange praticamente todo o saber médico da época. Sobrevive apenas em manuscritos guardados em Paris, Oxford e Leiden.

Segue-se agora a tradução da *Vida de Muwaffiq ad-Din Abd al-Latif de Bagdade*, por Ibn Abi Usaibia — uma biografia que revela a espantosa dedicação de Abduhl e traz informação relevante sobre o grande Saladino da História:

VIDA DE MUWAFFIQ AD-DIN ABD AL-LATIF DE BAGDADE

Por Ibn Abi Usaibia

[Traduzido do persa para inglês pela primeira vez]

O seu nome completo e títulos são: o ilustre shaykh e imã Muwaffiq ad-Din Abu Muhammad Abd al-Latif, filho de Yusuf, filho de Muhammad, filho de Ali, filho de Abu Sa'id, também conhecido por Ibn al-Labbad. A sua família era originária de Mossul, mas ele nasceu em Bagdade. Ganhou fama pelo seu saber e foi enobrecido pelas suas virtudes, eloquente no discurso e fecundo na escrita.

Destacou-se na gramática e na lexicografia árabes, e foi mestre nas artes da lógica e da medicina. Dedicou grande atenção à ciência médica durante a sua estada em Damasco, onde conquistou grande reputação, sendo procurado por numerosos estudantes e médicos que frequentavam as suas lições.

Durante a juventude, o seu pai incentivou-o a estudar as tradições islâmicas junto de diversos mestres, entre os quais: Abu'l-Fath Muhammad, filho de Abd al-Baqi, conhecido como Ibn al-Bati; Abu Zar'a Tahir, filho de Muhammad, natural de Jerusalém; Abu'l-Qasim Yahya, filho de Thabit al-Wakil, entre outros. Yusuf, o pai de Muwaffiq ad-Din, era um estudioso dedicado à ciência das tradições, profundo conhecedor do Corão e das suas variantes, versado nas doutrinas jurídicas da sua escola, bem como nas diferenças entre as quatro escolas da jurisprudência e nos princípios fundamentais da teologia. Tinha também algum conhecimento das ciências racionais. O tio paterno de Muwaffiq ad-Din, Sulayman, era um jurista com alguma reputação.

O Shaykh Muwaffiq ad-Din era um homem de incansável dedicação; nunca o vi desocupado — estava sempre a ler, compor ou escrever. Vi muitos textos da sua própria mão, pois copiou inúmeros exemplares das suas próprias obras, assim como manuscritos dos antigos. Era amigo íntimo do meu avô; a sua amizade nasceu durante os anos que passaram juntos no Egipto. O meu pai e o meu tio estudaram literatura sob a sua orientação, e o meu tio também estudou com ele as obras de Aristóteles, pois o shaykh Muwaffiq ad-Din era um leitor assíduo desses textos e dominava plenamente as suas doutrinas.

Vindo do Egipto, Abduhl dirigiu-se a Damasco, onde permaneceu por algum tempo, e muitos beneficiaram do seu saber enquanto ali esteve. Vi-o quando visitou Damasco pela última vez; já era um homem idoso, de corpo delgado, estatura mediana e excelente orador, expressando-se muito bem, embora os seus escritos fossem mais eloquentes do que a sua fala. Por vezes — que Deus tenha misericórdia dele — deixava-se levar em demasia no discurso, devido à elevada opinião que tinha de si próprio, e depreciava os homens ilustres seus contemporâneos, bem como muitos dos tempos antigos. Criticava frequentemente os estudiosos da Pérsia e os seus trabalhos, especialmente o shaykh Ibn Sina (Avicena) e outros do mesmo perfil.

Tomo o seguinte relato de uma autobiografia escrita por ele próprio, do seu punho:

"Nasci numa casa que pertencia ao meu avô, situada na rua Faludaj, no ano 557 da Hégira (1162 d.C.), e fui criado sob os cuidados do shaykh Abu'l-Najib, sem qualquer contacto com jogos ou divertimentos. A maior parte do meu tempo era dedicado ao estudo das tradições, e obtive diplomas de diversos shaykhs em Bagdade, Coração, Síria e Egipto. Um dia, o meu pai disse-me: 'Fiz com que aprendesses todas as tradições autênticas que há em Bagdade, e habilitei-te a seres reconhecido como um tradicionalista entre os mais notáveis shaykhs.' Nesse período aprendi a escrever e memorizei o Alcorão, o *Fasih* (um manual de gramática), as *Maqamas*, a poesia de al-Mutanabbi e outras obras similares, para além de um compêndio de jurisprudência e outro de gramática.

Quando cresci, o meu pai levou-me a Kamal ad-Din Abdar-Rahman al-Anbari, que era então o principal shaykh de Bagdade, e que mantinha uma longa amizade com o meu pai desde os tempos em que estudavam Direito na Madrasa Nizamiya. Recitei perante ele o prefácio do *Fasih*, e ele lançou-se numa longa dissertação de que não entendi uma única palavra, embora os estudantes à sua volta mostrassem grande admiração. Depois disse: 'Não gosto de ensinar crianças; leva-o ao meu discípulo

Wajih ad-Din Wasiti para que estude com ele. Quando for mais velho poderá estudar comigo.'

Wajih ad-Din estava então a ensinar um dos filhos do secretário-chefe; era cego, abastado e virtuoso. Pegou em mim com ambas as mãos e começou a ensinar-me desde manhã até à noite com enorme dedicação. Assistia ao seu círculo na mesquita de Zafariya, onde dirigia todas as explicações exclusivamente a mim. Ao final, saíamos juntos da mesquita, e ele prosseguia os ensinamentos enquanto caminhávamos até à sua casa. Lá, ele pedia-me que tirasse os livros que estava a estudar e ajudava-o a memorizá-los, ao mesmo tempo que eu próprio os decorava.

Depois, ele dirigia-se ao shaykh Kamal ad-Din, recitava a lição, e o shaykh explicava-lhe na minha presença. Tornei-me então tão bem treinado que comecei a superá-lo em memória e compreensão. Passava a maior parte da noite a repetir e memorizar. Assim prosseguimos durante muito tempo; a cada dia a minha memória tornava-se mais rica e precisa, o meu entendimento mais claro e iluminado, e a minha inteligência mais penetrante, graças à assídua assistência tanto ao shaykh como ao mestre do shaykh.

Quando comecei, memorizei a obra *Lam* (gramática) em oito meses, ouvindo diariamente as explicações da maior parte dela recitadas por outros alunos. Depois lia os comentários de ath-Thamanini, do Sharif Omar ibn Hamza e de Ibn Burhan ad-Din, e todos os que conseguia encontrar, explicando-os aos alunos a mim atribuídos. A minha análise era tão minuciosa que entregava vários cadernos com comentários por capítulo, sem nunca esgotar o material recolhido."

"Depois memorizei, de forma muito completa, o *Adab al-Katib* de Ibn Qutayba (manual para secretários); a primeira parte levou-me vários meses, mas a segunda apenas catorze dias, pois ocupava catorze cadernos (nota: cada caderno tinha habitualmente oito páginas). Memorizei ainda o *Mushkil al-Qur'an* e o *Gharib al-Qur'an* (ambos sobre passagens complexas do Alcorão), que aprendi rapidamente. Em seguida estudei o *Idah* de Abu Ali al-Farisi (gramática), cuja memorização me levou vários meses. Li todos os comentários disponíveis com o maior cuidado, até dominar completamente tanto a obra como as interpretações dos comentadores.

Quanto ao suplemento desta obra, memorizei-o em poucos dias — um caderno por dia. Estudei tanto obras completas como resumos, e apliquei-me com afinco ao *Muqtadab* de al-Mubarrad e ao livro de Ibn Durustwayh. Durante todo este tempo, nunca deixei de ouvir os mestres de Tradição nem de estudar jurisprudência com o

nosso shaykh Ibn Fadlan, na Madrasa suspensa (sobre arcadas) conhecida como Golden College, fundada por Fakhr ad-Dawla ibn al-Muttalib."

O shaykh Kamal ad-Din continua:

"Abd al-Latif possui cento e trinta obras da sua autoria, principalmente sobre gramática, mas também sobre jurisprudência, princípios teológicos e legais, sufismo (misticismo) e ascetismo. Estudei a maioria destas obras por audição, leitura ou memorização. Tencionava escrever duas grandes obras, uma sobre lexicografia e outra sobre jurisprudência, mas não chegou a completá-las. Para ele memorizei parte do *Livro de Sibawayh* (obra de referência da gramática árabe) e apliquei-me com vigor ao *Muqtadab* até dominá-lo.

Após a morte do shaykh, dediquei-me exclusivamente ao *Livro de Sibawayh* e ao comentário sobre ele por Sirafi. Mais tarde estudei diversas obras com Ibn Obayda al-Karkhi, entre as quais o *Livro dos Princípios Fundamentais* de Ibn as-Sarraj, utilizando uma cópia que fazia parte do legado de Ibn al-Kahshshab no convento de al-Mamuniya. Estudei também com ele as *Fara'id* e a *Prosódia* do secretário at-Tabrizi, discípulo íntimo de Ibn ash-Shajari.

Quanto a Ibn al-Kashshab, fui ouvinte das suas leituras do *Ma'ani* de al-Zajjaj (obra sobre o Alcorão), sob a orientação da erudita Shuhda, filha de al-Ibari, e ouvi também dele a tradição musalsal (autenticada) que diz: 'Aqueles que mostram misericórdia, a misericórdia lhes será mostrada pelo Misericordioso; sede misericordiosos para com os que estão na Terra, e Aquele que está nos Céus será misericordioso convosco.'"

Muwaffiq ad-Din al-Baghdadi relata também que entre os shaykhs de quem mais beneficiou — segundo as suas palavras — estava o filho de Amin ad-Dawla ibn at-Tilmidh. Fala dele com grande entusiasmo, mas essa admiração devia-se sobretudo à sua preferência pelos iraquianos, já que, na verdade, o filho de Amin ad-Dawla não possuía méritos tão elevados, nem sequer se aproximava disso.

Prossegue:

"Chegou a Bagdade um homem vindo do Ocidente, alto, trajado como um sufi, de aparência imponente mas rosto pouco atraente, com ar religioso e sinais exteriores de peregrino; impressionava à vista mesmo antes de ser conhecido. Chamava-se Ibn Tatali e afirmava pertencer à família dos Almorávidas, tendo abandonado o Ocidente após a sua conquista por Abd al-Mu'min (dos Almóadas)."

Quando se estabeleceu em Bagdade, Abduhl foi rodeado por diversas figuras notáveis e influentes; entre os que o acompanhavam estavam Radi ad-Din al-Qazwini e o Grande Shaykh Ibn Sakina. Eu próprio fui um dos que assistiram às suas aulas, e ele fez-me ler a *Prolegomena* de Hassab e a de Ibn Babshadh sobre gramática. O seu método de ensino era extraordinário — os ouvintes consideravam-no imensamente erudito, mas, na verdade, o seu saber era apenas superficial. No entanto, estudara a fundo os livros sobre alquimia, talismãs e temas afins, e conhecia integralmente as obras de Jabir (Geber), bem como as de Ibn Wahshiya.

Cativava os corações de todos pela sua figura, eloquência e aparência imponente, e acendeu em mim o desejo de dominar todas as ciências. Chegou mesmo a ter uma audiência com o califa an-Nasir li-dini 'llah, que ficou encantado com ele. Após esse episódio, partiu de novo em viagem, enquanto eu me entregava ao estudo com perseverança e rigor, renunciando ao sono e aos prazeres. Apliquei-me com ardor às obras de al-Ghazali — *Maqasid*, *Mi'yar*, *Mizan* e *Mahakk an-Nazar* — e em seguida às de Ibn Sina (Avicena), tanto as menores como as maiores, memorizei o *Najat*, copiei o *Shifa* e debati o seu conteúdo.

Estudei ainda o *Tahsil* de Bahmanyar, discípulo de Ibn Sina, e copiei e estudei muitos livros de Jabir ibn Hayyan as-Sufi e de Ibn Wahshiya. Comecei então a praticar as artes ilusórias e a fazer experiências frívolas e desviantes. O maior factor de erro foi precisamente a influência de Avicena, especialmente o seu livro sobre a arte que supostamente leva à perfeição da filosofia — uma perfeição que, na verdade, nada acrescenta à filosofia e antes a desvirtua.

Continua:

"No ano 585 da Hégira (c. 1189 d.C.), uma vez que já não havia em Bagdade ninguém que despertasse o meu interesse, esclarecesse as minhas dúvidas ou satisfizesse a minha mente, fui até Mossul. Mas também lá não encontrei contentamento. Encontrei, sim, Kamal ad-Din ibn Yunus, muito forte nas ciências matemáticas e na jurisprudência, mas apenas superficialmente versado nas demais áreas do saber. A sua paixão pela alquimia consumia-lhe tanto o tempo e o espírito que desprezava todos os outros ramos do conhecimento.

Um grande número de estudantes começou a agrupar-se à minha volta, e vários cargos foram-me oferecidos. Escolhi a madraça suspensa de Ibn Muhajir e a Escola de Tradição que lhe ficava por baixo. Passei um ano inteiro em Mossul, em

trabalho contínuo e incansável, de dia e de noite. Os habitantes diziam nunca terem visto alguém com tamanhas capacidades de memória, rapidez de raciocínio e ponderação. Ouvia frequentemente elogios a Shihab ad-Din as-Suhrawardi, estudioso da filosofia grega, que, segundo diziam, superava todos os escritores antigos e modernos. Esta reputação levou-me a querer conhecê-lo, mas o destino antecipou-se a mim.

Pedi a Ibn Yunus algumas das obras de Suhrawardi (ele próprio partilhava da admiração), e consegui os *Talwihat*, *Lamha* e *Ma'arij*. Ao lê-los, encontrei neles uma prova clara da ignorância dos meus contemporâneos — pois até algumas notas minhas, de que nem sequer me orgulhava, valiam mais do que os argumentos deste tolo. No meio dos seus discursos, intercalava letras soltas, tentando convencer ignorantes como ele de que eram mistérios divinos."

Prossegue:

"Quando entrei em Damasco, encontrei lá numerosos homens ilustres de Bagdade e de outros locais, atraídos pela generosidade de Saladino. Entre eles estavam Jamal ad-Din Abd al-Latif, filho do shaykh Abu'n-Najib, vários membros da família do Secretário-chefe, o secretário Ibn Talha, e as casas de Ibn Jahir, Ibn al-'Attar (o vizir que foi executado), e do vizir Ibn Hubayra. Encontrei-me com o gramático al-Kindi de Bagdade e tivemos diversos debates.

Era um shaykh de bela presença, espírito afiado, abastado e bem relacionado com o sultão — mas extremamente vaidoso e difícil de aturar. Discutimos vários temas, e Deus concedeu-me a vitória em muitos dos pontos debatidos. A partir daí deixei de frequentá-lo, e o aborrecimento que lhe causei ao ignorá-lo foi maior do que qualquer incómodo que ele causava aos outros.

Em Damasco escrevi muitas obras, incluindo o extenso *Gharib al-Hadith* (sobre termos obscuros nas Tradições), em que reuni os trabalhos homónimos de Abu 'Ubayd al-Qasim ibn Sallam, Ibn Qutayba e al-Khattabi. Tinha começado esta obra em Mossul, e mais tarde fiz um resumo a que chamei *al-Mujarrad*. Escrevi também o *Kitab al-Wadiha* sobre a sintaxe da Sura de Abertura do Alcorão, que ocupou cerca de vinte cadernos; o *Livro do Alif e Lam* (sobre o uso do artigo definido), o tratado sobre a partícula *rubba*, e ainda um livro sobre a Essência Divina e os seus atributos conforme discutidos pelos teólogos escolásticos — este último escrito com o objectivo de refutar al-Kindi.

Em Damasco, encontrei o shaykh Abdullah ibn Tatali, que vivia no minarete ocidental; vários estudantes tinham-se juntado a ele, e a cidade dividia-se entre

apoiantes e opositores. Entre os opositores destacava-se o pregador ad-Dula'i, uma das figuras mais eminentes da cidade, de elevada posição e reputação. Mais tarde, Ibn Tatali prejudicou-se a si próprio, ao começar a dissertar sobre alquimia e filosofia grega, o que lhe granjeou má fama.

Tive um encontro com ele, em que me começou a interrogar sobre vários temas que eu considerava triviais, mas aos quais ele atribuía grande importância, chegando a censurar-me por desconhecê-los. Testei-o e percebi que não era o homem que eu pensava. Formei dele e dos seus ensinamentos uma opinião negativa. Mais tarde, em discussão sobre vários ramos do saber, ficou claro que o seu conhecimento era apenas superficial.

Um dia, disse-lhe: 'Se tivesses dedicado o tempo que desperdiçaste na busca da arte da alquimia ao estudo das ciências religiosas e racionais, hoje serias o primeiro homem do teu tempo e respeitado por toda a vida. Essa é a verdadeira alquimia — não a que tu procuras.'

Meditei sobre o seu estado e deixei-me advertir pelo seu fim infeliz — pois *feliz é aquele que se deixa instruir pelo destino alheio*. Abandonei então essa arte, ainda que não por completo. Mais tarde, Ibn Tatali dirigiu-se ao campo de Saladino junto a Acre, para apresentar queixa contra ad-Dula'i. Regressou doente, foi levado para o hospital, e ali faleceu. Os seus livros foram apreendidos por al-Mu'tamid, comandante de Damasco, que era fascinado pela alquimia."

"Depois disso, parti em peregrinação a Jerusalém e, de lá, fui até Saladino, acampado diante de Acre, onde conheci Baha ad-Din ibn Shaddad, que era então juiz-mor do exército. A reputação que eu ganhara em Mossul já lhe tinha chegado aos ouvidos; recebeu-me com grande cortesia e veio ao meu encontro. Disse-me: 'Vamos ter com 'Imad ad-Din, o secretário.' Assim fizemos — a tenda deste último estava junto à de Baha ad-Din — e encontrei-o a escrever uma carta, em caligrafia *thuluth*, para o príncipe al-Aziz, sem sequer redigir um rascunho prévio."

Disse-me: "Esta é uma carta para a tua cidade." Depois de conversarmos sobre alguns pontos de teologia, acrescentou: "Vem, vamos ter com o qadi al-Fadil." Fomos então até ao seu alojamento, e encontrei um velho, magro, todo ele cabeça e coração. Estava a escrever enquanto ditava simultaneamente a dois escribas. O rosto e os lábios contraíam-se com inúmeros movimentos, tamanha era a intensidade com que procurava exprimir as suas ideias — era como se escrevesse com todos os membros do corpo.

O qadi al-Fadil pediu-me que explicasse a ausência de apódose (consequência lógica) num versículo do Corão que diz: *"E quando chegarem a ela, e as suas portas forem abertas, e os guardiões lhes disserem..."* E também noutro trecho que afirma: *"Ainda que fosse revelado um Corão com o qual as montanhas se movessem..."* Fez-me ainda outras perguntas. Durante todo este tempo, não interrompeu nem a escrita nem a ditadura. Depois disse-me: "Volta a Damasco e atribuir-te-emos um salário."

Respondi-lhe: "Quero o Egipto."

Ele replicou: "O sultão está preocupado com a tomada de Acre pelos francos e com o massacre dos muçulmanos."

Mas insisti: "Tenho de ir para o Egipto."

Escreveu-me então uma breve carta de recomendação para o seu intendente em Cairo.

Chegado ao Cairo, fui recebido pelo intendente, Ibn Sana al-Mulk, um homem de grande virtude e autoridade. Atribuiu-me uma residência numa casa restaurada e forneceu-me dinheiro e mantimentos. Depois foi ter com os altos funcionários dizendo: "Este homem é hóspede do qadi al-Fadil." E então choveram-me ofertas e presentes de todos os lados. A cada dez dias, uma nota do qadi al-Fadil chegava ao ministério no Cairo tratando de assuntos administrativos, e nela se incluía sempre uma secção reiterando as suas recomendações a meu respeito.

Fixei-me então na mesquita do camareiro Lulu, onde comecei a lecionar. O meu objetivo ao visitar o Cairo era encontrar três pessoas: Yasin as-Simiya'i, o médico judeu Moisés Maimónides, e Abu'l-Qasim ash-Shar'i — e acabei por encontrar os três.

Quanto a Yasin, descobri que era um impostor e charlatão vulgar. Costumava atestar o saber alquímico de Shaqani, e este, por sua vez, certificava os dotes mágicos de Yasin, afirmando que era capaz de realizar maravilhas que superavam até os milagres de Moisés: que podia cunhar ouro à vontade, na quantidade e moeda que quisesse, e que podia transformar as águas do Nilo numa tenda onde se sentava com os seus companheiros. No entanto, Yasin vivia na mais miserável pobreza.

Moisés (Maimónides) veio visitar-me. Encontrei nele um homem de elevado mérito, mas dominado pelo desejo de honrarias terrenas e cortesão dos poderosos. Compôs uma obra médica baseada nos dezasseis livros de Galeno e mais cinco

outros tratados, impondo como regra não alterar uma única letra, exceto talvez um "e" ou um "assim". Limitou-se a selecionar excertos. Escreveu também uma obra para os judeus intitulada *O Guia dos Perplexos* (*Moreh Nevukhim*), lançando uma maldição sobre quem ousasse traduzi-la para outro alfabeto que não o hebraico. Li essa obra e considerei-a nociva — pervertia os princípios das religiões e doutrinas com os próprios argumentos com que pensava defendê-las.

Um dia, encontrava-me na mesquita, rodeado por um vasto auditório, quando entrou um shaykh de vestes humildes, mas de porte robusto e rosto afável. Todos os presentes lhe prestaram grande respeito e cederam-lhe o lugar de honra. Continuei o meu discurso até ao fim, e quando a audiência se dispersou, o imã da mesquita aproximou-se e disse-me: "Sabes quem é este shaykh? É Abu'l-Qasim ash-Shar'i."
Abracei-o e disse-lhe: "És tu quem procurava."

Levei-o para minha casa e, após a refeição, entrámos em conversa. Encontrei nele tudo o que a alma deseja e os olhos apreciam: comportamento digno de sábios e aparência condizente. Satisfazia-se com o mínimo necessário e não se deixava prender por nada que o afastasse da virtude. Passou a procurar frequentemente a minha companhia, e verifiquei que dominava os escritos dos antigos filósofos e de Abu Nasr al-Farabi.

Eu, por minha parte, não acreditava nessas obras, pois pensava que toda a filosofia estava contida nos escritos de Avicena. Quando discutíamos, superava-o na invenção de argumentos e no domínio do discurso; mas ele vencia-me na aplicação dos raciocínios e em fazer prevalecer os seus pontos. Ainda assim, o meu ânimo não cedia ao seu, nem eu me desviava dos meus princípios nem da minha lealdade, apesar das suas constantes advertências. Então, citava-me trecho após trecho de al-Farabi, Alexandre de Afrodísias e Temístio, domando a minha resistência e vencendo a minha teimosia, até que comecei a inclinar-me para o seu lado, com um pé à frente e o outro atrás.

Correu o boato de que Saladino fizera uma trégua com os francos e regressara a Jerusalém, e a necessidade levou-me a partir para lá. Levei comigo todos os livros dos antigos que consegui reunir e pus-me a caminho. Encontrei em Saladino um grande príncipe, que enchia os olhos de respeito e os corações de afecto. Era acessível, profundo, afável e generoso. Todos os que o rodeavam viam nele um modelo de virtude e competiam em retidão de conduta, tal como dizem as palavras divinas: *"Removemos dos seus corações todo o rancor"* (Corão, 7:43).

Na primeira noite que passei na sua corte, encontrei uma assembleia repleta de eruditos que discutiam diversos temas, enquanto Saladino ouvia com agrado e participava ativamente na conversa. Falava sobre métodos de construção de muralhas e escavação de fossos, discutindo inclusive questões legais associadas e apresentando ideias engenhosas. Naquela época, ocupava-se com a edificação das muralhas de Jerusalém e com a escavação do seu fosso defensivo; supervisionava pessoalmente os trabalhos e transportava pedras aos ombros. O seu exemplo era seguido por todos — ricos e pobres, fortes e fracos, até o secretário 'Imad ad-Din e o qadi al-Fadil participavam.

Saladino saía antes do amanhecer e trabalhava até ao meio-dia, regressava a casa para comer e descansar, e depois voltava à obra, montado a cavalo, regressando apenas ao cair da noite, à luz de tochas. Também a maior parte da noite era dedicada a planear os trabalhos do dia seguinte.

Saladino atribuiu-me por escrito um salário mensal de trinta dinares, ligado à Grande Mesquita de Damasco, e os seus filhos concederam-me igualmente pensões, totalizando cem dinares mensais — uma soma significativa e estável. Regressei, portanto, a Damasco e dediquei-me ao estudo e ao ensino na Grande Mesquita. Quanto mais estudava os antigos, mais me encantava com eles, e menos valor via em Avicena. Compreendi então a ilusão da alquimia — conheci a verdadeira origem desta prática, os seus primeiros promotores, como enganaram os homens e com que propósitos. Fui assim liberto de dois dos maiores erros que condenam a alma, e a minha gratidão a Deus por isso duplicou.

Pois, entre os homens, não há causas mais comuns de perdição do que os escritos de Avicena e a alquimia.

Depois disto, Saladino chegou a Damasco e saiu para se despedir dos peregrinos a caminho de Meca. Ao regressar, caiu doente com febre. Um médico inexperiente sangrou-o, esgotando-lhe as forças, e ele morreu antes de completar duas semanas de doença. A sua morte foi chorada pelo povo como se de um profeta se tratasse. Nunca vi rei cuja morte causasse tanta dor ao povo — era amado por justos e pecadores, por muçulmanos e infiéis.

Após a sua morte, os seus filhos e cortesãos dispersaram-se como as tribos de Sabá, espalhando-se por toda a terra, completamente desunidos.

A maioria dos filhos de Saladino dirigiu-se para o Cairo, atraída pela sua cidadela e pela riqueza das suas terras. Eu, porém, permaneci em Damasco, que passou a estar sob o domínio de al-Malik al-Afdal, o filho mais velho de Saladino. Algum

tempo depois, al-Malik al-'Aziz veio do Egipto com o seu exército para sitiar o irmão em Damasco, mas fracassou nos seus intentos e retirou-se para Marj as-Suffar, sofrendo de uma cólica.

Visitei-o após a sua recuperação, e ele autorizou-me a acompanhá-lo, concedendo-me um salário do tesouro mais do que suficiente para as minhas necessidades. Permaneci então com ele no Cairo. O shaykh Abu'l-Qasim visitava-me todas as manhãs e todas as tardes até ao dia da sua morte.

Quando a sua doença se agravou — uma pleurisia resultante de um fluxo vindo da cabeça —, recomendei-lhe um determinado medicamento. Ele recitou então estes versos:

"Não afastarei as aves de uma árvore
cujos frutos me deixaram o paladar amargo."

E quando lhe perguntei sobre a dor, respondeu:

"Nenhuma ferida causa angústia
àquele que já está a morrer."

Durante este período, os meus afazeres eram os seguintes: ensinava alunos na mesquita de al-Azhar desde o nascer do sol até à quarta hora do dia; por volta do meio-dia, recebia estudantes de medicina e outros interessados; e ao entardecer regressava a al-Azhar para continuar a ensinar. À noite, trabalhava sozinho. Esta foi a minha rotina até à morte de al-Malik al-'Aziz — um jovem corajoso e generoso, modesto, incapaz de dizer "não"; apesar da juventude e das paixões típicas da idade, era completamente alheio à ganância e dotado de uma pureza de carácter singular.

Após isso, o shaykh Muwaffiq ad-Din (continua Ibn Abi Usaybiya) permaneceu algum tempo no Cairo, sustentado por um salário e pensões concedidas pelos filhos de Saladino. Foi então que sobreveio a terrível fome e peste de 1200–1201, calamidade sem precedente. O shaykh Muwaffiq ad-Din escreveu uma obra sobre esse tema, descrevendo acontecimentos que viu ou ouviu de testemunhas oculares, tão horrendos que fazem vacilar o espírito. Intitulou-a *Kitab al-Ifadah wa'l-I'tibar* (*Livro da Instrução e da Admoestação sobre as Coisas Vistas e os Acontecimentos Presenciados na Terra do Egipto*). (A primeira página deste manuscrito figura como frontispício desta obra.)

Mais tarde, quando al-Malik al-'Adil Sayf ad-Din Abu Bakr ibn Ayyub se tornou governante do Egipto e da maior parte da Síria e do Oriente, os filhos de Saladino foram destituídos e dispersos. O shaykh Muwaffiq ad-Din partiu então para Jerusalém, onde residiu algum tempo. Frequentava a mesquita al-Aqsa (também conhecida como Mesquita de Omar), e ali formou discípulos em várias ciências. Escreveu também diversas obras durante a sua estada naquela cidade.

Posteriormente, dirigiu-se a Damasco e fixou-se na Madrasa de al-'Aziz, no ano de 604 da Hégira (1209 d.C.). Ali dedicou-se ao ensino e ao estudo, e muitos estudantes vinham aprender com ele os mais variados ramos do saber. Em Damasco, destacou-se especialmente na ciência médica, escrevendo várias obras nessa área e adquirindo uma reputação ainda maior — antes, a sua fama era sobretudo no domínio da gramática. Permanecendo por algum tempo em Damasco, beneficiaram muitos dos seus ensinamentos.

Depois partiu para Alepo e seguiu para a Anatólia, onde permaneceu dois anos ao serviço do príncipe 'Ala ad-Din Dawud ibn Bahram, governante de Arzinjan. Gozava ali de posição elevada e era tido em grande consideração, recebendo um bom salário e generosas regalias. Dedicou ao príncipe diversas obras que escreveu durante esse período. O príncipe era um homem de carácter elevado, modesto e generoso, com algum conhecimento das ciências. Muwaffiq ad-Din serviu-o até que o reino foi conquistado pelo sultão de Erzurum, Kaykobad ibn Kaykhosru ibn Qilij Arslan. O próprio príncipe de Arzinjan foi capturado mais tarde, e dele nunca mais se teve notícia.

O shaykh Muwaffiq ad-Din Abd al-Latif continua o relato:

"No dia 17 de Dhu'l-Qa'da do ano 625 (18 de Outubro de 1230), parti para Erzurum. No dia 11 de Safar de 626 (9 de Janeiro de 1231), regressei a Arzinjan. Em meados de Rabi' al-Awwal (início de Fevereiro), parti para Kamakh; em Jumada al-Ula (Abril), segui para Dabarki; em Rajab (Junho), cheguei a Malatiya; e no final do Ramadão (meados de Agosto), pus-me a caminho de Alepo. Realizámos a oração da Festa do Fim do Jejum (23 de Agosto) em Bahnasa e entrámos em Alepo na sexta-feira, 9 de Shawwal (31 de Agosto). Encontrámos a cidade com o dobro da população e da prosperidade, graças à boa administração do atabeg Shihab ad-Din, por quem todos nutriam afeição, devido à sua justiça no governo."

Prossegue Ibn Abi Usaybiya:

O shaykh Muwaffiq ad-Din permaneceu em Alepo, onde os estudantes afluíam às suas aulas e onde escreveu muitas obras. Recebeu um salário generoso do eunuco

Shihab ad-Din Tughril, atabeg de Alepo, e dedicou-se por completo ao ensino da medicina e de outras ciências. Frequentava a mesquita de Alepo para ensinar as tradições proféticas e dar lições de árabe, sempre ocupado com a escrita e a produção intelectual.

Durante a sua estadia em Alepo, desejei ir ter com ele e juntar-me ao seu círculo, mas o plano não se concretizou. No entanto, os seus livros e cartas eram-nos constantemente enviados, e ele chegou a remeter-me algumas das suas obras escritas de próprio punho.

Aqui está o texto da carta que lhe escrevi quando estava em Alepo:

"O humilde servo apresenta as suas orações, os seus cumprimentos, agradecimentos e a expressão da sua devoção ao ilustre professor, o mais notável, mais celebrado, mais magnífico, mais erudito e mais virtuoso dos sábios, Muwaffiq ad-Din, chefe dos eruditos passados e presentes, em quem se reuniram os saberes dispersos entre os homens, amigo do Comandante dos Fiéis. Que Deus, por meio do seu serviço, torne claras as sendas da retidão e, com a continuidade da sua existência, ilumine os caminhos do conhecimento, estabelecendo pela verdade das suas palavras o verdadeiro sentido da união com o Divino!

Que a sua felicidade perdure eternamente, a sua fama se eleve sem cessar, e que os seus escritos permaneçam em todas as terras como modelo para os eruditos e apoio para todos os estudantes de letras e filosofia. O humilde servo renova a sua homenagem e envia os seus cumprimentos mais respeitosos, os seus agradecimentos mais afetuosos.

A tormenta de desejo que o aflige por ver a luz do seu sol iluminador, a esperança de consolo pela visão da sua nobre e ilustre pessoa, o aumento da ansiedade e da insónia ao saber da proximidade do objeto da sua peregrinação — tudo isso atingiu o limite da resistência. Como diz o poeta:

'Mais angustiante se torna o desejo
quando tende a consumar-se a distância.'

Se não fosse pela esperança no regresso da nobre comitiva e na chegada do exaltado Muwaffiq, o humilde servo já teria corrido para se juntar a ele e ultrapassado a pressa no desejo de se apresentar diante dele, para prestar serviço e alcançar a felicidade de contemplar o seu belo rosto. Bem-aventurado aquele que tem a fortuna de o contemplar; afortunado quem pode estar diante de si!

Ó alegria dos que se regozijam com o rosto favorável que ele lhes mostra, que colhem do oceano da sua generosidade, cujos solos são regados pelas suas chuvas, que se iluminam com a luz do sol do seu saber e trilham o caminho pelo brilho da sua estrela! Pedimos a Deus Altíssimo que conceda um reencontro próximo e, por Sua graça e generosidade, torne real esse encontro que unirá o deleite da visão com os prazeres da escuta — se Deus quiser."

Entre as cartas de Muwaffiq ad-Din ʿAbd al-Latif encontra-se uma que ele enviou ao meu pai, no início da sua correspondência, na qual dizia de mim:

"Um neto é mais caro que um filho, e este Muwaffiq ad-Din [referindo-se a Ibn Abi Usaybiya, que também usava esse título] é meu neto e o mais querido de todos os homens para mim. Os sinais de excelência de carácter sempre me foram evidentes nele desde a infância."

Depois de outras descrições e elogios, acrescenta:

"Se me fosse possível ir até ele com o propósito de o ter a trabalhar ao meu lado, fá-lo-ia."

Em resumo, decidira ir viver para Damasco, mas antes pensou em cumprir a peregrinação, passando por Bagdade, e oferecer algumas das suas obras ao califa al-Mustansir bi'Llah. Contudo, adoecendo durante a estadia em Bagdade, acabou por falecer (que Deus tenha misericórdia dele) no domingo, 12 de Muharram do ano 629 (8 de Novembro de 1234). Foi sepultado na Madrasa Wardiya, junto ao túmulo do pai. Assim terminou a sua vida, regressando à cidade natal após uma ausência de 45 anos — e foi desígnio de Deus que ali voltasse para nela morrer.

Aqui seguem algumas máximas de Muwaffiq ad-Din ʿAbd al-Latif al-Baghdādī, colhidas da sua própria caligrafia:

"É teu dever fazer um balanço diário de ti mesmo, todas as noites antes de dormir — para veres que mérito adquiriste durante o dia e agradeceres a Deus por isso; e que mal cometeste, para pedires perdão a Deus, renunciares a esse erro e planeares, para o dia seguinte, boas ações, pedindo a Deus auxílio para as realizar."

"Aconselho-te a nunca estudares as ciências apenas pelos livros, por mais confiante que estejas na força do teu entendimento; busca sempre mestres para cada ciência que queiras adquirir. Se um mestre se revelar insuficiente, extrai dele o que tiver, até encontrares alguém mais completo no conhecimento. Honra-o e

respeita-o; se lhe puderes prestar auxílio com os teus bens, fá-lo; se não, serve-o com a tua palavra e o teu louvor."

"Quando leres um livro, concentra-te totalmente em compreendê-lo. Imagina que, se mais tarde esse livro te faltar, poderás dispensá-lo por já o teres interiorizado. Enquanto estiveres empenhado num livro, evita começar outro; dedica-lhe o tempo que darias ao segundo. E não estudes duas ciências ao mesmo tempo; aplica-te a uma durante um ou dois anos — ou o tempo necessário — e só depois passa a outra. Não penses que, ao dominares um assunto, tudo está feito; deves mantê-lo vivo na memória para que cresça e não diminua. E isso faz-se discutindo e meditando sobre ele. O estudante principiante deve memorizar, estudar e debater com colegas; o formado deve ensinar e escrever."

"Ao ensinar ou debater um tema, não mistures outras matérias. Cada ciência é um todo completo e independente. Introduzir uma segunda ciência para apoiar a primeira é sinal de que não a dominas plenamente — é como alguém que muda de língua a meio do discurso porque lhe faltam as palavras na primeira."

"Convém ao homem ler histórias e conhecer os modos e experiências das nações, para que seja como alguém que, nesta vida breve, conviveu com povos já desaparecidos — como se os tivesse conhecido e acompanhado — e soubesse todo o bem e mal que praticaram."

"É teu dever imitar a conduta da primeira geração de muçulmanos. Lê a biografia do Profeta (que a bênção e a misericórdia de Deus estejam com ele) e conforma-te com os seus hábitos e ações. Toma-o como modelo e procura assemelhar-te a ele tanto quanto puderes. Aprende os seus costumes quanto a comida, bebida, vestuário, sono, vigília, doença, remédios, lazer, perfumes, e as suas relações com Deus, com as esposas, companheiros e inimigos. Se conseguires seguir ao menos uma parte disso, serás abençoado."

"Sê desconfiado de ti próprio, e não tenhas de ti uma opinião demasiado elevada. Submete os teus desejos ao crivo dos sábios, e avalia-os pelos seus escritos. Age com cautela; não te deixes levar pela precipitação nem pelo entusiasmo — pois o entusiasmo excessivo conduz à queda, e a confiança desmedida em si mesmo faz tropeçar. Quem não busca, com a fronte suada, as portas dos sábios, nunca conquistará a reputação de virtuoso. Quem nunca corou com as suas repreensões, não conquistará o respeito do mundo. Quem não suportou as dores do conhecimento, nunca provará a doçura da sabedoria. Quem nunca sofreu, não saberá o que é verdadeira felicidade."

"Quando não estiveres a estudar ou a meditar, ocupa a língua com a recordação de Deus e na exaltação do Seu Nome. Especialmente ao recolheres-te para dormir, deixa o pensamento saturado disto, como se fosse amassado na massa da tua imaginação, para que até em sonhos fales disso."

"Se te alegrares com algo do mundo, lembra-te da morte, da sua rapidez, e das aflições que acompanham os bens terrenos. Se algo te entristecer, recorda que a Deus tudo retorna. Se a distração te vencer por um momento, pede perdão a Deus. Mantém a morte sempre diante dos olhos, e leva contigo, como provisão para a outra vida, o conhecimento e a piedade. Se tencionas pecar contra Deus, procura um lugar onde Ele não te veja. Sabe que os homens são os olhos de Deus sobre a Sua criação — Ele mostra-lhes as boas ações, mesmo quando ocultas, e revela-lhes as más, mesmo se escondidas; pois a alma está a descoberto diante de Deus, e Ele a revela às Suas criaturas."

"Assegura-te de que o teu interior seja melhor do que o teu exterior, e que os teus atos secretos sejam mais puros do que os visíveis. Não te entristeças se a fortuna te virar as costas — pois, se te sorrisse, talvez te afastasse do aperfeiçoamento do carácter.

Raramente um homem rico se liga ao saber, a não ser que seja de altíssima ambição — ou que enriqueça depois de já ter adquirido o conhecimento."

"Não direi que o mundo rejeita o estudante; pelo contrário, é ele que rejeita o mundo — pois todas as suas ambições se concentram no saber, e não lhe sobra atenção para as riquezas. Estas só se adquirem com esforço e cálculo; quem despreza os meios para as alcançar, não as obterá. Além disso, o estudante do saber possui uma alma acima de transações vis e ganhos mesquinhos, e não se rebaixa a artifícios de feirante nem se humilha perante os grandes da terra, nem se presta a rodear os seus portões. Como disse um dos nossos confrades:

"Quem consagra os seus esforços à busca do conhecimento,
a nobreza intrínseca do saber afasta de si a baixeza da cobiça."

Todos os métodos de obtenção de bens materiais exigem absorção mental total, astúcia na sua aplicação e dedicação de tempo. Quem se entrega ao estudo não pode ocupar-se dessas coisas; apenas lhe resta esperar que o mundo venha até ele, sem que ele o procure, e que o procure sem que ele o deseje. Ainda assim, pretender tal coisa seria presunçoso e injusto. Porém, quando um homem domina perfeitamente uma disciplina e ganha reputação por isso, é procurado por todos os lados e são-lhe oferecidas posições. Então, o mundo vem até ele humildemente, e

ele aceita-o com o brilho do rosto (isto é, a honra) intacto, e com a sua dignidade e religião preservadas.

Sabe que o conhecimento — ou, segundo outra leitura, a religião — possui uma marca e um perfume que anunciam o seu possuidor, uma luz e um esplendor que o iluminam e guiam os homens até ele, como um mercador de almíscar cuja presença não pode passar despercebida, nem o aroma do seu produto escondido; ou como alguém que caminha com uma tocha na mais escura das noites.

Além disso, o homem sábio é amado; esteja onde estiver e seja qual for a sua condição, todos se inclinam para ele, procuram a sua proximidade, deleitam-se com a sua companhia e encontram conforto ao seu lado. Sabe ainda que as ciências desaparecem na terra e depois brotam novamente — desaparecendo por vezes, emergindo noutras — como plantas ou nascentes. São transmitidas de povo em povo, de região em região.

Uma das suas máximas, tirada da sua própria caligrafia, diz:

"Que o teu discurso seja, em geral, marcado por estas qualidades: breve, bem articulado, tratando de assunto importante ou louvável, com um toque de enigma e alguma ambiguidade. Não seja vulgar como o falar do povo, mas levemente elevado, sem contudo elevar-se demasiado acima da compreensão comum."

E também:

"Evita o falar tolo ou sobre coisas sem sentido, mas também evita o silêncio quando for necessário falar — seja para esclarecer a verdade, conquistar afetos ou exortar alguém a uma virtude. Evita o riso durante a fala, a prolixidade e a incoerência. Que o teu discurso decorra sem interrupções, com dignidade e gravidade, de modo a sugerir que há mais nele do que se ouve, e que resulta de reflexão amadurecida."

Mais:

"Evita a grosseria na escrita e a aspereza no debate, pois isso tira o prazer à argumentação, destrói o seu valor e apaga a sua doçura. Gera rancores, desfaz amizades, e transforma o orador em alguém desagradável, cuja voz é menos preferida que o silêncio. Provoca oposição e expõe-se a respostas ríspidas e à perda de respeito."

Outras máximas:

"Não te eleves ao ponto de te tornares insuportável, nem te rebaixes ao ponto de seres desprezado."

"Expõe sempre as tuas ideias em forma de argumento, e responde segundo o que o teu entendimento ditar, não apenas segundo o hábito."

"Livra-te dos modos infantis de pensar e das inclinações instintivas. Dá ao teu discurso uma tonalidade teológica, introduzindo sempre uma tradição, um versículo do Corão, um provérbio sábio, um verso poético apropriado ou uma máxima popular."

"Evita a maledicência, as críticas aos reis e as ofensas a grupos de pessoas. Não te entregues à ira nem a ultrapassar os seus limites."

"Memoriza muitos provérbios poéticos, máximas de sabedoria e frases marcantes."

Eis um exemplo de uma das suas orações:

"Ó Deus, livra-nos das contradições da natureza e da rebeldia das nossas almas pecadoras. Aplana diante de nós os caminhos pelos quais nos conduzes a Ti, e mantém-nos firmes na estrada reta.

Ó guia dos cegos e condutor dos perdidos, Tu que revives os corações mortos com o dom da fé e iluminas as trevas do erro com a luz da certeza perfeita — sustém-nos pela mão para que não caiamos no abismo da perdição.

Liberta-nos do pântano da nossa natureza carnal, purifica-nos das impurezas deste mundo vil, fixando os nossos corações firmemente em Ti e no temor piedoso — pois a Ti pertence o domínio do mundo futuro e deste presente mundo."

E um hino de louvor da sua autoria:

"Glória a Ele que envolve toda a existência com a Sua sabedoria, que por todos os méritos é digno de ser o único adorado. O universo inteiro resplandece com a luz da Tua glória, e o sol do Teu conhecimento iluminou as almas dos homens com um fulgor incomparável."

PARTE III

(Em falta)

PARTE IV
UMA ÁRVORE DE NATAL NAS ESFERAS
AS CRIANÇAS DE DOIS MUNDOS
Uma história em quatro capítulos

CAPÍTULO I
NATAL, 1922

A ligação de Abduhl Latif com este episódio foi mais íntima do que eu percebi na altura, pois descobri que ele esteve presente em todas as ocasiões, embora só se tenha manifestado na sessão do Natal de 1925, quando interveio de forma verdadeiramente dramática, sendo mais um exemplo das notáveis curas realizadas por este espírito e o seu grupo de dedicados médicos nas Esferas. Escrevi pela primeira vez esta pequena história em Janeiro de 1922, tendo sido publicada no *Light* e na *International Psychic Gazette*. Era uma história simples, contada de forma simples, e não imaginei o interesse que viria a despertar, mas quando chegou a segunda sessão, pelo Natal de 1923, as cartas que recebi de todas as partes do mundo mostravam um interesse mais do que comum.

Recebi cartas da maioria dos países europeus (bastantes da Holanda), de África, da América, e de lugares tão distantes como a Austrália e a Nova Zelândia; chegaram-me até donativos em dinheiro (que nunca solicitei) para brinquedos, e como escreveu um correspondente americano, "nunca li na literatura de nenhum país um episódio tão tocante". Por isso, creio que uma descrição do que aconteceu pode interessar a muitos outros que não leem os jornais dedicados a assuntos psíquicos.

É, além disso, um testemunho notável da circulação de jornais como o *Light* e a *International Psychic Gazette*, que chegam a terras tão distantes. Revela o profundo e generalizado interesse que o espiritismo desperta em todo o mundo, e a influência que estes jornais exercem, o que deve ser motivo de satisfação para os seus editores.

Há hoje em dia muitas pessoas vivas cuja infância nunca chegou a conceber uma coisa como uma árvore de Natal, pois esta tradição era desconhecida em Inglaterra antes de 1840. Charles Dickens, provavelmente, teve um papel importante na popularização do costume com as suas histórias natalícias. A magia do seu génio envolveu a época com o ambiente natalício a que hoje estamos habituados, dando-lhe um brilho e um encanto que perduram até aos nossos dias.

As duas ou três últimas gerações habituaram-se tanto ao festival que, onde quer que haja crianças pequenas, a celebração não fica completa sem uma árvore de Natal, que lhes proporciona uma alegria desproporcional ao tempo, trabalho e despesa de a montar.

Assim, quando foi sugerido ao nosso pequeno círculo, algum tempo antes do Natal de 1922, que poderíamos montar uma árvore especialmente para as crianças do mundo espiritual, aceitámos a sugestão com entusiasmo, e em todas as sessões seguintes, independentemente do médium com quem estivéssemos (e trabalhámos com vários), os nossos amigos espirituais insistiram sempre na concretização da ideia. Foi de facto um pensamento feliz, e "pegou" de uma forma que não antecipávamos na altura — e surgiu assim:

Pouco antes do Natal de 1922, um pequeno círculo reunia-se para o desenvolvimento da Voz Directa, quando várias crianças pequenas se manifestaram, e as suas vozes delicadas foram ouvidas a conversar com os pais e entre si, e a voz de uma irmã mais velha de uma das pequeninas foi ouvida a encorajar a criança: "Agora, querida, só mais um bocadinho — toca na mamã — aí está! (para a mãe) sentiste-a a tocar-te, mamã?" O pai então perguntou à filha: "Têm árvores de Natal nas Esferas, querida?"

"Não," respondeu ela, "temos muitas fontes de prazer, mas não bem dessa forma."

"Então," disse o pai, "e se tivéssemos uma árvore de Natal para aquelas crianças que não conseguem falar com os pais como tu falas connosco?"

"Oh!" (num tom excitado) "isso seria maravilhoso; arranjem uma, por favor" — e assim nasceu a ideia, que se desenvolveu até, como me foi dito em cada sessão seguinte, gerar grande interesse nas Esferas, não só entre as crianças mas até entre os adultos.

Numa sessão, foi-me dito quais os brinquedos que certas crianças espirituais gostariam de ter e, curiosamente, quase todos preferiam brinquedos felpudos (provavelmente devido ao magnetismo que se atribui à pele), mencionando-se coelhos, gatos e macacos, "e têm de ter elásticos, por favor," disse uma criança espiritual. Um dos presentes sugeriu um barco para um menino, e este, juntamente com os restantes brinquedos, foi devidamente adquirido.

Comprámos uma árvore de três metros de altura, decorámo-la com as fitas e papéis habituais, brinquedos e bombons.

Uma das crianças espirituais mais velhas disse:

"Devem pôr brinquedos que façam barulho — haverá muitas crianças, e de certeza haverá uma com força suficiente para os mover."

Por isso, colocámos entre os brinquedos sinos de vento japoneses. Mas, acima de tudo, disseram-nos:

"Têm de obter ou escrever um cartão com *'Deixai vir a Mim os pequeninos'*, e pendurá-lo no topo da árvore."

Um texto ornamental com esse versículo foi obtido em Paternoster Row, e seguimos as instruções do espírito. Também escrevemos em cartões os nomes de familiares e amigos que já haviam "cruzado a barra", e amarrámo-los à árvore com mensagens como "Saudações" e "Com o nosso Amor".

Há cerca de dois mil anos, quando os romanos ocupavam a Bretanha, um certo nobre chamado Cláudio, ligado ao exército de ocupação, morreu, e uma pedra foi gravada (pode ser vista no Museu da Guildhall):

"A Cláudio nas Sombras, Saudações", e não pude deixar de pensar nisto ao escrever as nossas mensagens aos espíritos nas Esferas. Estes antigos romanos tinham uma ideia vaga de que os nossos desejos poderiam ser transmitidos aos que já partiram, mas coube aos espiritualistas demonstrar esse facto.

Tínhamos a intenção, após a sessão organizada especialmente para as crianças espirituais, de enviar a árvore para um hospital local, e explicámos isso aos nossos amigos.

"Então," disseram-nos, "a nossa felicidade começará verdadeiramente quando distribuirmos os brinquedos no hospital."

"Vocês os distribuírem?" exclamei. "Sim, vamos garantir que os brinquedos que escolhermos sejam dados àqueles para quem os destinámos."

Realizámos a sessão na véspera de Natal, e a Sra. Blanche Cooper ofereceu amavelmente os seus serviços como Médium de Voz. A sessão foi notável sob muitos aspetos. Os espíritos disseram-nos quais os hinos e cânticos que devíamos cantar, e ouvimos as crianças espirituais em grande excitação, exatamente como esperaríamos de crianças terrenas numa festa semelhante. E uma voz espiritual foi ouvida:

"Agora crianças, não se amontoem — tu fica ao lado do Sr. Saunders, e tu aqui — aí está, assim está melhor."

Perguntei se alguns brinquedos podiam ser retirados e dados aos presentes.

"Vamos tentar," foi a resposta, e ouvimos ruídos e tilintares na árvore, e algumas bolas de vidro foram retiradas, mas disseram-nos que a energia não era suficiente para retirar muitas.

As vozinhas doces e pequenas das crianças foram ouvidas em intervalos, dirigindo-se aos presentes e conversando entre si, e então surgiram mensagens de Amor de espíritos adultos. As luzes foram frequentes, e mãos materializadas, segurando uma luz azul-acinzentada curiosa, foram vistas. Duas crianças (ambas natimortas) de uma das pessoas

presentes materializaram-se o suficiente para se sentarem ao colo da mãe. Sentiu-se o peso, mas as formas não eram discerníveis.

O barco de brincar comprado para uma das crianças desapareceu antes da decoração da árvore, e perguntámos aos espíritos o que lhe tinha acontecido. "Foi embalado e enviado por engano, mas irá recuperá-lo," foi a resposta. (O que se confirmou.)

As idades das crianças espirituais presentes variavam dos dois aos dezoito anos. O mais novo não sabia falar, mas o tio, falecido há muitos anos, disse:

"Está a estender os bracinhos para ti, e quer pôr os braços à volta do teu pescoço. Oh! Quem me dera que o pudesses ver."

"Ele consegue ver-me?" perguntei.

"Perfeitamente," foi a resposta.

Na manhã de Natal, levei a árvore ao hospital num carro emprestado por um Bom Samaritano. Estava uma manhã ventosa (que mais tarde se transformou em chuva), e tive grande dificuldade em manter a árvore direita, mas acabei por chegar ao hospital, situado nos campos fora da cidade, sem, tanto quanto pude perceber, perder nada pelo caminho. No entanto, no regresso, reparei que o cartão que nos foi dito para colocar na árvore estava preso numa sebe, com o texto *"Deixai vir a Mim os pequeninos"* voltado para mim. Recuperei-o e encontrei-o perfeitamente limpo e sem um único risco, apesar do estado das estradas e da sebe.

A este respeito, deu-se um episódio curioso. Considerei o achado como um golpe de sorte e, alguns dias depois, numa sessão, comentei:

"Encontrei o cartão — foi levado pelo vento." Fiquei surpreendido ao ouvir a resposta:

"Ah, isso não foi um acaso, foi previamente planeado. Fomos nós que o tirámos, e, quando passaste, impressionámos-te para olhares. Deves lembrar-te de que nós, espíritos, embora tenhamos limitações rígidas em certos aspetos, conseguimos, em condições favoráveis, fazer coisas que vos surpreendem. Deves guardar o cartão. Da próxima vez, não coloques a árvore dentro do círculo — coloca-a fora. Não sabíamos, mas isso prejudica a energia. Estivemos todos no hospital, e ficámos felizes por ver as pobres crianças lá felizes. Cada criança espiritual viu que o seu brinquedo foi entregue à criança certa."

Na verdade, são muito humanos nas Esferas!

CAPÍTULO II
NATAL, 1923

Muito antes do Natal de 1923, os nossos amigos espirituais já faziam referência, nas sessões que tive com vários médiuns, à próxima árvore de Natal. Fiquei a saber do grande interesse que a nossa simples cerimónia despertava, não só nas crianças, mas também nos adultos das Esferas, e que até mortais participaram, como se pode ver pela carta que recebi. Não trazia nome nem morada e continha 10 xelins. Agradeci a sua receção no *Light* e disse que foi o mais doce reconhecimento que alguma vez recebi:

"No último Natal, apareceu no *Light* uma história muito bela sobre a felicidade dada a pequeninos na Terra e o prazer proporcionado a queridos pequeninos do outro lado. Para trazer o lado Crístico do Seu Amor aos pequeninos sofredores, e aos queridos pequeninos que se aproximam do autor a partir do outro lado, foi feita uma promessa de que partilhariam dessa alegria, e o valor enviado destina-se a brinquedos. Que a Sua bênção repouse sobre todos os que estão envolvidos nesta tarefa."

Durante o ano, o pequeno círculo responsável pela ideia e pela sua realização foi repetidamente encorajado pelos nossos amigos espirituais a repetir o gesto neste Natal, e o pedido surgiu por mais de um médium — por médiuns que nunca se tinham visto entre si — o que, diga-se, é uma excelente evidência para uma mente imparcial.

À medida que o Natal se aproximava, o entusiasmo dos espíritos aumentava até se tornar uma verdadeira excitação. Assim como no ano anterior, disseram-nos quais os brinquedos a adquirir, que hinos e cânticos devíamos cantar, e instruíram-nos a colocar a árvore fora do círculo e não dentro, como fizemos da última vez. Embora os adultos nas Esferas estivessem interessados na iniciativa, como era principalmente para os mais pequenos, foi-nos dito para não nos restringirmos apenas a hinos — que as crianças de lá são exatamente como as de cá e esperam um pouco de alegria natalícia, como se estivessem nas suas casas na Terra.

Numa das ocasiões, contei ao espírito que uma senhora tinha enviado dinheiro para brinquedos. "Agradece à senhora o pensamento gentil que motivou o gesto. Gostaríamos que ela soubesse que as crianças nas Esferas — ah, mais do que os pequeninos, também os mais crescidos — apreciam profundamente essa bondade. As crianças no jardim-de-infância estão muito excitadas e ansiosas por escolher brinquedos para os pobrezinhos da Terra no Hospital Infantil."

Os brinquedos recomendados eram principalmente felpudos: gatos com olhos grandes, cães de lã e ursos de peluche, e, naturalmente, bonecas para as meninas. Caixas de tintas também estavam na lista.

Para além da nossa pequena contribuição, recebemos doações generosas de várias pessoas: brinquedos vestidos e por vestir. Uma senhora anexou aos seus brinquedos os

nomes dos seus entes queridos já falecidos. Outra senhora enviou duas bonecas lindamente vestidas, e cortei da carta que as acompanhava a assinatura da remetente e costurei-a a uma das bonecas. Houve uma sequência muito interessante relacionada com estes brinquedos com nome, que contarei adiante.

Embora o nosso pequeno círculo tenha conseguido obter "vozes", estas ainda são muito fracas, e o grande desafio, com tudo preparado, foi conseguir os serviços de um médium de Voz Directa. Tivemos o privilégio de contar com a Sra. Blanche Cooper. As "vozes" através da sua mediunidade não são tão fortes como, por exemplo, as da Sra. Johnson, mas o que lhes falta em volume, compensam em doçura.

Todos os que já se sentaram com a Sra. Cooper no British College of Psychic Science sabem que ela possui dois controladores espirituais: Afid, um antigo egípcio, cuja voz geralmente só é ouvida no final das sessões, mas que está sempre presente nos bastidores, moldando e manipulando a "energia" em benefício dos presentes; e um belo espírito hindu, Nada, que faleceu há muitos anos durante o parto. Apesar de estar doente, com uma forte constipação e tosse, a Sra. Cooper teve a gentileza de nos dar uma breve sessão, e, considerando as condições, foi notavelmente boa.

Escrevemos as nossas mensagens num cartão com os nomes de familiares e amigos que tinham partido, e rapidamente soubemos que todos estavam presentes. Para nossa imensa surpresa, disseram-nos que estavam na sessão milhares e milhares de espíritos. A médium desconhecia por completo o que tínhamos feito ou quem tinha contribuído — sabia apenas que havia uma árvore de Natal na sala.

Luzes espirituais flutuaram pelo espaço, e uma mão materializada — a mão esquerda — segurando uma luz prateada e acinzentada, tocou-nos a todos. Como a mão esquerda da médium estava estritamente controlada, este facto merece registo. A luz, mesmo em contacto com a pele, não tinha calor.

Ouvimos brinquedos a serem mexidos na árvore, e disseram-nos que estavam a tentar soltar alguns. Como a árvore seria enviada no dia seguinte para um hospital infantil, os brinquedos estavam todos bem presos, mas os espíritos conseguiram tirar alguns e depositá-los no colo de uma das pessoas presentes.

Ouvimos os espíritos responsáveis pelas crianças a dirigirem-se a elas durante a sessão:

"Agora, querida, não fiques tão perto da árvore. Aí! Fica aí, assim já consegues ver melhor" — ou então:

"Anda, pequenina, dá-me a mão. Agora, qual brinquedo queres?"

E a criança respondia:

"Quero o garfo e a faca!" — brinquedos que estavam juntos num cartão. Depois, o Guia dizia: "Nada tem dois pequeninos, um de cada lado, acabados de aprender a falar. Muitos destes queridos chegaram há pouco tempo."

O burburinho de excitação era exatamente como numa festa escolar na Terra, e ouvia-se uma voz infantil:

"Posso ficar com o gato de olhos grandes?" — e uma voz mais grave respondia:

"Sim, querida. E o que a tua irmã gostaria?"

"O gato branco, por favor!"

Depois ouviu-se uma voz adulta:

"Oh! se pudessem ver estes queridos pequeninos. Olhos negros, castanhos, azuis, cinzentos — todos a brilhar de alegria e felicidade. Estão a bater palmas. Isto recorda-lhes o prazer que tinham nas suas casas, antes de serem chamados para aqui. O treino na Terra é essencial para o seu desenvolvimento, e trazemo-los à Terra para obterem a experiência necessária à construção do seu carácter. Se não viveram a vida terrena, temos de recriar o mais aproximadamente possível essas condições."

O Dr. Ellis Powell, que há pouco tempo havia partido para as Esferas, manifestou-se por um momento. Disse:

"Não quero tirar a energia, mas devo dizer que esta é uma ideia nobre, e mal calculam o interesse que despertou aqui. Deus abençoe todos os envolvidos nesta obra."

Outro espírito afirmou:

"Esta árvore, pequena como é, é como um farol a iluminar o campo em redor. Milhares a viram — para nós, as paredes não são obstáculo."

Uma voz infantil clara disse:

"Sou a Marion — o pequeno Robbie trouxe-me. Posso falar, pois já falei através de outro médium antes. Estou aqui para vos agradecer pela árvore linda. Vivemos num país maravilhoso, com muito para nos fazer felizes, mas encontramos alegria ao rever uma árvore de Natal com brinquedos, como aquelas que não há muito nos deram prazer na Terra."

Não sabemos quem é a pequena Marion, mas foi designada para ser a porta-voz das crianças.

Depois, uma criança espiritual chamada Sibyl manifestou-se. Cantou o Hino Nacional Russo (que na altura não nos disse nada, mas que soube mais tarde, por um familiar, ter grande significado) e disse:

"Vi os brinquedos que a minha querida avó enviou, e gostaria que lhe dissesses que todos os que ela mencionou estão aqui, e mandam o seu amor."

O Controlador disse:

"Está aqui um espírito — um jovem que partiu durante a guerra. Viu o nome da mãe escrito aqui. Estamos a usar a energia para as crianças, mas ele quer que a mãe saiba que ficou feliz ao ver o trabalho dela na árvore."

Foi-nos dito para cantarmos um cântico, e uma voz feminina espiritual juntou-se, com tal beleza e pureza que todos sentimos um prazer imenso ao ouvi-la, e parámos de cantar para escutá-la melhor. Sobressaiu claramente, melodiosa e luminosa sobre todas as nossas vozes — uma belíssima voz de soprano. O espírito disse-nos que, noutra ocasião, quando a energia fosse mais forte, nos cantaria algo composto nas Esferas, "palavras e música — como nada que tenham na Terra".

Um episódio comovente foi a tentativa de uma voz infantil de participar noutro cântico. A sua vozinha aguda subia e descia sem qualquer atenção à melodia, mas a pequena acreditava estar a cantar afinada. Depois improvisou uma espécie de monólogo cantado, onde, numa amálgama de linguagem infantil, expressou a sua felicidade por estar ali.

Perto do final da sessão, um espírito disse: "Não pensem que a nossa alegria termina com este encontro. Iremos seguir a árvore, como fizemos no ano passado, até ao Hospital, e asseguraremos que os pequenos lá recebam os brinquedos que lhes destinámos. Eles pensarão que os escolheram por si mesmos. Mas nós sabemos melhor."

Apesar de a médium estar fisicamente debilitada, os fenómenos foram excelentes. Foram ouvidas claramente catorze vozes espirituais, e outras tentaram manifestar-se, embora com menos sucesso.

No dia seguinte, a árvore foi levada para o Hospital Infantil, para grande alegria dos pequeninos lá internados, que, ao escolherem os brinquedos, nem imaginavam a multidão de crianças espirituais profundamente interessadas e atentas. Soubemos, por outra via, que as crianças espirituais não abandonaram a árvore até que esta estivesse completamente despida dos brinquedos. Que visão seria essa para a visão clarividente!

Tudo nas Esferas é regulado por lei e ordem. Pode haver felicidade vibrante, até excitação, mas tudo decorre de forma ordenada, e o espírito adulto que acompanhava as crianças disse-me:

"Organizámos as crianças para que vissem os seus irmãos e irmãs terrenos felizes com a distribuição dos brinquedos. Com os braços estendidos, apontavam para este e aquele brinquedo, e faziam os seus comentários de bebé, como fariam na Terra. Poder-se-ia pensar que os aplausos das suas pequenas mãos seriam ouvidos por vocês. Foi uma ideia bonita, e trouxe alegria a duas Esferas."

CAPÍTULO III
NATAL, 1924

O relato da terceira sessão foi publicado no *Light* de 10 de Janeiro de 1925, com o seguinte teor:

Ao escrever sobre o que se passou na cerimónia junto da nossa terceira árvore de Natal, aproveito para agradecer aos leitores do *Light* que enviaram cartas de apreço ou doações, do Canadá, Bélgica e várias partes das Ilhas Britânicas. Fico grato pelas cartas, e o dinheiro permitiu-nos comprar mais brinquedos para as crianças do hospital. No entanto, nunca procurámos ajuda dessa forma. Parece-nos que o carácter íntimo do nosso pequeno trabalho perderia o seu encanto se fosse excessivamente expandido.

Este ano decorámos a árvore com muitos brinquedos bonitos, e duas guirlandas de lâmpadas elétricas coloridas realçaram muito o efeito. Foi-nos dito que todos os brinquedos tinham sido examinados pelas crianças espirituais, das quais se contavam aos milhares! A maioria dos brinquedos tinha rótulos com os nomes de crianças que haviam partido para o "Verão-Eterno", vindas de todas as partes do mundo.

Ainda assim, por mais espantoso que pareça, essas crianças estavam ali — e várias falaram connosco. O laço de amor é tão poderoso que, onde quer que exista, cria uma conexão imediata entre a Terra e as Esferas. No mundo espiritual, o espaço, tal como o concebemos, não existe. A rapidez do voo espiritual anula-o. Eles vêm e vão num piscar de olhos!

Mais uma vez tivemos o privilégio de contar com a Sra. Cooper como médium. As idades das crianças variavam desde bebés ao colo até adolescentes de cerca de dezassete anos, e muitos espíritos adultos também estavam presentes. Obtivemos dezasseis vozes no total — dez de crianças pequenas, e seis de adultos. Uma voz de bebé iniciou, na doçura própria das vozes infantis, o cântico "*While shepherds watched their flocks*", e do ponto de vista melódico deixou muito a desejar, mas a sinceridade era inegável. A voz foi amparada por outra, de uma rapariga, que cantava em perfeita harmonia. Elogiámos a pequena, dizendo que tinha cantado muito bem, e o guia, Nada, comentou: "A pequenina tem apenas três anos, e a outra tem dezassete."

A árvore de Natal foi agitada, e os sininhos de vento japoneses tilintaram em intervalos durante a sessão, e algumas bolas de vidro desprenderam-se, apesar de pensarmos que estavam bem presas. O guia hindu Nada falou (como de costume, na terceira pessoa):

"Nada está cheia de entusiasmo e felicidade. As queridas crianças passaram muito tempo a olhar os brinquedos e já fizeram a sua escolha — seguirão a árvore até ao hospital e renovarão a sua felicidade ao verem a das crianças terrenas. Nada gostaria de ser porta-voz e dizer umas palavrinhas de agradecimento aos que contribuíram (isto foi dito como se estivesse a ser soprado) para a felicidade de muitos milhares de crianças aqui."

Outro espírito acrescentou:

"Oh! se pudessem ver a luz feliz a brilhar nos olhos destas queridas crianças espirituais, saberiam que os vossos esforços para lhes trazer alegria são mais do que apreciados."

Um incidente muito humano ocorreu durante a sessão. Duas bonecas tinham sido colocadas no topo da árvore, que tinha mais de três metros de altura, com o nome de uma criança que havia falecido na América. A criança estava presente e disse:

"Agradece ao avô e aos que estão do outro lado do oceano pelas bonecas bonitas."

Depois, outra voz infantil disse:

"Oh, gostava daquela boneca linda lá no alto. Posso tê-la?"

E ouvimos a criança para quem era destinada responder:

"Sim, se quiseres."

Mas uma voz mais velha interveio:

"Não, são para a Dorothy, mas podes ficar com o coelho bonito."

E acrescentou, dirigindo-se a nós:

"Veem, queridos amigos, aqui nesta bela Esfera-jardim de infância há muito pouco egoísmo — a pequena Dorothy cederia com alegria à amiga o brinquedo enviado por quem está tão longe, mas não podemos permitir isso. A outra ficará perfeitamente feliz com o coelho, e não podemos permitir que a Dorothy sacrifique a sua alegria."

A agitação e animação em torno da árvore foram ouvidas por todos os presentes. Ouvíamos vozes infantis diferentes:

"Quero o Félix, por favor", ou "Oh, gostaria daquele ursinho tão bonito", e assim por diante, e as vozes dos espíritos mais velhos:

"Um de cada vez, crianças — não se amontoem — sim, podes ficar com o ursinho, mas todos os brinquedos com nomes são para quem está identificado neles."

Um menino, agora com quatro anos, que faleceu ainda com poucos meses, ficou encantado com uma motorizada em miniatura pendurada na árvore. Tínhamos pedido por essa criança, e uma rapariga mais velha disse:

"Ora, ele esteve aqui o tempo todo!" Depois, para a criança: "Anda, querido, fala."

Ora, essa criança nunca tinha falado em vida, e ficámos estupefactos ao ouvi-la dizer com clareza: "Gostei muito do meu brinquedo."

"Isso é uma palavra grande para um menino tão pequeno," comentámos.

A criança respondeu: "A tia disse-me para dizer 'gostei muuuuito' — e eu gostei mesmo."

Esta criança, desde o nascimento até ao momento em que partiu, nunca esteve livre de dor, e o conforto de saber que agora é um menino saudável e feliz, como qualquer pai desejaria, é indescritível. Vem brincar com os seus jovens familiares, mesmo que estes mal o percebam. Quem dera que todos os que "perderam" (como pensam) uma criança pudessem ter este pensamento.

Todos os rótulos foram lidos e comentados pelos Espíritos, mas ocuparia demasiado espaço relatar tudo o que aconteceu numa hora de fenómenos maravilhosos. Luzes, materializações parciais e vozes preencheram todos os momentos.

Os presentes iniciaram um cântico, e uma voz espiritual pura e doce de uma jovem elevou-se acima de todas, em harmonia tão bela que encantou todos. Ouvíamos as crianças a conversarem entre si. "A Doreen vai dizer-nos," dizia uma voz, e outra, clara e vigorosa: "O que queres, querida?" — e seguiu-se uma conversa natural e familiar.

A médium estava com muita má saúde e as condições atmosféricas eram desfavoráveis, mas foi-nos dito que houve ajuda adicional de Espíritos da América do Norte, com grande poder magnético, e Afid, o velho guia egípcio da Sra. Cooper, fez esforços especiais.

Depois da sessão, estávamos de pé a conversar sobre os episódios que acabáramos de testemunhar, à luz plena das lâmpadas elétricas, quando, para nossa surpresa, a voz do guia hindu voltou a ouvir-se. "Nada gostaria que a médium retirasse o coelho de brincar, para que a menina que o queria o possa ver sempre que desejar."

E aqui temos dois pontos de teste muito valiosos nesta sessão. A árvore estava fora do círculo, presa firmemente ao tecto e afastada da médium, que se encontrava sob controlo rigoroso. A árvore exigia força considerável para ser movida, no entanto foi abalada várias vezes e todos os brinquedos tilintaram, e em plena luz, a voz de Nada foi ouvida claramente por todos.

No *International Psychic Gazette* de Janeiro de 1925, o editor teve a amabilidade de me ceder a página editorial, onde inseriu o seguinte:

Realizámos o nosso pequeno serviço em torno da árvore, como de costume, com toda a reverência, tendo como ideia central o versículo "*Deixai vir a Mim os pequeninos*", inscrito num cartão que coroava a árvore.

A experiência foi altamente bem-sucedida, e repetimo-la no Natal de 1923. Nessa altura, já sabíamos que o interesse por aquilo que nos foi descrito como uma função única era absolutamente extraordinário, e que não só as crianças espirituais, mas centenas de adultos também estavam presentes. As crianças vinham aos milhares, grupo após grupo, em turnos, e uma sala com capacidade para uns vinte mortais revelou-se suficiente para milhares de Espíritos! Para eles, as paredes não existem, e foi-nos dito que "a luz desta humilde árvore brilha como um farol nas esferas" e atrai grande atenção.

Fizemos referência ao assunto em várias sessões com diferentes médiuns de voz, e descobrimos que os guias desses médiuns também compareceram. A nossa ideia original era apenas agradar à jovem espiritual que sugeriu a iniciativa, e talvez a alguns dos seus amigos no "Verão-Eterno". Ficámos, por isso, surpreendidos e felizes ao saber que muitos Espíritos que, em vida, tinham nomes famosos, apreciaram este trabalho simples. O destino final da nossa árvore foi um hospital infantil em Londres, proporcionando assim alegria a crianças de dois mundos.

Belas luzes espirituais prateadas flutuaram pela sala, e várias mãos materializadas foram vistas e sentidas. Num dos momentos mais comoventes, manifestaram-se duas queridas almas gémeas — irmãs gémeas, filhas natimortas de uma das participantes. Uma tentou desprender um brinquedo da árvore para oferecer à mãe, e duas pequenas mãos foram vistas a segurá-lo, mas aparentemente não o conseguiu transportar. Então, mais duas mãozinhas agarraram o brinquedo, e as quatro mãos de bebé trouxeram-no até ao colo da mãe. Pelo caminho, ouviu-se uma vozinha:

"Oh, eu não consigo segurá-lo," e uma voz mais velha respondeu: "Não o deixes cair, querida."

Além disso, ouvimos não apenas vozes isoladas, mas também duas, três e até seis vozes infantis a falar em simultâneo. A excitação e agitação eram exatamente como se esperaria num grupo de crianças pequenas reunidas na Terra.

E o interesse não se limitava ao mundo espiritual. Após a descrição da primeira sessão, recebi cartas da África do Sul, Canadá, EUA, Holanda, Bélgica e várias partes do Reino Unido. Um cavalheiro escreveu-me de Cincinnati, Ohio:

"Não me lembro de ter lido algo que me tocasse mais profundamente do que o relato da árvore de Natal — nada mais comovente ou mais belo", e incluiu os seguintes versos:

PEQUENINOS DO VERÃO-ETERNO

Queridos amiguinhos, vinde até nós,
Aqui vos aguarda sincera voz.
Sabemos que vindes do lar tão brilhante,
Trazer-nos amor e carinho constante.

Abençoai esta árvore de Natal,
Que cada brinquedo seja sinal
De que corações tristes e desfeitos
Encontrem amor nos vossos efeitos.

E agora vos dizemos com gratidão
Que prezamos muito a vossa atenção.
Que Deus vos guarde, vos envolva e ampare,
E no Seu amor sempre vos prepare. — H.C.

Logo após receber esta carta, levei-a a uma sessão de Voz Direta e, quando a luz foi apagada, coloquei a carta e a folha com os versos no chão, sem que a médium o soubesse. Formulei mentalmente o pedido para que o Espírito presente lesse. A resposta surgiu tão prontamente como se tivesse sido feita em voz alta:

"Li a carta. É muito doce. Mostra os versos à médium."

Acontece que, de propósito, tinha colocado a carta sobre os versos, e nem com luz plena alguém poderia saber o que estava por baixo.

Outro episódio notável de ligação: um senhor escreveu-me acerca de uma menina, "Dorothy", que havia falecido na América, e esperava que ela pudesse estar presente na árvore de Natal daquele ano. Numa sessão recente, a criança espiritual que iniciara todo este movimento surpreendeu-me ao dizer:

"Vi tantas crianças que querem vir, e falei com a pequena Dorothy. Ela está doida por vir."

Quando expressei surpresa por se encontrar uma alma entre milhões, um Espírito mais velho explicou: "Ah! o laço de amor aqui é intenso; por mais forte que seja convosco, aqui domina tudo. É o nosso guia infalível."

Perguntei a esse Espírito se o Dia de Natal ou o Dia de Ano Novo eram reconhecidos como festividades nas Esferas. A resposta foi:

"Enviamos as nossas saudações de amor nessas ocasiões uns aos outros. Embora não conheçamos o tempo como vós o entendeis, sabemos quando ocorrem esses aniversários, pois o nosso contacto frequente com a Terra dá-nos conhecimento de todos os vossos costumes. Como línguas e países não nos limitam, também conhecemos as festas de outros povos. O Natal é sempre uma época gloriosa para nós — recebemos as radiações da Esfera do Cristo."

Agora, nós, do nosso pequeno círculo, aguardamos com grande expectativa a árvore de Natal do próximo ano.

CAPÍTULO IV
NATAL, 1925

A nossa última sessão foi na véspera de Natal de 1925. O interesse manteve-se forte e, muito antes de Dezembro, já recebíamos mensagens espirituais a lembrar-nos do nosso dever e dizendo que deveríamos continuar o "bom trabalho". Assim, o *Light* de 6 de Janeiro de 1925 publicou o seguinte:

O subtítulo "*As Crianças de Dois Mundos*" foi escolhido pelo editor do *Light* para o pequeno artigo que escrevi sobre este tema em 1923, e revelou-se extremamente apropriado, pois a sensação da presença das crianças espirituais era tão real como seria a presença física das crianças do hospital, para onde a árvore e os brinquedos seriam posteriormente enviados. Tudo o proclamava aos nossos sentidos, tal como a consciência da sua existência o fazia às nossas mentes.

O burburinho e a excitação da chegada dos pequeninos, os tons variados de mais de trinta vozes diferentes, as luzes espirituais, as mãos materializadas a tocar-nos, e o roçar das vestes espirituais pelo rosto, tudo com a médium sob controlo rigoroso, testemunhavam esta realidade. E, não fosse o sol excecionalmente brilhante que penetrava pelas cortinas — sendo os raios brancos, disseram-nos, prejudiciais aos melhores resultados — teríamos tido fenómenos ainda mais extraordinários.

Isto foi ainda mais notável porque, até ao último momento, não sabíamos se teríamos uma médium de voz disponível, já que a Sra. Blanche Cooper, que tão gentilmente nos tinha assistido anteriormente, estava muito doente com laringite e palpitações, e tinha interrompido o trabalho no British College. Consultara um especialista essa mesma semana, que lhe recomendara o maior cuidado. Como foi curada e conseguiu comparecer será revelado a seu tempo. Em qualquer caso, tínhamos decidido realizar a sessão, confiando na pouca força psíquica que nós próprios possuíamos, certos de que a presença das crianças espirituais não seria de modo algum diminuída. Mas desejávamos profundamente ouvir, ver e sentir os nossos pequenos visitantes espirituais — algo só possível com alguém dotado como a Sra. Cooper.

A sessão foi rica em incidentes com valor comprovativo — não porque os procurássemos, mas porque surgiram naturalmente. Muitos brinquedos traziam o nome de uma criança que já havia partido, enviados por familiares, e eu, de propósito, evitei ver os nomes para eliminar qualquer hipótese de telepatia. Ainda assim, os nomes foram lidos e comentados pela própria criança a quem se referiam. A médium entrou na sala pela primeira vez, já com pouca luz, apenas cinco minutos antes da sessão, e não viu mais do que os muitos brinquedos pendurados numa grande árvore de Natal.

A primeira voz a saudar-nos, para além dos guias espirituais, foi a de uma criança chamada Dorothy, que havia partido nos Estados Unidos da América e se ligou a nós de forma verdadeiramente notável. Um ano antes, os seus familiares na América tinham lido o relato da árvore de Natal no *Light* e enviaram-me uma carta de apreço. Coloquei essa carta no chão durante uma sessão, algures no verão, sem que a médium soubesse, e dirigi mentalmente a atenção dos Espíritos para ela.

A carta foi lida, e afirmaram que a primeira criança a falar na próxima cerimónia seria a pequena Dorothy. E aqui estava ela, a primeira a manifestar-se! Depois de nos pedir que enviássemos o seu amor aos "que estão do outro lado do oceano" e dizer que ansiava por este momento, perguntámos-lhe que brinquedo gostaria de ter.

"Aqueles que vieram de casa", respondeu. Os seus familiares tinham enviado duas bonecas e um par de mocassins, todos de fabrico e vestimenta indígena. Então comentei:

"Ah! A índia, a 'Squaw'?"

"Não," respondeu — uma palavra pouco comum entre ingleses. A boneca estava fora do campo de visão da Sra. Cooper.

Muitas vozes de crianças foram ouvidas a conversar entre si, e o guia "Nada" foi escutado a dizer:

"Agora, pequeninos, não se amontoem, não se empurrem. Todos irão ver."

E depois, para nós:

"São como cavalos de corrida à volta da árvore; estão a empurrar-se uns aos outros para se aproximarem. Com certeza conseguem ouvi-los?"

De facto, ouvíamos claramente frases como:

"Esse é o meu brinquedo, quero-o, por favor" e "Eu também — sou mais velho que ele, devia ser meu."

Aqui estava a prova de que as crianças espirituais não diferem em nada das da Terra no essencial! Uma voz espiritual mais velha disse:

"Não faz mal, querida, aqui tens um igual."

E a voz da primeira criança novamente:

"Ele pode ficar com ele."

Outra vozinha disse:

"A mamã mandou-me isto — não é lindo?" e "Esse é o meu ursinho."

"Posso ficar com o gato branco? Oh, gosto tanto do cãozinho!"

"Quero o… Es-Esqui-Esquimó…"

Uma criança identificou-se como Alfy, e o Sr. Morris, um dos presentes, comentou: "Tenho um irmão chamado Alfy, pequenino, no mundo espiritual."

A criança respondeu:

"Sim, mas ele não é como tu — tem cabelo preto e encaracolado."

Como já tinham passado trinta e sete anos desde a morte desse irmão, o Sr. Morris ficou surpreendido, mas confirmou que era verdade quanto à diferença no cabelo. Ele próprio tinha cabelo claro e ralo — claramente a criança espiritual notou essa distinção!

Esse irmão, a propósito, manifestou-se mais tarde. "Perdido no mar há todos estes anos", dissera. Tinha um espírito aventureiro e era mais feliz em tarefas perigosas; ao contornar o Cabo Horn, enquanto trabalhava no gurupés, caiu ao mar. Surgiu cantando um trecho de *Over the Bounding Main* numa voz masculina profunda, impossível de imitar pela Sra. Cooper, e disse: "Ah, foi um grande mergulho — um mergulho na Eternidade."

Na véspera da sessão, tínhamos iluminado a árvore com pequenas luzes elétricas, dando-lhe um aspeto encantador, e os Espíritos pediram-nos que colocássemos um disco de dança animado no gramofone, pois as crianças queriam dançar à volta da árvore. Perguntámos nesse dia se tinham gostado. "Muito mesmo", disse um dos Espíritos adultos, "correram em volta como póneis brincalhões — adoram músicas animadas e gostam tanto de diversão como as crianças terrenas."

A meio da sessão, ouviu-se uma voz masculina suave mas clara — não a cantar, mas num tom de cântico melódico:

"Venho dos Reinos Superiores do país de Deus, e digo-vos que a felicidade que estas crianças agora demonstram nasceu de um pensamento implantado nas vossas mentes por ação espiritual. Deus abençoe todos os presentes."

Mas a manifestação mais impressionante foi a do grande persa Abduhl Latif — ouvi-o uma dúzia de vezes por diversos médiuns, mas nunca com tanta força como desta vez. A voz grave e solene ressoou em tons vibrantes, suficientemente audíveis para se escutarem fora da casa, com um efeito profundo em todos. Disse:

"Eu, Abduhl Latif, curei a médium. Impressionei o especialista terreno com o diagnóstico correto. Ela irá recuperar." E uma voz feminina suave acrescentou:

"Abduhl inspirou o médico que assistia a Sra. Cooper a procurar ajuda de um especialista. Abduhl já havia escolhido esse especialista, sabendo que era ligeiramente psíquico, embora inconsciente disso, e que a sua influência seria corretamente recebida. Quando a receita que Abduhl inspirou foi inicialmente preparada pelo médico local, faltava-lhe um ingrediente importante. Os nossos amigos espirituais notaram isso, e o médico foi impressionado para preparar uma nova dose com esse ingrediente incluído."

A mesma voz suave disse:

"Se pudessem ver os olhos das crianças aqui, a brilhar de alegria, sentir-se-iam mil vezes agradecidos."

"As crianças falam como se estivessem realmente a mexer nos brinquedos," comentei.

"E estão mesmo", respondeu o Espírito.

"Não falo simbolicamente quando vos digo que cada brinquedo, cada bombom pendurado na árvore, tem o seu equivalente aqui. Tudo o que é criado na Terra tem o seu correspondente nas Esferas, tal como cada pensamento, palavra e ação é registado aqui. É uma lei mais rígida do que a da gravidade entre vós, e assim, quando uma criança diz que tem o brinquedo, é verdade — e neste momento está a brincar com ele. Oh, as crianças do jardim-de-infância de Deus! os seus olhos estão iluminados de alegria. A Margery tem o seu ursinho. A Amy, a Lily e a Dorothy estão felizes com os seus brinquedos, e a Eileen e o irmão receberam os que lhes foram enviados. Todos os nomes escritos nesse cartão (eram quarenta nomes de amigos nossos que já tinham partido) estão aqui, e milhares de outros que vocês não conhecem. Cada brinquedo na vossa árvore está na posse de uma criança aqui, e a sua alegria será ainda maior quando o partilharem com as crianças do hospital."

Analisando as vozes, vinte e uma dirigiram-se diretamente a nós, e cerca de uma dúzia de outras crianças falavam entre si. Catorze das vinte e uma eram vozes infantis, quatro de adultos homens, e três de mulheres. Entre os nomes ouvidos estavam Robbie, Archie, Alice, Danny, Doreen, Isabelle e Florrie. Foi feita referência ao cartão que eu colocara no topo da árvore sem que ninguém o soubesse — com o versículo "*Deixai vir a Mim os pequeninos*". E um pequenino perguntou alegremente: "Podemos ter as velinhas, por favor?" — sem saber nada sobre lâmpadas elétricas!

Assim, no quarto ano da árvore de Natal, ouvimos as vozes dos nossos amigos espirituais — desde o doce balbuciar de uma criança de dois anos, até à voz grave e imponente de alguém que partiu há 750 anos: Abduhl Latif!

O International Psychic Gazette de Fevereiro de 1926 publicou o seguinte relatório da minha autoria sobre a sessão:

Recebemos muitos brinquedos para a nossa árvore de Natal este ano, rotulados com os nomes de crianças que haviam partido, e para excluir qualquer suspeita de telepatia, nunca consultei os rótulos. Assim, quando os nomes foram referidos (como de facto aconteceu), o valor comprovativo foi ainda maior. Não que procurássemos confirmação, mas quando os testes são oferecidos espontaneamente, não nos cabe ignorá-los.

Alguns incidentes notáveis marcaram esta sessão, particularmente o facto de termos tido médium presente. A Sra. Blanche Cooper, que gentilmente voltou a oferecer os seus serviços, estava muito doente. Problemas cardíacos e laringite forçaram-na a interromper o trabalho, mas foi restaurada à saúde e pôde colocar-se novamente à disposição graças ao grande e bondoso espírito Abduhl Latif, de cujas curas em favor da humanidade sofrida já tive provas abundantes.

Pouco antes da sessão, dois pequenos episódios mostraram como os nossos amigos espirituais seguem atentamente os nossos atos. Uma criança espiritual disse-me:

"Nós vimos-te a comprar os brinquedos de 'N'tal e ficámos contentes" (repare-se na gramática descuidada!); e noutra ocasião disseram-me:

"Nós vimos a 'Á'vore de N'tal."

Como nem sequer eu a tinha visto ainda, perguntei como era possível, e um espírito mais velho respondeu:

"As crianças estavam contigo quando falaste dela com o florista, e sentiram a imagem da árvore na mente dele, e seguiram-no até onde ele a guardava."

Mais uma prova da tangibilidade do pensamento e da facilidade com que o leem!

Importa salientar que a Sra. Cooper entrou na sala apenas alguns minutos antes do início da sessão e, além de ver uma grande árvore decorada com brinquedos, nada sabia sobre os rótulos ou as mensagens escritas nos cartões dirigidos aos nossos amigos do Além. Ainda assim, todos os nomes inscritos foram mencionados durante a sessão, e muitos referiram-se às saudações. Vinte e uma vozes falaram connosco diretamente, e outras tantas crianças, cujos nomes recebemos dos espíritos, foram ouvidas a conversar entre si.

O maior encanto e alegria da sessão foi ouvir estas vozinhas infantis a conversar. Ouvimos as crianças a reunir-se, e o seu prazer era evidente pelas expressões que captávamos. A algazarra de vozes e a excitação eram exatamente as mesmas que se escutariam num grupo de crianças terrenas. A minha posição no círculo colocava-me praticamente entre os ramos da árvore, e durante toda a sessão ouvi as pequenas vozes à minha volta, às vezes sobrepondo-se, outras vezes em perguntas e respostas.

A árvore estava longe da médium, e era totalmente impossível para ela tocar em qualquer brinquedo — no entanto, durante toda a sessão a árvore balançava, os brinquedos tilintavam, e os sinos de vento soavam, enquanto os pequeninos brincavam com as suas mãos materializadas.

Por vezes, o tecido materializado das vestes espirituais dos Espíritos mais velhos roçava-nos o rosto, luzes espirituais surgiam do lado oposto da sala onde estava sentada a médium, e vagas psíquicas varriam o círculo em rajadas frescas, embora portas e janelas estivessem fechadas, impossibilitando qualquer corrente de ar natural.

Um velho espírito, que nos foi dito ser persa, dirigiu-se a nós num cântico melódico composto nas Esferas, mas nenhum de nós compreendeu a língua. Tivemos também a manifestação do Sr. Phillip Wriedt, marido da Sra. Wriedt, de Detroit, conhecida há quase cinquenta anos na América e Inglaterra como médium de voz. Sofrera mais de um ano com doença de Bright e só partiu em 11 de Dezembro de 1925 — facto que a Sra. Cooper desconhecia.

Deu apenas uma curta mensagem, dizendo que sabia que a sessão era realmente para as crianças, e, ao ser-lhe perguntado se as Esferas eram como imaginara, respondeu: "Muito, muito mais maravilhosas e belas do que jamais imaginei."

Uma criança chamada Dorothy, que havia partido na América, trouxe uma mensagem de amor para os seus familiares. Pediu um brinquedo da árvore "enviado pelos meus — quero a 'squaw'." A médium não vira, nem sabia, que tinham sido enviados brinquedos vestidos por indígenas — uma prova clara e valiosa.

Uma pequena chamada Isabelle, que partiu antes mesmo de respirar na Terra e que se manifestara frequentemente, perguntou:

"Vamos ter outra 'Á'vore de N'tal' no próximo 'Tismas'?"

Respondi: "Sim, querida."

"Oh, mas isso são mais de trezentos dias ainda?" disse a criança, alarmada.

"O que disseste?" — a voz afastou-se, soando triste do outro lado da sala:

"O que quer ele dizer, Tia Mary?"

Uma voz feminina suave respondeu:

"Saberás mais quando fores maior."

"Mas ele disse... oh, o que foi que ele disse?" continuou a criança, num tom doloroso.

"Receio ter assustado a Isabelle," comentei.

"Vês, aqui não medimos o tempo como vós, e se tivesses dito 'um ano', não a teria perturbado. Mas aquilo que disseste pareceu-lhe um tempo terrível. Ela não quer esperar tanto — eu explicarei."

Um espírito apareceu, e o seu traje foi descrito pelo guia:

"Tem uma túnica branca, que cintila como seda ondulante, e belas cores aparecem e desaparecem à medida que ele se afasta. Por vezes parece tingida com as cores do arco-íris."

As cores têm grande significado nas Esferas — e mais influência na Terra do que se pensa. Elas reagem sobre as doenças, e os vossos médicos deviam estudar o seu efeito, pois algumas cores têm influência benéfica sobre certas enfermidades.

Ouvimos uma criança reivindicar um brinquedo por ser um ano mais velha do que outra que também o desejava. Outras reclamavam brinquedos porque "a mamã o enviou" ou porque trazia o seu nome. Um pequeno incidente destacou claramente que a telepatia — tão frequentemente invocada como explicação — nada tem a ver com os fenómenos. Uma criança espiritual chamada Eileen pediu um brinquedo e uma das pessoas presentes disse:

"Oh, sim, eu sei — vi o teu nome nele." A criança respondeu: "Esse era o nome da Margery. Eu não tinha nenhum com o meu nome, mas deram-me um, e o meu irmão também recebeu um."

Estas quatro sessões transbordaram literalmente de provas evidenciais. Durante todo o tempo, a médium, Sra. Blanche Cooper, esteve sob controlo rigoroso, incapaz de se mover um centímetro sem ser notado, e no entanto luzes surgiram a metros de distância, mãos materializadas — de crianças e adultos — foram vistas e sentidas, e vozes foram ouvidas, desde o timbre agudo de bebés até aos graves tons masculinos. Perfumes também foram sentidos — às vezes por todos, outras vezes apenas por um participante. Manifestaram-se crianças e adultos de quem nunca ouvíramos falar, mas, após investigação, os detalhes mais íntimos confirmaram-se.

Foi dada abundante evidência que poderia ser avaliada pela razão, mas a mais doce, a mais satisfatória de todas, foi a que tocou o coração — de natureza privada e sagrada, e de tal intensidade que forçaria a convicção, embora não possa ser revelada publicamente. Na atmosfera que estes pequeninos trazem ao círculo, dúvida ou suspeita não têm lugar.

É natural que, ao registar estas quatro ocasiões, surja alguma repetição na descrição do ajuntamento das crianças espirituais e da sua tagarelice, mas que repetição maravilhosa! Pequenos que nunca respiraram na Terra, outros que partiram como bebés — nenhum deles tinha ideia do que fosse uma árvore de Natal. E outros ainda que, em vida, presenciaram as festas nas suas casas, sabiam bem a alegria que sentiam — tudo isto era de uma beleza extraordinária, e o espanto só aumentava com o passar dos anos.

E, para coroar tudo, após a sessão da véspera de Natal de 1921, enquanto conversávamos sobre o que acabara de acontecer, à luz intensa da sala, a voz do guia da médium, Nada, foi novamente ouvida por todos, a dar instruções sobre o destino de um certo brinquedo na árvore que tinha especial importância.

Em condições favoráveis, não é incomum que vozes se manifestem à luz do sol ou artificial com a Sra. Cooper.

Aqueles que criticam os fenómenos precisam de rever as suas teorias e apresentar algo melhor do que telepatia, imaginação ou fraude para explicar estas maravilhas.

Há muitos que, mesmo sem o conhecimento espiritualista da continuidade da vida, ainda mantêm esperança nisso — e expressam esse sentimento de forma simples, mas terna. Colocam uma cadeira à mesa em ocasiões especiais — aniversários, Natais ou o dia da partida — para o pequenino que partiu.

E, no caso de adultos, um talher, até um prato com uma pequena porção de comida. Repetem, inconscientemente, o que milhões no Oriente fazem em homenagem aos seus mortos — é o impulso natural da humanidade onde existe um afeto profundo. Todos aqueles cujo coração os move a tais gestos podem estar seguros de que essa cadeira nunca está vazia nessas datas — nem em muitas outras. É o desejo tão belamente descrito por Charles Dickens no seu conto de Natal *O Homem Assombrado*:

"Senhor, que a minha memória permaneça viva."

A ÁRVORE DE NATAL DE 1931 PARA AS CRIANÇAS ESPIRITUAIS

(Extra)

O interesse diminuído por este pequeno Rito anual de Amor é desmentido pelas muitas cartas que recebi este ano de vários países europeus, América e África do Sul, e este já foi o meio de dar início a encontros semelhantes com o mesmo doce propósito, pelo que o bom trabalho está a ser levado por diante em muitos lugares.

Já se passaram cerca de dez anos desde que iniciámos este serviço, então uma função única, e as crianças espirituais desses tempos já passaram pelo jardim de infância e pelas escolas primárias (pois tais existem, com certeza, nas Esferas) e agora estão encarregadas de outras pequenas que estão a começar.

Este ano foram recebidos vários brinquedos e presentes, e alguns devem ter custado bastante dinheiro, mas é o amor e o cuidado que acompanham os presentes que realmente contam, pois estes ficam permanentemente registados nas Esferas, independentemente do seu valor material.

Claro que a Sra. Roberts Johnson, que mais uma vez ofereceu os seus serviços mediúnicos, nada sabia das cartas ou brinquedos que recebi, nem precisa de saber, pois a sua própria mente nunca é ativada. Os especialistas espirituais simplesmente usam as faculdades psíquicas com que a natureza a dotou para além do normal, e, no entanto, foi feita repetida referência, por espíritos adultos ou pelas crianças, a uma carta ou brinquedo em particular, mostrando como acompanham de perto todos os envolvidos na função.

Foi-nos dito que havia milhares de crianças presentes, chegando em grupos de centenas de cada vez, e ouviram-se quase cinquenta vozes reais, algumas delas de adultos.

Um espírito adulto disse: — "Devia pedir desculpa por me intrometer, mas todos aqui estão ansiosamente desejosos de dizer uma palavra, e as crianças estão tão fascinadas e entretidas com a árvore que aproveitei a minha oportunidade." Eis alguns dos nomes que foram pronunciados: — Babs, Valerie, Daphne, Hugh, Harry (2), Robbie, Sonie Boy, Querida, Marjory, Prudence, Molly, Keith, Dorothy, Lester, Pringle, John (2).
Alguns disseram nome e morada. Bobbie Armstrong disse: —

"Vou ficar para a festa, vou mesmo", e outra criança disse com dificuldade: "Tenho um laço bonito." Evidentemente, a árvore é considerada um acontecimento importante.

A pequena Myrtle falou tão baixinho que lhe pedimos para falar mais alto. "Não posso falar mais alto," disse ela, "mas agradecemos a árvore."

Muitas das crianças enviaram mensagens de amor e beijos para quem enviou os brinquedos. Dorothy disse: "Diz à minha querida mãe que estamos tão felizes, o avô e eu. Recebeste uma carta dela." (Verdade; era da América, mas ninguém sabia disso exceto eu.)

A Barbara, a quem nos dirigimos como "pequena Barbara", disse: "Mas eu estou a crescer!" Clifton White, de Shrewsbury; Arnold Armstrong, de Wolverhampton; Layley, Seaham Harbor; William Thomson, de Hampstead; John Sanderson, de Palmers Green, entre outros, anunciaram a sua presença.

Uma criança disse que estava debaixo da árvore, e a voz foi ouvida a vários metros de distância da médium. Outra criança fez soar os "sinos de vento" pendurados na árvore. Por vezes, manifestava-se uma criança para a qual não havia brinquedo com nome, e ouvia-se uma vozinha com tristeza:

"Estou à procura de um, e não o consigo encontrar."

Um dos espíritos adultos disse:

"O equivalente espiritual desta árvore está nas Esferas, e disseram-me que, se viesse aqui, veria a árvore da Terra. Não conseguia acreditar, mas resolvi arriscar — e agora sei."

Outro espírito adulto disse: "Foi um pensamento belo, e a gratidão amorosa dos pequenos flui para todos vós." Uma das crianças queria saber ansiosamente quando seria montada a próxima árvore!

É uma grande alegria partilhar da felicidade sentida pelas crianças espirituais durante a cerimónia da Árvore de Natal. Algumas nunca tinham assistido a tal espetáculo, e outras tinham apenas a lembrança de uma ou duas árvores ainda na Terra.

OUTRA FESTA EM FARNINGHAM

Realizou-se uma muito feliz Festa de Árvore de Natal para crianças espirituais na casa do Sr. e da Sra. Dell, em Farningham, Kent, no domingo, 13 de Dezembro.

A Sra. Roberts Johnson, com os seus guias, conseguiu dar amplas provas da continuidade da vida para além da morte. Havia oito pessoas sentadas em círculo, e todas receberam comunicação de um ou mais entes queridos no Mundo Espiritual. Mais de quarenta crianças deram os seus nomes e, em alguns casos, mencionaram o local onde tinham vivido na Terra. "Pansy", a pequena guia do Sr. e da Sra. Dell, cantou um verso do hino que considera seu: *Jesus wants me for a sunbeam* ("Jesus quer-me como raio de sol"). Um menino manifestou-se e disse: "Eu sei recitar." Quando lhe pediram que o fizesse, começou com coragem: "O rapaz estava no convés em chamas", mas os presentes ficaram algo excitados e riram-se, o que o deixou nervoso.

Outro rapazinho cantou *It's a long way to Tipperary*, e disse que tinha vivido lá. A maioria das crianças era desconhecida dos presentes, mas David Duguid, guia principal da Sra. Roberts Johnson, disse que essas crianças nunca tinham estado numa festa da Árvore de Natal e desejavam manifestar-se. Muitos outros disseram que já não eram crianças, mas estavam igualmente maravilhados e recebiam tanta alegria como os mais pequenos. Um, "Josh Cohen", disse que esta era a sua primeira experiência de comunicação com o plano

terrestre, e o Arcediago Burney (que o Sr. Dell conhecera pessoalmente) também falou da ajuda espiritual que se recebe ao dar com amor. No encerramento, "P.C. 99" (nome espiritual de um amigo da família, que fora polícia em vida) disse que os pequeninos se estavam a juntar à volta da árvore e a divertir-se como fariam as crianças terrenas.

PARTE V
INFORMAÇÕES SOBRE A VIDA PARA ALÉM DA MORTE
PERGUNTAS APRESENTADAS AOS ESPÍRITOS E AS SUAS RESPOSTAS

Nas experiências que tive ao longo de muitos anos, em sessões com diversos médiuns, aproveitei para fazer perguntas aos espíritos — questões que nos intrigam a todos e que surgiriam naturalmente a qualquer investigador sério da comunicação espiritual.

Recebi, de fontes espirituais, descrições daquilo que espera o espírito após a travessia, quais as suas ocupações e recreações, de que forma ocorre a progressão, entre outras informações de grande interesse. Os espíritos, tal como os mortais, podem divergir em pormenores consoante a sua perspetiva, mas em relação aos grandes factos — continuidade da vida, persistência da memória e manutenção da individualidade — todos estão de acordo.

Aqui apresento uma seleção de entre as centenas de respostas que recebi, todas de interesse sobre questões relativas ao "Além", mas as aqui incluídas fornecem informação suficiente para abolir qualquer medo da morte e oferecer esperança e conforto a todos nós. Devem também servir para demonstrar que a acusação de trivialidade frequentemente lançada pelos críticos contra as mensagens espirituais é infundada.

"RELIGIÃO NAS ESFERAS"

Para o dogmático e o ultra-teológico — aqueles que sofrem, por assim dizer, de "credite aguda" — os factos dos fenómenos psíquicos parecem, à primeira vista, tão contrários às suas crenças e educação que acham difícil aceitar a Verdade. No entanto, há abundante apoio bíblico nas páginas desse Livro sagrado que justifica a nossa investigação sobre o tema, e existe a mais forte confirmação, em centenas de casos, dos factos destes fenómenos.

Seja qual for o credo em que alguém tenha sido educado, esse será aquele que mais apelará ao espírito quando este entrar pela primeira vez nas Esferas, onde reina a mais absoluta tolerância. Esse credo terá o mesmo poder de influenciar a mente como o tem na Terra, mas, gradualmente, o espírito acabará por perceber que a máxima de ouro — "Faz aos outros o que queres que te façam a ti", de Cristo, Confúcio e Buda — rege todas as relações nas Esferas, onde as duas chaves, Amor e Serviço, estão em constante uso.

Um espírito expressou bem esta ideia do seguinte modo: "Quando os homens atravessam o 'artigo da morte' e emergem da confusão mental decorrente da mudança de ambiente, para a maioria ocorre um reajuste da sua fé religiosa. Especialmente para dois tipos de mentalidade: a ateísta e a ortodoxa — sendo esta última entendida como todos aqueles cuja religião assenta em credos e doutrinas. Ao ateu é transmitido o conhecimento de que a

imortalidade não é o sonho oco que antes acreditava. O ortodoxo, não se encontrando nem no céu espiritual ou sensual que esperava, nem no inferno onde pensava que os seus inimigos entrariam, acaba por deixar para trás grande parte do seu credo verbal e começa a apegar-se a princípios mais espirituais. Alguns esperam ver Deus num Trono branco, com o Salvador sentado ao seu lado. Isso é um erro. Não temos meios de provar a existência de Deus diferentes dos vossos, ainda que sejamos espíritos.

É de pouca importância a forma que as crenças religiosas de um homem tomam, pois todos acabarão por conhecer a Verdade. A verdadeira religião é santidade pessoal e amor abnegado.

SERÁ CORRETO TENTAR COMUNICAR

COM AQUELES QUE JÁ ATRAVESSARAM O LIMIAR?

Ouvimos por vezes objeções quanto à sabedoria, ou até ao direito, de "invocar os mortos", como se costuma dizer. Estas objeções são infundadas e baseiam-se em mal-entendidos e ignorância. Podíamos sentar-nos eternamente a "invocar" os espíritos, e nada aconteceria. Eles vêm quando querem. Mas quando ouvimos em quase todas as sessões expressões como: "Agradeço a Deus por este privilégio abençoado", ou "Este é um dia marcante para nós", ou ainda, "Agradeço a Deus por me ter sido permitido levantar o véu", ou "Anseio pela próxima sessão — porque não soube disto quando estava convosco?" — percebemos então que a felicidade é tanto deles como nossa.

Um espírito disse, em certa ocasião, quando esta questão foi levantada: "É como visitar a casa de alguém — vais se quiseres, ou ficas se quiseres — só que, no nosso caso, estamos mais do que dispostos a aproveitar estas oportunidades preciosas de falar. Queremos mais delas." Uma vez mencionei a indiferença que alguns demonstravam quanto à comunicação espiritual. "Ah!" — disse o espírito — "se soubesses a ânsia que tantos aqui sentem por falar com os seus entes queridos, isso partir-te-ia o coração."

Um espírito que muitas vezes se manifestava através da mediunidade de Mrs. Roberts Johnson apresentava-se com o nome de Father Benson. Ele abordou esta questão com voz grave e deliberada, e em tom muito sério:

"Amigos, alegro-me por ter a oportunidade de vir e dizer à humanidade que o trabalho que escrevi em vida, *O Necromante*, contendo o que então pensei ser a verdade à luz do conhecimento que possuía, contém muito que pode ser mal interpretado, como descobri desde que cheguei deste lado. É meu dever, tal como é minha missão, em todas as ocasiões que me forem permitidas, tentar desfazer esses mal-entendidos.

Estou grato por me ter sido permitido adquirir conhecimento sobre a vida maior à qual todos vós eventualmente chegareis. É-me agradável dizer que todas as pequenas fraquezas às quais fui sujeito no plano terrestre me foram mostradas na sua total debilidade. Tenho agora a missão de ajudar aqueles que ainda não perceberam que a vida neste plano, como no vosso, está sujeita a leis naturais. Lamento muito que o meu escasso conhecimento dessas leis, quando estava na Terra, não me tenha permitido compreender plenamente que é

adequado e permitido haver comunicações entre este plano e o vosso. Sei isso agora, e tenho como missão ensinar a grande verdade de que essa ligação foi, e está a ser, estabelecida. Espero ainda encontrar oportunidade para expor a minha teoria da evolução espiritual. Pelo que escrevi no passado, carrego, e sofro, arrependimento. Que a bênção de Deus esteja convosco. — Father Benson."

Esta questão é vital para alguns, e a resposta é reconfortante. Eis outra resposta:

Um participante disse a um espírito: "Tu não aprovavas isto antigamente?" E a resposta foi: "Não, e vou dizer-te porquê. Pensava que levava a algo mau e descontrolado. Tinha medo de que me desviasse do caminho certo, foi por isso. Não me inclinava para isso. Custava-me muito. Agora sei que podemos voltar, mas tinha medo, na altura, de que não fosse correto. Agora percebo perfeitamente que é uma lei natural e que é permitido."

Alguns pensam que, uma vez estabelecida a comunicação, esta não deveria ser prosseguida, pois poderia atrasar o progresso do espírito. Parece de senso comum que aquilo que proporcionou tamanha felicidade a espírito e mortal numa ocasião deva proporcionar igual prazer noutras, e nenhum espírito poderia sentir prazer se sentisse que o seu desenvolvimento estava a ser prejudicado.

Mas eu queria uma certeza definitiva, e perguntei: "O vosso progresso é posto em risco por virdes às condições terrenas?" A resposta foi dada com grande veemência: "De forma alguma o nosso progresso é prejudicado. Estamos imensamente gratos por nos ser permitidas estas conversas felizes."

Levei uma vez um amigo a uma sessão com Mrs. Cooper, e ele recebeu ótimas provas e ficou satisfeito. Mas uns dias depois recebi esta carta: "Tenho um amigo, estudioso profundo de assuntos ocultos, a quem li as minhas notas, e ele está convencido da sua autenticidade, mas diz que agora que tive provas da sobrevivência, não deveria continuar com sessões, pois isso tende a impedir o progresso dos que partiram, mantendo-os próximos do plano terrestre, e que, por isso, não é um estado feliz para eles." Já li algo parecido algures. Qual é a tua opinião sobre este ponto?

Na sessão seguinte, surgiu a oportunidade de colocar a pergunta, pois o espírito acabara de dizer: "A felicidade que temos ao vir é tão grande." E eu disse: "Isso faz-me lembrar, Sr. G., aquele senhor que veio comigo na última vez ouviu, e penso que acredita, que a comunicação frequente interfere com o progresso do espírito." A resposta foi dada com a máxima seriedade — estas são as palavras exatas:

"Oh, não, não — não é assim. A própria ideia é monstruosa. Eu sei, como ele não sabe, e tu também não sabes. Eu sei como ele nunca poderá saber, que isso é absolutamente falso. Pensa! pensa! um momento: o ente querido cujo laço de amor o liga a ele, que o traz até ele — prejudicado no seu progresso por esse mesmo vínculo sagrado! O grande dom de Deus à humanidade — o Amor — a prejudicar o seu progresso nas Esferas! Afasta essa ideia — agora e sempre.

Eu sou um Espírito Elevado, e já tive ocasião de aconselhar prudência na aceitação de certas afirmações, mas digo-te com toda a seriedade que a felicidade gerada por esta comunicação tem uma influência sagrada, eleva a alma ao Pai Celestial, e é em si uma ajuda ao desenvolvimento e progresso. Diz-lhe isto por mim." Eu disse: "Escrever-lhe-ei o que disseste."

O espírito prosseguiu: "Um pai reencontra um filho amado que julgava perdido — uma esposa o marido querido — a comunicação entre eles garante felicidade, a frequência dessa comunicação aumenta essa felicidade até que todo o ser fique permeado por ela. É apenas ignorância que tenta limitar a permissão divina que nos permite manifestar-nos para vós — nunca penses, nem por um momento, que somos prejudicados por isso — quando as pessoas dizem que sofremos ao vir à Terra, pouco sabem da alegria que isso nos dá."

COMPENSAÇÃO NAS ESFERAS

O nosso coração é muitas vezes dilacerado pela piedade ao testemunharmos um ser humano a sofrer de alguma doença terrível ou malformação, ou ao pensarmos nos inúmeros que nunca viram a luz do dia, ou noutros que nunca ouviram um som, e tendemos a perguntar-nos o que poderá compensar estas pobres criaturas pela sua miséria, muitas vezes de duração vitalícia. Sob o peso da dor, doença ou deformidade, há inúmeros seres humanos que necessitam da certeza absoluta de um tempo mais feliz, de uma crença firme de que há realmente um futuro livre de todas as limitações da carne, para que possam suportar minimamente a existência terrena — e aqui encontramos essa certeza em tons decididos.

Como esta questão é tratada nas Esferas foi-me uma vez contado — quando a levantei numa sessão com a Sra. Blanche Cooper — de forma tão doce que penso que será aceite como não apenas bela, mas em perfeita harmonia com a nossa própria ideia de justiça. Informações incidentalmente interessantes foram dadas sobre outros assuntos.

Uma voz suave, baixa, mas maravilhosamente clara e doce dirigiu-se a mim. Era de tom culto, inflexão musical e modo sincero, um verdadeiro prazer para o ouvido, transmitindo a sensação de que falava um espírito de natureza boa e genuína. De tempos a tempos, o espírito falava com a médium, e em algumas ocasiões as exclamações ou perguntas da médium sobrepunham-se às palavras do espírito, sendo ambas audíveis simultaneamente, mas com uma diferença pronunciada nas vozes. Depois de o espírito ter falado, a Sra. Cooper disse: "Oh! Como gostaria de me lembrar de tudo o que ela disse — foi tão bonito."

Este espírito manifestava-se frequentemente nas sessões e estávamos a falar da tristeza e miséria de algumas vidas na Terra. Perguntei então se era dada compensação nas Esferas. A resposta foi: *Aqui é-lhes concedida uma compensação mil vezes superior.* Encontro-me numa Esfera maravilhosa, cujas maravilhas são incompreensíveis para vós, e, no entanto, nada do que vejo ou ouço nesta terra maravilhosa me dá o prazer, sim, a felicidade sublime, que sinto ao encontrar aqueles que nunca falaram na Terra, ou que nunca viram a luz do sol de Deus. Amo observá-los quando despertam após a travessia e ver o espanto nos seus olhos, o júbilo nos seus corações ao olharem à volta. *'Isto é um sonho bonito?'*, dizem. *'Será*

que estou mesmo a ver?' E os que eram mudos na Terra encontram facilmente palavras nos lábios e conversam connosco com uma alegria sem limites. Malformações e imperfeições do corpo e da mente desaparecem, e o corpo espiritual torna-se como Deus o idealizou — perfeito.

"Mas ver aqueles pobres pequeninos que, com membros paralisados, nunca souberam o que era brincar, para além de observar outros, vê-los mover os braços, pernas ou o corpo com espanto e êxtase é algo que nos toca no mais fundo do coração. Recuperam o vigor e a flexibilidade da infância robusta e podem jogar críquete, futebol ou qualquer outro jogo de que gostassem, sobre relvados mais verdes e doces do que qualquer um que a Terra possa oferecer.

O vosso sentido do olfato, por exemplo, será imediatamente restaurado — não haverá dificuldade em distinguir os vários perfumes, porque a potencialidade sempre esteve lá, apenas precisava de ser despertada, e aqui funciona na perfeição. Agradecemos a Deus por ter levado estas queridas crianças das condições terrestres para o Jardim-de-infância de Deus, onde corações amorosos e mãos hábeis cuidam delas. Ah! Ver a luz da alegria e da paz a dançar nos seus olhos queridos é, em si, uma felicidade incomparável."

AS DIFERENTES ESFERAS

"Perguntas pelas várias Esferas. Existem muitas, cada uma mais bela do que a anterior. O Plano Astral é o mais próximo das condições da Terra, mas mesmo a Primeira Esfera é mais bela do que a Terra, e a Segunda é ainda mais maravilhosa. A Terceira, chamada Paraíso (*Summerland*), fará vibrar todas as cordas do teu ser com alegria; e as Esferas Superiores transcendem em beleza as inferiores e só podem ser verdadeiramente compreendidas por aqueles que para elas são elevados ou destinados. É impossível, na vossa condição atual, sequer imaginar a glória e as maravilhas daquela Esfera Sagrada onde Cristo reina supremo — a Sétima Esfera. Sobre esta, é impossível dar uma ideia justa.

Existem bibliotecas onde se pode ler tudo o que aconteceu na Terra desde a sua criação, assim como maravilhas da vida pré-histórica, dos planetas e seus habitantes, e dos muitos, muitos problemas que têm intrigado e agitado a humanidade desde o início da história e da razão. E não há especulação nesses registos, pois foram escritos por aqueles que sabem. Os entes queridos daqueles que ainda estão na Terra — e que alguns supõem perdidos — oh, como podem sequer imaginar que estão votados ao esquecimento, estas criaturas de Deus? Estão, neste momento, a preparar os lares que os seus amados irão ocupar nas Esferas, de acordo com o progresso que fizerem, com livros e quadros que sabem que eles apreciarão pelas suas preferências e interesses.

Aquela criança que acabou de falar contigo disse-te que estava a cuidar de um gatinho. (Uma criança espírito tinha dito: *'Vi-o ser atropelado e esperei por ele aqui.'*) Era um animal muito estimado por outra criança aqui, e o seu carinho por ele impediu-o de entrar na Esfera Animal, onde vão todas as criaturas cuja vida e chamada morte eram indiferentes para os mortais. Não importa quanto tempo passe entre a partida do dono e do animal; desde que o laço de afeição persista, reconhecerás o teu animal de estimação — e ele a ti

— e todos os pequenos gestos e hábitos que o caracterizavam estarão lá, podes estar certo disso. Hoje, aí fora, o sol brilha, mas muitas vezes lamentais as condições do tempo. Aqui é sempre o sol do país de Deus, e embora possamos descansar se quisermos, nunca nos cansamos."

A QUARTA DIMENSÃO

Ao perguntar se existia uma Quarta Dimensão, foi-me dito que não só existe uma Quarta, mas muitas outras, das quais não fazemos a menor ideia.

"Reparo" — disse o espírito, respondendo à minha pergunta — "que quando as pessoas estão muito perplexas com certos fenómenos, dizem: 'Oh, os espíritos agem na Quarta Dimensão.' Pois bem, essa Dimensão existe, mas para nós é a Primeira, pois já não precisamos das Três que operam convosco — a linha, o quadrado e o cubo. Essa informação foi-vos dada há muito tempo. Deixamos essas formas na travessia, e a Primeira que conhecemos é o que vós chamaríeis a Quarta, e é *Interpenetração*.

Isso permite-nos, enquanto Essência espiritual, atravessar todas as barreiras materiais — muros não são obstáculos para nós. Já explicámos isto antes. Vós tendes movimento para a frente, para cima, de um lado para o outro; aqui há movimento *através*. Podemos atravessar montanhas ou subir na atmosfera até qualquer altura, ajustando a nossa densidade ou vibração. À medida que sobes de Esfera em Esfera, sobes de Dimensão em Dimensão, e os teus poderes aumentam em muitos aspetos. A Quinta Dimensão pode ser chamada de *trans-progressiva*.

De Esfera em Esfera, de estrela em estrela, vagueias à vontade por este vasto Universo. A Sexta Dimensão diz respeito ao Tempo. Já não estamos limitados como os mortais, e assim avançamos para Dimensões que afetam a Vontade humana, os seus poderes e restrições, revelando novas faculdades, ou outras há muito adormecidas, que nos permitem apreciar maravilhas sempre crescentes nesta terra prodigiosa."

O PENSAMENTO É TANGÍVEL PARA OS ESPÍRITOS

Descobri repetidamente que os espíritos sentem ou "leem" os nossos pensamentos, pois já formulei mentalmente perguntas e recebi respostas imediatas. Perguntei várias vezes como tal seria possível. Um filho meu, que faleceu há muitos anos, falava de assuntos privados quando lhe coloquei essa questão. A sua tentativa de explicação revelou-se muito interessante, pois a sugestão de outro espírito (Dr. Sharp) foi claramente ouvida por todos nós — duas vozes masculinas distintas, contrastando fortemente com o marcado sotaque americano da médium, Sra. Wriedt.

"Como é que estas coisas funcionam?", perguntei.
"Bem, é muito difícil explicar de forma inteligível e, em muitos aspetos, eu próprio não entendo. Enviamos um…" (pausa, outra voz — *'Raio'*) "… sim, um Raio à mente, e…" (*'foco'*) "… focamo-lo como num espelho e então vês com o…" (*'olho psíquico'*) "… olho psíquico — percebes, sei tão pouco disto que preciso de ser orientado — é tudo tão maravilhoso — mas

sabemos muito bem que conseguimos ler os vossos pensamentos não ditos, qualquer que seja a explicação."

Noutra ocasião, coloquei a mesma questão a outro espírito e recebi esta resposta: "A menos que consigamos explicar-te o que é o Éter, não vejo como poderemos tornar a explicação inteligível. Eis uma substância que os vossos cientistas dizem ser mais pesada do que o aço, elástica num grau espantoso, e capaz de transmitir ondas ao mais leve impulso — e através dela viajamos à velocidade do pensamento. O que é, não te sei dizer, embora saiba perfeitamente que existe."

SUICÍDIOS E O SEU TRATAMENTO

"Quando estas pobres almas chegam aqui" — disse um espírito — "algumas, com um irmão nosso envolvido nesta tarefa, chegam de coração partido, outras com a mente transtornada, algumas talvez indiferentes. Pois bem, a missão do meu querido irmão é esperar o despertar delas. Dormem por um tempo. Ele ergue-lhes as pálpebras, que tremem, mas não há ainda reconhecimento — não veem nada. Ele sopra-lhes suavemente com aquela força dada por Deus, acaricia-lhes o rosto com ternura, e novamente os olhos se abrem: desta vez, está lá a luz da razão. Podem dizer: *'Onde estou? Este lugar é diferente daquele que deixei.'* E o meu irmão responderá: *'De facto, é um lugar bem diferente — em breve saberás mais.'*

Nem sempre lhes diz de imediato que já passaram para este lado, mas leva-lhes esperança e consolo. Para os mais degradados nas Esferas, há esperança — lembra-te disso."

Eles são gradualmente despertados para a sua condição e, quando estão prontos para a verdade, esta é-lhes revelada, e os seus entes queridos têm permissão para os ver. Perguntas se há castigo. Não existe tal coisa nesta terra maravilhosa, no sentido que lhe dais. O remorso é inseparável do ato de suicídio — não pode ser de outro modo — mas a sua intensidade é determinada pela condição em que o ato foi cometido. Tudo é tido em consideração.

Lei, Ordem e Justiça são aqui indispensáveis, e a pobre alma é tratada com simpatia, delicadeza — sim, amor, amor. Enquanto não se sentir plenamente o que foi feito, não há progresso possível; mas logo que essa consciência desperta, a alma entra no caminho do progresso, e esse caminho é ilimitado num sentido que não podeis compreender. O arrependimento é sentido — e é isso que denominais castigo.

Naturalmente, quanto mais sensível for a natureza, mais profundo será o arrependimento, mas, nesses casos, o tempo é curto. Aqueles que foram indiferentes — e muitos aqui chegam assim — demoram mais tempo a convencer-se, e, por isso mesmo, o progresso é mais lento. Dá-nos grande alegria ver uma alma a despertar sob a influência doce e sagrada daqueles cuja missão e felicidade é trazer-lhe consolo.

O meu irmão acaba de receber um chamamento para acudir a uma jovem cujo coração foi despedaçado por um amor não correspondido. Essa pobre alma infeliz passou para o nosso lado sob a neve que agora cobre a vossa terra. Conhecemos a neve, e vemo-la, mas aqui não

há frio nem ventos cortantes. As Esferas, desde a mais baixa até à mais elevada, irradiam uma luz gloriosa que envolve tudo com o seu brilho — dourada, de tal intensidade que, com olhos mortais, ficaríeis deslumbrados. Não, não é luz solar como a conheceis, mas a luz das Esferas, e à medida que se ascende de Esfera em Esfera, a glória e o esplendor aumentam. Sim, digo novamente: todos, independentemente da sua condição presente, acabarão por ver a luz da verdade de Deus.

Perguntas se o trabalho do meu irmão cessará. Receio que não, enquanto a humanidade for como é. Não — longas eras poderão passar antes que as Missões da Esperança deixem de ser necessárias. Triste, dizes — ah! mas não para nós. Nós rejubilamos assim que a alma se torna consciente da sua condição, porque sabemos a felicidade que a espera. Quanto tempo isso levará depende do espírito, ajudado pelos conselhos amorosos e apoio que aqui recebe."

ELEMENTAIS E APORTES

Introduzi o tema dos *aportes* e pedi a opinião do espírito que se manifestava.

"Ah, certamente! É um facto que a operação de uma lei reconhecida aqui nos permite transmitir um corpo sólido de um lugar para outro e penetrar matéria através de matéria — e a isso chamais 'aporte'. Pois bem, que se mantenha o termo. Nós não damos grande importância ao fenómeno, embora eu veja que para alguns tem grande apelo. É uma fase pouco desenvolvida do mesmo poder — algo semelhante, embora não exatamente igual, ao que estou a usar neste momento — uma forma rudimentar, por assim dizer."

"Mas serve para reforçar a convicção, não é verdade?", perguntei.

"É verdade, mas não conduz a nenhum benefício essencial para vós ou para nós. Pelo contrário, com as nossas mensagens e voz, esperamos trazer mais do que mera convicção à mente. Queremos elevar as naturezas morais e espirituais e orientá-las para aquilo que realmente importa à humanidade, tanto aqui como nas Esferas. A exibição de matéria a atravessar matéria não fará isso. Passamos através dos vossos corpos com a maior facilidade — não há obstáculo na Terra que detenha a essência subtil dos corpos espirituais. Na verdade, ignoramos toda a materialidade. Neste momento estou a falar contigo, não de pé no chão desta sala, mas flutuando no espaço em frente de ti, com parte do meu corpo na divisão de baixo."

"De onde vieram então esses *aportes* de que falei?"

"Se te dissesse a origem ou fonte dos objetos, que vantagem isso te traria? Poderia averiguá-lo, sem dúvida, mas valerá a pena? Tem a certeza de que não foram criados do nada — existiam algures, e foram transportados à nossa maneira até aqui, por uma lei que desconheceis por completo e que os vossos cientistas ainda nem sequer conceberam. Muitos dos segredos da natureza foram revelados por impressões dadas a sensitivos do nosso lado, e pode ser que esta lei venha a ser compreendida no futuro. Mas para mim é totalmente impossível explicar de forma inteligível o que essa lei é."

"Os elementais têm algo a ver com isso?"

"Nada absolutamente, porque os elementais não existem."

"Mas muitos acreditam neles, e já ouvi falar de pessoas que afirmam tê-los visto."

"Nunca vi tais coisas, e devia sabê-lo. É uma teoria criada pelo homem. Aos que têm imaginação excessivamente vívida, aconselho que deixem a investigação dos assuntos psíquicos para outros. Os elementais são criações da sua imaginação. Espíritos não desenvolvidos, infelizmente, temos em abundância — não que sejam produzidos pelas Esferas, mas são enviados da Terra — e é dever, e também felicidade, de espíritos aqui especialmente qualificados ministrar a essas almas degradadas e levar-lhes esperança e consolo. Mas são almas humanas — não criaturas sem forma ou sem mente. Não, essa ideia é um mito."

"E fadas — existem?"

"Isso é bem diferente. Em circunstâncias raras, tornam-se visíveis aos mortais, e apenas à visão psíquica."

ESPÍRITOS MALIGNOS

"Estive recentemente a ler", disse um dia a um espírito, "algumas mensagens recebidas através de um médium em transe — muito belas, mas falavam muito de espíritos malignos ativamente envolvidos em prejudicar a humanidade. As mensagens eram bastante sombrias, e podia pensar-se que nem valia a pena sentar-se para uma sessão."

A resposta foi: "Não, não — o mal, como lhe chamais, nunca sobrepõe o bem aqui. Recorda que essas mensagens — belas, inspiradoras, de facto elevadas no geral — vieram através de um cérebro humano. Grande parte delas é verdadeira, mas aqui e ali as condições eram adversas para que o Espírito Elevado que controlava o médium conseguisse transmitir com exatidão o que queria dizer.

Tens, por exemplo, a afirmação de que a misericórdia não é atributo divino, apenas a compaixão. Mas há milhões de espíritos — a cada instante do vosso dia e noite — empenhados em missões de misericórdia! Aqueles pobres que pecaram por ignorância são assistidos por Mensageiros Sagrados que lhes levam consolo e esperança por ordem do próprio Supremo. Um limite rigoroso é imposto àquilo a que chamais influência maligna — que mais não é do que o nome para os desejos doentios que alguns espíritos não desenvolvidos possuem. Pessoas decentes só podem ser influenciadas por vibrações correspondentes — pureza atrai pureza."

CRIANÇAS NATIMORTAS

Muitos consideram o destino das crianças natimortas um problema insolúvel, e por isso resumirei a informação recebida das Esferas, que escrevi há alguns anos para o *Light*.

Para os espiritualistas, claro, não há qualquer problema — sabem que a criança vive, cresce à medida que os anos passam, tem consciência dos seus pais e profundo interesse por tudo o que diz respeito ao seu lar terreno. Mas para aqueles que não têm a certeza que a crença no Espiritualismo confere, é uma questão desconcertante.

As experiências de alguém que passou pelas fases de dúvida, esperança e convicção (baseada em factos concretos) podem ser de interesse. São preciosas e privadas para mim, mas sei que o anseio por notícias destas almas queridas é inseparável do amor materno, e partilho-as na esperança de levar a uma só mãe que seja a certeza de que a sua dor não foi em vão.

Tal como muitos outros em situação semelhante, tive dificuldade em aceitar que uma criança que nunca respirou na Terra pudesse ter alma, crescer nas Esferas até à idade adulta e, sob condições adequadas, conversar com os seus pais. Mas esse é um facto indubitável — um facto que qualquer pai ou mãe pode comprovar. O que é triste é que essas almas queridas ficam mudas — talvez por toda a vida dos pais — devido à ignorância, indiferença ou falta de vontade destes em investigar.

Desde que compreendi a sua existência, relatei as minhas experiências a vários em circunstâncias igualmente tristes e, em todos os casos, após investigação, posso felizmente dizer que os pais reconheceram a verdade. *"Buscai e encontrareis"* — e, como em tudo o que merece atenção, a investigação é necessária.

Há alguns anos visitei uma médium clarividente. Nunca a tinha visto, nem ela a mim, e não tinha feito marcação nem revelei o meu nome. Mas mal entrei na sala, exclamou: "Oh, que bonito! Há seis crianças de mãos dadas a correr à sua volta." "O que significa isso?", perguntei. "Ah! Perdeu seis crianças, evidentemente", respondeu. Como os meus filhos estavam todos vivos e bem, achei graça ao que me pareceu um erro grosseiro. Disse-lhe que estava enganada — não tinha perdido crianças. Algum tempo depois voltei a visitá-la, e novamente a médium viu seis crianças comigo. Perguntei as suas idades e sexos.

"Parecem todos da mesma idade e tão semelhantes entre si que não consigo distinguir rapazes de raparigas", disse ela. Ora, durante os primeiros dez anos do nosso casamento, tivemos sucessivos nados-mortos, até que seis almas entraram nas Esferas — embora eu, na altura, pouco disso me apercebesse. Seja como for, tal experiência deve ser muito rara, e ocorreu-me que talvez houvesse alguma ligação. Disse então: "De facto, perdi seis filhos nados-mortos." "Claro que sabia que eram para ti — essas crianças estão contigo agora", respondeu ela.

Mesmo assim, parecia-me curioso que viessem como crianças, apesar de terem passado há vinte e cinco ou trinta anos. Mas fiquei com esse pensamento, e numa sessão com um médium de voz, anos depois, perguntei ao meu sobrinho (que falecera no início da guerra):

"Charlie, disseram-me que tenho alguns filhos nados-mortos aí — seriam teus primos. Sabias disso?" "Claro que sim — três deles estão aqui sentados agora, mas claro, já cresceram", respondeu ele. "E também tenho aqui um irmão e uma irmã." Isto era desconhecido para mim, mas mais tarde foi confirmado.

Algum tempo depois, marquei uma sessão com outra médium, a Sra. Wriedt, e nessa sessão, as seis crianças apareceram, deram-me os seus nomes, explicaram por que foram assim nomeadas, quem lhes deu o nome, o que fazem e os seus passatempos — e deixaram-me sem palavras, mas imensamente feliz. Nenhuma das médiuns tinha qualquer conhecimento sobre mim, nem sabiam que eu tinha perdido seis filhos desta forma.

Também se manifestaram através da mediunidade da Sra. R. Johnson. Havia uma canção muito popular há trinta anos chamada *Love's Old Sweet Song*, e a minha mulher e eu gostávamos muito dela. Disseram-me, numa das sessões com a Sra. Johnson, que eles adoravam essa canção porque a ouviam "em casa quando eram pequenos" e, para minha surpresa e alegria, essa música foi cantada por duas vozes espirituais.

Uma, feminina, era um soprano claro; a outra, masculina, um excelente barítono. As vozes eram mais fortes do que as de qualquer pessoa presente na sessão. Ecoaram pela casa, sendo audíveis a várias divisões de distância. A voz masculina era do mais velho dos meus filhos nados-mortos, e a voz feminina pertencia à irmã de um dos presentes.

Tive muitas conversas com estas crianças, e a sua essência era esta: quando passam para o nosso lado, o seu guia — treinado para esse trabalho (não necessariamente da família) — recebe-os e leva-os para o

JARDIM-DE-INFÂNCIA,

OU ESFERA DAS CRIANÇAS

São cuidados com o máximo de amor e sabedoria. Frequentam escola, colégio ou universidade — tal como fariam na Terra — mas a educação é conduzida de forma muito mais sensata, e aprendem mais depressa. O cérebro espiritual recebe informação com mais facilidade do que o cérebro terreno. Nenhuma criança é enviada para aulas que não consiga compreender.

São trazidas, por vezes, ao lar terrestre para absorverem as condições da Terra e desenvolverem o carácter — que, tal como na Terra, é a pedra de toque nas Esferas. Têm personalidades e diferem nas suas naturezas, tal como nós aqui. Têm as suas ocupações e grande liberdade para as escolher, bem como os seus divertimentos. Algumas pintam, outras tocam instrumentos (o violino parece ser muito popular), e uma disse: "E não pagamos pelas aulas." Algumas adoram cantar. "Gosto de cantar a várias vozes", disse uma.

Certa vez perguntei: "Quando é que percebeste, pela primeira vez, a existência dos teus pais?" — "Ora, sempre estivemos convosco! Desde as nossas primeiras lembranças", foi a resposta. O meu sobrinho disse-me uma vez: "Tio, desta vez vim com as crianças. Bem,

chamo-lhes crianças, mas na verdade são mais velhas do que eu, e algumas são mais altas do que tu." Como se atribui tanto ao "subconsciente", menciono que, quando um dos meus filhos disse que tinha o nome do segundo nome do tio, pensei que se referia ao segundo nome do meu irmão, mas fui corrigido e disseram-me que era de outro tio.

Noutro caso, tinha anotado "Jean" nos meus apontamentos, mas fui informado de que estava errado — era "Jane". Noutra ocasião, disseram-me: "O registo na Bíblia da família está errado: deveria ser assim e assim", explicando a diferença. Graças a Deus, é-nos permitida a certeza da existência e do amor destes seres tão queridos.

UM GUIA DE CRIANÇAS NATIMORTAS

DESCREVE O SEU TRABALHO

Este espírito manifestou-se numa sessão com a Sra. Wriedt. A voz tinha um forte sotaque francês, era clara e deliberada, mas sem qualquer hesitação:

"Sou Lucille, a guia das crianças nadas-mortas. Cuido com grande carinho destas alminhas. Sou o único pai que conhecem nas Esferas, mas levo-as à Terra com frequência, para que convivam com a família, até chegar o momento em que os pais terrenos passam para cá, quando então todos se reencontram. Ensino quinhentas crianças. Ensino-lhes a beleza das flores, da música, das cores. Essa é a minha missão e a minha felicidade. Dou-lhes poder para aprender. Adoro vir ajudar a humanidade. Vivi há trezentos anos, mas aqui não há tempo. Gostava muito de música quando estava na Terra.

Oh, adoro embalar e ensinar os pequeninos — sou a mãe deles na terra do espírito. Falo inglês agora, mas quando vivi escrevia versos e diálogos em grego. Agora venho impressionar aqueles que não sabem como expressar a música. Venho cantar para a mente — para o espírito. Quero que as pessoas conheçam a sua beleza. Dou-lhes a nota-chave da expressão. Quando tocas as teclas do piano, são emitidas ondas de cor no éter, e quando o órgão toca, outras e diferentes ondas são libertadas. Digo-te que certas cores das vossas auras correspondem a certas notas do órgão, e certos acordes vibram — diferentes dos do piano — e vibram nas vossas auras espirituais."

Uma confirmação impressionante disto foi publicada numa carta ao *Light*, a 23 de junho de 1923, por Mrs. Richards, uma senhora residente em Devonshire, que, estando em Londres, frequentava uma igreja no West End onde, durante o serviço, tocava ocasionalmente a Banda dos Guardas Granadeiros. Escreveu: "Enquanto ouvia a música, tive a impressão de estar a testemunhar a 'Alma da Música' — com as notas graves via cores de roxo profundo, vermelho, azul e amarelo brilhantes.

À medida que a música subia para os agudos, os tons escuros tornavam-se mais claros até se dissolverem em tonalidades muito suaves de amarelo, lilás, azul e rosa. Entre as cores mais escuras havia luzes douradas brilhantes, e entre os tons claros, luzes prateadas como estrelas. Sobre tudo pairavam tonalidades de pôr-do-sol alaranjadas, que se tornavam mais suaves nas notas mais altas."

ALMAS AFINADAS (ALMAS GÉMEAS) E O EGO

"Não temos casamentos como os entendeis aí", disse o espírito a quem fiz esta pergunta, "mas existem almas gémeas — duas almas em perfeita sintonia — e estas devem, inevitavelmente, reencontrar-se, se não na Terra, então nas Esferas. Cada alma tem outra com a qual vibra em uníssono. Ainda não encontrei a minha, mas sei que o farei — é uma Lei natural aqui."

"Estás a falar do corpo espiritual?"

"Falo do ego — o verdadeiro 'eu'. O corpo espiritual é a cópia do corpo terreno, sem os seus defeitos, e a alma desse corpo espiritual é a tua verdadeira personalidade."

Os que já participaram em sessões com a Sra. Roberts Johnson conhecem um espírito que costuma manifestar-se sob o nome de Joe Griffiths, um jovem de Lancashire que faleceu durante a guerra. Em vida, trabalhava humildemente numa fábrica de algodão e teve uma vida muito dura, mas, como nos disse: "Nós não sabíamos de melhor, por isso não nos custava tanto."

Este espírito muitas vezes brinda os participantes com cânticos maravilhosos, com uma voz de barítono notável. Já ouvi muitos grandes cantores, e lembro-me bem de Sims Reeves no auge, mas este jovem, agora nas Esferas, pode bem ser comparado com os melhores — e centenas que o ouviram podem confirmar isso. Ele também disse algo sobre este tema, no seu dialecto simples:

"Eu vou a palestras, e Espíritos Elevados descem e ensinam-nos sobre as coisas. Fui a uma, outro dia, sobre as Almas Gémeas. Foi maravilhoso, digo-te! Ele disse que cada alma tem de ter a sua alma gémea. O progresso perfeito significa a união de duas almas. Não tem de ser a rapariga com quem um homem casou. Um tipo pode ter quatro esposas, ou uma mulher quatro maridos, e nenhum deles ser a alma gémea do outro. Há exatamente o mesmo número de rapazes e raparigas a nascer."

"As estatísticas dizem que há mais mulheres do que homens no mundo", observei.

"Eu sei, porque esse espírito explicou-nos", disse Joe. "Os bebés rapazes morrem cedo, mas isso não faz diferença aqui — os espíritos crescem da mesma forma, por isso, se não encontrares a tua alma gémea na Terra, hás de encontrá-la aqui."

MORTE EM GUERRA

"O que acontece quando os jovens morrem com todas as paixões exaltadas pela guerra?"

"Frequentemente continuam o conflito aqui por um tempo", disse um jovem que faleceu em Loos. "É nosso dever fazê-los perceber que já passaram, e suavizar os sentimentos despertados pela luta com o inimigo. Eu vim para este lado durante a guerra, mas não quero saber quem me enviou, nem quem eu próprio enviei para as Esferas. Os sentimentos de ódio e raiva acabam por desaparecer. Aqueles rapazes que foram nossos inimigos também tiveram de ir para a frente de combate — tal como nós — e agora não os posso culpar."

A DECOMPOSIÇÃO NÃO EXISTE

NO MUNDO ESPIRITUAL

"Existe decomposição aí?"

"Decomposição? Não — crescimento, claro."

"Mas, aqui, crescimento implica decomposição."

"Nós temos crescimento espiritual, mas não há decomposição. As flores florescem perpetuamente. O corpo espiritual desenvolve-se até ao que corresponde a trinta anos de idade, e quem passa para cá com, digamos, oitenta, regressa aos trinta. Claro que, para efeitos de reconhecimento, podemos — e fazemos — mostrar-nos como éramos quando chegámos. Eu faleci muito jovem, e mostrar-me-ia à minha mãe como era então — podemos fazê-lo — mas depois mostro-me como sou agora. Não, não há decomposição do corpo espiritual — isso é impossível."

LARES NAS ESFERAS

Poderás habitar uma pequena casa ou uma maior, consoante a natureza que tenhas desenvolvido na Terra, e os teus bens podem incluir livros, mobília, quadros, entre outros. No entanto, o curioso aqui é que, se esses bens não forem corretamente usados ou mantidos com o espírito certo, podem simplesmente desaparecer. Nada se pode ter, a não ser que seja necessário para ti ou para outro, e aquilo que possuis deve ser utilizado — caso contrário, desvanece-se. (Dirigindo-se a um participante): "Tens uma pequena casa na Terceira Esfera.

O caminho até ela é pavimentado com pedras semelhantes a cristal de rocha, cintilando em cores. Flores ladeiam o trilho, e fotografias e quadros, executados aqui, adornam as paredes. Não são necessários quartos de dormir, mas pode-se descansar, se se desejar — embora o espírito não se canse verdadeiramente, podendo trabalhar as vinte e quatro horas do dia. Árvores de vários tipos rodeiam a casa, e considerá-la-ás um lar encantador.

Lá haverá livros sobre este mesmo tema, e aquele que foi teu companheiro durante tantos anos na Terra, e o será também aqui, terá acesso a eles e rapidamente te alcançará em conhecimento. Mas chegará o momento — como acontece a todos os que desejam progredir — em que sentirás insatisfação com esse lar. Isso indica progresso para uma Esfera superior. Significa que já não estás em harmonia com o teu ambiente e tens de mudar. É a Lei."

ROUPAGEM ESPIRITUAL

Os espíritos vestem-se com uma matéria nascida das suas ações terrenas. Ao despertar do sono que se segue à passagem, descobrem a sua veste espiritual tecida em cores — brilhantes e belas para tudo o que é bom, sombrias para o que é mau — e não há como contestar a justeza das cores, pois a veste é tecida pelo próprio espírito. As cores mutáveis da túnica espiritual refletem com certeza o bem e o mal na nossa natureza. Claro que, ao visitarmos a Terra, e desejarmos que os nossos entes reconheçam quem somos, podemos adotar as roupas que usávamos em vida. A roupa aqui é o reflexo do espírito e o resultado real da vida de cada um — isto não é simbólico, mas um facto literal.

TEMPO

Os espíritos dizem frequentemente: "Não conhecemos o tempo como vós o entendeis." E embora seja difícil para eles explicarem-nos, enquanto ainda estamos na carne, que o Tempo não existe nas Esferas, afirmam: "A vida física tem de perceber o tempo, mas a vida mental muito menos — não estamos fora da influência do tempo, mas menos estritamente presos a ele. Podemos, em pensamento, rever anos em apenas alguns segundos. A vida espiritual está para além das leis do Tempo. Mil anos podem ser como um dia, e os Espíritos que vos visitam ocasionalmente, e que passaram há eras, são tão jovens — ou mais — do que quando fizeram a travessia."

(Já ouvi espíritos dizerem que todos os acontecimentos de uma longa vida lhes passaram diante dos olhos em poucos segundos, como num filme de cinema — mostrando, num período impossível de medir, as boas e más ações de toda uma existência.)

QUANTO TEMPO "DORMIMOS"

DEPOIS DA PASSAGEM

Quando o cordão vital é cortado, pelo Espírito cujo dever é fazê-lo, a jornada termina — e dizem-nos que pouca ou nenhuma dor acompanha o momento da passagem. Segue-se então um período de inconsciência, geralmente referido como "repouso", que varia consoante o indivíduo: pode durar horas, dias, semanas ou até anos em casos excecionais, embora normalmente dure três dias. São Paulo disse: "Nem todos dormiremos" — e, de facto, para alguns, a mudança é muito breve.

O espírito torna-se então consciente do seu novo ambiente e descobre que o seu corpo espiritual se assemelha tanto ao corpo terreno que, em muitos casos, nem se dá conta de que atravessou. Mas rapidamente descobre que possui poderes e faculdades ocultas que superam largamente as do corpo terreno — faculdades adormecidas na vida terrena, mas que agora funcionam nas Esferas, como se estivessem na sua verdadeira atmosfera, revelando maravilhas e belezas antes inimagináveis.

QUAL É O NOSSO TRABALHO NAS ESFERAS

Há espíritos designados cujo dever — e felicidade — é dar as boas-vindas aos recém-chegados e discutir o trabalho a desempenhar, pois é afirmado claramente que não há progresso nas Esferas sem esforço. Não é o lugar idealizado por alguns, onde se tocam harpas e se adora o Supremo constantemente — isso só acontece (e acontecerá) após eras de purificação e evolução.

Passamos para lá no estado de desenvolvimento que alcançámos durante a vida terrena, e poucos estão prontos para coroas e harpas logo à partida. A nossa posição nas Esferas é determinada por nós mesmos e pela vida que levámos. Inicialmente, é-nos atribuído um trabalho semelhante ao que realizávamos na Terra, até que essa vida passada seja suavemente relegada para segundo plano, e a nova vida surja como um novo dia diante de uma visão mais clara. Como disse um Espírito: "Vós vedes a morte do vosso lado — nós vemos o nascimento. O homem desaparece do vosso lado e surge no nosso, como um navio que se afunda no horizonte."

Cada alma desenvolve-se à sua maneira. O trabalho pode ser feito em solidão ou em grupo. Existem grandes edifícios onde cada sala é ocupada por espíritos empenhados em investigação ou a dar continuidade ao trabalho que tinham na Terra. Por exemplo, o falecido Dr. Ellis Powell, grande linguista, manifestou-se frequentemente e disse-me que continua os seus estudos linguísticos.

O artista, o músico, o jornalista continuam com as suas atividades. Certa vez, um participante — exímio atirador — perguntou se haveria caça ali. A resposta foi: "Não há destruição de vida aqui — isso é impossível — mas poderás exercer a tua destreza como fazes aí com pratos de barro. Não podes usar pólvora nem chumbo, mas há uma força que te dará a mesma satisfação."

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO é realizado por especialistas nas áreas específicas em análise, e os resultados tentam ser comunicados à Terra, a quem for suficientemente sensível para captar essas impressões.

RECREAÇÃO NAS ESFERAS

Todas as formas de recreação saudável existem aqui — seja xadrez, seja críquete — e qualquer desporto que te agradava na Terra pode ser desfrutado aqui. Existem bibliotecas onde se pode ler sobre os temas de interesse, escritos por quem sabe — sem especulação, apenas factos, apresentados de forma clara e inteligível. Os amantes de música são particularmente bem servidos: orquestras imensas, contendo, por exemplo, trezentas harpas, além de outros instrumentos, proporcionam a mais sublime música — composta nas Esferas ou na Terra — e o canto a várias vozes é uma forma muito popular de prazer.

COMO SÃO AS ESFERAS

Cada Esfera difere em glória e maravilhas, e quanto mais elevada, mais belo é o ambiente. Mesmo a Terceira Esfera, chamada a Terra do Verão (*Summerland*), é de uma beleza prodigiosa. Um espírito disse: "Imagina um dia de verão perfeito, com o sol a brilhar, os pássaros a cantar, as árvores a murmurar com a brisa suave — multiplica isso por cem — e ainda assim não alcançarás a realidade. Aqui não temos sol, lua ou estrelas como os vossos, mas a gloriosa luz dourada das Esferas ilumina tudo. Abundam flores de beleza e fragrância indescritíveis, e a relva é mais verde do que qualquer que a Terra possa mostrar. As flores não murcham, como aí, e há frutos suculentos, que podem ser saboreados, se o espírito assim o desejar."

"O movimento aqui é feito pelo pensamento — flutuamos, embora possamos andar, se preferirmos."

O PLANO ASTRAL é o mais próximo da Terra, seguindo-se as várias Esferas até à Região Sagrada, a Sétima Esfera. (A Terceira Esfera será provavelmente o destino da maioria da humanidade — daqueles que não são nem muito bons nem muito maus — o chamado "homem ou mulher médios.")

O PODER DO AMOR

"O amor entre os que estão na Terra é um vínculo doce, mas aqui é purificado e intensificado. Quando te encontras sob a sua influência e o recebes diretamente da sua fonte, a diferença é total. É como se o recebesses diretamente da central geradora, por assim dizer. Refiro-me à Esfera do Cristo — nós chamamos-lhe a Esfera do Amor. Manifesta-se de forma tão maravilhosa que quem a sente fica envolvido por uma alegria tal que mal pode crer que a alma humana seja capaz de a receber.

O Amor é a força que aqui tudo domina. É uma chave poderosa e reina soberana em todas as Esferas. Nós, espíritos, podemos ter diferentes pontos de vista, mas não discutimos. Fazemos até julgamentos simulados, e exercitamos as nossas faculdades intelectuais em debates — mas sempre com harmonia. O desejo do Supremo é que a felicidade prevaleça, mesmo nas regiões onde a luz é ténue e as almas, por um tempo, estão carregadas de remorsos — é aí que os Ministros da Esperança trabalham para levar consolo e esperança a essas almas."

(O trabalho pode ser longo, mas o desfecho final é sempre positivo. Esta é uma certeza que me tem sido frequentemente reafirmada.)

REINOS, PLANOS E ESFERAS

Perguntei ao Dr. Sharp, o guia espiritual da Sra. Wriedt, qual a diferença entre Reinos, Planos e Esferas. O doutor respondeu: "Os Reinos estão dentro das Esferas. É como uma casa com muitos andares. A Inglaterra é um Plano, Londres uma Esfera. As várias ruas podem ser nomeadas pelos seus ocupantes, como realmente o foram há eras. Existe a Esfera dos Pintores ou Artistas, a dos Oradores, a Musical, a dos Animais, e por aí fora. Cada Esfera, à medida que se ascende, contém os seus Planos. O Plano e a Esfera formam uma unidade, e os Reinos são camadas dentro das Esferas."

EVOLUÇÃO

O Dr. Sharp costumava concluir as sessões com a Sra. Wriedt com uma pequena homilia. Uma noite disse: "O Espírito e a alma formam um só. O Espírito existe em ti, a alma está viva, e o teu corpo evoluiu a partir do protoplasma."

Um dos participantes comentou: "Essa é a teoria de Darwin, doutor."
Dr. Sharp respondeu: "Ah, mas não descendemos dos macacos. Sei que alguns têm a presunção de me dizer que antigamente andávamos de mãos e pés. Nunca foi assim — sempre andámos sobre os pés. Este vosso mundo tem muito mais do que os seis mil anos que a Bíblia lhe dá. Isso está errado. Tem bilhões de anos. Vejam o carvão! O que é? O que o tornou em carvão? Fricção e pressão, era após era, após era. O interior da Terra é uma enorme fornalha que durará milhões de anos. Ah! Os vossos cientistas ainda não descobriram os maravilhosos elementos químicos que a atmosfera contém, nem os ingredientes que compõem a fosforescência do mar."

O PLANETA MARTE

O Dr. Sharp encerrou uma sessão com uma descrição de Marte. "O Sr. V." — disse — "perguntou sobre os planetas. Não quis interromper o espírito que falava com ele na altura, mas responderei agora. Ele perguntou se Marte era habitado. É, e aqueles interessados nestes assuntos terão oportunidade de o ver quando fizerem a travessia. Já lá estive várias vezes. Tem uma civilização própria, que não segue exatamente os vossos padrões, mas é adaptada aos seus habitantes. A raça marciana tem pele escura e a sua vida no planeta tem, em média, cerca de dois terços da duração da vida humana. Passam, claro, para a sua própria Esfera."

Perguntaram ao doutor se os chamados "canais" eram artificiais. "Oh, não," respondeu, "naturais, totalmente naturais. Canais? São grandes corpos de água. Ah! Os vossos astrónomos ainda têm muito que aprender."

A TERRA E AS ESFERAS COMPARADAS

Ao perguntar a um Espírito recém-chegado qual era a diferença entre os nossos mundos, respondeu:

"É impossível comparar os dois estados — não há comparação possível, embora muita coisa pareça semelhante. Temos árvores, casas, flores, paisagens, etc., tão substanciais para nós como são para vós. Nunca temos fome, nem há escuridão. Há uma espécie de crepúsculo, por vezes, quando queremos descansar — se bem que nunca nos cansemos. Não é necessário andar — pairamos.

Nas Esferas superiores, a comunicação é feita pelo pensamento; nas inferiores, falamos, como eu falava quando estava convosco. Todos aqui têm uma oportunidade justa de progredir, se se entregarem a isso. Não há retrocesso se se quiser avançar! Mas muitos acham melhor ficar onde estão — é tão belo. E quando se pensa nas vidas terrivelmente difíceis que alguns suportaram na Terra, não é de admirar."

Perguntámos: "Onde estás exatamente — longe daqui?"
"É um estado," explicou o Espírito, "à volta de um lugar específico, que pode estar bem perto de vós, embora penseis que está a milhares de quilómetros. Podemos vir até vós se apenas nos aceitardes. É um privilégio do mundo espiritual poder visitar a Terra, mas permanecer aí é impossível — as condições são demasiado densas para a existência dos Espíritos.

É como tentardes respirar debaixo de água — só podemos permanecer por um curto período. Inicialmente há um grande desejo de voltar à Terra — pode ser para concluir algo inacabado ou preocupação com os que ficaram. Mergulhei rapidamente nas atividades aqui, e como o meu intelecto não era dos melhores, procurei melhorá-lo. Aqui há imensas oportunidades para isso."

A ESFERA DOS ANIMAIS –

O QUE ACONTECE AOS NOSSOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO?

Uma pergunta bastante comum é: "Os animais têm alma?" A resposta é um claro sim. Está plenamente estabelecido, entre investigadores experientes, que os animais — de facto, todos os seres criados — possuem Espírito, pois a vida é, em si, Espírito, e o Espírito, por natureza, é indestrutível. Após a morte do corpo físico, os Espíritos de cães, cavalos, gatos e outros animais domésticos seguem para a Esfera Animal.

Vi esta verdade demonstrada muitas vezes, através de materializações e descrições espirituais, e podemos estar gratos por a devoção de toda uma vida, como a de um cão, ser perpetuada nas Esferas — e que o doce vínculo de afeto entre nós e os nossos animais não é efémero, como alguns pensam. Podemos retomar esse laço quando fizermos a travessia, e o vínculo de carinho trará o animal da Esfera Animal até nós, com todos os seus pequenos traços e manias — até os truques que lhe ensinámos, revividos para nosso deleite.

Levei um amigo e a sua esposa a sessões com a Sra. Wriedt, há anos. Tinham tido um collie, muito estimado. A Sra. Wriedt nada sabia disto, mas descreveu exatamente o cão e disse: "Está agora a colocar as patas no seu colo, senhora." Ouvimos um latido agudo, e a senhora disse que sentia a pressão das patas.

Um amigo tinha dois canários extremamente dóceis. Alimentavam-se da sua boca, voavam pela sala, e vinham ao seu chamamento. Ambos morreram. Dez anos depois, a filha do meu amigo, já falecida há dois anos, apareceu numa sessão e disse: "Papai, a tia cuidou daqueles dois canários de que gostavas tanto. Ela diz que virão até ti quando cá chegares." A médium não fazia ideia de que o meu amigo alguma vez tivera pássaros.

Noutra sessão, levei um amigo cujo nome a médium não conhecia. Assim que entrou na sala, em plena luz do dia, ela disse: "Há um cãozinho a seguir-te; tem pêlo encaracolado, e alguém chama 'Fluff'." Durante a sessão, o filho do meu amigo (falecido na guerra) apareceu e disse: "Pai, trouxe o Fluff comigo."

Outro conhecido comprou um papagaio para a filha — era uma criaturinha encantadora e muito acarinhada. Morreu, e pouco depois, numa sessão, outra filha (já nas Esferas) apareceu e disse: "Papai, diz à mana para não chorar. O papagaio está agora no Reino das Aves. Não podias esperar que sobrevivesse em Londres — não estava aclimatado."

Numa pequena sala, onde seria absolutamente impossível um cavalo mover-se, ouvi um a relinchar, bater os cascos e a agitar-se. Claro, as paredes não existem para os seres espirituais. Já ouvi participantes reconhecerem os seus cães pelo latido característico, depois da sua morte.

A percentagem de pessoas com o dom da clarividência é pequena, mas a maioria dos animais — especialmente cães e cavalos — possui essa faculdade de algum modo. Uma vez, numa sessão com a Sra. Wriedt, ela trouxe o seu pequinês. Normalmente, o cão permanecia no colo dela, silencioso. Nesse dia, vagueava pela sala, e senti-o a passar entre os meus pés. Uma voz espiritual disse: "Sra. Wriedt, estive a brincar com o seu cãozinho, mas agora ele está a afastar-se." Perguntei: "Então os cães conseguem ver-vos?"
"Oh, sim", foi a resposta, "veem algo, mas não sabem o que é, e geralmente assustam-se — mas este aqui estava bem, até agora."

Nessa mesma sessão ocorreu algo curioso. O espírito interrompeu a conversa sobre o cão e disse: "Alguém está a bater à porta há muito tempo; não quer ir ver, Sra. Wriedt?" A sala das sessões era no último andar e nenhum som exterior chegava lá. A Sra. Wriedt acendeu a luz elétrica, desceu e de facto estava lá alguém — a lavandaria. Voltou calmamente e disse: "Agradeço por me avisarem — era só a lavandaria. Mas, por favor, da próxima vez digam-me quem é!"

Já ouvi crianças espirituais dizerem: "Tenho um gatinho nos braços — foi atropelado e esperei por ele", e noutra ocasião uma disse de outro gato: "Uns meninos maus afogaram-no, mas agora está comigo."

O Dr. Sharp comentou uma vez: "Cada pássaro que canta, nada ou voa; cada animal que amais; até cada brisa de relva — tem Espírito, e o Espírito não pode ser destruído: vive novamente."

Um participante que perguntou por um gato que fora morto foi informado pelo Guia: "Está a cuidar do seu gatinho neste momento — há um laço com os animais que corresponde ao nosso vínculo de afeição."

CÍRCULOS DE RESGATE

Nunca tive preconceito contra aqueles que se dedicam a este tipo de trabalho, mas certa noite, numa sessão com a Sra. Roberts Johnson, um Espírito manifestou-se e dirigiu-se aos presentes:

"Quero dizer-vos algo, amigos. Tenho andado a observar e a visitar muitos círculos. Descobri que alguns são realizados com o propósito de resgatar Espíritos de assassinos do seu estado degradado. Isso é um erro. É extremamente perigoso — tanto para os Espíritos como para o médium — e, na verdade, até os participantes podem não escapar a influências nocivas. Abre-se a porta a forças indesejáveis, e a obsessão é mais do que provável — é praticamente certa. A obsessão é um perigo muito real.

Trabalhos deste tipo são uma missão para Espíritos devidamente qualificados e altamente treinados deste lado. Para os mortais, envolverem-se neste tipo de tarefa é incorreto; eles atraem Espíritos não desenvolvidos e não conseguem elevar nenhum Espírito. Isso dá espaço a verdadeiros e falsos indistintamente. Digo com toda a ênfase: é perigoso.

As pobres almas que passam para cá trazem consigo todas as suas fraquezas e, quando são atraídas para esses círculos, essas falhas são reavivadas e intensificadas temporariamente, e depois somos nós que temos de neutralizar os danos causados. Os meus irmãos e irmãs estão envolvidos neste trabalho sagrado, e eu sei — como vós não sabeis, nem podeis saber — o que é necessário para isso. Deus deu-lhes o poder de resgatar almas nas trevas exteriores. Deixem esse trabalho para eles."

David Duguid (guia escocês da Sra. Johnson) seguiu-se a esse Espírito e disse:

"Alguns círculos foram visitados, e foi visto que nem tudo está bem lá. O que esse Espírito disse devia ser impresso num papel e colocado em todos os círculos. Esses Espíritos Elevados é que tratam deste trabalho — o trabalho missionário é necessário aqui tanto quanto na vossa Terra, e é mais eficaz, porque está melhor organizado.

Eu não gosto desses círculos; são perigosos. Os Espíritos nas trevas exteriores são tratados por aqueles que lhes podem fazer verdadeiro bem. É grave interferir. Eu já vi obsessões causadas por isso. Não conseguimos livrar-nos das influências que esses Espíritos trazem. São os missionários aqui que fazem o resgate, conforme a direção dos Espíritos Superiores. A vossa interferência perturba-os, e é uma vergonha terrível fazê-lo."

George R. Sims, falecido e grande interessado em criminologia, manifestou-se certa noite e partilhou a sua visão:

"Lembrem-se de que as pessoas chegam aqui com um juramento nos lábios, proclamando inocência do assassinato, mas com ódio mortal no coração, determinadas a vingar-se e causar sofrimento. Trazem consigo a atmosfera da prisão — e essa passa a ser a sua prisão aqui. Certos anjos qualificados penetram essa atmosfera com eles, e as visitas são permitidas sob condições rigorosas. Pessoas que passam desta forma regressam com um desejo claro de fazer valer a sua ira sobre os que ficaram na Terra. A imagem constante na sua mente é a da vingança, e, nos momentos finais na cela da morte, esse pensamento domina completamente o seu ser.

E aqui quero dizer, aos que do vosso lado pretendem interferir com o bem-estar desses Espíritos: deixem-nos — deixem isso connosco. Há anjos ministradores aqui cujo trabalho é evitar novos crimes."

Mas — e este é o ponto crucial, que supera todos os outros, e que essas boas pessoas ignoram — o dano causado ao Espírito é ignorado. Ninguém tem o direito de forçar a reinstalação — inevitável com o regresso do Espírito às condições terrenas — das terríveis condições da sua morte, provocando assim uma segunda morte horrível. É uma lei rígida, e o sofrimento para o Espírito é doloroso para além das palavras.

Para além da ineficácia de qualquer tentativa de aliviar o sofrimento do Espírito, nenhum motivo, por mais nobre que seja, justifica tentar ajudar assassinos dessa maneira. Os Círculos de Resgate podem ter o seu valor nalguns casos, mas a gravidade da tomada de vida é tal, nas Esferas, que só os Espíritos podem lidar com assassinos de forma eficaz.

RAIOS, GASES E QUÍMICOS DESCONHECIDOS

Um Espírito comentou numa ocasião:
"Ah! Há raios, gases e substâncias químicas na atmosfera que os vossos cientistas nem suspeitam. Os nossos químicos aqui utilizam-nos em materializações e noutros fenómenos."

Gostaria de chamar a atenção para esta afirmação, feita há vários anos por Dr. Sharp, porque nos últimos tempos cientistas de renome confirmaram-na de forma notável. É aceitável como facto que tenham sido guiados por impressões vindas das Esferas — ainda que inconscientes disso. Já foram analisados vários novos tipos de raios, e, em particular, descobertos gases antes inimagináveis, que hoje já têm aplicações comerciais valiosas. Entre eles estão o argónio, néon, hélio, criptão, xenónio — todos recentes.

O mesmo se passou com o átomo. Há muito tempo foi-nos dito, por fontes transcendentais, que nada no universo está verdadeiramente parado — tudo vibra a diferentes ritmos. Hoje, isso é aceite, e esta conceção influenciou o progresso da ciência em múltiplas direções.

ESPÍRITOS SÃO "NATURAIS" COMO OS MORTAIS

A vida nas Esferas assemelha-se em muitos aspetos à vida na Terra, e a ideia de que aí reina apenas solenidade está errada. Para demonstrar o quão naturais são os Espíritos — tão semelhantes às pessoas que conhecemos — e a natureza familiar de algumas sessões, aqui deixo excertos das minhas notas de uma sessão com a Sra. Wriedt, na Irlanda, há alguns anos, perto de Belfast, registadas no momento em que os Espíritos falavam. Muitos Espíritos divertiram-me imenso com os seus dialetos locais, sotaques carregados e expressões pitorescas. A Sra. Wriedt conhecia o anfitrião da casa onde se realizou a sessão, mas **nada** sabia dos convidados. Todas as manifestações foram de Espíritos locais, por assim dizer, ligados a acontecimentos da zona.

Uma voz surgiu com um inconfundível sotaque irlandês — tão diferente do acentuado sotaque americano da Sra. Wriedt como a noite do dia:

— "Posso entrar?"

Anfitrião: "Entra, amigo."

Espírito: "Conheci o teu pai."

Anfitrião: "O meu pai? O meu pai está aí?"

Espírito: "Disse que o conheci. Não te conheço a ti — conheci o teu pai melhor do que tu alguma vez o conheceste."

Anfitrião: "Oh! É o N. a falar?"

Espírito: "Claro que sou eu! Estás a ouvir-me. Lembras-te do velho poço? E da casa antiga?"

Anfitrião: "Lembro-me do cão, isso sim."

Espírito: "Ah! O cão grande — o enorme setter — era um bom cão, e causou-me um belo sarilho. Ai, as minhas calças novas! — rasgou-mas. Mordia qualquer coisa. Arruinou-me os calções. Tinha uns sapatos barulhentos e ele não me viu bem — agarrou-me pela barriga da perna. Pensei que ia morrer ali mesmo. Por Deus, estava como num torno! Se tivesse um pau, dava-lhe com ele."

Anfitrião: "Lembras-te do B.?"

Espírito: "Claro que sim — conhecia-o bem. E ele contou-te sobre mim? Lembras-te do sino?"

Anfitrião: "Não, disso não me lembro."

Espírito: "Fui eu que o fiz."

Anfitrião: "E onde está agora?"

Espírito: "Ah, alma bendita — onde está o ano passado? O B. é um bom rapaz. Por Deus, podia falar o dia inteiro até achares que fiquei maluco. Lembras-te da farmácia?"

Anfitrião: "Não, isso já esqueci."

Espírito: "Pois, pois! Então talvez também não te lembres do doutor."

Anfitrião: "Manda cumprimentos a todos os amigos aí."

Espírito: "Por Deus, há muitos deles."

A forma familiar e descontraída como decorreu a conversa foi aceite naturalmente pelos presentes — cerca de dezasseis pessoas, todas irlandesas. Para mim, o humor foi delicioso, e diverti-me bastante. A ideia do Espírito à porta, à espera de permissão para entrar, foi de um cómico irresistível. E, incidentalmente, provou que **a memória do Espírito é melhor do que a dos que ainda vivem**, sendo mais um exemplo, entre milhares, da persistência da memória e da personalidade após a morte.

MANIFESTAÇÕES EM ÁREAS DE CONFLITO

Noutra ocasião, realizou-se uma sessão numa zona muito agitada, onde tinham ocorrido bastantes tiroteios (era o tempo em que o sentimento entre Norte e Sul estava particularmente intenso), e manifestou-se um Espírito que, em vida, fora um vigoroso militante do Sinn Féin. Disse ele:

"Não quero causar problemas — já tive o suficiente deles — mas agradeço a oportunidade de dizer umas palavras. Sei que há sarilhos a caminho entre o Norte e o Sul, mas eu sou irlandês, e serei irlandês até morrer!"

Do ponto de vista popular, ele já estaria morto, mas a força da sua voz demonstrava o contrário!

Noutra sessão, também realizada numa zona de conflito, apresentou-se um Espírito que tinha sido morto de forma traiçoeira. Quando lhe perguntaram como via o sucedido agora, respondeu:

"Ah, bem, deixemos a vingança para mais tarde. Mas alguns dos combatentes continuam a discussão aqui deste lado!"

Presos num aperto de morte, chamarem a isso uma "discussão" é algo tipicamente irlandês.

HUMOR NAS ESFERAS

Todos nós, ao passarmos para o outro lado, mantemos exatamente a mesma natureza que tínhamos no momento da passagem, e quem possui sentido de humor continua a exercê-lo tal como fazia na Terra. Ouvi histórias extremamente engraçadas contadas por Espíritos.

George R. Sims, Joey Grimaldi e Joe Griffiths (frequente nas sessões da Sra. Roberts Johnson) muitas vezes mantêm os círculos em gargalhadas com as suas observações espirituosas. Desafio qualquer mortal a fazer frente a Joey Grimaldi, que está sempre pronto com uma resposta certeira.

Este Espírito, curiosamente, está associado como guia espiritual a um dos médiuns de voz mais sóbrios. As vibrações do riso ajudam bastante a criar e sustentar a ponte de comunicação entre as Esferas e a Terra.

NÃO HÁ TÍTULOS NAS ESFERAS

Um Espírito que, em vida, ocupava uma posição de prestígio e possuía um título, foi assim tratado numa sessão. Respondeu:

"Ah, aqui não há títulos; deixamo-los para trás quando atravessamos — nada de coroas nem penachos! Aqui somos apenas o Tomás, o Manuel ou o Joaquim. É a espiritualidade que determina a tua posição aqui."

O QUE ACONTECE REALMENTE QUANDO "MORREMOS"

Um Espírito que, em vida, foi médico da Marinha Real respondeu assim à pergunta:

"Quando morres, libertas-te da tua vestimenta mortal — a carne separa-se do Espírito, e este funciona sozinho. O Espírito necessita de tempo para se restabelecer, e isso leva geralmente três dias até adquirir a forma adequada. No início, encontra-se num estado semelhante ao coma — como se estivesse num mausoléu, com uma sensação densa. Ao terceiro dia, começa a tomar consciência do que o rodeia, e logo a seguir é-lhe dado a escolher uma ocupação adequada. Eu escolhi a profissão de marinheiro em vez da médica — não que aqui haja navios no sentido material, mas temos os seus equivalentes espirituais."

Outro Espírito descreveu assim a passagem:

"Quando o cordão vital é cortado pelo Espírito encarregado de o fazer, a alma atravessa para o nosso lado. É levada para um Lar de Descanso, onde encontra pessoas do seu grupo e do seu nível de desenvolvimento. Esse repouso pode durar minutos, dias ou anos, mas geralmente dura três dias. Depois, é conduzida a outro local — uma espécie de centro de triagem espiritual — onde ocorre a análise da sua vida passada."

QUEM É O EXAMINADOR?

"Tu mesmo. Essa centelha de Divindade implantada em cada ser humano, que distingue entre o bem e o mal, aquilo a que chamamos consciência — é o teu único juiz."

COMO É FEITA A AVALIAÇÃO?

"Todo o teu passado, desde a infância até ao momento da morte, é-te apresentado em flashes, como um filme de cinema. Cada pensamento, palavra e ação está registado em imagens indeléveis, e és mostrado onde erraste e como podias ter feito melhor. O que fizeste de errado deve ser corrigido — e é-te mostrado o caminho. Não é possível progredir sem esse passo. Pode levar semanas, meses, anos ou até séculos."

Outro médico Espírito descreveu a sua passagem assim, em resposta a uma pergunta de um parente que esteve com ele no seu último dia:

"Depois do jantar, quando saí naquela noite, sentia-me muito bem. Deixei os amigos com boa disposição. Durante a noite, comecei a sentir-me algo perturbado — não muito, mas notável. Senti-o no corpo, não na cabeça — depois piorou. Por volta das três ou quatro da manhã, adormeci e… bem, acho que foi já de tarde quando me encontraram — ambos estavam lá quando morri."

Perguntaram-lhe: "O conhecimento do Espiritismo ajuda a compreender melhor o que acontece?"

Respondeu: "Sabia tão pouco disso que não me sinto competente para formar uma opinião. Havia uma espécie de nevoeiro, uma mistura e confusão — uma ideia sucedida por outra. Deixa-me dizer-te que muitas vezes dois médicos não dão o mesmo diagnóstico, e assim acontece com dois médiuns ou dois Espíritos — diferem na sua perspetiva. Há uma névoa, uma bruma. Libertamo-nos das condições terrenas, e geralmente em três dias já estamos mais lúcidos e fortalecidos. Para ser franco, eu não queria acreditar no Espiritismo quando aí estava. Agora sei que é uma obra para o bem — quando conduzida como deve ser."

Perguntaram-lhe: "Esses três dias após a morte são assim tão significativos?"

Respondeu: "Não se trata exatamente de abrir os olhos para o novo mundo, mas de reunir forças, absorver os novos elementos, e tornar-se gradualmente consciente. É como acordar de um sono profundo — sente-se uma espécie de atordoamento. Sim, é assim que cá chegamos — atordoados.

"É uma nova era para nós, mas olhamos com os mesmos olhos, usamos os mesmos sentidos e falamos uns com os outros como na Terra. Mantemos exatamente a mesma individualidade — isso eu sei bem. A medicina é de grande utilidade aqui para a humanidade. Fiquei contente por poder regressar à Terra e ajudar os cirurgiões a fazer um trabalho melhor. A Terra é um cadinho de verdades — nada no mundo existe sem amor. Nunca vi tão claramente a falta de princípio nos pensamentos como vejo agora. Eu não era perfeito — sei disso. Cometi erros. Ah! É preciso compreender profundamente o preceito: 'Faz aos outros o que gostarias que te fizessem.'"

(Importa lembrar que este Espírito, como todos os outros cujas mensagens constam neste livro, não tinha conhecimento de que um dia as suas palavras seriam tornadas públicas. Eu tomava notas para minha satisfação pessoal ou para registo dos outros presentes nas sessões. A ideia de as divulgar surgiu apenas mais tarde.)

"INVOCAR" OS ESPÍRITOS

Todos os que investigam os fenómenos psíquicos deparam-se com questões aparentemente difíceis de resolver. Queremos saber o porquê disto ou a explicação daquilo, e a dificuldade não diminui pelo facto de os nossos amigos espirituais, embora desejando ajudar, estarem a funcionar numa dimensão completamente diferente, sendo-lhes difícil comunicar conceitos complexos.

Vejamos o clássico tantas vezes evocado pelos céticos: "Chamar os Espíritos." Esta ideia absurda já foi desmentida vezes sem conta, mas os céticos continuam a usá-la como crítica — sugerindo que forçamos Espíritos a manifestar-se contra vontade. Ora, sabemos bem que se um Espírito não quiser vir, pode-se chamar até às Calendas Gregas que não haverá resposta.

Contudo, é também verdade — e uma lei infalível nas Esferas — que um "chamamento" sincero e sentido, seja por pensamento ou oração, chega sempre ao Espírito visado. Parece-nos incrível que um pensamento enviado a um "João", por exemplo, chegue ao "João certo" entre milhões nas Esferas, mas dizem-nos que o vínculo de amor, afeto ou interesse é uma coisa real e tangível, que liga automaticamente o evocador ao Espírito. A resposta depende da vontade do Espírito e da existência de um canal adequado.

Nas sessões de Voz Direta, esse canal está disponível, e o Espírito pode manifestar-se, se quiser. Numa sessão recente, estava a discutir este assunto com um Espírito, e fiquei surpreendido com um facto que deve ser conhecido por todos os investigadores psíquicos:

Foi-me dito — por uma fonte que nunca me enganou, nem nos menores detalhes — que raramente pode um Espírito ser atraído para a manifestação sem desejar, e pode nem se lembrar do sucedido depois.

Importa lembrar que, em todas as sessões de voz — e, de facto, em qualquer círculo — para os Espíritos, as paredes da sala não existem. Para eles, aquilo é uma grande planície aberta.

E embora possamos ter apenas vinte ou trinta manifestações numa sessão de voz, milhares de Espíritos assistem à distância, profundamente interessados no que se passa. Já por várias vezes um Espírito "entrou no círculo" sem interesse direto por nenhum dos presentes, e pediu desculpa por usar a energia.

Saí da sessão num estado bastante perturbado e fiquei a meditar sobre a possibilidade de atrair um Espírito que não tivesse vontade de comparecer. Abordei o assunto numa sessão subsequente, e foi isto que aconteceu:

Eu (para o Espírito que se manifestava): "Compreendi bem quando disseste que um participante pode forçar um Espírito a comparecer a uma sessão, mesmo que este não tenha vontade de o fazer?"

Espírito: "Não disse isso. Disse que um Espírito que esteja do lado de fora do vórtice — sendo o interior o espaço onde nós, Espíritos, podemos manifestar-nos — pode ser arrastado para o círculo pelo poder giratório, mesmo sem desejar estar lá, e que, depois, não se lembrará de nada. É raro, mas possível. Um pensamento muito intenso pode causar isso."

Eu: "Causa desconforto pensar que um participante possa ter poder para atrair um Espírito das Esferas."

Espírito (rindo): "Oh, meu caro, não deves tirar essa conclusão. É absolutamente impossível que um participante faça isso. O pensamento chegará ao Espírito, naturalmente, mas a força termina aí; cabe ao Espírito decidir se quer vir. Referia-me aos Espíritos que estão muito próximos destas ondas ondulantes."

Eu: "Então, supondo que o Espírito seja atraído, é obrigado a manifestar-se?"

Espírito: "De forma alguma é afetada a independência do Espírito — pode manifestar-se como forma ou pode falar —, mas o que eu queria que compreendesses é que o Espírito não reterá memória do incidente. O cérebro do Espírito ficará em branco, tal como o vosso cérebro terrestre fica em branco quando o corpo espiritual visita as Esferas durante o sono. Já estiveste aqui muitas vezes, e no entanto dizes-me que não te lembras de nada dessas visitas. O cérebro do Espírito não transmite a informação, salvo em casos muito raros, ao cérebro terreno."

Isto deu-me muito que pensar. Esclarece muitas dúvidas sobre o que se chama de personificação, mas deixa ainda algo por explicar. Explica, por exemplo, a manifestação de um Espírito num círculo que depois, numa sessão com outro médium, diz: "Não me lembro de lá estar." Tal declaração levar-nos-ia a concluir que o Espírito não esteve lá, pois atribuímos aos Espíritos, no mínimo, uma memória igual à nossa e consideramos improvável que se esqueçam de tal episódio. No entanto, a declaração do Espírito seria perfeitamente compatível com a sua manifestação real.

REENCARNAÇÃO

No final de uma sessão (em que se manifestaram muitos Espíritos que haviam partido há muito tempo), com a Sra. Wriedt — o Dr. Sharp, seu Espírito-guia, encerrou o encontro dizendo: "Agora, senhores, por vezes perguntam por que vêm até vós aqueles de quem já se esqueceram há muito. Eles têm um propósito. Não estais a pensar neles, portanto não pode haver telepatia mental. Deixem-me dizer-vos: há vida espiritual, e tereis de vivê-la quando deixardes esta Esfera mundana. Estais a viver num plano baixo, mas subireis para Esferas de ação mais elevadas.

O dia de hoje é sempre o melhor dia — recolhei todo o poder e sabedoria que puderdes para esta viagem de descoberta para uns, de providência divina para outros. Aqui encontram-se velhos amigos, e fazem-se novos. Deus está presente em todas estas fases da vida. A morte não é o fim — é apenas uma passagem para um novo nascimento. Mas não acrediteis que renasceis uma segunda vez na carne. Uma vez na carne, nascido para sempre. Lembrai-vos: a reencarnação é uma teoria feita pelo homem."

David Duguid, o Espírito-guia da Sra. Roberts Johnson, disse com a sua cautela escocesa: "Não sei... Nunca encontrei aqui alguém que tenha estado convosco noutra ocasião anterior, e falei com muitos que cá estão há milhares de anos — e todos foram humanos uma vez."

Uma das melhores justificações que ouvi para essa teoria veio de um Espírito que falava de alguém que havia falecido há muitos séculos. "Foi um grande e bom homem na Terra", disse o Espírito, "e tem feito muito bem à humanidade desde que chegou aqui. Se há algo que me reconcilie com a ideia da reencarnação, seria isto — o amor por toda a humanidade desse Espírito é tão intenso que ele permanece próximo da Terra e aceitaria de bom grado reencarnar num corpo terreno para ajudar os que sofrem, apesar de se encontrar numa Esfera elevada. Não digo que há reencarnação, porque não sei, mas há alguns aqui que afirmam que sim."

(As informações dadas em *Progress in the Spheres* podem lançar alguma luz sobre esta questão.)

VIAGENS DURANTE O SONO

Viajar durante o sono, ou seja, o movimento do corpo espiritual separado do corpo terreno, é um facto sólido — tanto que, quando os acontecimentos e memórias da nossa vida aqui se tornam difusos ou desaparecem por completo do cérebro terreno, as impressões das visitas às Esferas permanecem vivas no cérebro do Espírito. Os poderes e faculdades do cérebro espiritual superam largamente os do cérebro material, mas a ligação entre ambos é de natureza muito curiosa e delicada, e raramente se manifesta para a maioria de nós. Mas existe — e sob forte emoção ou em condições particularmente favoráveis, essa ligação é sentida.

É nestas circunstâncias que os acontecimentos das nossas visitas às Esferas são transmitidos ao cérebro material e lembramo-nos deles, por vezes com muita confusão, outras com clareza. Há alguns mortais afortunados que recordam bem essas visitas — não por serem mais espirituais do que nós, mas porque a ligação entre os dois cérebros, no caso deles, é um dom natural, como o são outras formas de capacidade psíquica.

O procedimento foi muitas vezes descrito por Espíritos em sessões de "voz direta" e não é aleatório. Na noite escolhida pelos nossos amigos espirituais para a visita, médicos espirituais examinam o estado físico do viajante, dando especial atenção ao coração e ao cordão psíquico. Embora a viagem às Esferas decorra num instante, podem surgir

circunstâncias que obriguem a um regresso apressado à Terra, pelo que tudo deve estar em ordem antes da partida.

Supondo que tudo esteja bem, o nosso corpo espiritual é acompanhado não só por entes queridos que anseiam pela nossa companhia, mas também por muitos Espíritos cuja missão é garantir que nada de adverso ocorra. Vamos à Esfera escolhida, geralmente aquela relacionada com o desenvolvimento do Espírito que nos quer ver, mas por vezes a uma mais elevada, se houver um propósito especial. A Esfera é determinada pelo objetivo da visita — se é para comunhão ou para obtenção de informação.

Muitos de nós já acordaram durante a noite com a forte sensação de ter testemunhado paisagens notáveis ou de ter falado com alguém. Adormecemos de novo, e de manhã não conseguimos lembrar-nos de nada — perdemos a chave. Mas, se tivermos papel e lápis à mão e, ao acordar de noite (normalmente quando o corpo espiritual regressa ao corpo físico), anotarmos umas palavras, isso por vezes ajuda a recordar a experiência. Cada palavra e cada visão presenciada fica gravada no cérebro do Espírito, e quando tomarmos o nosso lugar definitivo nas Esferas, recordaremos tudo o que aconteceu. Os nossos amigos espirituais são categóricos quanto a isso.

A viagem é, de facto, real, e o espaço percorrido pode ser vasto; pois algumas Esferas, dizem-nos, estão a uma distância inconcebível da Terra, tal como entendemos o espaço.

Numa das sessões com a Sra. Roberts Johnson, uma senhora disse à filha que se manifestava: "Sonhei, na outra noite, que estava num país maravilhoso, com montanhas, lagos e ribeiros, e vi salmões a saltar nos ribeiros. Achei que estavas perto de mim."
"Pensaste?", exclamou o Espírito. "Mas, querida mamã, não foi um sonho! Vieste ter connosco, e mostrei-te as flores lindas — não te lembras?"
"Não," respondeu a mãe, "mas lembro-me bem de quão verde era a relva."

Dizem-nos que, para além dos objetos próprios de uma Esfera em particular, todos os objetos naturais que temos na Terra têm o seu correspondente nas Esferas; e tudo o que foi construído pelas mãos, tendo o pensamento como origem, deve, por força, estar representado lá também, pois o pensamento é tangível e construtivo.

Noutra sessão, o Sr. D. Thomas, da L.S.A., e eu marcámos um encontro com os nossos amigos espirituais (com tanta naturalidade como faríamos com amigos terrenos) para sermos levados às Esferas às doze horas dessa noite. A visita realizou-se, e disseram-nos que fomos acompanhados pelos nossos respetivos amigos, entrámos nas Esferas, conversámos com os nossos e tivemos um tempo bastante interessante. Guardei apenas uma memória confusa de movimento e de alguém a falar, e o Sr. Thomas pouco mais se recordava.

LEI ESPIRITUAL E DEFORMIDADE FÍSICA

Estava a ler as *Reminiscências* de Sir Frederick Treves. Todos sabemos que foi um grande cirurgião, mas em matéria psíquica tinha muito a aprender, como tantos dos nossos

"grandes" homens. Isso vê-se no capítulo "In articulo mortis". Para Sir Frederick, o além era um país desconhecido. "Considero," diz ele, "que as conclusões dos Espiritualistas são ou inacreditáveis ou impossíveis" — embora admita que estas mesmas palavras tenham sido, há apenas alguns anos, aplicadas às maravilhas dos raios X e da rádio. "São alucinações. A crença no sobrenatural tem fascínio para algumas mentes, especialmente as que não são muito estáveis." Os brilhantes intelectos de muitos países que partilham das nossas crenças terão de suportar estas críticas superficiais com paciência.

Há uma história nas *Reminiscências*, intitulada "O Homem Elefante", provavelmente uma das mais arrepiantes da literatura, mas que revela Sir Frederick Treves sob uma luz humana e bela.

Há cerca de setenta anos nasceu um ser humano com muito pouca semelhança com a humanidade normal. Receio dar os pormenores desta monstruosidade terrível; basta dizer que, até Sir Frederick ver o homem, então com cerca de vinte anos, ninguém que o visse conseguia evitar exclamar: "Que horror!" Era levado pelo país por um exibidor que o tratava pior que um cão. Sir Frederick libertou-o dessa escravidão e encontrou-lhe um abrigo digno no Hospital de Londres, onde recebeu toda a atenção até à sua morte.

Enquanto lia sobre este terrível fenómeno da natureza, pus o livro de lado e pensei no ponto fundamental do Espiritualismo: a sobrevivência da personalidade. Sabemos que o corpo espiritual não apresenta malformações, mas ocorreu-me o pensamento:

"Que coisa terrível seria se esta alma tivesse, por algum motivo de identificação — como sabemos que por vezes os Espíritos materializados o fazem — de assumir a forma humana!" A ideia foi perturbadora, mas passou, e não voltei a pensar no assunto.

Tinha um encontro marcado na manhã seguinte com um médium de Voz Direta, que, naturalmente, não tinha qualquer conhecimento do que eu tinha lido na noite anterior — na verdade, o incidente nem sequer estava presente na minha mente nesse momento. Um Espírito que, por várias vezes, me tinha falado, manifestou-se e disse:

"Estive contigo ontem à noite." Eu disse: "Sim? Onde estava eu?"

"Oh, estavas em casa", respondeu ele. "Estavas a ler — não o *Evening News*, mas um livro médico — não, um livro escrito por um médico." "Ah!" disse eu. "Agora lembro-me, fiquei muito perturbado, e..."

"Eu sei tudo sobre isso", interrompeu o Espírito, "e quero falar contigo sobre o caso que leste. Não temos dificuldade em captar os teus pensamentos. Podes considerar isto como um teste, pois o médium nada sabe do que vou dizer.

Deixa-me dizer-te: o Espírito é perfeito — por ser Espírito não pode ser de outra forma — e todas as deficiências, malformações e imperfeições físicas ou mentais desaparecem após a passagem, e tudo funciona como deve."

"Compreendo perfeitamente," disse eu, "sabemos que quando os Espíritos se materializam ou quando imprimem a sua imagem numa chapa, retomam, por um momento, a forma humana, e era um pensamento horrível que..."

Fui novamente interrompido.

"A sua malformação não é o único meio de o reconhecer aqui — existe o 'eu' verdadeiro, a natureza espiritual, e esse pobre homem tinha uma natureza doce e amável que nem vinte anos de martírio conseguiram corromper. Essa natureza floresceu em toda a sua beleza aqui, e a longa agonia que viveu é nada comparada com a compensação da sua felicidade nas Esferas. Há algum tempo, não sei dizer quanto, pois o tempo tal como o conheces não existe aqui, fui chamado para assistir na passagem de duas almas unidas no corpo físico de uma forma que vós chamais gémeos siameses. Até chegar, não sabia o que se esperava de mim, pois vi que o cordão ainda não tinha sido cortado, e os dois jaziam lado a lado, ainda adormecidos."

"Foste tu que cortaste o cordão?", perguntei.

"Não, essa é a tarefa de um Espírito Superior que ali estava com esse propósito. Quando isso foi feito, soube que era meu dever, como é minha felicidade, despertar as almas adormecidas para a consciência deste lado e confortá-las — duas entidades separadas e distintas, que progredirão como tal. Nada sabiam deste assunto, como milhões que aqui chegam, e precisam de ser esclarecidos."

Aqui temos um pensamento passageiro, ao qual eu não dera mais atenção, registado nas Esferas, e a perturbação momentânea que causou, esclarecida e explicada. Não procurava um "teste", mas foi um de enorme impacto — e nenhuma hipótese de "alucinação", como Sir Frederick Treves na sua ignorância sobre estes assuntos atribuiria, poderá explicá-lo.

A facilidade com que os nossos pensamentos são lidos pelos Espíritos é outra lei maravilhosa, cuja chave ainda não possuímos. Tantas vezes mantive conversas curiosas e unilaterais numa sessão de Voz Direta — formulava mentalmente as minhas perguntas e o Espírito que se manifestava respondia em voz audível, não apenas com um "sim" ou "não", mas com uma resposta fundamentada.

DEFICIÊNCIA MENTAL

Uma vez submeti a seguinte questão a um Espírito:

"Suponhamos que um homem chega aos trinta anos num asilo de loucos e depois desencarna — está ele em desvantagem nas Esferas?"

"Já te disse antes que o Espírito nunca é imperfeito; a limitação está em não conseguir funcionar através do cérebro."

"Compreendo, mas refiro-me a uma compensação pelos trinta anos perdidos na Terra."

"Não é compensação suficiente libertar-se do cérebro defeituoso?"

"Sim, de certo modo, mas o Espírito tem de recuperar o tempo perdido, por assim dizer, nas Esferas?"

"Em muito pouco tempo o cérebro espiritual funciona corretamente, e o tempo perdido, como dizes, torna-se irrelevante, e o Espírito não está de forma alguma em desvantagem no seu progresso posterior."

A VOZ DIRECTA

Uma das coisas mais difíceis de compreender é: "Como fala um Espírito connosco?" em sessões de Voz Direta ou com trombeta espiritual. Já coloquei esta questão mais do que uma vez, e a resposta é a seguinte: "Usamos uma força ou emanação do médium (que pode ser chamada de ectoplasma) como fonte primária, embora também retiremos energia dos assistentes, pois todos os seres humanos são médiuns potenciais, mesmo que possam passar a vida inteira sem o saber.

Construímos uma laringe artificial e moldamos essa força para o nosso propósito, e para isso temos valiosa ajuda, sobretudo de Índios da América do Norte, altamente dotados em força magnética. Naturalmente, tudo isto está sob supervisão de cientistas especializados aqui, pois não penses que é um processo aleatório. Não, tudo é feito com ordem, e os nossos amigos daqui têm todo o gosto em colaborar.

Com aquilo que chamais ectoplasma, expelido principalmente do plexo solar, mas não necessariamente, e com substâncias extraídas da atmosfera pelos nossos peritos, construímos formas materializadas — ou seja, vestimos o corpo espiritual com matéria física, que deve ser devolvida ao médium, sob pena de este sofrer após a manifestação."

"Como é produzida, por exemplo, a Voz Direta?", perguntei.

"Podemos prolongar as cordas vocais do médium, extrudindo-as pela garganta — não pela boca —, esse é um dos métodos, e estamos a provar-te agora que conseguimos produzir uma voz, e uma voz característica. Como é feito, duvido que consiga explicar de forma clara, tal como os vossos cientistas não conseguem dar uma explicação compreensível do que é, por exemplo, a eletricidade. Sabemos o resultado de utilizar essa força presente em médiuns fortes, mas o que ela é, não sabemos — tal como vós sabeis utilizar a força da eletricidade, que domesticaram para um certo uso, mas ainda não sabem o que ela realmente é.

Não tendes, à vossa volta, milagres constantes na força vital da vegetação? Conseguem explicá-la? Ou os prodígios da digestão e nutrição no corpo humano? O que determina que a aveia ou o trigo se transformem em carne ou penas? Como é que um peixe, imerso desde o nascimento no imenso oceano, não sente o sabor do sal? Sabemos que podemos fazer certas coisas em certas condições — e já as fizemos milhares de vezes — mas nem sempre conseguimos explicar como. Estamos sujeitos a leis aqui, tal como vós aí, e embora eu não as consiga explicar, há Espíritos Superiores que certamente poderão fazê-lo."

WHISKY COM SODA NAS ESFERAS

Um tema recorrente de escárnio para alguns é a afirmação feita na obra *Raymond* de Sir Oliver Lodge, com base nas palavras do seu filho nas Esferas, de que lá se pode obter whisky com soda. Com a vaga ideia que muitos têm das condições nas Esferas, não ficariam surpreendidos ao encontrar um bar típico com álcool a correr da torneira. Para outros, a ideia causa tal choque que consideram a afirmação quase blasfema. Ambos ignoram as condições relativas que prevalecem nas Esferas.

Estava numa sessão de voz há alguns anos quando um Espírito se manifestou com o nome de "Raymond Lodge."

"Oh!" disse eu, "Li o teu livro." Queria na verdade dizer "o livro sobre ti", mas o Espírito corrigiu-me:

Raymond: "Foi o meu pai que escreveu esse livro."

Eu: "Sim, queria dizer isso — e há quem conteste algumas informações nele contidas."

Raymond: "Queres dizer sobre a comida?"

Eu: "Sim, mas mais particularmente sobre o whisky com soda."

Raymond: "Bem, é perfeitamente verdade. Quando as pessoas chegam aqui, querem continuar a fazer exatamente o que faziam na Terra, e leva tempo a desligá-las disso."

Eu: "Compreendo isso, mas acho que a objeção é à afirmação de que coisas como whisky com soda existam nas Esferas, de todo."

Raymond: *Os críticos podem aceitar ou rejeitar a afirmação; no entanto, é um facto que, quando um alcoólico entra aqui, uma das primeiras coisas que pede ao despertar é uma bebida. O desejo gerado, provavelmente por anos de hábito, não morre com ele — continua tão intenso como antes, e o que é ainda mais preocupante, ele procura alguma forma de satisfação tentando influenciar os que ainda estão na carne a beber.*

Clarividentes do vosso lado já viram estas almas infelizes ao lado dos mortais, incitando-os a beber. Há aqui Espíritos especialmente habilitados cuja missão é curar esse vício, e têm os seus próprios métodos — eficazes — para o fazer. Naturalmente, com o tempo, e dependendo do grau de influência que o álcool exerceu sobre o corpo físico e a natureza moral da pessoa, este desejo doentio é curado. Mas, inicialmente, o Espírito acredita mesmo que está a consumir álcool. Seria muito melhor que dessem a estas pobres almas a vossa simpatia e orações em vez do vosso ridículo."

Numa sessão com um médium amador (que, após anos de desenvolvimento, obteve as "vozes"), abordei novamente o tema com o seu guia, que em vida fora um célebre comediante. Disse-lhe:

"Foi escrito num livro que se pode obter whisky com soda nas Esferas. Qual é a explicação?"

O guia respondeu:

"Sei a que te referes. Ora, espiritualiza a coisa toda — e aí tens a resposta! É verdade. Não esperes, e também não encontrarás, John Barleycorn (bebida alcoólica) sob qualquer forma aqui.

Foi um ato corajoso da parte de Sir Oliver Lodge dar publicidade a uma afirmação aparentemente tão chocante, mas apesar do ridículo que gerou em alguns meios, o rapaz quis transmitir uma verdade importante: o desejo de beber nestes alcoólicos não morre com o corpo físico — é transportado com o corpo espiritual — e isso é mais um exemplo de 'colher o que se semeia'. Os Espíritos auxiliares tomam essas almas a seu cuidado e induzem nelas a crença de que estão realmente a consumir whisky com soda, por exemplo — e quando acreditamos que temos algo, isso é real para nós, tal como na Terra.

O mesmo acontece com os que adquiriram vício de drogas, e o método é semelhante. A alma mais humilde, ao chegar aqui, é tratada com o mesmo cuidado que um rei — é trabalho para muitos, e têm uma dupla missão: curar o vício e atenuar ou anular a influência nociva que esses Espíritos procuram exercer sobre os mortais. E há grande regozijo aqui quando se alcança a vitória. Muitas vezes é uma batalha, mas o sucesso acaba por chegar."

Noutra ocasião, o tema foi tratado de forma tão simples e interessante que vale a pena registar fielmente as notas que fiz na altura. O médium era um amador, e o orador um marinheiro, que levara uma vida bastante dura com companheiros igualmente rudes. Gostaria de poder reproduzir a sua voz — grave e áspera. Era difícil acreditar que estávamos a ouvir um Espírito — o tom natural e coloquial, as expressões simples eram tão típicas de um marinheiro rude que esquecíamos estarmos a escutar um Espírito a relatar a sua própria experiência. O guia espiritual tinha acabado de dizer:

"Nada melhor do que deixar um destes bêbados contar-vos como foram tratados. O homem está aqui agora. Gostaria que o ouvissem, é um exemplo típico."

Então ouviu-se a voz grave:

"Fico contente, senhoras e senhores, por falar convosco."

Perguntámos se queriam música, para ajudar nas vibrações.

"Bem, se puderem arranjar uma buzina de nevoeiro, estou convosco! Sim, estou contente por ter oportunidade de dizer umas palavras."

"Teremos muito gosto em ouvi-lo", disse uma senhora presente.

"Assim é que é, minha senhora," respondeu o Espírito com entusiasmo. "Quando alguém nos diz que está contente por termos vindo e sente-se isso — bem, é como um trago de rum! Anima-nos. Mas quando se nota que não é sincero — é como não ter trago nenhum. Eu gostava muito de tabaco e rum — gostava de uma vida dura e de um bom trago, e quando cheguei a este mundo, estava arruinado, porque não podia conseguir uma gota — nada do verdadeiro. Mas muito rapidamente tive a minha dose."

"O que quer dizer?", perguntámos.

"Bem, quero dizer-vos a verdade. Aqueles que cuidaram de mim — enfermeiros, médicos, missionários e afins — deram-me rum, ou assim pensei. E posso dizer-vos: soube-me pela vida. Precisava mesmo. Não sabia se estava acordado ou a dormir — parecia um mau sonho. Só conseguia pedir um pouco de rum — depois queria algo duro para mastigar. Estas pessoas sabiam qual era o meu problema e deram-me ambas as coisas, e pareceu-me que me fez bem. Parecia mesmo rum autêntico, e só mais tarde percebi que me tinham enganado."

"Queres dizer que sugeriram que tinhas a bebida?"

"Oh, eu achava mesmo que a tinha. E quando voltei a encontrar o equilíbrio, já não era nem marinheiro nem terrestre — percebi que não tinha mais corpo físico. Demorou a perceber isso — mas lá estava eu, com roupas e tudo, tal como fui parar ao fundo do mar. E o que é maravilhoso — vou dizer-vos: quando fui abaixo, vi toda a minha vida diante de mim. Como é que chamam? Filmes — isso! Como um filme em movimento — tudo o que fiz desde criança — coisas boas e más — muito poucas boas, admito — mas houve uma imagem de que gostei: mostrava-me a dar a minha última moeda a um homem necessitado, com os filhos a passar fome."

O Espírito fez então uma pausa, virou-se para mim e disse: "O que está o cavalheiro a fazer com esse livro — está a ouvir-me?"

"Claro," respondi. "Estou a registar tudo o que diz."

"Ótimo — escreva tudo, é a pura verdade que vos estou a contar."

"E como te vias nesses momentos todos?", perguntei.

"Bendito sejas — via-me com o corpo vestido como estava então, e com o meu fato impermeável no fim — tudo igual. Fui para casa e ninguém me ligava. Bem, sabes que não se pode estar morto e vivo ao mesmo tempo — e aí percebi que estava morto, graças a Deus — e os que me ajudaram então fizeram com que o meu desejo por bebida desaparecesse para sempre — o meu antigo apetite foi-se. Arranjaram-me trabalho — disseram que podia ajudar-me e ajudar outros — e fui enviado para falar com as almas das Regiões Inferiores. Não sei se é para cima ou para baixo, mas chamam-lhes os Lugares Baixos, e não me importa se fui como marujo ou capitão — sou muito grato.

"Mas digo-vos: esses lugares são horríveis, e espero que quando cá chegarem não tragam bagagem que o Oficial da Alfândega espiritual vá inspecionar, porque aqui não se escapa a nada. Não há árvores nem flores lá — só rochas nuas, com répteis viscosos a rastejar, e não há sol nem lua nem estrelas. A luz é fraca, lúgubre, mas há pontos de luz ao redor, e tal como a traça é atraída pela vela, essas almas tentam alcançar esses pontos. Esses pontos de luz são Espíritos Elevados ali destacados para os ajudar, e graças a Deus há esperança até para essas pobres almas. Dizem aqui que ninguém é mais baixo aqui do que era na Terra — e quando saem desses Lugares Baixos, nunca mais lá voltam."

ALIMENTAÇÃO NAS ESFERAS

"Comida?", disse um Espírito recém-chegado.

"Sim, podemos comer, consoante o nosso grau de desenvolvimento, se quisermos. Mas aqui não há matança de animais para comer! Há frutos deliciosos de que podemos desfrutar, mas uma das muitas coisas notáveis é que praticamente não existe desejo de comer. Quando há afeto e harmonia nos nossos lares na Terra, podemos visitá-los, e de forma maravilhosa obtemos satisfação ao ver os nossos entes queridos a alimentar-se. Não sei explicar como é, mas assim o senti. Dizem-me que se as vibrações forem harmoniosas, podemos entrar no corpo e desfrutar do que vós desfrutais. Com o tempo, saberei mais sobre isto, com certeza."

(Para além do registo nos livros sagrados de Cristo partilhando alimento com o seu corpo materializado, há inúmeros casos de Espíritos materializados a comer, e aparentemente a apreciar a comida, sendo que, após a desmaterialização, não resta vestígio de comida, corpo ou roupa.)

PALESTRAS NAS ESFERAS

Temos grandes Salas de Palestras, aqui chamadas de "Casas de Sabedoria", onde Espíritos Elevados descem e nos transmitem conhecimento sobre todos os temas. É precisamente como convosco — o conferencista fala e nós tomamos notas, tal como fazem nas vossas sessões — com a diferença de que nada nos é dado que ultrapasse a nossa compreensão.

Muitas vezes, traz-se um corpo espiritual da Terra para assistir a essas palestras, e damos-lhe papel e lápis para registar a informação. Infelizmente, poucos retêm qualquer memória da visita ao regressarem ao corpo físico; mas o esforço não é perdido, pois quando a alma se estabelece aqui de forma permanente, a memória de tudo o que se passou durante essas visitas é recuperada."

(Swedenborg e John Bunyan acediam frequentemente às Esferas durante o sono e obtinham informação desta forma.)

A ESFERA DO CRISTO

Na gloriosa Sétima Esfera, onde Cristo reina supremo e onde habitam Espíritos que foram outrora seres humanos, purificados de toda a escória terrena, a luz é tão intensa que Espíritos não preparados para esse ambiente ficariam cegos e queimados, não fossem protegidos por Espíritos Superiores durante a visita. Muitos são, contudo, autorizados a entrar com o propósito de avanço e desenvolvimento espiritual. Um Espírito que lá esteve contou:

"Tive o privilégio, com outros, de entrar naquela região maravilhosa, doce e sagrada — ajoelhámo-nos aos Seus pés, aquelas mãos queridas foram pousadas sobre as nossas cabeças, e recebemos a Sua bênção. Ficámos assim dotados de um grau de espiritualidade que podemos usar nas Esferas inferiores. Claro que a Radiância da Sua espiritualidade penetra todas as Esferas, mas aquilo que Ele nos transmite, usamos em contacto direto com as almas infelizes das regiões cinzentas das Esferas, levando-lhes consolo e, acima de tudo, esperança. Ficam radiantes ao saber que podem ascender. Conhecemos esta Esfera como a

Esfera do Amor. É um privilégio precioso visitá-la — ah! Bem-aventurados os que fazem a obra do Mestre."

(Fiquei surpreendido ao saber que, no espaço de uma vida terrena moderadamente longa, em casos raros em que existe verdadeira espiritualidade, uma alma pode atingir a Sétima Esfera através de esforço sustentado e purificação.)

A VERDADEIRA NATUREZA DA ALMA REVELADA

Numa sessão com um médium amador, manifestou-se um Espírito que, em vida, fora um grande revivalista. Os presentes tinham acabado de cantar

"Conhecer-nos-emos melhor quando as nuvens se dissiparem", quando uma voz clara e deliberada disse:

"Não me ocorreu, ao escrever essas linhas que acabaram de cantar, que estava, de forma bastante literal, a descrever o facto de que aqui somos, de facto, conhecidos como realmente somos. Sou Ira Sankey. Naturalmente, sabia que, perante o Supremo, o nosso coração e a nossa verdadeira natureza eram conhecidos, mas não imaginei que também fosse assim para os Espíritos aqui. Nem sonhei que um dia estaria a falar disto desta maneira extraordinária."

Perguntei: "Como se conhece a natureza de alguém — pela cor, pela vibração?"

"Por ambos", disse o Espírito. "Embora cor seja vibração, e vibração seja cor. A cor das nossas vestes espirituais indica infalivelmente a nossa natureza. Agradeço a Deus ter sido inspirado com a ideia que pus em palavras, embora lamente não ter podido continuar a minha obra. Sim, fico feliz por dizer que o hino que escrevi há tantos anos transmite algo da realidade das condições daqui, por mais que eu, na altura, não imaginasse tal coisa. É literal e absolutamente verdade: revelamo-nos como realmente somos."

O Espírito-guia, com o seu habitual sentido de humor, comentou:

"Ah! Ele acordou o povo há cinquenta anos!"

PERFUME TERRESTRE PERCEPTÍVEL AOS ESPÍRITOS

Havia um ramo de lilases na sala de sessão, e um Espírito referiu-se a ele. Perguntei: "O seu perfume é, para vós, percetível como é para nós?"

A resposta foi: "O perfume dessa flor dá-nos tanto prazer como aos mortais, e sentimo-lo da mesma forma. Claro que temos aqui muitas flores belíssimas, com aromas requintados, flores desconhecidas na Terra, mas as vossas flores são muito belas e perfumadas, e encantamo-nos com o seu aroma. Temos essa grande vantagem sobre vós: recebemos prazer dos perfumes de ambos os mundos."

A TERRA VISTA A PARTIR DAS ESFERAS

"Devemos assumir que as Esferas implicam distância, além de condições?", perguntei.

"Algumas estão a uma distância colossal da Terra, e vemos o vosso globo a girar no espaço, tal como vemos outros mundos, a cumprir o seu percurso predestinado através do vazio. Nenhuma luz do vosso Sol ou Lua ilumina o nosso mundo, mas a gloriosa Luz das Esferas irradia o seu esplendor dourado por todo o lado. Nunca há escuridão na nossa maravilhosa Esfera. Só nas regiões cinzentas e tristes é que a luz é ténue. Mas há planos que parecem misturar-se com a própria atmosfera terrestre."

ESPÍRITOS APRISIONADOS À TERRA

Não devemos assumir que um Espírito ligado à Terra seja necessariamente mau ou subdesenvolvido, ou que o termo "preso à Terra" implique uma natureza maliciosa ou mesmo traquina, pois muitos Espíritos mantêm-se ligados à Terra por motivos simples, até naturais. Estava numa sessão com a Sra. Etta Wriedt quando o marido de uma das participantes se manifestou.

Em vida, fora um colecionador entusiasta de antiguidades — o trabalho absorvia todo o seu tempo e boa parte do seu capital. Suplicou à sua esposa que desfizesse a sua coleção, e que os objetos fossem dispersos, pois enquanto isso não fosse feito, ele não conseguiria progredir — sentia-se preso à Terra. Depois de o pedido ser cumprido, informou-a que se sentia finalmente livre para ascender nas Esferas.

Outro caso chegou-me através da mediunidade da Sra. Roberts Johnson. Tratava-se de um homem profundamente religioso, membro dos Metodistas Primitivos, que levou as suas convicções para o além, mantendo-as com a mesma intensidade. Estava a decorrer uma sessão na casa onde ele vivera, e, como fora hostil ao Espiritualismo em vida, manteve a mesma opinião após a morte. Manifestou-se e, de facto, opôs-se à sessão.

Joe Griffiths, um jovem de Lancashire que morreu na guerra ("fui libertado em Loos", dizia ele), e que frequentemente aparece nas sessões com a Sra. Johnson, descreveu o incidente assim:

"Disse-lhe que tinha de voltar e aprender mais, e depois podia regressar. Era um Metodista Primitivo — preso à Terra pela sua crença — e passei o assunto a mãos mais competentes do que as minhas."

"Há quanto tempo havia desencarnado?", perguntámos.

"Oh, há uns trinta anos, acho eu."

"E ainda não tinha aprendido nada nesse tempo?"

"Estava à volta da casa," disse Joe, "e achava que aquilo não era correto — nem sabia que estava morto."

David Duguid, o Espírito-guia da Sra. Johnson, comentou o caso.

"Era um bom homem, e a esposa uma boa senhora, com ideias antiquadas. A religião metodista primitiva, para ele, era tudo, e achava errado comunicar com os mortais — tal

como alguns de vós acham errado falar connosco Espíritos. Continuava realmente ligado ao ambiente terrestre e não sabia que estava fora do corpo. Tive uma longa discussão com ele e deixei-o a pensar. Tenho de voltar a falar com ele."

Noutra sessão com a Sra. Johnson, David Duguid relatou outro caso, comovente à sua maneira, de como algo pode prender um homem à Terra: "Há aqui um homem," disse ele, "pobre em vida, sem grandes posses, que fez uma cadeira com pequenos pedaços de madeira. Uma bela cadeira — deve ter sido há uns oitenta anos, e usou-a até morrer. Agora, senta-se nela — foi a primeira coisa que fez ao chegar aqui. Não quer deixar a cadeira. Pedi-lhe para a experimentar, mas ele empurrou-me. E se algum mortal se senta nela, ele sabe imediatamente e faz com que se sintam desconfortáveis até saírem. Está numa loja de móveis antigos — e já poderia ter sido vendida muitas vezes, não fosse a dona da loja, que percebe de assuntos psíquicos e recusa-se a vendê-la."

"Essa ligação à cadeira não o impedirá de progredir?", perguntei.

"Sim," respondeu David, "impede, mas vamos ultrapassar isso. Ele achava que era a melhor cadeira alguma vez feita, e como nunca teve nada de valor, agarra-se a isso. Gradualmente, vamos soltá-lo, e ele seguirá em frente."

Muito tempo depois, estava novamente numa sessão com outras pessoas e perguntei a David Duguid se voltara a ver esse Espírito preso à Terra.

"Oh, sim!" disse David, "não se separou da cadeira. A senhora que tem a loja sabe quem a fez, e não a vende. Receio que Tam Smilie ficará sentado nela até que a cadeira se parta."

"Quem a tem?", perguntei.

"Uma senhora em Glasgow — dona do n.º tal."

"Já contei esta história a várias pessoas, David."

"Sim, e é verdade — havia uma sala cheia de gente que pode testemunhar. Dois dos meus ajudantes levaram Smilie a passear pela Sauciehall Street, mas ele voltou logo. Um dia há-de largá-la," disse David, "mas ainda não. É um homem respeitador, apegado à sua Bíblia, e embora preso à Terra, não tem noção do tempo — pensa que acabou de chegar. Não faz mal a ninguém, apenas atrasa o seu progresso. Vê, ele pôs tudo o que sabia naquela cadeira — era a sua única posse, praticamente parte dele, e não me admira que se agarre a ela. É uma cadeira curiosa, de forma peculiar, com três pernas — muitos tentaram comprá-la.

Ele é um escocês de cabeça dura, e diz: 'é a minha cadeira — fui eu que a fiz — e nela me sentarei enquanto quiser.' Muitos tentaram sentar-se nela, mas se são mortais, ele fá-los sentir-se desconfortáveis e saem; se são Espíritos, ele empurra-os! É estranho — até o seu próprio Guia é tão teimoso como ele — também se agarra à cadeira! Foi uma grande alegria para Tammas em vida, e continua a sê-lo agora. Mas podes ter a certeza: um dia ele seguirá em frente."

CRIATURAS ANTEDILUVIANAS

Temos aqui grandes colégios de História Natural — verdadeiros museus onde estão expostos exemplares de todas as criaturas que habitaram a Terra desde que o planeta se cristalizou a partir do caos. Aqueles que se dedicam ao estudo da natureza seguem as suas investigações sob a orientação de Espíritos Elevados. A observação destas criaturas pré-históricas, de tamanho colossal, que outrora vaguearam pela Terra, bem como dos menores insetos, pode ser feita de forma verdadeiramente notável. Pelo poder da vontade dos responsáveis por estes colégios, as criaturas são animadas temporariamente, descem da plataforma e permitem que os estudantes as examinem. Ao sinal de comando, voltam ao lugar e tornam-se novamente inertes. Algumas são de proporções impressionantes e aparência assustadora — se aparecessem hoje na Terra, provocariam pânico. O mastodonte, e o elefante que conhecem, são insignificantes ao lado delas. Podem ter uma vaga ideia do tamanho destas criaturas ao observar, nos vossos museus, o diplodoco — e ainda há maiores por aqui.

PROGRESSO NAS ESFERAS

Quando ocupamos pela primeira vez o nosso lugar nas Esferas, sentimos uma felicidade plena. À medida que evoluímos nessa Esfera, essa felicidade cresce. Mas chega um momento em que atingimos o limite do desenvolvimento — o ponto mais elevado dentro dessa Esfera. Então, surge uma inquietação, inexplicável à primeira vista, pois a beleza envolvente permanece, mas já não satisfaz como antes. Esse sentimento indica a chegada de uma mudança. Passamos por algo semelhante à morte física, mas sem dor nem receio. É um renascimento numa Esfera Superior, com um corpo espiritual mais puro e uma essência intensificada. Continuamos, no entanto, a ser quem somos — a nossa identidade não muda. Avançamos de Esfera em Esfera, mas a personalidade mantém-se inalterada.

SERVIÇO NAS ESFERAS

É através da ajuda aos outros que se obtém progresso nas Esferas. Sempre temos diante dos olhos o exemplo dos Espíritos que prestam serviço generoso aos que se encontram em Esferas inferiores, ou que servem como guias para os mortais. Não há qualquer obrigação — mas, com o tempo, nasce em cada Espírito o desejo de emular esse serviço. E quando isso acontece, apresenta-se o pedido de contribuir de alguma forma, sendo o trabalho aceite com alegria. O serviço torna-se, então, fonte de felicidade genuína.

DURANTE A GRANDE GREVE DE 1926

Uma sessão coincidiu com o primeiro dia da greve, e perguntei se ela se prolongaria muito tempo. A resposta foi: no sentido humano do tempo, não; mas no que diz respeito à miséria que provoca, sim. Mesmo em tempos normais é difícil influenciar a humanidade para o bem; quando as paixões estão acesas, torna-se ainda mais difícil. Os humanos ficam rodeados por vibrações densas, difíceis de penetrar.

Sentimos claramente os efeitos das perturbações sociais e laborais. A razão pela qual essas forças têm tanta liberdade na Terra só será compreendida após a transição. Aqui, a liberdade é total: pode-se trabalhar ou repousar conforme o desejo, sem imposição. Mas o Espírito percebe que o progresso exige esforço — especialmente serviço — e todos, cedo ou tarde, encontram felicidade ao agir em benefício dos outros.

Surpreender-vos-ia saber que muitos Espíritos que foram grandes nomes na Terra estão aqui dedicados a tarefas simples, aparentemente humildes. Mas para eles não são humildes — são formas de servir. E nisso encontram a verdadeira alegria. Vim recentemente dos centros mineiros e vi, com tristeza, a forma como os pobres pôneis das minas são tratados. A crueldade, seja com crianças, adultos ou animais, é grave para nós.

Em alguns casos conseguimos influenciar aqueles que estão mais abertos para intervir, mas noutros, a brutalidade do ambiente impede-nos de chegar à mente. Para o mal extremo, usamos uma palavra: diabólico. Não existem demónios aqui, nem em qualquer Esfera, salvo aqueles que vêm da Terra. Mas mesmo para esses, chega o momento em que o remorso desperta — e a alma sofre intensamente até se purificar e ascender.

ORAÇÃO

O que determina a resposta a uma oração? As orações — ou pensamentos bons — são tangíveis para nós, quer sejam ditas em voz alta ou apenas formadas na mente. São recolhidas por Espíritos Elevados, cuja missão é lidar com tais assuntos. Após uma espécie de filtragem celestial, é decidido se essas aspirações devem ser encaminhadas a Espíritos ainda mais próximos do Supremo. Pensai sempre o melhor — os bons pensamentos têm uma influência poderosa e benigna.

Um Espírito explicou assim: "No mundo para onde vão os que deixaram o corpo físico, um pensamento amoroso é tão real e palpável como, para vós, uma palavra de ternura ou um gesto de carinho. Por isso, todos os que partem deveriam ser acompanhados por pensamentos de amor, tolerância e orações pelo seu progresso. Se soubessem o quanto estes pensamentos confortam e fortalecem os viajantes nas Esferas, ninguém os deixaria sós. Devíamos envolvê-los com anjos de guarda feitos de pensamentos de amor."

Numa sessão com a Sra. Wriedt, falava-se sobre a oração quando uma voz forte interrompeu: "Ah! Eu sei bem o poder da oração. Estava na cela dos condenados quando duas Irmãs da Misericórdia vieram rezar comigo."

"Quem é?", perguntaram.

"Sou Roger Casement," respondeu. "Essas mulheres salvaram a minha alma. Eram católicas, mas não foi por isso — as orações protestantes também são eficazes. Foi a fé e a sinceridade delas que me salvaram."

O ALMIRANTE USBORN MOORE

O Almirante escreveu dois livros — *The Voices* e *Glimpses of the Next State* — com registos de várias sessões que teve com a Sra. Wriedt. Em 1921, estive com ele e com a Sra. Wriedt na Irlanda, onde ela realizou sessões extraordinárias. Numa dessas sessões, o próprio Almirante manifestou-se, recordando episódios que a médium já tinha esquecido, e ela por sua vez recordou-lhe outros. Isto mostra como os Espíritos são semelhantes aos mortais — nem tudo é claro na memória!

Havia muitos distúrbios na zona onde estávamos — tiroteios, instabilidade — e o Almirante foi questionado sobre a situação.

"Sim," disse ele, "as notícias são sombrias por aqui. As coisas estão mal. Correntes contrárias criam más companhias. Quando a religião entra, os princípios saem."

"Vão aceitar a proposta?", perguntaram, a propósito do conflito entre Norte e Sul.

"Não parece."

"Haverá problemas, então?"

"Oh, sim, podem contar com isso. E olhem para a Índia — também ali há problemas a germinar. Serão graves se não forem tratados com sabedoria."

"Quanto tempo durará?"

"Impossível saber — nem eles próprios sabem."

"Mas vocês conseguem ver o que vai acontecer."

"Conseguimos, mas nem sempre é sensato dizê-lo."

A Sra. Wriedt comentou: "Quando estavas na Terra, querias saber estas coisas com frequência, Almirante."

"Ah! Pois queria, Sra. Wriedt, queria — mas não acreditava quando me diziam. Somos uma raça cética — agora já sei bem."

"Podes ajudar as pessoas a ver?", perguntou ela.

"Valha-me Deus!", exclamou o Almirante. "Tenho andado a tentar ver eu mesmo. Eles têm o olho ainda por desenvolver. Eu não sou dotado para isso."

NÃO SE PODE FORÇAR O QUE NÃO ESTÁ DESENVOLVIDO

"Não se pode criar um localizador de profundezas sem que a faculdade esteja devidamente desenvolvida — eles não estão sintonizados para isso. É necessário o desejo positivo de localizar. Temos aqui poderes maravilhosos, mas não podemos fazer o impossível."

CABELO CURTO NAS ESFERAS!

Esta curiosa informação não surgiu em resposta a qualquer pergunta minha — seria, de resto, o último tema que me ocorreria — mas resultou de uma questão que fiz sobre a aparência de certo Espírito. Um cavalheiro russo, artista talentoso e sensitivo, sugeriu fazer um retrato de Abduhl Latif, se conseguisse captar uma impressão do lado espiritual que garantisse a fidelidade da representação. Aproveitando uma oportunidade numa sessão de Voz Directa, decidi pedir mais informações sobre a aparência de Abduhl, e perguntei ao Espírito que se manifestava: "Abduhl tem barba?"

"Espera um momento", respondeu o Espírito. "Vou ver."

Após alguns segundos de silêncio, voltou a dizer: "Não, já não tem barba, embora em tempos a tenha usado."

"Então, podem mudar de aparência à vontade?"

"Podemos, e por vezes fazemos isso, mas há sempre uma razão. No caso de Abduhl, ele adapta a sua aparência à situação ou à pessoa com quem está a lidar. Abduhl foi muçulmano, e para certas raças, a barba tem um significado que os europeus nem imaginam. Por isso, quando se encontra com esses Espíritos recém-chegados, usa barba — e noutras alturas, pode estar barbeado ou apenas com bigode.

Ora vê: a pequena Nada, guia espiritual da Sra. Cooper, cortou o cabelo quando a médium aderiu à moda! Eu própria tenho pensado em fazer o mesmo, desde que vi as minhas irmãs terrenas a cortar o cabelo. Somos Espíritos, sim, mas ainda muito humanos no desejo de apresentar a melhor aparência.

Não é vaidade, pois somos conhecidos aqui como realmente somos, mas se acharmos que certo penteado nos favorece mais, podemos experimentá-lo. E se não gostarmos, mudamos facilmente. Não há grande necessidade do ofício do cabeleireiro aqui, mas é perfeitamente possível que aqueles com jeito para tal continuem a exercê-lo.

E já que o assunto veio à baila, posso dizer-te que, às vezes, isto causa dúvidas desnecessárias por parte dos participantes nas sessões. Uma filha manifesta-se à mãe, e o médium clarividente descreve-a com o cabelo solto pelas costas — ou com o cabelo curto — e a mãe exclama:

'Oh! Essa não é a minha filha, ela usava sempre o cabelo apanhado.' Ora, para facilitar o reconhecimento, nós Espíritos gostamos de nos apresentar como éramos na Terra. Mas, apesar das faculdades alargadas, partilhamos algumas falhas com as nossas irmãs terrenas, e pode acontecer que a rapariga tenha esquecido, por um momento, que adotou o estilo de algumas companheiras daqui, e, sem querer, tenha induzido a mãe em erro — mas era ela, sim."

"Compreendo," comentei. "É como os casos que vi, em que um pai não reconheceu o filho espiritual porque o rapaz lhe chamou 'pai' em vez de 'papá'."

"Exatamente — é absurdo. Ninguém considera o efeito do ambiente. Aquele rapaz conviveu com milhares que usavam a palavra 'pai', e adotou o costume sem pensar que isso

poderia chocar o seu progenitor. Estive presente num desses episódios e garanto que era o filho."

DEUS — UMA VISÃO ESPIRITUAL

"Têm vocês, Espíritos, uma noção mais clara de Deus do que nós?"

"Temos, sim. Vemos mais nitidamente a ação de um poder imenso, embora vós também tenhais à vossa volta constantes provas desse mesmo poder maravilhoso. Conhecemos os Espíritos Elevados, os Espíritos Mais Elevados, e ainda outros acima deles, numa Hierarquia Celestial até ao Santo dos Santos — onde isso é, eu não sei. Podem passar-se eras incontáveis antes de eu descobrir isso. Mas sabemos da Sua manifestação naquela maravilhosa Sétima Esfera, onde o Mestre reina supremo, e de onde o Amor se irradia por todas as Esferas."

NASCER DE NOVO

David Duguid, guia espiritual da Sra. Roberts Johnson, comentou uma vez: "Cristo disse que devemos nascer de novo antes de entrar no Reino dos Céus — e a passagem é esse novo nascimento. Passar é simplesmente entrar em melhores condições. Não gosto da palavra 'morte' — passar é mais digno."

A ALEGRIA DE UMA MÃE DE LANCASHIRE AO REENCONTRAR O FILHO

Joe Griffiths era um operário modesto numa fábrica de algodão em Bolton. Morreu durante a guerra e manifesta-se frequentemente nas sessões da Sra. Johnson, trazendo boa disposição com o seu dialeto e perspicácia. A mãe dele juntou-se-lhe nas Esferas.

"Foi o meu Joe que me pediu para vir. Não sei fazer discursos, mas quero dizer como estou feliz. Fui uma mulher trabalhadora em Bolton, e o meu Joe era um bom rapaz — quando o perdi, ele era tudo para mim. Mas quando cheguei aqui, foi o meu Joe o primeiro a receber-me. Pôs os braços à volta do meu pescoço. Pensei que o tinha perdido para sempre — achei que tudo tinha acabado — mas estou tão feliz por tê-lo encontrado. Ele gosta de brincadeiras, mas não tem mal nenhum. Deus é bom por me dar esta felicidade."

LEITURA DA MENTE

Uma das capacidades mais espantosas — e por vezes desconcertantes — dos Espíritos é a facilidade com que conseguem ler os nossos pensamentos. Ler um papel dobrado dentro de

uma carteira fechada ou abrir mentalmente um livro numa página exata já seria extraordinário, mas isso nem se compara à capacidade de captar não só o pensamento, mas também as palavras com que o revestimos mentalmente. Testei isto várias vezes, e vi outros fazê-lo, com resposta imediata. E esta habilidade não é exclusiva de Espíritos adultos — já a experimentei com crianças espirituais. Perguntei como o faziam. E aqui reside a dificuldade: não há palavras para explicar de forma inteligível o que é esta emanação do cérebro humano ou como a vibração responde à vibração. Mas que é algo tangível para eles — disso não há dúvidas, pois foi demonstrado incontáveis vezes.

NOVAS FACULDADES REVELADAS

À medida que subimos nas Esferas, faculdades há muito adormecidas são ativadas. Não é exagero afirmar que as maravilhas das Esferas Superiores estão para além da compreensão dos que habitam Esferas Inferiores. Estas novas faculdades despertam com o ambiente e permitem ao Espírito ver, sentir e perceber a beleza e os milagres do novo mundo. Quanto mais elevada a Esfera, maior o estímulo a esses poderes latentes. Quando um mortal que viveu razoavelmente bem passa para cá, normalmente vai para a Terceira Esfera — a "Terra do Verão" — e lá permanece até surgir o desejo de progredir. Assim que o ego é vencido — com a ajuda dos nobres Espíritos Superiores — a alma fica pronta para ascender.

COMO O CRESCIMENTO NAS ESFERAS É REPRESENTADO

Numa sessão com a Sra. Johnson, ela descreveu uma criança que via clarividentemente, dizendo pertencer a um dos presentes. O homem negou. Ela então disse:

"Agora vejo a mesma criança crescida. Parece ter cerca de dezassete anos."

"Oh!" exclamou o senhor, "tive uma irmã que morreu em bebé — foi há dezassete anos."

"Pois," interveio o Espírito-guia David Duguid, "essa é a menina. Mostrámo-la à Senhora Johnson como criança pequena e depois já crescida. Não vejo o crescimento gradual — apenas a mudança."

IMPERSONAÇÃO

Recebi uma mensagem por intermédio de um médium, mas duvidei da sua autenticidade. À primeira oportunidade, consultei outro médium para confirmar com o Espírito alegadamente emissor.

"Não, não fui eu quem enviou," respondeu ele. "Embora estivesse na sessão."

"Então foi uma personificação?"

"Não foi intencional. Foi apenas o forte desejo de um Espírito de enviar uma mensagem ao pai. Tinha o mesmo nome que eu, e usou a minha energia no círculo. O que muitos julgam ser

fraude, muitas vezes é causado pelos próprios assistentes, que criam uma condição enganosa. Já vi pessoas pedirem por um 'Jorge', sabendo bem que não têm nenhum Jorge do outro lado. O guia espiritual emite o chamado e vêm muitos 'Jorges', ansiosos por falar. Se um 'Jorge' se manifesta, o participante acusa de fraude. Isso é errado. O guia nada sabe da família e tem de confiar no Espírito que se apresenta. O desejo de comunicar é tão forte que eles quase se atropelam para alcançar a trombeta — e esse 'Jorge' pode até reclamar um pai que não é dele. O erro costuma ser descoberto logo. Em qualquer caso, deve ser comunicado de imediato ao guia espiritual para esclarecer a confusão. Não digo que a personificação intencional não exista — mas é extremamente rara. E nunca a presenciei com esta médium (refere-se à Sra. Cooper)."

INTELECTO — O SEU LUGAR NAS ESFERAS

"Seja qual for a dotação intelectual que temos, ela é transportada connosco na passagem, certo?", arrisquei comentar numa ocasião.

"Claro — e tem o seu uso aqui", respondeu o Espírito. "Mas não ocupa a posição dominante que tem na Terra. Aqui, a espiritualidade é o factor governante, em todas as Esferas. À medida que ela cresce, cresce também a compreensão."

BRISAS PSÍQUICAS SENTIDAS NUMA SESSÃO

"Essas ondas psíquicas," explicou um Espírito, "não são apenas distúrbios da vossa atmosfera provocados por forças psíquicas, nem se limitam à manifestação em si — são movimentos reais do éter, que auxiliam os fenómenos."

TRANSMISSÃO DAS VOZES ESPIRITUAIS

A 24 de Julho de 1924, consegui transmitir vozes espirituais, com o auxílio de aparelhos científicos modernos, a cerca de 300 pessoas (no Hall of the Art Workers' Guild, Queen Square), em plena luz. Foi a primeira vez, na história da humanidade, que algo assim foi conseguido — embora já se tivesse tentado na América. Esperava repetir a experiência, mas a médium adoeceu e abandonei a ideia. Numa sessão com a Sra. Johnson, o guia espiritual disse que isso fora uma deceção para centenas de mortais — e para "milhares incontáveis deste lado, presentes em camadas sucessivas, na última ocasião."

NADA — A GUIA HINDU DA SRA. COOPER

Nada fala inglês muito bem, mas certas palavras ainda lhe causam alguma dificuldade, como aconteceu uma vez ao tentar dizer "Zinéria". Um Espírito, ao ver o divertimento causado, comentou: "Acham graça, mas a Nada não se importa. Ela tem um vasto conhecimento, fruto de centenas de anos nas Esferas, e compreende muitas línguas. Vista

ali, parece ter dezassete anos — pequena, com olhos escuros como veludo, belíssimos, com um ar traquina, pestanas longas, cabelo lindo e uma pele não muito diferente do tom europeu, como talvez se pensasse."

"Como está vestida?", perguntei.

"Enverga uma túnica azul-clara até aos pés, com um cinto dourado e algumas joias. Como muitas mulheres do seu país, gosta de anéis e adornos de ouro ou prata — e ainda usa muitos. Alguns daqueles velhos artesãos hindus eram muito hábeis, e podem continuar a exercer aqui, se assim o desejarem. O rosto encantador de Nada é coberto por um véu branco com borda dourada, e ela resplandece de alegria por poder trazer felicidade a tantos."

O INFERNO

Tinha lido um livro chamado *Cartas do Inferno*. As afirmações eram chocantes e difíceis de aceitar. Numa sessão com a Sra. Cooper, disse ao Espírito presente:

"Acabei de ler um livro extraordinário."

"Sim? Muitas vezes lemos convosco — que livro era?"

"Chamava-se *Cartas do Inferno*. Suponho que, para um Espírito bom ou mau, trata-se de um estado, mais do que de um lugar físico?"

"Suponho que te referes a uma diferença entre condição e lugar. Sim, até certo ponto, mas também implica um lugar."

"O livro dizia que o Inferno ocupava todo o Sistema Solar, e que todos os que nunca ouviram falar de Cristo lá residem."

"Absurdo," respondeu o Espírito com firmeza. "Essa é uma ideia humana, não é verdade. Essa vasta região — o sistema planetário — tem outros propósitos que não os que lhe são atribuídos. A misericórdia divina estende-se a todas as raças e credos. Aqueles que vivem em trevas podem, sim, ser ditos como estando no Inferno — mas, não importa quão degradado seja um Espírito, há sempre esperança. Nunca esqueças isso."

Em certa sessão de Mr. Maskell, o guia Joey Grimaldi disse: "Existe uma Terra do Verão, e também uma Terra de Inverno. Podem chamar-lhe Inferno, mas é fria e sombria, não como muitos a imaginam. Eu vi-a uma vez — e não quero voltar lá!"

OSCAR WILDE

Em Abril de 1925, estava com um médium amador de voz direta quando ocorreram fenómenos notáveis: alguém cantava com voz de baixo, ouviu-se um cornetim e até notas de trombone — nenhum desses instrumentos estava presente, nem havia quem os soubesse tocar. Uma voz espiritual forte juntou-se ao canto, e no fim disse:

"Estou feliz por encontrar poder para vos dar provas da continuidade da vida, amigos, e mostrar que nunca, jamais em tempo algum morremos. No mundo espiritual tudo está bem, e há recompensa para aqueles que se esforçam por trazer luz a quem vive em trevas. Lamento profundamente não ter compreendido isto melhor quando estava convosco. Tentamos trazer-vos provas, mas a maior dificuldade, na verdade, está naquilo de que falavam — a falta de simpatia entre os participantes."

"Quem está a falar?", perguntei.

"Oscar Wilde", foi a resposta.

"Oscar Wilde!", exclamei. "Estão a surgir mensagens atribuídas a ti por escrita automática — são tuas?"

"Sim, na medida em que consigo impressionar os médiuns. Há muitas limitações, e às vezes os pensamentos do médium interferem."

"Mas, falando através da Voz Direta, também acontece?"

"Por vezes, sim."

"E a mente do médium influencia os teus pensamentos ou a fala?"

"Oh, não agora. Mas se, por exemplo, o pai, a mãe ou alguém próximo do médium estiver ansioso por falar, pode haver alguma influência — há essa possibilidade. Adeus."

O guia do médium pegou na trombeta e disse:

"Era um homem notável, esse Wilde, em muitos sentidos — melhor do que alguns imaginam. Alguns de vós pensam que um nome manchado dura para sempre. Agora digam-me: qual a diferença entre um homem parcialmente bom e um parcialmente mau? Digo-vos: o homem parcialmente bom exibe os seus bons atributos na montra — e ninguém vê os maus. O homem parcialmente mau mostra apenas os defeitos — e as virtudes passam despercebidas. As pessoas julgam o que veem. Nós aqui conseguimos separar o trigo do joio — e conhecer o homem como ele realmente é."

A LEI DO DESTINO

"Quem ou o quê determina a posição dos Espíritos após a morte?", perguntei.

"A Lei do Destino", foi a resposta. "Os Espíritos gravitam naturalmente para o lugar que lhes é mais adequado — não o podem evitar. É a Lei. Representa a soma da vida terrena — e não pode ser questionada."

ENSINO NAS ESFERAS

Um professor das Esferas de Jardim-de-Infância explicou:

"Ensinar aqui é um prazer imenso. As crianças respondem com uma beleza indescritível. Não existe a hostilidade que pode surgir no ensino terreno. O amor domina tudo, e a obediência surge naturalmente. O respeito pelos pais e pelos mais velhos é sempre presente. Quando ensinamos algo, elas dizem: 'Compreendemos', e agradecem. Têm um entendimento mais claro do que as crianças mortais, e a gratidão é sincera. Não querem desiludir os professores, e fazem todo o esforço por acompanhar a lição. O cérebro espiritual nunca se cansa, e como as aulas são sempre ajustadas à capacidade de compreensão, e não há sonolência, o progresso é rápido. Chamamos às nossas escolas Casas de Aprendizagem."

CRIANÇAS NATIMORTAS RECORDAM O SEU NASCIMENTO

Estava presente numa sessão que coincidiu com o "aniversário" de uma criança que havia morrido à nascença e comentei o facto.

"Oh," disse a criança — já crescida nas Esferas — "eu sei tudo sobre isso."

"O quê! O teu nascimento?"

"Sim, até o meu nascimento. Todos nas Esferas têm acesso aos seus registos, com permissão dos Espíritos Superiores. É mantido um registo de todos os acontecimentos, desde o nascimento até à passagem, e pode ser consultado com justificação adequada. Por isso, posso dizer que me lembro de tudo."

OS ESPÍRITOS LÊEM OS NOSSOS POETAS

Um Espírito que havia passado para o outro lado ainda em infância falava comigo um dia, e referi-me aos "fenómenos" manifestados numa ocasião anterior. Disse-lhe:

"Bem, uma rosa com outro nome teria o mesmo perfume." —

"Sim. Vocês chamam-lhe fenómenos." —

"Isso é de um dos nossos poetas," acrescentei. —

"Lemos os poetas, claro, e Shakespeare ocupa um lugar muito elevado na nossa estima. Temos a vantagem de poder falar com esses mortais inspirados (agora também Espíritos) sempre que quisermos. Podemos ler tudo o que alguma vez foi escrito na Terra, além de termos acesso ao que é impresso aqui." —

"Impresso? Queres dizer impresso como os nossos livros?" — "Certamente. As cópias são multiplicadas de forma semelhante. Temos forças aqui que, adaptadas à nossa vontade, substituem as vossas máquinas."

OS NOSSOS PENSAMENTOS REGISTAM-SE NAS ESFERAS

Uma noite tive um sonho muito desagradável, do tipo pesadelo, e no próprio sonho pensei ter apelado a um Espírito com quem já conversara várias vezes. Ao acordar, ignorei o episódio, atribuindo-o à má digestão. Qual não foi o meu espanto quando descobri que o meu apelo, mesmo em sonho, fora recebido. —

"A vibração do pensamento," explicou o Espírito dias depois, "em sonho ou não, chega-nos inevitavelmente. Recebi o apelo e percebi que o sonho te perturbava; por isso, acordei-te. Essas vibrações são-nos tangíveis — formam uma imagem nas Esferas, um retrato exato do que foi gerado na Terra.

Recebemo-las tal como os vossos aparelhos recebem ondas hertzianas. Ah, se ao menos fosse mais conhecido que um pensamento amoroso se regista aqui, muitas almas infelizes nas regiões astrais mais sombrias beneficiariam disso. Essas Esferas crepusculares precisam dos vossos pensamentos de amor; eles ajudariam a elevá-las da sua condição."

INFLUÊNCIAS NEFASTAS

— "As influências das Esferas atuam em ambos os sentidos, não é?" — "Sem dúvida. Uma natureza perversa atrai tais influências, e está mais sujeita a impressões indesejáveis do que a salutares. Já uma natureza boa é imune a influências negativas. Recorda que há milhões de Espíritos empenhados em influenciar a Humanidade para o bem, e só o conseguem se a mente estiver aberta."

ATÉ QUE PONTO SOMOS AGENTES LIVRES?

— "O homem é completamente livre se desejar excluir a nossa influência benéfica, erguendo uma parede de obstinação que nos é difícil atravessar. A Humanidade não percebe até onde conseguimos ir com uma natureza recetiva. Muito do que é atribuído ao acaso é, na verdade, o entrelaçar ou desembaraçar, conforme o caso, de motivos e ações de um indivíduo, em nosso esforço por o beneficiar espiritual, moral ou materialmente."

A AJUDA MATERIAL DOS ESPÍRITOS

— "É um erro pensar que o Espiritismo não proporciona ajuda material. Podemos e muitas vezes contribuímos para o bem-estar físico, espiritual e também material, desde que isso não prejudique ninguém. Pelo contrário, sendo Espíritos, o nosso amor pelos que deixámos é ainda maior, e estamos sempre atentos para ajudar."

ESCRITA INSPIRADA

Fui levado a ler um certo livro e senti-me inquieto com algumas opiniões lá expressas. —

"Reconheço o raciocínio claro e lógico. Seduz-nos. Mas não posso aceitar certas afirmações," comentei. —

"Quais, por exemplo?" —

"Que a misericórdia não é um atributo de Deus, e que a visita de um Espírito ao plano terreno o contamina com condições da Terra." —

"Não, não! Ambas estão erradas. Quando leres algo que a tua mente rejeita, suspende o juízo até que possas confirmar connosco se é verdade ou não. Esse é um belo livro, cheio de dignidade e verdade, inspirado por um Alto Espírito; mas recorda que veio através de um instrumento humano, e as condições não foram sempre perfeitas. A mensagem foi, por vezes, distorcida. Queremos que conheças as maravilhas desta terra sublime e responderemos a todas as perguntas dentro dos limites do nosso conhecimento e permissão."

SOBRE O CASAMENTO

Discutíamos a afirmação de um escritor famoso de que, na ficção moderna, um casamento feliz na Inglaterra, França ou América é tão raro que é quase uma improbabilidade estatística. —

"Há casamentos na Terra que continuam nas Esferas e garantem felicidade nos dois mundos. Um verdadeiro casamento, quando se unem afinidades, é, por natureza, desse tipo. Infelizmente, isso não acontece na maioria das uniões terrenas. Nenhuma cerimónia ou credo santifica o casamento por si só — ele deve ser a união de afinidades."

— "E se um homem casado felizmente morre, e a sua esposa casa de novo, há ressentimento da parte do Espírito?" —

"Nenhum. Não sente ciúmes, nem ressentimento. Alegra-se por ela ter encontrado felicidade, e faz o possível para ajudar essa nova união. Sabe que o vínculo com a sua alma-gémea não pode ser quebrado. Quando todos estiverem juntos de novo nas Esferas, esse laço será reatado e fortalecido. O novo marido encontrará a sua própria afinidade a seu tempo — é inevitável."

George R. Sims escreveu-me uma vez, dizendo estar confuso ao pensar no que um homem falecido sentiria ao ver um novo amor da sua esposa. —

"Ah, ele aprendeu agora que esses pensamentos não são necessariamente infelizes. Se as vibrações de afeição do novo homem forem semelhantes às do marido falecido, é possível ao Espírito unir-se a ele no sentimento puro de amor. Falo de amor, claro, não de paixão efémera, que aqui não tem lugar. O mesmo se aplica quando há harmonia absoluta num lar. Podemos penetrar o corpo físico e até obter prazer do alimento consumido, se assim o desejarmos."

PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA APÓS A PASSAGEM

Durante a revisão das provas de "O Regresso de George R. Sims", realizámos uma sessão com a Sra. Roberts Johnson, na qual estavam presentes três antigos amigos do Sr. Sims (todos escritores distintos). Um deles tinha uma fotografia de Sims, tirada há muitos anos, e, na escuridão, naturalmente desconhecida da médium, estendeu-a e disse: "O que achas disto, Sims?"

A voz, que estava a falar noutra parte da sala, deslocou-se até ao seu amigo e respondeu: "Ah! Eu era um jovem elegante nesses tempos, não era?" —

"Estás a usar uma gardénia, vejo eu", disse o amigo.

"Gardénia? Gardénia?! Ora homem, é uma camélia", e Sims assobiou o ar de uma canção popular de há quarenta anos ("Ela usava uma camélia branca"), com o amigo a acompanhar. Essa fotografia é o frontispício do livro.

UMA JOVEM MÃE QUE PASSOU,

DEPOIS DE UMA VIDA DIFÍCIL

"Os Guias Superiores mandaram-me assistir à passagem de uma alma", disse um Espírito.

"Foi um caso triste, muito triste — era uma rapariga bastante jovem. A sua vida tinha sido miserável — presa a um marido brutal, sofreu muito. A sua alma foi chamada, juntamente com a do seu bebé. Oh! Tão jovem, e já mãe! Fiquei diante dela. Ela olhou para mim. 'Porque estás aqui?', perguntou. 'Porque está a minha mãe aqui? Eu vejo-a ao teu lado, mas ela morreu — morreu há muito tempo — não pode ser ela. Porque estou aqui?'

A pobre menina estava confusa. Não sabia que tinha feito a passagem. Peguei-lhe na mão. 'Irmã', disse-lhe, 'é a tua mãe, que veio para cá há muitos anos. Ela espera-te de braços abertos, desejosa de te abraçar e de te dar as boas-vindas ao país de Deus, onde a brutalidade não existe e onde a alegria e a felicidade são tuas, querida criança, para sempre. Passaste da Terra para Esferas mais felizes, os teus sofrimentos terminaram e esquecerás as tuas misérias.'

'Voltarei a vê-la em breve', acrescentou o Espírito. 'Ela reconhecer-te-á?' perguntei. 'Sim', respondeu. 'Fui eu quem conduziu essa pobre alma, tão jovem para tanto sofrimento, à nossa terra querida. Peguei na mão da filha, na mão da mãe, e na mãozinha do bebé e uni-as. 'Querida irmã', disse, 'bem-vinda à Terra Feliz.' Ela tinha um nome bonito — Isa.'

'Isa! Isso é inglês?' 'Era uma rapariga inglesa — Isabelle — chamavam-na Isa. Uma criança a passar por misérias terríveis na Terra! Graças a Deus, agora é uma alma feliz entre nós. A

luz a despontar nos seus olhos tristes tornou-se cada vez mais brilhante enquanto eu lhe falava e a consolava, e quando a deixei os seus olhos brilhavam de felicidade. Deixei-os, a minha missão concluída por ora.'

(A extrema ternura com que isto foi dito, e a doçura da voz, foram profundamente comoventes. A médium, Sra. Cooper, soluçava enquanto o Espírito falava, mas a voz do Espírito nunca vacilou.)

A CASA DE REPOUSO

O que os primeiros cristãos denominavam nas inscrições das catacumbas romanas como "local de refrigério" é uma realidade no mundo espiritual. Cada Espírito que passa para o outro lado atravessa um período de descanso. Numa sessão, um Espírito que tinha falecido durante a guerra foi questionado sobre esse lugar. Respondeu:

"Não o imaginem como um buffet de estação de comboio ou uma sala de refrescos gratuita para soldados! É um lugar de repouso e renovação — não líquido! — onde se recupera dos efeitos da mudança. Embora geralmente dure três dias, pode ser muito mais prolongado — depende inteiramente do grau de desenvolvimento do indivíduo. Se ele entrar no Abismo das Névoas, poderá, e de facto será, muito mais longo."

COMO SÃO RECONHECIDOS

OS ESPÍRITOS SUPERIORES

"A túnica que uso neste momento", disse um Espírito um dia, "é branca, com orla prateada — o material é mais leve do que a seda, como podes notar" — e a túnica foi passada pela minha face, e senti a textura, delicada como teia de aranha. Podemos", prosseguiu o Espírito, "variar a nossa roupa como quisermos, tal como os humanos mudam de cor ou tecido. Se quisermos, podemos usar até um casaco descontraído! Mas a nossa túnica tem uma abertura na base onde é inserida uma estrela dourada, que indica a nossa posição nas Esferas e comunica a todos os Espíritos o nosso grau."

O LUTO NÃO DEVE SER EXCESSIVO

Uma senhora no Canadá, que vinha sendo tratada por Abduhl Latif, escreveu-me dizendo que continuava doente. Levei a carta comigo, coloquei-a no chão durante a sessão, sem que a médium soubesse, e mentalmente chamei a atenção do Espírito para ela. É importante recordar que a médium não sabia que eu tinha recebido uma carta, o seu conteúdo, ou que ela estava exposta na sala. Imediatamente veio a resposta:

"Diz a essa senhora que o seu luto excessivo" (ela tinha perdido uma filha de seis anos) "retarda a sua cura. Um certo grau de tristeza é natural, mas prolongado como o dela impede-nos de lidar eficazmente com a sua doença. A sua menina está feliz no Jardim de

Infância de Deus e aguarda, em paz, a passagem da mãe no devido tempo. A própria criança sente tristeza pelo luto prolongado da mãe. Diz-lhe isso."

(A senhora mais tarde conseguiu conversar com a criança através de uma médium de voz nos EUA, e escreveu-me sobre a enorme alegria que essa conversa lhe trouxe. Eu nunca tinha ouvido falar da médium, mas a mensagem foi confirmada em todos os pormenores.)

SUICÍDIOS

Por vezes, não é totalmente culpa do homem. Ele pensa ter cometido o pecado imperdoável e, em desespero, põe termo à própria vida", comentou um Espírito ao abordar o tema.

"Suponho que todas as atenuantes são consideradas nesses casos?", perguntei.

"Todos os factores possíveis são tidos em conta. As leis aqui são justas e misericordiosas — não poderiam ser de outro modo. Não existe pecado imperdoável — mesmo para o maior dos criminosos, a alma mais degradada, existe esperança. Quando estas almas infelizes chegam aqui, estão no mesmo estado mental em que se encontravam ao romper com a Terra, e é trabalho de Espíritos como eu, preparados para essa missão, raciocinar com elas e levar-lhes o conforto da esperança.

É uma tarefa difícil, por vezes, pois a nossa presença é tida como uma intromissão, e ouvimos palavras ofensivas. Sorrimos, pois sabemos que os Espíritos acabarão por sentir remorso. E, quando esse estágio é atingido, sei que cumpri a minha missão e deixo a alma nas mãos de outros, pois o progresso é então certo. Existe um registo aqui — sois vós que o fazeis — de tudo quanto aconteceu durante a vida terrena, e pode ser revisto quando necessário, mostrando claramente os desvios do caminho certo. É-vos apresentado numa série de imagens rápidas, tal como ocorreu na Terra.

Acabo de deixar um homem de meia-idade que tinha posto termo à vida, e fui chamado ao seu lado assim que ele tomou consciência do seu novo estado.

"Querido irmão", disse-lhe, "vim ajudar-te." —

"Quem és tu?", disse ele, "não és meu irmão", e os seus olhos reluziam de hostilidade.

"Não, caro amigo", respondi, "não sou teu irmão, mas fui enviado por seres elevados do nosso Reino para te ajudar a compreender a verdade." —

"Que verdade? Queres dizer que estou morto?" —

"Sim, estás no que se chama morto, mas estás, na verdade, muito vivo. A verdade a que me refiro é a dor que deves sentir pelo ato que cometeste."

"Porque haveria de sentir?", retorquiu, "a minha vida era miserável. Achei melhor pôr-lhe fim." —

"Ah, caro amigo, foi aí que erraste. Não tinhas o direito de destruir a força vital física que o Divino te concedeu. Por isso, deverás sentir remorso antes de experimentares a felicidade que aguarda todos nos Reinos de Deus."

Antes de o deixar", concluiu o Espírito, "a pobre alma já começava a compreender a sua situação. Nenhuma alma escapa sem consequências por ter interrompido o fio da vida antes do tempo designado, e a intensidade do remorso é a medida da sua punição."

A ELEVAÇÃO DE UMA ALMA DOS REINOS SOMBRIOS

"Gostava de poder transmitir um décimo da felicidade que me dá este conhecimento a outras pessoas", disse um dia a um Espírito.

"Para muitos, abordar este assunto não serve de nada", foi a resposta. "Não conseguem — ou não querem — acreditar. Uns por medo, outros por indiferença."

"Muitos só perceberão a verdade depois de passarem para este lado", continuei.

"Nesses casos, é connosco que ficam. Não é tarefa dos mortais — é o nosso trabalho e missão. Espíritos Elevados descem e dialogam com a alma. Ah! Se esta gloriosa verdade fosse mais conhecida, se a humanidade reconhecesse esta realidade, o pecado seria menor e, com ele, a dor e o sofrimento. Seria um incentivo a uma vida mais pura e santa.

O conhecimento de que há uma vida além, de que a provação terrena, com os seus desafios e tentações, purifica a alma e a prepara para residir nesta Terra Santa… não será melhor que isso seja conhecido na Terra? Se o fosse, o nosso trabalho seria mais leve. Em muitos casos é assim e, ao abordarmos a alma recém-chegada, os braços estendem-se para nos acolher.

Tomamos as suas mãos nas nossas, e elevamo-nos desde as regiões sombrias até à gloriosa luz superior. Abordamos um Espírito que, talvez, viveu uma vida de egoísmo, que obteve pela força o que não devia, que não demonstrou consideração pelo próximo. O Espírito afasta-se de nós — não suporta a luz da nossa presença. Dizemos: "Caro irmão, não temas — o nosso único objetivo é beneficiar-te."

Podemos ter de repetir isso uma, duas, várias vezes. Até que rompemos a barreira e o Espírito pergunta:

"Porque estás aqui?" — Respondemos:

"Para te fazer bem, caro amigo." E ele dirá:

"O que devo fazer?" — Ah! Esse é um momento jubiloso para nós. Sabemos então que Deus dissipou as trevas daquela alma sofrida e permitiu-nos alcançá-la.

Tomamos esse Espírito pela mão, mostramos-lhe o que deveria ter feito, apontamos onde errou — onde devia ter partilhado, em vez de tomar; onde devia ter ajudado, em vez de ferir. Para alguns — os mais degradados, que rastejam no pó — é uma tarefa longa e difícil.

Mas mesmo nesses casos, chega o momento em que tiramos a alma do abismo escuro. Subimos a escarpa sombria até onde os Espíritos Elevados nos esperam, de braços abertos, na gloriosa luz da Terra Celestial, e entregamos a preciosa alma aos seus cuidados, sabendo que o alvorecer de dias melhores está diante dela, quando contemplará o nascer do sol da bondade divina."

"Isso faz lembrar os textos do Vale Owen", observei.

"Sim; e muitas verdades aí estão consagradas", respondeu o Espírito.

UM ESPÍRITO DOS PLANOS CREPUSCULARES FALA

Uma senhora, durante uma sessão, falava com o seu irmão Espírito e perguntou se poderia contactar outro irmão, Thomas, que também já havia partido.

"Queres mesmo?", perguntou o Espírito.

"Quero muito. Há alguma dificuldade?"

"De certo modo, sim, mas… bem… espera um momento."

Seguiu-se uma pausa de alguns segundos, e então surgiu uma voz num tom triste, quase patético:

"Oh, minha querida irmã! Paguei o preço, mas agora estou melhor. Passei por um mau bocado. Pensei que nunca mais veria a luz — oh, estou tão grato!

Gostava de ficar aqui, é tão belo, mas os Espíritos Elevados que me trouxeram estão à espera de me levar de volta. Querida irmã, perdoa-me — não agi bem, eu sei agora, e estou arrependido. O meu querido irmão aqui nunca me abandona! Ele esperará até que estejamos no mesmo plano. Não vale a pena pensar que os erros ficam esquecidos. É um grande erro — acompanham-nos para aqui. Oh! Era escuridão total. Não queria repetir tal experiência. Como rezei por luz! Estou profundamente grato por começar a vislumbrar a luz agora e espero tornar-me um cidadão decente.

Noutra terra, que nos liga além do oceano (ele tinha amigos na América), há preces diárias por nós. É um privilégio abençoado. Ah, rezem para que os pobres Espíritos não permaneçam muito tempo nas trevas — que possam progredir e sair das suas dificuldades. O meu irmão disse: "Tom, nunca te deixarei."

Oh, estou tão agradecido. Há aqui um grupo de trabalhadores voluntários a ajudar-nos. Ah! Este país parece tudo o que se pode desejar. Se pudesse apenas permanecer aqui com aqueles que agora vejo, seria feliz. Mas eles estão à espera para me levar de volta. Tenho de ir. Adeus, querida irmã — reza por mim."

O CRESCIMENTO DE UMA CRIANÇA NOS PLANOS ESPIRITUAIS

Duas crianças nadas-mortas — gémeas, ambas raparigas — manifestaram-se comigo há cerca de cinco anos. Eram filhas de amigos meus, com quem eu costumava reunir-me na tentativa de obter "as vozes" sem ajuda profissional. Quando estas pequeninas partiram, os pais nem sabiam da existência das bebés, mas foram levados a investigar assuntos psíquicos por si próprios e, por fim, obtiveram o conhecimento e tudo o que ele representa.

As pequenas tinham então cerca de quatro anos, e mal conseguiam falar de forma compreensível. As suas vozes eram extremamente agudas e oscilavam pelo espectro sonoro sem qualquer controlo, o que resultava, muitas vezes, num efeito bastante cómico. Após várias manifestações, notei uma mudança numa das meninas, Isabelle, e consegui perceber muito do que dizia. Gradualmente, a sua voz melhorou até que o timbre agudo desapareceu completamente, aproximando-se do de uma criança da mesma idade na Terra.

Foi extraordinariamente interessante acompanhar o crescimento e desenvolvimento destas crianças. Numa ocasião, ao falar com os pais, uma das meninas disse, num tom encantado: "Oh, papá, esta é a melhor conversa que tive!"

NUM PONTO ALÉM: MEMÓRIAS,

INFÂNCIA E ELEMENTOS NATURAIS NO ALÉM

Noutra ocasião, ao falar comigo, uma das crianças disse:

"Ficámos tão contentes...", e depois interrompeu-se, dirigindo-se a outro Espírito:

"Oh, tia Mary – devo dizer 'ficámos'?"

E a resposta do Espírito mais velho foi:

"Sim, querida, essa é a forma correta."

A criança então corrigiu-se e continuou:

"Ficámos tão felizes," com grande ênfase em "ficámos"!

Foi um momento tão simples, tão natural e condizente com a infância que quase se poderia pensar que eu estava a conversar com uma criança encarnada.

Com o passar dos anos, as vozes tornaram-se cada vez mais claras, até se tornarem tão fortes como as de qualquer criança de nove anos, por vezes até com volume semelhante ao de um adulto. Demorou mais tempo a uma delas alcançar esse nível do que à outra, o que está de acordo com o que observamos por aqui: as crianças diferem em capacidade, força e carácter nos planos espirituais exatamente como acontece na Terra.

A pequena Florrie nunca atingiu a vivacidade da sua irmã Isabelle. Uma vez comentei isso com a criança e ela respondeu: "Mas eu amo a minha mamã e o meu papá tanto quanto a Isabelle", resposta que me pareceu quase uma repreensão.

Disseram-me que a professora do plano de Jardim de Infância, sabendo que as pequenas tinham um canal de comunicação com a Terra, tomou especial cuidado em prepará-las para tal privilégio.

A própria professora manifesta-se frequentemente e disse que as crianças eram as suas alunas "estrela", encantadoras, com naturezas tão belas quanto o seu aspeto. Na fala, ideias e maneiras, eram tão infantis quanto as crianças encarnadas, o que lhes conferia ainda mais encanto, e eu tratava-as como duas meninas terrenas muito queridas.

À medida que cresceram, notei que a visão limitada da infância se foi alargando, e temas mais sérios surgiam nas suas conversas, tal como acontece com crianças inteligentes aqui, e por vezes surpreendiam-me com palavras e ideias muito além da sua idade, sugerindo profunda reflexão. Comentava isso, e uma das gémeas dizia: "

A professora impressionou-nos para dizer isso, mas sabemos o que significa."

A partir desta idade (cerca de oito ou nove anos), o conhecimento e a inteligência desenvolvidos nos planos do Jardim de Infância começam a superar os das crianças da mesma idade e educação na Terra, e daí em diante o sistema de ensino espiritual produz frutos bem mais ricos, por ser mais inteligentemente orientado.

Perguntei à Isabelle:

"Quando vais sair do Jardim de Infância, querida?"

"Oh! Eu não quero sair – é tão bonito lá – e adoro as professoras."

"Mas terás de sair um dia."

"Tempo! O que é tempo? Quando eu crescer acho que terei de ir para a escola – mas sou tão feliz aqui."

Descobri, em muitas ocasiões, que estas crianças não têm noção de tempo – o que não surpreende, especialmente quando nunca tiveram oportunidade de o medir na Terra. Mesmo alguns adultos, depois de passarem para os planos espirituais, perdem a noção precisa de tempo após poucos anos.

"Como são dadas as aulas no Jardim de Infância? Sentam-se em bancos?" perguntei.

"Bancos? O que são bancos?" A criança teve dificuldade em pronunciar a palavra.

"Bem, cadeiras ou assentos – usam isso?"

"Podemos sentar-nos se quisermos, mas nunca estamos cansadas, e ficamos de pé em volta de uma mesa, colocamos os nossos livros sobre ela, e as professoras ficam numa plat-plat-plat..."

"Plataforma?" sugeri.

"Sim, isso mesmo – e a professora tem um quadro grande e faz as lições nele."

"Com giz?" perguntei.

"Não sei o que é, mas deixa marcas no quadro – e nós não fazemos erros como as crianças da Terra," acrescentou num tom algo triunfante.

"Oh! Mas e as contas? Nunca se enganam?"

Houve uma pausa, e a criança, com certa relutância, disse: "Não muito. E brincamos com os nossos animais."

"O quê! Durante as aulas?"

"Oh não – temos a nossa hora de brincar – e eu tenho um gatinho tão lindo – foi atropelado, e esperei por ele aqui. A Florrie tem uma gatinha preta – uns meninos maus afogaram-na – eu vi."

Ver a alegria destas pequenas quando vêm a uma sessão, e o seu entusiasmo ao falar com os pais, é presenciar algo que dissiparia todas as dúvidas do mais cético dos mortais. A ansiedade para falar é tal que se interrompem uma à outra, falam ao mesmo tempo (o que por si só já é um "teste" notável), e na sua agitação tropeçam nas palavras até serem advertidas pelo guia: "Agora, crianças, não se excitem," e uma delas responde: "Não – não devo ficar 'citada, mas adoro falar com a mamã."

Perguntei a um Espírito mais velho como as crianças se vestiam. A resposta foi: "Com vestidinhos curtos – não precisam de meias nem de sapatos – o cabelo solto, uma com cabelo escuro, a outra com uma cor muito mais clara. Têm laços no cabelo e são adoráveis."

O vocabulário destas crianças é bastante bom, considerando a idade, mas ainda não dominam bem a letra "c" – a Sra. Cooper é chamada de "Sra. Tooper", e "vir" torna-se "tum" – mas esse resquício da infância é encantador, e dá pena ver desaparecer essa pronúncia infantil.

Quando as "condições" são muito boas, as pequenas materializam as mãos (ou melhor, os peritos presentes manipulam o "poder" por elas), e acariciam o rosto dos pais com leves toques. As suas mãos, com metade do tamanho das da médium, são claramente visíveis graças à luz espiritual prateada que trazem consigo, e se pedirmos, trazem uma flor de um vaso na sala e colocam-na entre os dedos de um participante, ou empurram delicadamente o caule para a boca da mãe ou do pai – tudo isto, claro, na mais profunda escuridão, onde nenhum mortal poderia sequer localizar a cabeça.

Estas crianças são um campo de estudo fascinante, e espero ter no futuro novas oportunidades de testemunhar o desenvolvimento da mente das crianças espirituais e seguir as suas trajetórias na escola, colégio e universidade – instituições acessíveis a todos os Espíritos com desejo de estudar nos planos espirituais.

PARTICIPAR NUM FENÓMENO DA VOZ Como encorajamento para aqueles que praticam para produzir vozes espirituais, acrescento que, após três anos e meio de sessões regulares, o nosso pequeno círculo finalmente conseguiu "as vozes". Muito antes disso, já tínhamos obtido aromas, luzes, pequenas levitações e batidas ocasionais no trompete. Ficávamos agradecidos por qualquer sinal, mas o nosso grande objetivo era ouvir os nossos amigos espirituais falar. E quando, uma noite, ouvimos vozes inconfundíveis, a nossa alegria foi imensa. Infelizmente, o círculo foi desfeito porque um dos membros teve de deixar o condado, e as vozes cessaram. Mas menciono isto para mostrar que, com paciência, mesmo uma faculdade psíquica modesta pode ser desenvolvida de forma notável.

RIOS E LAGOS NOS PLANOS ESPIRITUAIS Numa sessão realizada durante uma tempestade severa, com chuva, trovões e relâmpagos, perguntei ao Espírito que falava: "Esta tempestade afeta os Espíritos de alguma forma?"

"Como Espíritos, estamos naturalmente imunes, mas no sentido do efeito nos participantes, sim, afeta. Alguns sentem medo durante tempestades elétricas, outros sentem-se indispostos, e isso prejudica os fenómenos."

"Têm eletricidade nos planos espirituais?"

"A corrente elétrica é uma manifestação de uma força que também temos aqui, mas a sua atuação nunca é prejudicial – é sempre benéfica."

"E têm chuva?"

"Não – temos sempre ambientes límpidos e claros."

"Então como se renovam os lagos e rios?"

"Eles simplesmente existem. Nenhuma vegetação em decomposição polui as nossas águas – não há depósito de lodo – tudo é de uma clareza cristalina. Quando te inclinas sobre a água, o teu rosto é refletido com uma nitidez que nenhum espelho terrestre consegue igualar."

A MEMÓRIA DOS ESPÍRITOS É MUITO SEMELHANTE À NOSSA

"Parece-me reconhecer o seu rosto, senhor", disse um Espírito a um dos participantes. "Foi oficial do Exército?"

"Não", respondeu o cavalheiro. "Sou médico e nunca tive ligação com o exército."

"Ah, então não é quem eu pensei ter conhecido na guerra" — o que mostra que a memória e a intuição dos nossos amigos espirituais têm limites! Existe um grande abismo entre a crença de alguns de que os Espíritos sabem tudo e a de outros que consideram que eles são como nós na Terra, menos o corpo físico, claro. Na realidade, ao libertarem-se das condições físicas, as faculdades dos Espíritos ultrapassam largamente as dos mortais, mas observei frequentemente casos de lapsos de memória por parte dos Espíritos, o que os aproxima mais do nosso nível.

TESTES

É natural que os participantes em sessões espíritas desejem obter provas, especialmente nas sessões de Voz Direta, quando a resposta pode ser imediata. Os nossos amigos espirituais fazem tudo o que podem para satisfazer esses pedidos. Mas é muito melhor deixarmos que os Espíritos produzam testes espontâneos, que oferecem uma evidência mais credível, pois eliminam a influência mental de quem interroga.

Já ouvi muitas vezes pessoas exigirem provas e, como estas não surgem, saem desiludidas e descontentes. O problema não é tanto a atitude irrazoável de alguns (que muitas vezes bloqueia as manifestações), mas a ignorância das condições que regem os bons resultados. Essas condições podem ser psíquicas, físicas ou atmosféricas do nosso lado, e outras, do lado de lá, que desconhecemos.

Raramente pedi alguma prova específica, no entanto recebi muitas, extraordinárias e marcantes.

O que é uma prova? O dicionário diz, entre outras definições, "provar", e é nesse sentido que deve ser entendida por quem se dedica à investigação psíquica. Eis alguns casos em que a imaginação, alucinação e fraude estão completamente excluídas, e que, se não forem aceites como provas por um estudioso inteligente do fenómeno, então torna-se uma tarefa inútil tentar convencer essa pessoa.

Terão de seguir o seu próprio caminho até que lhes chegue o momento da travessia, quando compreenderão a verdade nas Esferas — onde muitas vezes uma certa angústia acompanha essa constatação, dependendo da natureza do Espírito. Não se trata de punição, pois aqui todos são livres de aceitar ou rejeitar, mas quanto mais sensível é a alma, maior é o seu pesar por ter desperdiçado a oportunidade dourada.

CARTAS LIDAS NA ESCURIDÃO

Inúmeras provas têm sido dadas por Espíritos lendo livros fechados e indicando a página ou linha, mas recebi algumas ainda mais extraordinárias.

Recebi uma carta de uma senhora em Cincinnati, EUA, e levei a última página a uma sessão com a Sra. Cooper, pois havia nela uma referência a esta. Ela nada sabia da carta, nem que a tinha colocado no chão, no escuro. Durante a sessão um Espírito disse: "Sim, li essa carta, mas pode apresentar algumas dificuldades."

"A caligrafia é difícil de decifrar, então?"

"Oh não, não é isso — espera um momento."

Seguiu-se uma pausa de não mais de dez segundos, e a mesma voz disse: "Já compreendi. Li o resto da carta."

"Mas isso está em casa, a quilómetros de distância!" exclamei.

"Não houve dificuldade em estabelecer ligação, e enquanto não tivesse lido toda a carta não poderia compreender bem. Diz à senhora que a criança está bem e feliz agora, e que não deve sofrer. A terceira linha da segunda página explica bem o sentimento da mãe, e está correta."

Quando cheguei a casa consultei a parte que deixara e vi que falava de uma menina recentemente falecida, e a terceira linha dizia: "Sinto no coração que voltarei a ver a minha querida!"

Numa outra sessão, o Espírito falou de uma carta que eu tinha no bolso do lado esquerdo. Nada dissera à médium, e como estava convencido de que a carta estava no bolso direito, pensei:

"Estás enganado, está do outro lado."

Imediatamente o Espírito disse, como se eu tivesse falado em voz alta:

"Não, está neste bolso," e senti uma mão materializada no bolso interior esquerdo, que estava abotoado, e a voz disse, enquanto o botão era desfeito e a carta retirada:

"Aqui está!"

Foi colocada no meu colo pela mão materializada, que vi claramente graças à luz espiritual que o Espírito trouxe. Havia vários papéis nesse bolso e, como o casaco tem quatro bolsos todos com papéis, a seleção de um em particular foi notável. Quando acenderam a luz, confirmei que o Espírito estava certo — a carta estava mesmo no bolso esquerdo!

VOZES ESPIRITUAIS À LUZ DO DIA

As "vozes espirituais" têm sido muitas vezes atribuídas ao ventriloquismo por parte da médium, no entanto ouvi duas vozes espirituais conversarem em plena luz do dia, enquanto a médium (Sra. Cooper) comia uma laranja! Nenhum cientista cético poderia conceber teste mais eficaz. Participei numa discussão sobre como lidar com certa situação, em que duas vozes espirituais davam a sua opinião, e eu e a médium também apresentávamos sugestões, tudo em plena luz do dia. Por várias vezes as vozes espirituais e as nossas sobrepuseram-se, surgindo exatamente ao mesmo tempo. Isto exige uma boa explicação para quem acredita no ventriloquismo!

Recebi várias vezes informações em sessões, que depois me pediram para transmitir a terceiros, os únicos que podiam verificar o conteúdo, e posteriormente soube que estavam absolutamente corretas. Isso, por si só, constitui uma excelente prova.

DOCUMENTO ENCONTRADO POR INTERVENÇÃO ESPIRITUAL

Uns amigos meus tinham a certeza de que o pai, já falecido, deixara um documento de grande importância para a família, mas todas as buscas tinham sido infrutíferas. Dois filhos, um deles médico e totalmente cético quanto a fenómenos psíquicos, participaram comigo numa sessão. O pai manifestou-se, para espanto do amigo cético, e falou de vários assuntos pessoais. Um dos filhos disse: "Procurámos um papel que pensamos que deixaste, mas não o encontramos." — "Ah," respondeu o pai, "sei ao que te referes — está em casa — é um papel azul dobrado no sentido do comprimento, e coloquei-o num livro na biblioteca — espera um minuto — vou ver qual." Houve uma pausa de menos de um minuto e a voz voltou:

"Sim, já confirmei — está num livro com capa vermelha brilhante; terceira prateleira, terceiro livro."

"Terceiro a contar de cima ou de baixo?" perguntou o filho.

"Terceiro de cima."

"Terceiro livro a contar da direita, suponho?"

"Sim, está certo — vais encontrá-lo."

Mal terminou a sessão, os filhos foram imediatamente a casa, dirigiram-se à biblioteca (que nem eu nem a médium conhecíamos), procuraram no local indicado e encontraram o documento. Que prova mais clara poderia haver?

Poderia multiplicar estes exemplos de provas, mas basta um caso bem estabelecido para demonstrar tanto a vontade como a capacidade dos nossos amigos espirituais em mostrar que, mesmo em assuntos materiais, podem ajudar-nos. Os poucos casos que relatei merecem não apenas aceitação, mas, para quem tem um olhar imparcial, exigem-na.

PREVISÕES

Recebi muitas que se verificaram com grande detalhe, e outras aguardam ainda o tempo devido para confirmação. Entre elas há uma que pode ser considerada como previsão, profecia ou premonição. É interessante não só pela forma como a recebi, mas também pela posição elevada do Espírito que se manifestou quando em vida.

Na época em que o mundo falava da descoberta do túmulo de Tutankhamon — mas antes de este ser aberto — encontrava-me numa sessão com um amigo irlandês no British College of Psychic Science, com a Sra. Blanche Cooper como médium. Era o dia 14 de Julho de 1923. Pensei que, se pudesse obter alguma informação sobre o conteúdo do túmulo, seria de grande interesse, e perguntei a Nada, o Espírito guia da médium:

"Podes dizer-me o que há no túmulo descoberto por Lord Carnarvon? Há lá um corpo?"

"Há muitas coisas curiosas no túmulo", respondeu Nada, "e muito trabalho bonito. Há ouro, mas já houve muito mais."

Ora, isto foi dito antes de qualquer descoberta além da localização do túmulo, e quando este foi aberto verificou-se que a câmara exterior tinha sido saqueada há muito tempo. Isto é notável, pois indica que os Espíritos sabiam não só o que havia então no túmulo, como o que havia anteriormente. Continuei:

"O que há por trás da alvenaria? Consegues ver?"

"A matéria não é obstáculo para os Espíritos. Nada consegue ver um corpo — um corpo mumificado — é um dos reis do Egipto. Há vários animais curiosos, e cabeças. Nada vê muito ouro e ornamentos belos. Mas querias saber se há um corpo. Há. Nada viu-o. Há duas múmias, uma bastante jovem, e uma cabeça estranha — de animal — cabeça de vaca ou de touro — e figuras, que têm a ver com o rei."

Aqui há uma afirmação clara da existência de dois corpos. Até agora, só um foi encontrado. Nessa sessão, o meu amigo ficou espantado ao saber que Tutankhamon estava a agir como seu guia.

MEMÓRIA DOS ESPÍRITOS É SEMELHANTE À NOSSA

"Penso recordar-me do seu rosto, senhor", disse um Espírito a um participante.

"Era oficial no Exército?"

"Não", respondeu o homem, "sou médico e nunca tive ligação com o exército."

"Ah! Então não deve ser quem pensei ter encontrado na guerra" – o que mostra que a memória e intuição dos nossos amigos espirituais têm limites! Há uma grande distância entre a crença de alguns de que os Espíritos sabem tudo e a de outros que defendem que são como nós na Terra, apenas sem corpo físico. Na verdade, quando libertos das condições físicas, as faculdades dos Espíritos superam largamente as dos mortais, mas observei por várias vezes lapsos de memória por parte de Espíritos, o que os aproxima do nosso nível.

PROVAS Há um desejo muito natural por parte dos participantes em sessões espíritas de obter provas, especialmente nas sessões de Voz Direta, onde a resposta pode ser imediata, e os nossos amigos espirituais fazem tudo o que podem para satisfazer tais pedidos. Contudo, é preferível deixar que sejam os próprios Espíritos a produzir provas espontâneas, o que constitui melhor evidência, pois elimina a influência mental do interrogador.

Muitas vezes ouvi participantes exigirem provas e, por não as obterem, saem desiludidos. Não é tanto a atitude irrealista (que frequentemente bloqueia as manifestações), mas a ignorância das condições que regem os bons resultados. Estas podem ser psíquicas, físicas ou atmosféricas do nosso lado, e também condições do outro lado que desconhecemos. Raramente pedi uma prova específica, e, no entanto, recebi muitas, extraordinárias e notáveis.

O que é uma prova? O dicionário, entre muitos significados, refere "demonstrar", e é nesse sentido que os investigadores psíquicos devem entendê-la. Dou alguns exemplos onde

se exclui a imaginação, alucinação e fraude, e se não forem aceites como provas por uma mente inteligente, então é inútil tentar convencer tal pessoa.

Terão de seguir o seu próprio caminho até que chegue o seu momento de fazer a travessia e descobrir a verdade nas Esferas, onde, muitas vezes, um certo grau de angústia acompanha a imposição da convicção. Não se trata de castigo – todos são livres de aceitar ou recusar como quiserem –, mas quanto mais sensível a natureza, maior o pesar do Espírito por ter desperdiçado a oportunidade de ouro, tornando-se esse pesar numa forma de sofrimento.

CARTAS LIDAS NA ESCURIDÃO

Inúmeras provas foram dadas por Espíritos que leram livros fechados e indicaram página ou linha, mas tive experiências ainda mais extraordinárias. Recebi uma carta de uma senhora em Cincinnati, EUA, e levei a última página a uma sessão com a Sra. Cooper, pois havia ali uma referência a ela. Ela nada sabia sobre o conteúdo da carta, nem sequer que a tinha colocado no chão, no escuro. Durante a sessão, um Espírito disse: "Sim, li essa carta, mas pode trazer algumas dificuldades."

"A escrita é difícil de decifrar?" "Oh não, não é isso – espera um momento."

Houve uma pausa de não mais de dez segundos e a mesma voz disse:

"Agora compreendo. Li a outra parte."

"Mas essa está em casa, a quilómetros de distância!", exclamei.

"Não houve dificuldade em estabelecer ligação, e até ver toda a carta não conseguia entender bem. Diz à senhora que a criança está bem e feliz agora, e que não deve lamentar-se. A terceira linha da segunda página explica os sentimentos da mãe e está correta."

Quando regressei a casa, consultei a parte deixada para trás e vi que se referia a uma menina recentemente falecida, e a terceira linha da segunda página dizia: "Sinto no meu coração que voltarei a ver a minha querida!"

Numa outra sessão, o Espírito manifestado falou de uma carta que estava no bolso do meu casaco, do lado esquerdo. Eu não mencionara nada à médium e, por estar certo de que estava no bolso do lado direito, pensei:

"Estás enganado."

Imediatamente o Espírito disse, como se tivesse ouvido o meu pensamento:

"Não, está neste bolso", e senti uma mão materializada no bolso interior esquerdo – que estava fechado com um botão – e a voz disse, ao desfazer o botão e retirar a carta:

"Aqui está!"

Foi colocada no meu colo pela mão materializada, que vi claramente graças à luz espiritual prateada que trazia. Quando acenderam as luzes, confirmei que eu é que estava errado – a carta estava de facto no bolso esquerdo!

VOZES DE ESPÍRITOS EM PLENA LUZ

As vozes espirituais têm sido muitas vezes atribuídas à ventriloquia do médium, mas ouvi duas vozes de Espíritos a conversar em plena luz do dia enquanto a médium (Sra. Cooper) comia uma laranja! Nenhum cientista cético conseguiria imaginar teste mais eficaz. Participei numa discussão sobre a melhor forma de lidar com uma determinada situação, onde duas vozes de Espíritos foram ouvidas, dando opiniões, e eu e a médium apresentávamos sugestões, tudo isto à luz do dia. Por várias vezes, as vozes dos Espíritos sobrepuseram-se às nossas – o que dificilmente se explica pela teoria da ventriloquia!

A informação dada em sessões foi repetidamente confirmada por terceiros. Numa ocasião, amigos meus procuravam um documento importante deixado pelo pai já falecido. Após procura minuciosa, nada encontraram. Dois filhos, sendo um médico e extremamente cético quanto ao fenómeno psíquico, participaram numa sessão comigo. O pai manifestou-se e, quando questionado sobre o documento, respondeu:

"Está na casa – é um papel azul, dobrado no sentido do comprimento, e coloquei-o dentro de um livro na biblioteca. Esperem um pouco… sim, está num livro de capa vermelha brilhante; terceira prateleira, terceiro livro."

"Terceiro de cima ou de baixo?"

"De cima."

"Terceiro da direita, suponho?"

"Sim, é isso – vão encontrá-lo." Assim que terminou a sessão, os filhos correram para casa e foram à biblioteca – que nem eu nem a médium conhecíamos – e encontraram o documento no local exato. Que prova mais clara se poderia pedir?

PREDIÇÕES

Tive muitas predições confirmadas nos mínimos detalhes. Entre elas, uma relacionada com a descoberta do túmulo de Tutankhamon, ainda antes de ele ter sido aberto. Em 14 de julho de 1923, numa sessão com a Sra. Blanche Cooper, perguntei à guia espiritual Nada:

"Podes dizer-me o que há no túmulo descoberto por Lord Carnarvon? Há ali um corpo?" "Há muitas coisas curiosas no túmulo", respondeu Nada, "e muito trabalho belo. Há ouro, mas houve muito mais."

Mais tarde, quando perguntei o que havia na câmara interior, Nada disse:

"Há uma coisa grande – o que vocês chamam sar-có-fa-go" (tendo dificuldade em pronunciar a palavra) – "um caixão, cheio de escrita e coisas amarelas – ouro. O cadáver tem os olhos meio abertos. Nada acha pena que se perturbe os mortos." Noutra sessão com médium diferente, em abril de 1924, foi-me novamente dito que Tutankhamon era guia do meu amigo.

A confirmação mais notável surgiu através da médium Mrs. Deane, que nada sabia de sessões anteriores. Uma fotografia "extra" mostrou uma serpente com crista sobre a

cabeça do meu amigo, e outra revelou o braço de uma cadeira com cabeça de leão esculpida. Quando levei estas fotos à Sra. Cooper (sem que soubesse delas), um Espírito disse:

"Isto confirma tudo – a serpente com crista e os símbolos da soberania de Tutankhamon."

Mais tarde, fotografias publicadas no *Daily Mirror* mostraram exatamente os mesmos símbolos encontrados no túmulo – não há aqui coincidência.

LEIS PSÍQUICAS IMUTÁVEIS

Numa sessão, após manifestações de Espíritos familiares, surgiu uma voz grave e profunda que disse:

"Quando os Discípulos se reuniram com mente e coração unidos, o Mestre manifestou-se em forma materializada e em Voz Direta. Se hoje as pessoas na Terra se reunissem da mesma forma, a mesma lei operaria – pois as Leis de Deus são imutáveis. É porque o homem falha em proporcionar as condições mentais e espirituais certas que parecemos falhar. Queremos ensinar as condições essenciais para a comunhão – se obedecerem às leis, traremos não só convicção, mas conhecimento das verdades eternas."

Perguntámos: "Quem fala, por favor?"

"Sou o Dr. J. M. Peebles. Diz ao meu velho amigo (e deu o nome) que encontrei aqui coisas infinitamente mais sublimes do que jamais imaginei."

Perguntei: "Fala da sua própria Esfera, Doutor; e os que não alcançam uma tão boa?"

"Depende muito do desenvolvimento mental e espiritual de cada um", respondeu. "Mas isso quer dizer que todas as Esferas contêm estas belezas, e só são percebidas por quem tem capacidade?"

"Nem sempre; há condição e há posição – as Esferas diferem em glória. A beleza total, os campos verdejantes, as flores, o canto dos pássaros, a alma luminosa – há quem seja cego a tudo isso."

"O que determina a ascensão nas Esferas?", perguntei.

"Tu próprio", foi a resposta firme. "Quando os seres gloriosos descem das Esferas Superiores e nos dizem que também estiveram nas inferiores, e nos asseguram que a oportunidade é nossa para alcançar essas alturas sagradas, nasce em nós um desejo fervoroso de ascender."

DÚVIDA DISSIPADA

Um cavalheiro em Cincinnati, EUA, ao ler "A História de uma Árvore de Natal", escreveu-me, anexando os seguintes versos:

O que posso dar à vida,

Ou a vida dar-me a mim? Um pouco de tempo a gastar

Talvez indignamente.

Algumas palavras por dizer,

E uns poucos atos a cumprir,

Palavras que talvez fosse melhor calar

E atos que poderei lamentar.

Mas, mesmo sem o saber,

Nem como isso pode ser,

Uma flecha disparada ao acaso

Pode um destino alto alcançar.

Então, vida, segue tranquila

Para o que tiver de ser,

O teu destino não evitarás,

Seja ele de alegria ou de dor.

E assim acaba esta farsa,

Sombra num ecrã projetada,

Um momento e passou,

Como se nunca tivesse existido.

Ah, é difícil pensar

Que há um Deus acima,

E mais difícil ainda,

Afirmar que Deus é amor.

Faleceu pouco tempo depois, mas manifestou-se-me por três vezes através da mediunidade de Mrs. Cooper, que nada sabia dele nem dos versos. Referi-me às linhas que ele me enviara e disse:

"Receio que tivesse dúvidas sobre a continuidade da vida quando me escreveu."

"Ah, querido amigo," disse o Espírito, "sim, pode chamar-se dúvida – havia tanto que eu não conseguia compreender – escrevi num tempo de doença e tristeza. Perdera um neto muito amado. Estava eu próprio doente – a minha querida filha estava doente e em grande aflição.

Perguntei à minha alma porquê – presumi medir a justiça de Deus com o meu próprio padrão. Mas agora tenho o meu querido neto comigo. Está aqui ao meu lado enquanto falo

consigo. Agora conheço a maravilhosa misericórdia e o amor de Deus, e agradeço-Lhe por este privilégio precioso de poder falar."

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE

ESPIRITUALISMO E PESQUISA PSÍQUICA

O meu interesse por estes temas remonta a 1870, quando o *Medium and Daybreak* era o principal órgão do movimento em Inglaterra. O contraste entre essa época e o presente, quanto à atitude do público, é realmente impressionante. Naqueles dias, associar-se aos espiritistas significava ser ostracizado da sociedade decente, e as pessoas falavam deles com reservas e temor.

Poucos homens de ciência ou prestígio social se pronunciavam então a favor da causa. O trabalho era levado a cabo pelos humildes aderentes que, encontrando conforto e consolo na verdade espiritual, encontravam também a felicidade. Felizmente, era precisamente a classe que mais precisava e a quem mais servia.

A felicidade que encontravam levava-os a partilhar a verdade, apesar do ridículo e da censura, até que o seu entusiasmo contagiou pessoas de melhor posição a aderirem ao trabalho. Hoje em dia, movimentamo-nos em círculos "respeitáveis", alugamos as maiores salas do país com a certeza de as encher, e ouvimos oradores eminentes explanarem as verdades do Espiritismo.

É inegável que houve um avanço notável. As referências esporádicas e zombeteiras do passado deram lugar a um interesse mais contínuo e simpático. Mas ainda há muito a fazer – existe ainda hostilidade em certos meios, embora se note já um enfraquecimento dessa atitude. Muitos formam as suas opiniões com base em fontes de segunda mão ou contaminadas, e por isso a apresentação de informação de primeira mão continua a ser tão necessária como sempre.

A investigação dessa maravilhosa faculdade, denominada força psíquica, não deve ser feita por mera curiosidade, entretenimento ou para obter informações financeiras. Todas as forças, psíquicas ou não, operam de forma dual – para o bem ou para o mal. O que é capaz de fazer o bem, mal usado, também pode causar mal. Os círculos, sejam de mesa ou mais organizados, podem ser visitados por Espíritos pouco desenvolvidos, que se manifestam com igual força.

Mas a solução está nas mãos dos próprios participantes: dissolvam o círculo logo que sintam uma influência indesejada (qualquer sensitivo pode detetá-la) e verifiquem se há um guia espiritual, e quem é. Tudo depende da capacidade do guia para manter a disciplina – e o nível espiritual do guia influencia muito mais os fenómenos que o tipo de médium. Os melhores médiuns de voz têm guias bem conhecidos, sempre prontos a aconselhar os círculos e a providenciar guias de confiança. Se forem tomadas precauções razoáveis, haverá poucos relatos de "confusão".

As sessões devem ser conduzidas com reverência. Começar com o Pai Nosso estabelece um bom tom. Existe um meio-termo entre a frivolidade e a solenidade excessiva, e num ambiente alegre, com cânticos e boa disposição, obtêm-se os melhores resultados. A voz humana oferece as melhores vibrações (sobre as quais se sustentam as vozes espirituais), e os círculos formados para obter "a Voz" devem recordar que o riso gera as melhores vibrações. Os nossos amigos espirituais apreciam tanto uma boa risada como nós, e isso não é incompatível com a solenidade do contacto com os chamados mortos.

O termo "espiritualismo" é muitas vezes mal aplicado ao referir-se a fenómenos psíquicos. Para muitos, essa palavra tem associações sagradas. Os fenómenos podem estar muito distantes do verdadeiro Espiritismo, mas como a palavra é tão conhecida e tão usada, acaba por abranger todas as manifestações psíquicas. Um jornal de Londres confundiu recentemente Espiritismo com Astrologia, com a qual não tem qualquer relação.

Pode-se saber muito sobre os fenómenos e não ter um pingo de espiritualidade; outros, nada sabendo dos fenómenos, são profundamente espirituais. É pena que a Investigação Psíquica tenha sido confundida com o Espiritualismo. Isso afastou muitos buscadores sinceros que, percebendo a diferença, talvez não se opusessem a investigar por si mesmos. No Espiritismo veem algo contrário ao Cristianismo e tornam-se hostis. Estão errados, claro – o Espiritismo deveria ser, e pode ser, o maior aliado da Igreja Cristã, pois prova aquilo que ela ensina: a imortalidade.

O termo deveria limitar-se mais corretamente ao exame e registo de fenómenos supranormais. Infelizmente, houve raros casos em que alguns que representavam o Espiritismo se revelaram indignos da Causa, e esta acabou por sofrer as consequências. Mas não devia – tal como uma ovelha negra entre os médicos não desqualifica toda a profissão, ou um padre corrupto não desacredita toda a Igreja.

É difícil compreender por que razão existe ainda tanta hostilidade e preconceito num assunto que, no fundo, é uma busca e experiência das leis pouco conhecidas da luz, som, vibração e gravidade, que permitem a comunicação entre nós e as Esferas e originam os chamados fenómenos psíquicos.

O Espiritismo nunca deveria ter sido matéria para testes teológicos. Trata-se de uma questão puramente biológica, pois a emanação denominada "psíquica" é, na verdade, de natureza física.

As minhas observações, naturalmente, referem-se aos fenómenos provenientes de mediunidade genuína. Existem aqueles que assumem um poder que não possuem, realizam sessões falsas, enganam o público e, por vezes, até ludibriam investigadores experientes. Esses são um anátema para todos nós, mas não se deve esquecer que os espiritualistas — mais interessados do que qualquer estranho em manter a sua área livre de suspeitas — foram precisamente os que desmascararam a grande maioria destes impostores.

Assisti a centenas de sessões e experienciei com dez médiuns de "Voz Direta", e embora não seja correto afirmar que todos os participantes ficaram satisfeitos, cerca de 90 por cento obtiveram provas absolutamente convincentes, e não foi por culpa dos Espíritos que a

convicção não chegou a todos. Para alguém que assiste pela primeira vez, os fenómenos são frequentemente tão surpreendentes que não é de admirar que a pessoa, atónita, não aceite a oportunidade de ouro que lhe é oferecida.

Por vezes afirma-se que pode ocorrer personificação. Na minha experiência de quinhentas sessões (todas registadas praticamente palavra por palavra), conheço apenas dois casos em que tal aconteceu. Como um Espírito uma vez disse: "Porque pensam que somos diferentes do que dizemos ser? Não vimos até vós com falsidades." Os guias dos nossos melhores médiuns exercem uma supervisão rigorosa do lado espiritual e, embora essa possibilidade não deva ser excluída, é rara.

Naturalmente, não conseguem impedir participantes insensatos de fazerem brincadeiras infantis com a trombeta, tentando sabotar os fenómenos, mas essas ações são observadas e comentadas, por vezes no momento, outras em sessões futuras. A visão dos Espíritos na escuridão é tão clara como a nossa sob luz solar, e de todas as ilusões que essas pessoas tolas alimentam, a mais vã é a de que não estão a ser observadas. Numa sessão, um participante andava a apalpar o chão (às escuras, claro) à procura da trombeta usada nas sessões de Voz Direta, quando o guia lhe deu uma pancada certeira na cabeça com ela, dizendo: "É isto que procuras?"

Pergunta-se frequentemente por que razão a escuridão é tão essencial para as manifestações. Não é essencial, mas desejável. Todos os nossos melhores médiuns conseguiram produzir "Vozes" com luz, mas estas não têm o mesmo volume das que se ouvem quando a luz é excluída.

A investigação dos fenómenos psíquicos pode não ser adequada para todos. Os nervosos, neuróticos, histéricos ou emocionalmente instáveis podem não beneficiar tanto como aqueles com equilíbrio emocional, mas para estes últimos, o conforto e a felicidade que recebem são indizíveis. Aqueles que não estão aptos para a investigação não devem empreendê-la, tal como alguém com problemas cardíacos não deve realizar exercícios físicos intensos.

Nenhum dos médiuns mencionados neste livro possui conhecimento de qualquer idioma além do inglês, e no entanto ouvi nas suas sessões os seguintes idiomas: galês, francês, italiano, holandês, alemão, sérvio, russo, checo-eslovaco, hindi, gurkali, persa, grego antigo e moderno, e latim — sendo as conversas conduzidas nesses idiomas com participantes que os dominavam.

Na minha opinião, o Espiritualismo não é uma religião, mas pode ser um complemento a todas as religiões que incluem a esperança de uma vida futura na sua doutrina, pois ele eleva essa esperança à certeza e demonstra a sobrevivência.

Um jornal espiritualista de Londres deu certa vez a seguinte definição:

"Não é especulativo nem fantasioso. Baseado em factos, e apenas factos, acessíveis a todo o mundo por meio de um sistema de mediunidade extenso e possivelmente ilimitado, constrói uma psicologia substancial com base em dedução lógica rigorosa. A sua verdade

fundamental, estabelecida de forma indelével pelas experiências e experiências de milhões de homens e mulheres sãos de espírito, de todos os países e credos, é a existência de um mundo espiritual e a continuidade da existência do espírito individual através do eclipse momentâneo da morte."

Afirmo, com a máxima confiança, que após vários anos de experiência, em comum com centenas de milhares de pessoas que testaram os fenómenos com todos os recursos de que dispõem, estou convencido de que os "mortos" estão muito vivos, e que é tanto possível como permissível que comuniquem connosco. Nunca deixam de o fazer sempre que as condições adequadas são proporcionadas, e sentem uma imensa alegria por lhes ser dada essa oportunidade.

O Dr. Dearmer, numa série de artigos recentemente publicados no *Morning Post*, referiu-se à atitude da Igreja de Inglaterra ("a Igreja da sã doutrina" — Bispo Creighton), e disse que a Igreja não reconhece a mais sólida de todas as doutrinas — os fenómenos psíquicos. Os cristãos ortodoxos acreditam em anjos — nós dizemos, e sabemos, que os vemos. Eles professam crer na Comunhão dos Santos — nós praticamo-la.

Para nós, a celebração da Sagrada Comunhão é uma realidade vívida e presente. Por que razão será errado, segundo a Igreja, ter uma crença viva na imortalidade da alma e na comunhão entre cristãos vivos e falecidos, tecnicamente conhecida na linguagem dos Credos como Comunhão dos Santos? A Igreja perdeu o Metodismo por hostilidade a John Wesley — era algo novo e estranho para ela, tal como o Espiritualismo é agora, e portanto desagradável. Amontoar perseguições mesquinhas sobre denúncias ignorantes é um erro fatal.

BISPO CATÓLICO DEFENDE O ESPIRITUALISMO

Provavelmente o exemplo mais marcante da tendência do pensamento moderno sobre o Espiritualismo é a declaração de Monsenhor D. Francisco de Juiz, um bispo da Igreja Católica Romana, que afirmou:

"Eu, bispo católico romano, digo que o Espiritualismo não deve ser condenado como diabólico, nem declarado fora dos caminhos da salvação, nem os seus seguidores chamados de hereges ou ameaçados com o inferno. Não vejo no Espiritualismo os males que as pessoas alegam que ele contém. Ele contém uma fé em Deus viva e ardente, um grande amor pelo próximo, e um sentido universal de fraternidade. Mantém-se entre Deus e a Igreja."

PROFESSOR RICHET

Um brilhante cientista de reputação europeia, o Prof. Richet, estudou os fenómenos psíquicos durante muitos anos, tendo registado as suas conclusões no livro *Trinta Anos de Investigação Psíquica*. Alguns críticos referem-se ao tema como o "Mistério da Sobrevivência", e alguns dos seus comentários revelam um viés tão pronunciado contra o Espiritualismo que é fácil demonstrar a atitude injusta que adotam no seu estado de

perplexidade — um estado partilhado pelo próprio Prof. Richet, como ele próprio admitiu nas suas "conclusões".

Como este estado de espírito é comum entre muitos outros cientistas, algumas observações de alguém que possui provas inegáveis em inúmeras ocasiões podem ser pertinentes.

O "Mistério da Sobrevivência" não é mistério para os espiritualistas. Enquanto os críticos negam, com mais ou menos veemência e veneno, as possibilidades de comunicação com os que já partiram, os espiritualistas há anos, e ainda hoje, mantêm uma convivência natural, feliz e espontânea com aqueles que estes "sabichões" dizem nem sequer existir.

Se não fosse tão triste, o humor da situação faria os espiritualistas sorrir. Mas o conforto e a felicidade de tal comunicação são tão imensamente gratificantes que desejam partilhá-los com outros — daí o esforço para convencer os céticos. Alguns investigadores manifestam vontade de considerar os fenómenos de forma justa, e muitos obtêm provas tão esmagadoras que são forçados à convicção. Outros têm uma natureza tal que torna essa convicção extremamente difícil. São surdos, cegos e mudos à evidência, seja qual for a forma que esta assuma, e terão de encontrar a sua própria salvação.

Uma das acusações mais frequentes contra médiuns na Idade Média era a de possuírem Espíritos Familiares, invocáveis à vontade. O infeliz médium, incapaz de se livrar do seu poder psíquico tal como do seu poder físico, pagava o preço com as mais horríveis torturas, e sabemos hoje que ainda existem aqueles que, na sua intolerância, reacenderiam sem qualquer escrúpulo "as fogueiras de Smithfield" contra os que colocam o seu dom psíquico ao serviço da humanidade.

Na obra do Professor Richet, *Trinta Anos de Investigação Psíquica*, o leigo tem um exemplo marcante da Mente Científica — uma mente que, no seu próprio terreno, é capaz de penetrar até aos fundamentos do seu tema, mas que, ao aventurar-se por terrenos alheios, revela uma extraordinária incapacidade, sustentando as suas teorias com as mais infantis hipóteses.

A sapiente declaração do Professor Richet de que existem espíritos pertencentes a outros mundos, diferentes do nosso mundo material, é lugar-comum e não requer dogmatismo académico para a sustentar. Mas a afirmação de que, "se eles assumem aparência humana, deve ser para se darem a conhecer parcialmente", exige esclarecimento. Porquê limitar-se ao "parcialmente"?

Em dezenas de milhares de casos, deram-se a conhecer de forma tão completa que nenhuma confirmação adicional foi necessária. O Professor afirma estar "satisfeito com os fenómenos registados, mas que não é apresentado qualquer tipo de prova da mente de um homem após a morte."

Que tipo de prova deseja ele? Quando Espíritos — familiares ou não — nos contam factos desconhecidos da nossa mente consciente ou subconsciente, referem-nos a uma terceira pessoa que confirma a informação, relembram-nos incidentes esquecidos e corrigem a nossa

memória, apontam-nos caminhos inesperados para obter informação (que se revela exata), quando nos dizem onde viveram e descrevem acontecimentos ocorridos nesses locais — tudo isso exato ao pormenor e previamente desconhecido por nós —, que mais, em nome do bom senso, poderíamos exigir?

O homem possui faculdades misteriosas além dos cinco sentidos, e há forças inteligentes desconhecidas em ação — mas não Espíritos humanos, diz o Professor Richet. Porquê não? Cada mensagem que recebemos vem carregada de pensamento, sentimento e visão humana. Com que direito exclui o Professor essa possibilidade — uma possibilidade que os espiritualistas conhecem como certeza? Apesar de estarem desencarnados, os Espíritos revelam humanidade no humor, no conhecimento e no afeto — como qualquer sessão demonstra, sem margem para dúvida. Mas o Professor propõe ainda outra teoria:

"Seres Misteriosos, Anjos fantásticos para lá do imaginável, ou Demónios sem forma, procuram intervir nas nossas vidas, podendo, por meios desconhecidos, moldar a matéria à vontade, dirigir os nossos pensamentos e assumir as nossas formas."

Aqui temos um cientista inteligente a postular

"Seres Misteriosos sem forma."

Um ser sem forma exige, no mínimo, alguma explicação. Muito mais reconfortante é o conhecimento espiritualista de que aqueles que dirigem os nossos pensamentos e influenciam as nossas vidas são os nossos próprios entes queridos, ansiosos pela nossa felicidade.

"Não há nada na história que convença alguém de que os mortos vivem", afirma ele. Nada na história da China, Japão, América, Índia, Nova Zelândia, toda a Europa — e até nas Escrituras? Poderá o Professor estar a falar a sério? Com dois terços da humanidade, de todas as crenças e condições, firmemente convictos de que sobrevivemos como Espíritos — desde os povos mais próximos da Natureza, como os Maoris da Nova Zelândia (cujas simples cabaças rivalizam com os prodígios da "trompete espiritual"), e os Índios da América do Norte, até aos cultos sábios da Europa, em número de milhares; com uma pirâmide de testemunhos que demonstram a sua veracidade, sem paralelo em peso e importância noutro tema que tenha dividido a humanidade; com as nossas próprias Sagradas Escrituras, repletas de exemplos; e com milhares de pequenos círculos privados a investigar sem ajuda profissional e a obter provas indiscutíveis — será que tudo isto deve ser ignorado?

Esses "factos brutos" (como ele lhes chama) de fenómenos maravilhosos — cuja realidade o Professor admite plenamente — são do conhecimento comum de todos os espiritualistas. Ele aceita muitos dos nossos argumentos, mas rejeita o mais fundamental: a sobrevivência humana. Diz:

"Só se o cérebro existir pode a mente possuir as características psicológicas humanas de consciência, memória, sensibilidade, razão e vontade. É impossível admitir a persistência da função (mente) sem o órgão (cérebro)."

Por que razão excluir essa possibilidade? Porque não admitir que essa "faculdade especial" abranja todas as funções cerebrais? Os espiritualistas reconhecem que essa "faculdade especial" existe já em todos nós, que abrange a memória e constitui o nosso ego. A travessia do vale da morte é apenas o prelúdio da sua libertação da materialidade e do seu funcionamento livre — é o nosso cérebro espiritual, em nosso poder, desde já.

O Professor Richet, como muitos de nós que investigámos, viu mãos, corpos, etc., formados a partir de ectoplasma exsudado por seres humanos. Mas o que lhes dá forma? O ectoplasma não tem vontade própria. A "força inteligente" — outra admissão do Professor — é quem o molda, e essa força é nada mais do que os Espíritos humanos, fazendo o possível para trazer convicção aos céticos. A memória nunca morre. Permanece parte integrante da "faculdade especial", e o Professor não precisa de se preocupar com a sobrevivência sem as "lembranças do antigo eu".

Os incidentes mais comuns numa sessão de "Voz Direta" são referências espirituais a acontecimentos passados. E conseguem até responder às dúvidas do Professor! O idoso que caiu na senilidade terá o Eu da sua juventude intelectual ou o Eu da sua decrepitude? Ele voltará ao seu auge intelectual, com a memória de todos os acontecimentos posteriores adicionada — e embora o tempo, como o conhecemos, não exista nas Esferas, a idade é fixada nos trinta anos, provavelmente também o auge físico.

"Gaguejará o gago no Além?", pergunta-se. O Espírito é perfeito — não pode ser de outra forma, sendo parte do Divino — e, uma vez emancipado das condições materiais, funciona adequadamente, tenha ou não, em vida, sofrido de gaguez, deficiência mental ou qualquer outro defeito. Nenhum Espírito é limitado nas Esferas por falhas deste tipo. Que o Professor descanse: o Planeador Divino é completamente indiferente às puerilidades científicas.

O Professor afirma ainda: "Qualquer suposição é preferível à hipótese ingénua, simples e terrivelmente improvável de Charles Dickens ditar do além o fim de *O Mistério de Edwin Drood*." Mas são as hipóteses ingénuas e simples do Professor que são, de facto, as "terrivelmente improváveis" — e não a de que aquele cujo amor pela humanidade o levou a criar, nas suas obras, as mais belas conceções de amor, honra e dever alguma vez registadas na literatura, continue interessado nos seres humanos que amava representar.

O Professor aproxima-se bastante da hipótese espiritualista ao dizer que "a inteligência humana está dotada de poderes materiais e psíquicos que, por enquanto, são inexplorados e desconhecidos."

Nós sabemo-lo há muito, e isso deveria servir de chave para o Professor — se ao menos ele quisesse usá-la.

Esses "poderes materiais e psíquicos" existem em todos, mas em grau mais elevado em alguns — aqueles a quem chamamos Médiuns — e é a força magnética, ou poder, exsudado por tais pessoas que permite que fenómenos ocorram na sua presença, mesmo que limitados por investigadores científicos e sujeitos a todas as indignidades que estes conseguem

inventar com os seus "testes" — e, ainda assim, produzindo, em milhares de casos, fenómenos de toda a natureza.

Refiro-me, evidentemente, aos médiuns genuínos. Aqueles que simulam poderes mediúnicos e os fraudulentos são tão repudiados pelos espiritualistas como pelos outros, e a grande maioria destes foi desmascarada pelos próprios espiritualistas.

A caricatura de uma sessão feita pelo Professor, onde "orações, atmosfera mística, teologia e teosofia" constituem o programa, é absurda. O Professor teve azar nas escolhas de médiuns ou sessões. Em Inglaterra, pode-se assistir a sessões com ou sem orações, sem qualquer "atmosfera mística", mas com um forte desejo de bom senso por parte dos participantes em chegar ao fundo da questão: onde se colocam questões de natureza tanto mundana como transcendental, e obtêm-se respostas; onde o humor ou a solenidade prevalecem — tal como numa conversa entre amigos na Terra.

Por fim, chegamos à conclusão: "não há hipótese satisfatória a apresentar." Eis a Mente Científica! Pesa os argumentos — dez pontos a favor, dez contra. Uma mente assim, investigando trinta anos ou qualquer outro número, jamais chegará a uma decisão; permanecerá suspensa no ar até ao fim.

Mas esses trinta anos não foram estéreis: convenceram o Professor de que existe uma força externa a vibrar à nossa volta. Se se tivesse limitado a admitir que não compreendia essa força, ninguém teria levantado objeções; mas, ao dogmatizar sobre um assunto que admite não compreender, dizendo: "Acredito que há uma força inteligente a operar, mas não são espíritos de seres humanos", acaba por se contradizer.

Ainda assim, devemos estar gratos por o Professor ter avançado tanto no seu caminho rumo ao Espiritualismo, e esperamos que um dia venha a aceitar plenamente as suas conclusões.

Quanto às tentativas de alguns críticos para ridicularizar o tema, lembro-lhes o que disse Kipling:

"É necessário, para a saúde de todas as grandes causas, que sejam alvo de ridículo, mas, enquanto o riso ressoa, as coisas estão a acontecer."

E repare-se no que Charles Dickens faz Scrooge dizer em *Um Conto de Natal*: "Nunca aconteceu nada de bom neste mundo sem que alguns se rissem às gargalhadas no início" — e, sabendo que tais pessoas seriam cegas de qualquer forma, achava preferível que enrugassem os olhos a sorrir do que sofressem de um mal menos agradável.

As mentes mais lúcidas do seu tempo ridicularizaram a afirmação de Stephenson de que a sua locomotiva "Rocket" atingiria cinquenta milhas por hora, e os juristas mais competentes exigiram uma velocidade muito inferior para que o seu projeto fosse aprovado no Parlamento.

A descoberta de Harvey sobre a circulação sanguínea foi ridicularizada, e durante muito tempo os cientistas insistiram que o Hidrogénio, o Oxigénio e o Carbono não podiam ser

transmutados em elementos mais simples — até que a descoberta do Rádio os deixou boquiabertos. Recordemos também os comentários da imprensa, há alguns anos, sobre a oferta de um jornal de £10.000 a quem fizesse um voo de avião à volta de Inglaterra.

Dizia-se que tão bem podiam oferecer dez milhões — seria impossível! Tal como se ridicularizou a rádio e tantas outras descobertas, assim se faz com o Espiritualismo. Abundam os escarnecedores — recusam-se a acreditar que a comunicação entre dois mundos seja possível, mas, enquanto ainda se riem, as coisas continuam a acontecer. Pioneiros têm aberto caminho há muitos anos, muito trabalho preparatório foi feito e, por fim, enquanto o sorriso ainda paira nos rostos dos incrédulos, este facto será estabelecido. Através de leis reconhecidas e estáveis, o facto de se poder falar com os nossos entes queridos que já partiram tornar-se-á tão comum como uma história repetida, e os que o contestam terão de dirigir as suas baterias de escárnio a outros temas — apenas para, mais uma vez, serem desmentidos.

Para os espiritualistas, trata-se de conhecimento baseado em factos comprovados, ainda que as leis que o regem tenham escapado até agora aos investigadores. Mas, só porque essas essências subtis ainda não foram analisadas, não quer dizer que tal nunca venha a acontecer. Os espiritualistas sabem, sem sombra de dúvida, que não só a personalidade sobrevive à chamada morte, como também é possível, sob condições adequadas, a comunicação entre vivos e "mortos". E essas condições não são mais exigentes do que o pedido de um fotógrafo para se fechar a porta ao revelar um negativo, de modo a evitar a luz.

Os investigadores querem que os fenómenos sejam produzidos sob as suas próprias condições, ignorando os requisitos essenciais para se obterem bons resultados. Com o médium amordaçado, atado de pés e mãos e fechado numa gaiola de arame, esperam que os fenómenos ocorram como se tudo estivesse em condições normais. Eliminam os elementos necessários à produção de bons fenómenos e, mesmo assim, esperam resultados!

Os médiuns consentiram repetidamente nessas restrições, e ainda assim os rigorosos testes aplicados pelo Professor Richet (que é "à prova de embustes") proporcionaram fenómenos suficientemente impressionantes para o marcar profundamente e o levar a aceitá-los.

Há algum tempo, num cartaz da *Empire Review*, destacava-se uma pergunta que inquieta a mente humana desde os primórdios da razão: "É possível comunicar com os mortos?" A resposta é um rotundo sim. Na verdade, para os milhares de pessoas que já tiveram tal experiência, a pergunta é tão supérflua como perguntar: "É possível chegar ao Museu Britânico?" Desde que se cumpram as condições apropriadas no primeiro caso, e se siga o percurso correto no segundo, ambos são possíveis.

Depois temos o Sr. H. G. Wells, que não resiste a lançar uma farpa ao Espiritualismo, embora a sua piada sobre "fantasmas" seja algo fraca. Na sua obra recente, *O Mundo de William Clissold* — que, admite-se, projeta a personalidade do autor —, Clissold expõe a sua visão sobre como este mundo e o próximo deveriam ser administrados.

Não está satisfeito com a atual administração e preferia a sua própria. Dedica cinco páginas à sua visão de Deus. A divindade é constantemente referida como "Sr. G.", e desafio qualquer pessoa sensata a terminar a leitura sem sentir um certo mal-estar. Não há qualquer conceção de um Deus compassivo, misericordioso ou amoroso — apenas um tirano feroz e implacável! Pois bem, mesmo os génios têm as suas falhas…

A ideia de que o ser humano é composto por corpo, alma e espírito é, para William Clissold, um disparate. "Não acredito na imortalidade. Não encontro qualquer indício de que a experiência continue após a morte física e, mesmo que admita os fenómenos, eles nada provam — salvo a sobrevivência de fragmentos de vontade pessoal e memória." Fragmentos!

Quando os nossos amigos espirituais nos fazem recuar episódio após episódio ao longo da vida, e demonstram que a sua memória é, em muitos casos, mais clara e precisa do que a nossa, relembrando-nos assuntos esquecidos e corrigindo-nos onde a nossa memória falha! O autor, através das suas personagens, partilha a ilusão popular de que os médiuns, de forma misteriosa, possuem conhecimento de assuntos conhecidos apenas pelo investigador e pelo falecido. Isso é atribuir-lhes um poder que não têm e nunca afirmaram ter. Os médiuns não têm mais a ver com a informação revelada numa sessão do que a cadeira onde estão sentados!

Na comunicação com os que partiram, William Clissold espera que o "véu se levante, revelando uma visão de coisas profundas e grandiosas." Os que partiram são nossos — familiares, amigos — que não são necessariamente mais versados em grandes questões agora do que antes. Sentem muito mais satisfação em relembrar episódios triviais — que, no entanto, estabelecem inequivocamente a sua identidade. Uma vez estabelecida, podem e efetivamente abordam temas mais profundos, como esta pequena obra demonstra.

O Mundo de William Clissold, apesar do seu carácter dispersivo, é uma obra brilhante em muitos aspectos, mas antes de Mr. Wells se atrever a dogmatizar sobre fenómenos psíquicos, deveria familiarizar-se com alguma da literatura sobre o tema, como *Spirit Teachings*, do Rev. Stainton Moses, e *Human Personality*, de Myers, e obter informação de primeira mão por canais fiáveis.

Todos os médiuns foram, por vezes, atacados por cépticos sem escrúpulos — é o preço que os médiuns genuínos pagam pelo seu dom psíquico. Mas espera-se conduta honrosa por parte de professores eminentes nas suas áreas, mesmo que completamente ignorantes no campo psíquico. A investigação recente de fenómenos psíquicos por três professores, em nome de um grande jornal dominical, provou o contrário.

Esses senhores sentaram-se com a Sra. Blanche Cooper, violaram as regras da sala de sessões e mentiram com o objetivo de apanhar a médium em falso. Para além das questões éticas envolvidas, essa conduta era passível de confundir — ou até destruir — os fenómenos, e não surpreende que a sessão tenha sido insatisfatória. Se tivessem agido de forma direta e honesta, em vez de recorrer ao engano, o resultado teria sido outro. Tal comportamento lembra a moralidade duvidosa do ilusionista Mr. Marriott, que terá

afirmado: "Sentir-me-ia perfeitamente justificado em enfiar gaze no bolso de um médium durante uma sessão, para que este fosse apanhado a fraudar!"

Os Espíritos são, precisamente, como os mortais — apenas sem corpo físico — com os mesmos gostos e aversões, maneirismos, características e opiniões que tinham ao atravessar o Limiar. Falo, evidentemente, daqueles que fizeram a travessia recentemente, pois a residência nas Esferas, ao longo do tempo, naturalmente alarga e aprofunda a visão dos Espíritos; e com as facilidades de educação e progresso que o novo ambiente proporciona — superiores a tudo o que possamos conceber na Terra —, a sua visão pode, e geralmente muda. No entanto, a individualidade permanece sempre intacta, e os Espíritos são perfeitamente capazes de o demonstrar. "Estamos muito vivos", dizem eles.

Ao lidarmos com o pouco compreendido poder denominado força psíquica, não devemos esquecer que estamos perante algo difícil de explicar, mas cujos efeitos podem ser examinados. E embora não seja possível, no nosso estágio atual de conhecimento, explicar com total clareza todos os fenómenos, aprendemos o suficiente para saber que estamos no caminho certo, e que muito do que há poucos anos era inexplicável é hoje melhor compreendido pelos investigadores psíquicos.

A expressão mais elevada dessa força que conhecemos é, na minha opinião, o fenómeno conhecido como "Voz Direta", que, pela sua fiabilidade e risco quase nulo de confusão, é amplamente utilizado nas investigações. Os pioneiros de outrora tinham de se contentar com os resultados rudimentares obtidos por meio de mesas girantes e diversas formas de pranchetas — eficazes à sua maneira, quando manuseadas por pessoas ou círculos com suficiente força de vontade para desligar a mente consciente e manter o subconsciente sob controlo durante a experiência.

Esses métodos não devem ser desprezados — tal como não se despreza o fio que transporta uma mensagem capaz de influenciar o destino de um império. No entanto, há muito que ultrapassámos essa forma de comunicação e, através da "Voz Direta", podemos conversar, como se face a face, com os nossos amigos espirituais, com perguntas e respostas em sequência, praticamente sem risco — ou apenas com um risco mínimo — de interferência mental do médium nas mensagens. Este sistema é utilizado diariamente em Inglaterra, na Europa e na América, e até os Maoris da Nova Zelândia praticam há muito esta forma de contacto.

A mediunidade em transe e a escrita automática proporcionaram muitas informações valiosas, mas está sempre presente a possibilidade de a mente subconsciente pregar partidas ao médium — e o que tantas vezes se atribui a "espíritos malignos" deve, com mais propriedade, ser atribuído às travessuras do subliminar.

Uma pergunta recorrente entre os pouco informados é:

"Porque é que as chamadas comunicações dos mortos são tão triviais e desinteressantes?"

O termo composto "chamadas" aplica-se com muito mais propriedade aos "mortos" do que às "comunicações", e é fácil demonstrar que estas estão longe de ser desinteressantes.

Não há razão para que essa acusação, com a sua implicação de banalidade, não seja imediatamente desmentida.

Quem faz tal pergunta ou desconhece a vasta literatura obtida por via transcendental — que pode ser consultada na maioria dos centros espiritualistas, nomeadamente na Biblioteca da *London Spiritualist Alliance*, em Queensberry Place, South Kensington, e na *Psychic Book Shop*, em Abbey House, Victoria Street — ou ignora-a deliberadamente. Os exemplos que apresento nesta pequena obra refutam completamente essa ideia. Nada na literatura inglesa supera a linguagem brilhante, a elevação dos ideais e a pureza da moralidade presentes em centenas de obras disponíveis nessas bibliotecas.

Nem sequer se pode acusar de "indefinição" o contacto direto possível na presença dos poucos homens e mulheres dotados com o dom das "Vozes". É possível — e até encorajado — colocar perguntas, e na medida em que os espíritos têm conhecimento, nunca tive dificuldade em obter respostas. Quando não sabem, dizem-no abertamente, e houve até perguntas às quais responderam que "não nos é permitido divulgar".

Mensagens autênticas e com valor comprovativo são transmitidas em todas as sessões de "Voz Direta", e embora a mediunidade profissional, tal como outras atividades profissionais, seja geralmente mais consistente do que a amadora, muitos pequenos círculos, só em Inglaterra, obtêm "as vozes" sem a presença de qualquer médium profissional.

É por permissão Divina — que não pode ser limitada por dogma teológico nem por qualquer "aviso eclesiástico" — que os nossos entes queridos, assim como outros que desejam enviar mensagens à Terra, têm, em inúmeras ocasiões, demonstrado que é realmente possível "falar com os mortos".

Importa recordar que os nossos amigos espirituais comunicam por intermédio de vários médiuns, desconhecidos entre si, separados por milhares de quilómetros, e que mantêm as suas características pessoais através desses diferentes canais. Os meus próprios familiares comunicaram através de sete médiuns diferentes, retomando conversas que tinham iniciado com outros. Para eles, desde que exista poder disponível, é irrelevante quem seja o médium. Trata-se de um teste rigoroso que os críticos geralmente ignoram.

As sessões variam em interesse, conforme varia a manifestação do poder, magnetismo ou energia presente — seja qual for o nome que lhe queiramos dar. Os críticos, com pouca experiência e ainda menos conhecimento do mundo psíquico, questionam por que motivo os espíritos não nos dizem isto ou não fazem aquilo.

Este pequeno livro mostrará que os nossos amigos espirituais não são tão limitados como esses senhores presumem. Esses críticos não fazem ideia das condições que regem os fenómenos psíquicos, nem de quão delicado é o equilíbrio entre sucesso e fracasso. Até agora, as forças presentes numa sessão escapam ao bisturi do cientista; as essências subtis ainda não foram capturadas. Mas sabemos, pela experiência, que certas condições são essenciais para se obterem bons resultados — e devem ser respeitadas.

Na nossa Inglaterra, há milhares de pessoas que possuem alguma forma de poder psíquico; os que possuem esse dom em grau elevado designamos por médiuns. Esses médiuns já passaram por milhares de testes — foram atados de pés e mãos, amordaçados, fechados em jaulas de arame, acorrentados e humilhados de todas as formas imagináveis — e mesmo assim os fenómenos produzidos foram suficientemente impressionantes para forçar a convicção. Aqueles que investigaram por si — cientistas eminentes como o Prof. Richet, jornalistas brilhantes como Hannen Swaffer, que só aceitaram após sucessivas provas, homens perspicazes e inteligentes como Denis Bradley, cuja formação e natureza se opunham inicialmente a tudo isto, mas que, durante as suas experiências, descobriram possuir grandes poderes psíquicos — todos estes chegaram à mesma conclusão. E os críticos que nunca investigaram por si mesmos, e recusam aceitar as conclusões dos que o fizeram, não têm qualquer direito de crítica.

A credulidade destes incrédulos ultrapassa a imaginação — aceitam qualquer hipótese absurda ou infantil em vez de reconhecerem a simples e evidente verdade: que a vida é contínua, e que a comunicação com os que já partiram é possível, desde que se verifiquem as condições adequadas.

A esperança de que a personalidade sobreviva à morte é partilhada pela grande maioria da humanidade, e a possibilidade de comunicação com os que atravessaram o Limiar inquieta o ser humano — civilizado ou selvagem — desde tempos imemoriais. Mas nunca esse interesse foi tão vívido e sustentado como nos últimos anos — muito provavelmente em resultado da Grande Guerra, que despertou emoções profundas e criou uma necessidade aguda de consolo. Raramente se abre uma revista, um jornal diário ou semanal, sem que haja referência ao Espiritualismo.

Já não é tratado como um tema demasiado absurdo para ser discutido, mas como um assunto digno da atenção dos mais brilhantes intelectos do mundo. Apenas ocasionalmente se ouve, de alguns — instruídos ou não — indiferentes aos factos, a velha piada fácil sobre "fantasmas". O peso dos nomes de cientistas de reputação europeia, homens que investigaram por si mesmos, trouxe o tema para o centro das atenções — e os críticos não se dão conta do enorme crescimento que o movimento tem tido. Existem hoje 120 periódicos dedicados ao Espiritualismo, servindo milhões de leitores na Europa, América e nas nossas Colónias.

O General Sir James Willcocks, G.C.B., que comandou o Exército do Norte da Índia de 1910 a 1914, e, durante a Guerra, o Exército Indiano em França, estudou de perto os assuntos psíquicos na Índia durante mais de quarenta anos e testemunha os grandes poderes psíquicos dos iogues indianos. Ele afirma: "Quantas pessoas sorriem com incredulidade ante a ideia de que alguns mortais possuem o dom de ver coisas numa luz que lhes parece impossível! No entanto, o Oriente guarda os seus segredos — e os seus videntes — embora o Ocidente pragmático nem os compreenda nem os valorize."

Aqueles que foram além de uma investigação superficial não precisam de mais provas sobre a veracidade das manifestações — o seu conhecimento assenta em factos comprovados, partilhado tanto por humildes crentes como por cientistas de reputação

mundial. Passei por toda a gama de sentimentos — do zero da dúvida à certeza da convicção — e experimentei a deceção que muitos sentem ao iniciar a sua jornada pelo território inexplorado do mundo psíquico, perante os modestos frutos iniciais da investigação.

Atribuo grande parte dessa insatisfação ao facto de se recorrer com demasiada frequência a médiuns pouco desenvolvidos, e de se limitarem as experiências a uma ou duas sessões. Mas deve lembrar-se que os fenómenos são apenas a superfície ou o portão de entrada deste vasto tema, e quem nunca ultrapassa esse estágio, jamais compreenderá os seus aspetos espirituais mais profundos e importantes.

Esperar que todos os que lerem este livro venham a reconhecer a verdade da possibilidade de comunicação com os nossos entes queridos já falecidos seria demasiado ambicioso. Os céticos — um grupo cada vez mais reduzido em número e influência — exibem a máxima engenhosidade nos seus contorcionismos mentais ao tentarem explicar os fenómenos.

Já ouvi homens, inteligentes noutras áreas, afirmar que os sensitivos têm uma espécie de diretório de consulta onde obtêm informações sobre os participantes. A Sra. Wriedt, de Detroit, EUA, que deu mais de 10.000 sessões a cerca de 100.000 pessoas — a vasta maioria completamente desconhecida para ela e vistas pela primeira vez na própria sessão — é, segundo essa teoria, uma enciclopédia ambulante! Ela deu sessões a nativos de França, Rússia, Alemanha, Holanda, Noruega, Suécia, Canadá e Estados Unidos, nos seus próprios países e línguas, bem como em todas as regiões das Ilhas Britânicas — e, no entanto, entende apenas um idioma: "inglês Americano". E ainda assim, ouvi, nas suas sessões, diversos idiomas europeus e orientais, antigos e modernos, falados por Espíritos, e conversas mantidas com participantes que os compreendiam, incluindo inúmeros detalhes íntimos e privados, conhecidos apenas do destinatário. Nenhum homem são pode levar a sério tal teoria.

Depois há a teoria hipnótica. Vinte participantes, de todas as classes sociais, cada um recebendo mensagens dos seus familiares e amigos, com vozes distintas, sobre vinte assuntos totalmente diferentes, e dos quais apenas o próprio participante tem conhecimento — são todos, supostamente, hipnotizados a acreditar que estão a falar com Espíritos.

O absurdo desta teoria torna-se evidente quando estamos numa sessão em que dois ou mais Espíritos falam com dois participantes diferentes (às vezes em línguas diferentes), enquanto o médium conversa com outro Espírito ou participante, ou quando as vozes trocam piadas, dão conselhos, conforto, informações e mantêm conversas com os presentes.

Temos ainda a ideia da telepatia. Quase todas as sessões apresentam provas sobre assuntos ou acontecimentos desconhecidos da mente do participante, cuja verificação é feita posteriormente. Muitas vezes os próprios Espíritos sugerem testes em mensagens destinadas a terceiros, sendo apenas esse destinatário capaz de as decifrar. Esta teoria não se sustenta.

Outra teoria popular é a do subconsciente — esgotada até ao osso. Sabe-se tão pouco sobre a mente subconsciente, e tanto se escreve sobre ela, que os críticos julgam estar em terreno seguro ao atribuir-lhe tudo o que não compreendem. No entanto, essa teoria jamais poderá explicar a imensidão de informações, desconhecidas da mente consciente e subconsciente, recebidas através de centenas de médiuns, em todos os países e em todas as épocas — e muito menos os fenómenos da voz direta, levitação, materialização, luzes e outras manifestações.

Há também a bizarra teoria da Mente Universal — um imenso reservatório de informações e memórias no éter, ao qual os médiuns acedem livremente. Esta teoria atribui aos médiuns um poder ainda maior do que aquele que é atribuído aos próprios Espíritos — e é igualmente inadmissível.

A hipótese fantástica nestes moldes, promovida por M. René Sudre, não explica nem um décimo dos fenómenos — e no entanto ele rejeita o Espiritualismo, que os explica todos!

Deve compreender-se que, numa sessão, são os nossos próprios familiares e amigos que se apresentam — tão ou mais ansiosos por comunicar connosco do que nós com eles — e que os médiuns nada têm a ver com a informação recebida, tal como o "homem na lua" não tem.

Eles apenas fornecem as condições físicas necessárias, e os Espíritos aproveitam-nas. Mas há sempre aqueles "impossíveis", para quem nenhuma evidência, deste ou do outro lado da vida, será suficiente. E há ainda outros cuja natureza física ou mental os impede de perceber plenamente a verdade. É uma infelicidade sua, e devemos oferecer-lhes a nossa simpatia, pois perdem uma grande fonte de alegria.

Algumas palavras sobre os sensitivos, graças aos quais esta comunicação é possível, e por cujo intermédio, entre outros, ouvi falar Abduhl Latif. Existem centenas de médiuns amadores que colocam o seu dom ao serviço de amigos próximos, e milhares de pequenos círculos que se reúnem com esperança de obter as "vozes" (conheço vários que já o conseguiram), sendo raro que um círculo, reunido em harmonia e de forma continuada, não obtenha algum tipo de fenómeno psíquico. Mas refiro-me agora aos médiuns profissionais.

O lugar de destaque pertence à Sra. Etta Wriedt, de Detroit, uma senhora americana, filha de pai galês. Está há quase cinquenta anos perante o público e, muitos anos antes de se ouvir pela primeira vez a "Voz Direta" em Londres (como hoje a conhecemos), já ela demonstrava a sua possibilidade a milhares de pessoas na América. Durante os primeiros quinze anos, ofereceu o seu dom gratuitamente ao público — a felicidade que proporcionou é incalculável. É um grande privilégio obter uma sessão com ela.

A Sra. Roberts Johnson é outra excelente médium. Inglesa, embora com menos tempo de atividade pública do que a Sra. Wriedt, já proporcionou experiências memoráveis a muitos milhares. Um elemento especial do seu dom é o belíssimo canto espiritual, frequentemente harmonizado por duas ou mais vozes espirituais, entre as quais barítonos e baixos de grande potência. Gravações dessas vozes foram feitas em fonógrafos e estão agora a ser adaptadas para gramofones.

A Sra. Blanche Cooper, também inglesa, é uma médium profissional recente. O seu poder está em crescimento e estou convicto de que o seu nome se tornará amplamente conhecido. As vozes obtidas nas suas sessões são belíssimas, naturais e cheias de simpatia; há frequentemente materializações parciais, luzes e escrita direta espiritual. Pequenos objetos levitam com frequência. Já ouvi vozes espirituais na sua presença à luz do sol e com iluminação elétrica intensa — a ideia de que a escuridão é essencial à Voz Direta é errónea. No entanto, é verdade que a escuridão amplifica o som, razão pela qual as sessões são geralmente feitas com luz reduzida.

O Sr. A. J. Maskell é outro médium de voz que recentemente se tornou profissional. Durante anos disponibilizou gratuitamente o seu dom a círculos, mas devido à cegueira e à consequente perda de emprego, passou a cobrar uma modesta quantia. As vozes são fortes e de uma clareza notável, e um aspeto singular da sua mediunidade é a materialização e execução de instrumentos musicais por Espíritos — mesmo quando tais instrumentos nem sequer estão presentes na casa.

Todos estes médiuns oferecem muitas sessões gratuitas, embora eu não consiga compreender a lógica que permite que pugilistas recebam £150.000 por meia hora de pancadaria (vide Dempsey), cantores com supervozes ganhem £1.000 por noite, e certos comediantes recebam centenas de libras por alguns minutos de atuação, enquanto se censura a atribuição de um valor justo a quem possui dons psíquicos de importância muito superior.

Concluo, com toda a ênfase de que sou capaz, afirmando que o Espírito em cada um de nós sobrevive à chamada morte, e que a comunicação entre esse Espírito e os vivos, em condições apropriadas, é possível — e foi por mim experienciada centenas de vezes. Sou apenas um entre os muitos milhares que já viveram essa experiência, embora a maioria não tenha tido as amplas oportunidades e privilégios que me couberam.

Esta ponte entre os mundos é tão natural e acolhedora que toda a ideia de nervosismo numa sessão desaparece. É como estar no conforto do nosso lar, em conversa feliz com amigos. E se, através do que aqui relatei, conseguir transmitir esse sentimento a alguns dos meus leitores, então terei cumprido o meu propósito.

FIM

EXTRAS

ABDUHL LATIF E AS FADAS

Por R. H. SAUNDERS

Durante a minha visita a Haia, tive o prazer de conhecer o Sr. e a Sra. Tom Charman, de Godshill, Hants. O conhecimento do Sr. Charman sobre as Fadas — essas borboletas do

Mundo Bidimensional — é único, pois o seu dom de clarividência e o facto de viver tão próximo da Natureza, na Nova Floresta, proporcionaram-lhe amplas oportunidades para estudar estas delicadas criaturas.

Pouco depois do meu regresso da Holanda, tive o privilégio de conversar com Abduhl Latif, que possui conhecimento sobre muitos assuntos, e conhecimento profundo sobre alguns. Disse-lhe que conhecera alguém que vira Fadas, e perguntei: "Suponho que elas existem, não?"

"Existem!", exclamou Abduhl. "Tu existes? O Universo à tua volta existe? E eu estou a falar contigo? Elas estão mesmo à tua porta e são os verdadeiros habitantes do Mundo Bidimensional, e tu entras em contacto com elas frequentemente nas tuas deambulações noturnas pelo mundo psíquico. O mundo delas sobrepõe-se ao teu, tal como o teu ao nosso. Certamente minúsculas — almas em crescimento feérico, à espera de nascer — elas são da tua responsabilidade. Não são uma raça extinta, mas estão vivas com essa grande força energética que anima a ti e a mim. Vestem-se da melhor forma que sabem; vêm através dos reinos vegetal, mineral e animal, utilizam as vibrações desses reinos e escolhem o que acham que melhor as adorna. As próprias rochas vibram com vida, como os teus cientistas agora começam a compreender."

Disse então: "Suponho que estas pequenas criaturas só sejam visíveis à visão clarividente?"

"Elas são objetivas", respondeu Abduhl, "para muitos outros também. Tu estás na Terceira Dimensão, elas na Segunda, e eu na Quarta. Os teus olhos não estão abertos para as ver. Estas almas, tão próximas da Natureza, podem manifestar-se sob certas condições. Algumas vêm da água, outras dos reinos animal, vegetal e mineral. Algumas pessoas chamam-lhes Elementais. Desejam recriar-se, embora não pelo sexo. Elfos, gnomos, fadas — como quiseres chamá-las — nós damos existência a essa raça; elas escolhem para si uma pequena estatura e forma; não conhecem a natureza química do homem. Tens um corpo astral semelhante ao teu corpo terreno, e para elas é um corpo objetivo. Retiram a sua força das condições que as rodeiam, sejam flores, vegetais ou rochas. O homem Charman capta as suas imagens a partir de sugestões geradas por raízes e ramos, e esculpe as suas semelhanças."

"Gostaria que o Sr. e a Sra. Charman falassem contigo", disse eu.
"Ficarei encantado em falar com eles", respondeu Abduhl, "e assegura-te de que não haja limitações na nossa conversa. Não quero ser interrompido. Há um indiano de bom tipo por detrás desse homem, que o acompanha atentamente. Estas criaturas sub-humanas que nós chamamos de 'jinn' no meu país (Pérsia) são referidas na literatura árabe. A construção de Palmira foi atribuída a eles, e segundo uma lenda judaica, Salomão controlava-os. Diz-se que o nosso profeta Maomé reduziu os 'jinn' a demónios subordinados e 'kobolds'. Claro que tudo isso é superstição — estes elementais não são capazes de esforços inteligentemente dirigidos como a construção, mas por vezes mostram tendências traquinas e perturbam e confundem os seres humanos."

COMENTÁRIO DE TOM CHARMAN

Enviei um relatório desta conversa ao Sr. Charman e organizei uma sessão onde ele e a sua esposa poderiam falar com Abduhl. Mais tarde, ele enviou-me a seguinte carta:

Agradeço-lhe pelo registo da sessão em que Abduhl Latif falou sobre as fadas, e a informação dele é precisamente aquilo que tenho afirmado há anos nas minhas palestras, quando muitos me olham como alguém com ideias malucas a contar uma história mirabolante! Estudo este assunto há vinte e cinco anos, e pode imaginar o quão encantado fiquei por obter confirmação desse grande espírito, Abduhl Latif.

"Na sessão que gentilmente organizou para nós, vi, por via clarividente, o próprio Abduhl, e descrevi-o, e Abduhl disse que estava correto. Disse que eu era a única pessoa com quem ele tinha contactado que via para dentro da dimensão das fadas, e que as minhas observações sobre estas pequenas criaturas estavam corretas.

"O Capitão Quentin Craufurd está a escrever um livro com base na informação que lhe forneci sobre o tema, e que esperamos ilustrar com imagens de fadas encontradas em muitas pedras que descobri. Quanto à possível origem dessas pedras, Abduhl e eu estamos de acordo. Mostrei-as em várias ocasiões, mas as minhas explicações foram geralmente recebidas com um sorriso divertido!

"Abduhl diz que, tal como em certas condições os espíritos podem contactar este mundo e manipular a matéria, também, em tempos antigos, as fadas ou elementais conseguiram contactar este mundo de forma material. Escolhiam então pedras apropriadas para o seu trabalho artístico, manipulando formas e cores acidentais em representações pictóricas. Os estudos de Abduhl não lhe permitem afirmar com certeza se as fadas foram alguma vez totalmente materiais neste plano, no sentido em que nós somos. Uma entidade pré-histórica com quem mantenho contacto diz-me, no entanto, que as fadas eram contemporâneas dele."

Também com um sorriso divertido foi recebido o livro de Sir Arthur Conan Doyle sobre as fadas, mas o facto é que está estabelecido que as fadas não só existem como também podem ser discernidas por muitos. Na Irlanda, Cornualha, partes da Escócia e do País de Gales, os nativos celtas possuem em muitos casos a faculdade de ver fadas, embora para a maioria das pessoas elas sejam consideradas apenas sonhos felizes da infância!

MEMÓRIAS PSÍQUICAS DE GEORGE R. SIMS

DÉCIMO ANIVERSÁRIO DO DESENCARNE DE "DAGONET"

George Sims, cuja presença espiritual frequente causou forte impressão tanto dentro como fora dos círculos do Espiritualismo, encontra-se há dez anos nas Esferas, sendo o dia 4 de Setembro o décimo aniversário do seu falecimento.

Foi nove meses antes da sua morte que o Sr. R. H. Saunders o levou à sua primeira sessão com uma médium de voz direta. A Sra. Roberts Johnson, então no auge das suas capacidades, conseguiu fazer ruir as barreiras que Sims sempre construíra contra o tema. "Fiquei muito admirado", escreveu ele a Saunders. "O que vi deixou-me impressionado. As vozes extraordinárias deixam-me maravilhado."

AS QUATRO VIOLETAS

O incidente mais marcante dessa sessão foi a atração exercida sobre o Sr. Sims pelo espírito de uma criança chamada Doreen, que estava ansiosa por ajudá-lo. Doreen materializou-se parcialmente e ofereceu aos presentes algumas violetas retiradas de uma taça que estava sobre a mesa.

À Mr. Sims, ela disse: "Dou-lhe quatro — uma, duas, três, quatro — conte-as." Explicou depois que uma senhora do mundo espiritual lhe pedira para oferecer aquelas quatro violetas, pois tinham um significado para ele, e que ele compreenderia.

Tudo o que Mr. Sims disse na altura, no entanto, quando as quatro violetas foram contadas e entregues, foi: "Sim, está certo." E, embora uma voz tenha mencionado um nome como Annie ou Anna, ele não fez o esforço necessário para a ajudar.

O que se seguiu foi notável. Dois meses após a sua morte, Mr. Sims — que já tinha comunicado através de Mrs. Cooper e de Mrs. Wriedt — "conseguiu passar", como ele próprio disse, noutra sessão realizada no mesmo local, com a Sra. Roberts Johnson. A mãe de Doreen estava presente e perguntou-lhe se se recordava das quatro violetas que a sua filha em espírito lhe tinha dado e se compreendia o seu significado.

"Recordo-me," respondeu ele. "Na altura soube o que significavam, mas não podia dizer. Representavam a presença de Anna Kingsford, que, quarenta anos antes, em Paris, me deu quatro violetas e as colocou na minha lapela."

ALÍVIO DA INSÓNIA

Mr. Sims teve uma segunda sessão com a Sra. Roberts Johnson um mês depois e levou consigo o seu jovem amigo "Quex", que escreveu uma descrição vívida do que aconteceu para o *Evening News*.

Foi nessa sessão que Mr. Sims se queixou de insónia, e lhe foi prometida a visita de Abduhl Latif, o espírito curandeiro persa. "Ele irá magnetizá-lo," disse um dos controladores da médium. "Vai ver que esta noite dorme melhor."

Abduhl foi, como prometido, à casa de Mr. Sims, em Regent's Park, e este, depois de muitos anos a sofrer de insónia, sentiu um alívio tão imediato que escreveu a Mr. Saunders a dizer que, como pequeno agradecimento, iria assegurar-se de que o seu amigo Abduhl "teria menções agradáveis de vez em quando nas minhas colunas ('Dagonet', no *Referee*)." Mr. Sims recebeu tantas perguntas sobre Abduhl que chegou a dizer, em tom de brincadeira, que se sentia quase como um "médico de clínica celestial."

A SUA MEMÓRIA ADMIRÁVEL

A terceira e última sessão de Mr. Sims foi com Mrs. Wriedt, e foi uma das mais extraordinárias sessões alguma vez realizadas — talvez para sempre.

Mr. W. T. Stead falou de tempos antigos e de política elevada como se ainda estivesse no corpo, e Mr. Gladstone proferiu um discurso tão cheio de passagens eloquentes e belas que Mr. Sims, durante uma breve pausa, exclamou: "Bem, isto é realmente maravilhoso."

Quando, cerca de um mês após o seu falecimento, o próprio Mr. Sims se manifestou numa sessão dada por Mrs. Wriedt, a médium perguntou a Mr. Saunders se se lembrava do que Mr. Stead dissera quando Sims estivera com ela. Nem ela nem Mr. Saunders conseguiam recordar-se, mas Mr. Sims lembrava-se. "O que Stead disse," recordou, falando com grande ênfase, em voz directa, foi: "Estarei aqui para te receber (quando passares para cá) — e será em breve. E, Mrs. Wriedt, chamei-lhe bruxa naquela altura."

"Ah, isso chamou," respondeu Mrs. Wriedt. "Agora lembro-me disso; a sua memória é melhor que a nossa, Mr. Sims."

A SUA TRANSIÇÃO PARA AS ESFERAS

Em sessões posteriores organizadas especialmente para esse fim, Mr. Sims descreveu com palavras comoventes a sua própria transição e as suas atividades nas Esferas.

Enquanto jazia à beira da morte, muitos amigos espirituais o assistiram — entre eles o pai, a mãe e Augustus Harris, de Drury Lane. Ao passar deste mundo para o próximo, sentiu-se como se estivesse a "subir e subir e subir", até chegar a um Elevado Lar de Repouso, de grande beleza. Antes de lá chegar, foi recebido por um espírito de alta hierarquia cuja missão, soube depois, era há centenas de anos separar o cordão que liga o corpo físico ao corpo astral.

Quando recuperou a plena consciência, viu que se encontrava num país de esplendor indescritível. "A luz do vosso mundo," disse, "não se pode comparar em nada ao brilho glorioso daqui."

O DIA DO JUÍZO

Após um breve repouso neste belo Lar, veio o Dia do Juízo — que a todos nós chegará. O que aconteceu é descrito em *The Return of George R. Sims*, publicado pela Hutchinsons.

Veio-lhe uma visão de todos os períodos diferentes da sua vida. Todo o mal que fizera, bem como todo o bem, cada ação da sua existência, surgiu diante dele com absoluta nitidez. Quando as ações eram más, o ambiente à sua volta tornava-se cinzento; quando eram boas, as cores tornavam-se mais luminosas.

"E assim," disse ele, em tom impressionante que aqueles que o ouviram jamais esquecerão, "a minha vida inteira, dia após dia, até ao momento da minha passagem para este maravilhoso mundo, foi revista. Tudo aquilo que fiz, bom ou mau, surgiu perante mim como cenas de um cinematógrafo."

Nas sessões a que assistiu no último ano da sua vida terrena, disseram-lhe que, por muito que tivesse feito em vida, a sua melhor obra seria realizada nas Esferas — e que parte dessa missão seria inspirar escritores que ainda estivessem na Terra.

E foi essa a ocupação que escolheu quando lhe perguntaram que papel gostaria de assumir nas Esferas: "continuar o trabalho do jornalismo, aproximar-me dos meus colegas, ajudá-los na sua tarefa diária, melhorar as suas condições e apoiá-los de várias formas."

A OBRA DE SIMS AQUI E NO ALÉM

Mr. R. H. Saunders escreve:
Falei com George R. Sims em dezenas de ocasiões desde a sua transição, e ele diz que está mais ocupado como espírito do que alguma vez esteve em vida. Como exemplo da sua energia enquanto estava entre nós, cito uma carta que me escreveu:

"Na semana passada, escrevi mais de 10.000 palavras para jornais. Além disso, escrevi um ato de uma nova peça, duas canções, um conto para *Grand Guignol*, e participei em dois almoços públicos, em ambos dos quais tive de discursar. Levei um amigo por Notting Dale à noite e mostrei-lhe a London Avenue. Participei em duas comissões e preenchi os intervalos com bombons de chocolate, caramelos Mackintosh e charutos fortes!"

Desde que chegou às Esferas, Sims encontrou formas de inspirar jornalistas com a sua influência, mesmo que eles mal o percebam. "Podemos trabalhar," diz ele, "as vinte e quatro horas do dia, pois o cérebro espiritual nunca se cansa. O tempo, tal como eu o conhecia, não existe aqui. Não há sol ou lua para marcar o tempo, como acontece convosco. Como isso funciona, não sei explicar.

Só sei que é assim. A Quarta Dimensão, onde funcionamos, atua como uma barreira à vossa compreensão do que é o nosso substituto para o tempo.

Todo o 'trabalho' aqui é uma alegria. Nunca somos sobrecarregados com estudo ou trabalho. Temos Professores da Hierarquia Superior que dão palestras sobre vários assuntos, tal como convosco, mas como sabem com certeza o que ensinam, nunca há nada a desaprender.

Existem iniciações para entrar nas Esferas Superiores, para as quais nos devemos preparar através do estudo; mas mais uma vez, a alegria de compreender claramente as maravilhas do vosso Universo — e ainda maiores maravilhas de outros Universos — é tal que nunca sentimos cansaço. Não vejo fim a estas iniciações, mas temos toda a eternidade diante de nós, e assuntos de interesse profundo que jamais se esgotam."

UMA NOVA CONVERSA COM GEORGE R. SIMS
AJUDAR OS MORIBUNDOS E "SERVIÇO PURO"

GEORGE R. SIMS, falando recentemente através de Mrs. Eileen Garrett, médium em transe, contou-me (escreve um correspondente) que tem vindo a estudar, desde as nossas últimas conversas com ele, o processo da morte e a chegada das almas recém-libertadas ao mundo espiritual. Através disso, encontrou homens e mulheres de todas as origens e condições. "E a minha experiência leva-me a pensar", disse ele, "que a morte é a coisa mais fácil que um homem tem de enfrentar."

Faz parte do serviço que Sims presta nas Esferas acompanhar estas almas recém-chegadas a um Lar de Repouso e dar-lhes a ajuda de que possam necessitar no início da sua nova vida.

Falámos sobre a melhor forma de dispor do corpo velho e desgastado após a morte. Até ao terceiro dia, explicou ele, a alma, por vezes, ainda absorve algo do corpo.

"Mas depois do terceiro dia, a absorção termina, e já não importa o método — enterro ou cremação — pelo qual o corpo é descartado."

Pessoalmente, ele não aprecia cemitérios. "São tão insalubres," disse, e por isso o seu ponto de vista — e de facto o seu corpo foi cremado — é que "é preferível haver uma purificação pelo fogo. Não causa dor ao corpo; é apenas uma questão de sentimento."

Falou novamente, como já o fizera antes, da rara beleza do Mundo Espiritual, e foi muito enfático ao afirmar que não se trata de um estado de Céu nem de uma condição de Inferno, "mas de um mundo químico — um mundo de matéria... tal como o vosso."

"As pessoas," disse ele, "falam de um mundo etérico; mas não se enganem, é um mundo de matéria. Aqui estamos nós, fora da vossa estrutura terrestre, a mover-nos num rio de energia e a deslocarmo-nos três vezes mais depressa do que vós, mas ainda dentro do vosso sistema solar e estelar."

"Se me perguntasses," acrescentou, como exemplo, "se aqui poderias baixar-te e apanhar terra, eu diria: 'Sim, podes.' Já viste solo avermelhado e arenito egípcio? Pois então tens uma ideia da textura do solo aqui."

Falámos do falecimento de "Quex," figura notável da Fleet Street, e Sims comentou, com o típico toque jornalístico, como "desde que ele ('Quex') partiu, o romantismo desapareceu da sua coluna."

"Não há jornais deste lado," observou, "nem imprensa organizada, mas a vida aventureira dos jornalistas, e esse espírito de camaradagem que existe entre eles, são muito úteis para promover aqui o nosso trabalho de serviço, que, posso dizer, é um serviço puro."

Outro tema abordado foi o Retorno de Northcliffe. "Acredito," disse, "que com persistência, Northcliffe conseguiu fazer com que muitas pessoas o ouvissem e dessem uma atenção sensata ao tema. Hoje em dia, de facto, há uma aceitação que nunca existiu antes."

ABDUHL LATIF, EMANUEL, DR. RANSOME E MUNNINGS

"Situs" (acrescenta o nosso correspondente) enviou-me uma mensagem através de um médium de voz na Nova Zelândia, dizendo que queria voltar a entrar em contacto comigo. Dirigi-me então a Mrs. Garrett, sabendo que ele ocasionalmente falava por seu intermédio a outros amigos. Como ele não surgiu de imediato e a médium não fazia ideia do propósito da minha visita, pedi por Abduhl Latif, que tem feito um excelente trabalho através dela para o Sr. R. H. Saunders. Senti que poderia ajudar, pois foi ele quem, nos últimos meses de vida de Sims, aliviou a insónia de que sofria há anos e ajudou, com o Sr. Saunders, a mudar a sua visão do Espiritualismo — passando de crítico a simpatizante.

Quando Abduhl apareceu, recordei o nosso primeiro encontro, há oito ou nove anos, numa sessão organizada por Munnings.

"É curioso," disse Abduhl, "que falava há dias com uma senhora quando, adivinha quem apareceu? — 'Emanuel.' Ela era grande admiradora dele, e ele veio dizer-lhe o quão difícil tinha sido manter as condições estáveis, e como lamentava a queda de Munnings."

UM DOS EPISÓDIOS MAIS INTERESSANTES

NOS REGISTOS DE R. H. SAUNDERS

Abduhl Latif, o médico persa que viveu há muitos séculos e que regressou "para trazer cura ao mundo" — palavras suas — surpreendeu-me recentemente (escreve um correspondente) ao, falando através de Miss Francis no British College of Psychic Science, mencionar um remédio pouco comum, e indicar o nome e a morada da farmácia onde podia ser obtido.

Verifiquei que o nome, a morada e o medicamento estavam absolutamente corretos. Como sabia Abduhl o nome de um remédio formulado há menos de cem anos? E como sabia o nome e endereço da farmácia que o fornecia?

Escrevi ao Sr. R. H. Saunders, através de quem Abduhl realiza grande parte do seu trabalho benéfico, a perguntar se podia lançar alguma luz sobre o assunto. Ele respondeu que aquela receita era um dos casos mais interessantes nos seus registos de diagnóstico:

"Entre as centenas de casos que apresento a Abduhl, ele recomenda aqui e ali uma de várias variantes — e há doze ao todo — deste remédio específico. Nunca o tinha ouvido antes, e perguntei-lhe. 'Podes obtê-lo,' disse ele, 'em --------' (nomeando uma farmácia homeopática, indicando a morada e o número exato da rua, no West End de Londres). E acrescentou a explicação: o farmacêutico que introduziu este remédio 'está agora comigo; acho-o interessante.'"

É fascinante saber que, no grupo que colabora com Abduhl, há um farmacêutico inglês que, em Londres, no século XIX, se especializou em remédios de bioquímica.

O PODER DE CURA DENTRO DE NÓS

Ao prescrever este remédio, Abduhl sublinhou o poder que existe dentro de nós para nos curarmos, e destacou que, à medida que crescemos em consciência, aquilo que antes afetava o corpo físico passa a ter menos influência sobre ele.

Sobre a comunicação com os nossos amigos do Além, fez uma declaração significativa: "O que temos de compreender é que, sendo espírito, nada pode separar-nos daqueles com quem temos afinidade — nada pode interpor-se entre ti e aqueles que te inspiram."

Aos nascidos sob a influência de Leão, cuja vitalidade depende especialmente do sol, disse que nestes dias de Inverno deviam visualizar o sol: "Lembra-te," disse ele, "ele nunca se põe para ti; está sempre brilhante; de dia e de noite tens o sol contigo."

Acrescentou ainda uma nota biográfica: além das suas outras atividades na vida terrena, também era astrólogo. "Se ao menos nos compreendêssemos à luz das estrelas," disse ele, "poderíamos viver com maior precisão."

G.R. SIMS E OUTRAS PERSONALIDADES

George R. Sims falou pela primeira vez através de Miss Francis na mesma sessão; e, embora Abduhl considerasse que talvez fosse necessário ajudá-lo um pouco, Sims conseguiu falar com toda a clareza habitual. Falou sobre Irving, Ellen Terry, Tennyson, Quex, Northcliffe, Conan Doyle e Haig — todos com quem convive agora no mundo espiritual.

Irving, disse ele, "deseja trazer de volta à vossa geração, e à geração mais jovem, aquela beleza maior e aquela compreensão mais apurada da arte, que de algum modo parecem estar tão ausentes."

"Estava a conversar com Ellen no outro dia," continuou. "Ela gostaria de inspirar a sua jovem sobrinha, Phyllis, e acredito que poderia fazê-lo se Phyllis realmente se concentrasse nisso."

Tennyson contou-lhe que não consegue encontrar ninguém para inspirar. "Não é o nosso tempo," comentou Sims. "É a era da engenharia e da eletricidade — uma época mecânica — mas o tempo do mundo literário e artístico voltará, e não está tão distante."

Conan Doyle, disse ele, "vai oferecer ao mundo algo realmente valioso mais adiante, mas precisa de tempo para refletir."

"Temos aqui uma grande ajuda em Haig," prosseguiu Sims. "É um homem profundamente compreensivo e entende aquelas pessoas com quem raramente conseguimos contactar. Tem feito um grande trabalho entre os seus homens."

O próprio Sims trabalha com vários outros. "Vamos," disse ele, "a conselhos e reuniões, tal como nos velhos tempos, e esforçamo-nos por encontrar a chave que abrirá realmente as portas para uma obra maior que beneficie muitos."

"Para contactar o vosso mundo, por vezes é necessário que eu fale através de um médium, mas com alguns — bem, como sabes perfeitamente — basta ouvires em silêncio e consegues escutar-me. No fundo, somos todos um, somos um em espírito, e se conseguíssemos apenas compreender isso, creio que muitas questões difíceis seriam resolvidas."

COMO O ESPIRITUALISMO REABILITOU A BÍBLIA

O Rev. H. R. Haweis, o célebre pregador de Marylebone, que os grandes estadistas costumavam escutar com prazer nas manhãs de domingo, disse uma vez, num discurso à *London Spiritualist Alliance*:

"As pessoas agora acreditam na Bíblia por causa do Espiritualismo; não acreditam no Espiritualismo por causa da Bíblia...

"Peguem na vossa Bíblia e verão que não há um único fenómeno ali registado que não ocorra hoje em sessões espíritas. Sejam luzes, sons, tremores de casas, aparições através de portas fechadas, ventos impetuosos, levitação, escrita automática, glossolalia — estamos familiarizados com todos estes fenómenos; ocorrem diariamente em Londres, tal como nos Atos dos Apóstolos...

"É incontestável que tais coisas acontecem, que no geral os fenómenos do Espiritualismo são fiáveis e ocorrem repetidamente, sob condições de teste, na presença de testemunhas — e fenómenos semelhantes estão registados na Bíblia, que é para nosso ensinamento.

"Não é uma opinião, nem uma teoria, mas um facto. Há capítulo e versículo para isso, e foi isso que reabilitou a Bíblia. O clero deveria estar muito grato ao Espiritualismo por isso — pois por si só não o teria conseguido. Tentaram, mas falharam."

ABDUHL, O CURADOR
UMA CONSULTA NA PRIMAVERA

Um correspondente que recentemente consultou, através de Miss Francis, médium em transe do *British College of Psychic Science*, Abduhl Latif — o filósofo e médico persa do século XIII (que tem prestado notáveis serviços de cura em centenas de casos encaminhados por Mr. R. H. Saunders) — envia-nos o seguinte relato íntimo da entrevista, com a esperança de que possa oferecer uma ideia aproximada do que é uma boa sessão de cura:

A luz da primavera entrava em abundância pela grande janela da sala onde decorreu a sessão. Em dois minutos a médium entrou em transe profundo.
A voz rica e oriental de Abduhl, falando num inglês claro, surgiu agora com saudações. Era como ouvir uma transmissão da B.B.C. Ouvíamos, mas não víamos o orador; a única diferença era que, em vez de um aparelho de rádio, tínhamos uma médium em transe — um instrumento humano em vez de mecânico.

Estava acompanhado de um amigo, com quem Abduhl e outro espírito conversaram durante cerca de vinte minutos. Depois, Abduhl dirigiu-se a mim:

"A si digo quinze."

"Sim," respondi.

"E a sua dieta?", perguntou.

"Acho que sou bastante cuidadoso," disse eu.

"Quero que veja se está a ter uma dieta nutritiva — aquela que lhe dará energia.

"Ovos?", começou por perguntar. "Bem, não para si, embora muitos recorram a eles. Mas deve ingerir vegetais ricos em ferro — não vegetais de raiz. Espinafres, sim; não nabos, mas pode comer as folhas — são boas."

"Posso comer um pouco de carne?" perguntei.

"Sim," disse ele, "um pouco de carne de vaca e de borrego está bem, mas evite carne de porco e vitela, e assegure-se de que a carne é cozinhada apenas uma vez, sem gordura."

Percebeu que o fígado não estava a cumprir devidamente a sua função, e recomendou Agocholine, palavra que nunca tinha ouvido e que não se encontra em dicionários comuns. Letra por letra, ele soletrou. "Tome-a," ordenou, "durante três semanas, logo pela manhã, antes do pequeno-almoço — duas colheres de chá em água morna, e deite-se sobre o lado direito durante quinze minutos. Dez minutos às vezes chegam, mas por vezes é necessário vinte."

Depois disse-me:

"Tem estado algo esgotado."

"Vim perguntar-lhe," disse eu, "sobre a minha garganta e os olhos. Para a garganta, tenho usado sumo de limão; está bem assim?"

"Limão," respondeu, "é bom normalmente; mas não no estado em que está a sua garganta — queremos tonificá-la. Quero que, três dias por semana, use extrato de Pond's — metade água, metade Pond's. Faça gargarejos várias vezes ao dia e, ao fazê-lo, diga para si mesmo: 'Estou a purificar, estou a fortalecer, estou a vitalizar-me.' O pensamento deve sempre acompanhar a ação.

"Depois, durante quatro dias da semana, gargareje com sal e água — um litro de água para uma colher de chá de sal.

"Agora, os seus olhos," continuou, "sinto que há congestão. O canal lacrimal está congestionado. Quando as pessoas crescem e se tornam menos emocionais, o canal lacrimal deixa de funcionar devidamente."

Disse-lhe que mergulhava os olhos em água fria todas as manhãs e usava tintura de mirra. "Bem," disse ele, "não há nada melhor do que sal e água — o mesmo que para a garganta. Use também para as gengivas.

"E coloque os dois polegares logo abaixo das sobrancelhas e entre elas, e gire-os — fazendo pausas ocasionais — para tonificar os olhos. Depois, forme uma concha com as mãos e pressione os ossos das maçãs do rosto e os acima das sobrancelhas. Pressione com firmeza e puxe para fora, e com o gesto mentalize: 'Estou a tornar a visão perfeita.' Nunca toque ou pressione diretamente os globos oculares."

AQUELE SENTIMENTO DE FINAL DE INVERNO

Abduhl fez uma pausa e pareceu perceber algo mais que não estava completamente bem.

"Sinto," disse ele, "que está algo esgotado."

Observei que todos estávamos no fim de um longo inverno e que ninguém se sente no seu melhor nessa altura do ano.

"Deveria compensar isso," respondeu ele, e perguntou se eu consumia bastante mel.

"Sim," respondi.

"E a sua dieta?", perguntou.

"Acho que sou muito cuidadoso," disse eu.

"Quero que se assegure," continuou, "de que está a consumir uma dieta nutritiva — algo que lhe dê energia.

"Ovos?" começou a questionar. "Bem, não para si, embora muitos recorram a eles. Mas precisa de vegetais com ferro — não vegetais de raiz. Espinafres, sim; nabos não, mas pode comer as folhas — são boas."

"Posso comer um pouco de carne?" perguntei.

"Sim," respondeu ele, "um pouco de vaca e borrego está bem, mas evite carne de porco e vitela. E certifique-se de que a carne é cozinhada apenas uma vez e sem gordura."

Percebeu que o fígado não estava a cumprir totalmente a sua função, e recomendou Agocholine, um nome que eu nunca tinha ouvido e que não consta nos dicionários comuns. Letra por letra, soletrou-o. "Tome-a," ordenou, "durante três semanas, logo pela manhã antes do pequeno-almoço — duas colheres de chá em água morna e deite-se sobre o lado direito durante quinze minutos. Dez minutos às vezes bastam, mas para si eu digo quinze."

A brincar, perguntei se teria de adquirir esse remédio na sua "famosa farmácia," referindo-me a uma farmácia homeopática cujo fundador ele afirma ter encontrado no Mundo Espiritual e cujas preparações especiais recomenda ocasionalmente.

"Não," respondeu ele, "pode comprá-lo em qualquer farmácia."

Agradeci-lhe e mencionei a doença de uma familiar, dizendo que mentalmente lhe pedira ajuda algumas semanas antes.

"Não consegui," disse ele, "aproximar-me dela tanto quanto gostaria. Quero que medite em silêncio e se concentre nela e, durante essa concentração, enviarei um raio de pérola para destruir o que está gasto e desnecessário, e preenchê-la com cura."

AS BRONTËS

Conversámos depois sobre outros assuntos, e em particular sobre as irmãs Brontë, que ele parece ter conhecido.

Perguntei se Emily reencontrou o seu cão, Keeper, se Charlotte está com M. Héger, e o que todas estão a fazer agora.

"Keeper," perguntou ele, "é o cão que uivava?"

"Sim," respondi.

"Conheço bem as irmãs," disse ele; "já antes me interessava muito por elas. Keeper era o cão que Emily tanto amava. Aqui, temos sempre permissão para conservar os amigos fiéis do mundo animal — e Emily ainda tem Keeper consigo.

"As irmãs eram almas extraordinárias, e profundamente inspiradas; Charlotte tinha alguém a inspirá-la que era uma alma muito elevada."

"E o que fazem agora?" perguntei.

"Continuam a trabalhar," disse ele, "mas com uma visão muito mais ampla. O que estão agora a transmitir (inspirando outros) talvez venha a ser reconhecido de certa forma, mas as suas ideias já não são exatamente as mesmas."

"E quanto a Mr. Héger?" perguntei.

Foi um grande amigo de Charlotte, respondeu Abduhl, "e a amizade entre eles continua profunda. São almas afins, como Charlotte certamente sabia. Ele é um homem nobre, e ela uma alma bela."

Depois referiu-se à presença de um amigo espiritual de quem eu nunca tinha ouvido falar: Louchou — um monge beneditino, segundo disse — que se rebelou contra a sua Igreja por esta diminuir o verdadeiro Cristo, e que a deixou para ensinar os ensinamentos do Grande Mestre. "Ele é o guia da médium, ou melhor, o guardião de entrada," explicou, acrescentando que, três anos antes (quando Abduhl trabalhava através de outra médium, e teve de mudar devido à sua partida para a América), Louchou teve a amabilidade de permitir-lhe assumir o lugar para realizar o seu trabalho de cura com a actual médium.

A sessão terminou com uma oração a Alá e uma bênção, bem como um lembrete adicional sobre saúde: "respiração profunda."

Quando a médium despertou do transe profundo, perguntámos-lhe se se recordava do que tinha acontecido ou de onde estivera.

"Não," respondeu, "nunca trago memória de onde vou, mas videntes dizem-me que me viram a repousar num lindo relvado — e é precisamente isso que mais desejo." Não parecia minimamente cansada, e despedimo-nos desta talentosa senhora com um "Au Revoir."

O nosso correspondente acrescenta que está a seguir os remédios recomendados por Abduhl Latif e que os considera eficazes.

PATRICK BRANWELL BRONTË E OS SEUS ASTROS
SEQUELA DE UMA CONVERSA COM ABDUHL LATIF

A recente encenação das peças das Brontë, bem como a emissão radiofónica — já repetida — de *Wild Decembers*, reavivou o interesse na ilustre família Brontë, que há quase cem anos tem sido objeto de intensa discussão literária.

Nas Esferas, como esta *Gazette* relatou há um ou dois meses, o nosso velho e sábio amigo Abduhl Latif encontrou-as, e houve (escreve um correspondente) uma curiosa continuação da pequena conversa que tive com ele sobre Charlotte e Emily.

Como todos os que já contactaram Abduhl sabem, deveríamos sempre ser capazes de restabelecer ligação com ele mesmo sem um médium. Assim, certa noite, continuei mentalmente a conversa. Abduhl transmitiu-me a ideia de que os biógrafos insistem demasiado nas dificuldades da vida dos Brontë. A verdade, disse ele, é que adoravam Haworth e os páramos, e embora vivessem de forma simples, foram ali tão felizes quanto poderiam ter sido em qualquer outro lugar.

E quanto a Branwell? Perguntei-lhe mentalmente — certamente haveria alguma explicação para todos os seus problemas?

"Sim," voltei a sentir da parte dele, "há uma explicação — e irás encontrá-la num livro." Mas qual seria esse livro, não consegui descobrir nem imaginar.

Comecei a duvidar. Questionei se teria mesmo estado em contacto com Abduhl ou se tudo não passara de imaginação. Não me ocorria nenhum livro que explicasse a vida infeliz de Branwell de forma diferente daquela como a própria família a via. No entanto, a impressão "vais encontrar tudo num livro" não me abandonava.

Dois dias depois, encontrei de forma totalmente inesperada um livro de que nunca tinha ouvido falar: *The Brontës and Their Stars*. Apresenta uma perspetiva sobre a família que escapou aos biógrafos — a visão do astrólogo.

O livro é da autoria de Maud Margesson, autora de *Astrology in Epigram*, publicado pela Rider. Miss Margesson desvenda, de forma fascinante e erudita, os horóscopos de cada membro da família — com cerca de cinquenta páginas inteiramente dedicadas a Branwell.

A ORIGEM DE TODOS OS PROBLEMAS DE BRANWELL

Branwell nasceu em Thornton, Yorkshire, a 26 de Junho de 1817, às duas horas, trinta e quatro minutos e quatro segundos da manhã. O primeiro decanato de Gémeos estava na cúspide do seu Ascendente, e o seu regente, Mercúrio, erguia-se no decanato de Balança do mesmo signo. Esta ligação estreita entre signo e regente tornava-o profundamente mercurial. Miss Margesson menciona, no prefácio, que o Sr. V. E. Robson, co-editor de *Modern Astrology*, assumiu a tarefa de calcular os horóscopos com base na abundante informação disponível. Todos os astrólogos reconhecerão facilmente que o trabalho foi realizado com mestria.

A origem de todos os problemas de Branwell, descobrimos, estava na oposição de Úrano e Neptuno a Mercúrio. Úrano estava também em quadratura com Saturno e em mau aspeto com Marte.

A disposição sociável de Branwell levava-o a procurar companhia onde quer que a encontrasse — o que, frequentemente, era no *Black Bull*.

"A Lua na Sexta Casa inclina ao convívio com pessoas de estatuto inferior, a menos que esteja bem aspetada com planetas elevados — uma vantagem que a Lua de Branwell não possui."

"E a tragédia de tudo isto é que o próprio aspeto que o tornava tão generoso, afável e adorável foi a causa da sua ruína. A conjunção da Lua e de Júpiter em signos aquosos e fogosos — a Lua no decanato de Caranguejo de Escorpião, e Júpiter no primeiro decanato de Sagitário — juntamente com os aspetos adversos dos planetas, favoreceram hábitos de convívio que, degenerando em intemperança, acabaram por destruí-lo."

A SUA PAIXÃO VIOLENTA

Teve um período deplorável como escriturário ferroviário — o que se explica pelos aspetos desarmónicos de Mercúrio — e, após essa fase infeliz, tornou-se tutor e apaixonou-se violentamente por Mrs. Robinson, esposa do seu empregador, dezassete anos mais velha do que ele.

Sobre este episódio, Miss Margesson escreve:

"É difícil imaginar um horóscopo com perspetivas amorosas e conjugais mais desastrosas do que este. Mercúrio rege a Casa dos amantes e opõe-se tanto a Úrano como a Neptuno, que se encontram na Casa do casamento.

"Saturno, na Décima Primeira Casa, projeta outra sombra sobre a Sétima, fazendo quadratura com Urano; e Júpiter, regente da Sétima, está em oposição ao Ascendente. Por cima de todos estes conflitos, temos a Lua em Escorpião em oposição a Vénus em Touro, da Sexta para a Décima Segunda Casa, indicando um amor secreto e infeliz."

O que Branwell sofreu por causa de Mrs. Robinson é conhecido através de uma carta que escreveu ao seu amigo Grundy, datada de Outubro de 1846. Durante nove longas semanas, diz ele, esteve "totalmente destruído em corpo e quebrado em mente." Onze noites seguidas de terror sem sono reduziram-no quase à cegueira, "e, tendo sido levado ao País de Gales para recuperar, a doçura da paisagem, o mar, o som da música causaram-me acessos de angústia indizível."

Os seus últimos anos foram miseráveis. "Se olharmos para a sua Casa da Morte," diz Miss Margesson, "vemos que os planetas que a regem estão desastrosamente colocados: Júpiter em oposição ao Ascendente e em quadratura com Saturno, e Saturno em quadratura com o Ascendente e com Úrano. Nada além de doença e sofrimento cercaram o fim deste jovem

infeliz." Morreu de tuberculose a 24 de Setembro de 1848, com apenas trinta e um anos. "Os muitos planetas aflitos em signos mutáveis causaram-lhe grandes dificuldades, sendo particularmente fatais os maus aspetos de Mercúrio e do Ascendente."

O horóscopo de Branwell, como indicámos, constitui apenas um capítulo do livro de Miss Margesson. Os de Charlotte, Emily, Anne, do pai, do Rev. Arthur Bell Nicholls, de Ellen Nussey e do Sr. e da Sra. Héger são igualmente analisados com grande perícia, mostrando que "ao astrólogo se abre uma porta que permanece fechada a outros investigadores" e que — atrever-nos-íamos a acrescentar — "conhecer tudo é perdoar tudo."

"POSSO ESTAR EM MUITOS LUGARES AO MESMO TEMPO"

Abduhl Latif, cujo serviço à humanidade a partir das Esferas — como Médico, Conselheiro e Curador — é um dos prodígios do nosso tempo, está hoje em grande procura por Espiritualistas de todo o mundo. Graças aos esforços bondosos e generosos do Sr. R. H. Saunders, o seu trabalho benéfico tornou-se conhecido de milhares de pessoas; o seu nome é, entre espiritualistas e mesmo fora deles, uma "expressão familiar". E quando recentemente (escreve um correspondente) fui ao *British College of Psychic Science* para mais uma conversa com ele através da excelente mediunidade de Miss Nina Francis, verifiquei que entre os assistentes e curiosos, desde o final das férias, estavam visitantes de muitos países — incluindo a África do Sul.

Disse-lhe que não vinha em busca de conselhos médicos, mas porque me haviam dito que muitos gostariam de saber mais sobre a sua vida no Mundo Espiritual e sobre como trabalha através da sua médium.

"É por vezes um prazer," disse ele, "não falar sempre do corpo físico, embora eu seja, acima de tudo, médico."

— "Então pode talvez contar-me algo da sua vida nas Esferas?"

"Devem compreender," explicou, "que aquilo a que chamam Esferas são na verdade 'Estados de Ser.' Conforme o vosso conhecimento e o progresso feito ao longo de milhões de vidas anteriores, assim se encontra a vossa posição numa determinada Esfera."

Esta referência a "milhões de vidas passadas" carecia de explicação, mas não era fácil interromper o nosso sábio amigo no seu rico fluxo argumentativo, e apenas pude tomar nota mental para lhe perguntar noutra altura.

OS ESPÍRITOS COM QUEM CONVIVE

Contou-me que na sua Esfera se encontram filósofos, músicos, astrónomos, astrólogos, professores de literatura e artes, e médicos que foram além do conhecimento físico e compreendem que é, acima de tudo, o Espírito com que devemos trabalhar.

"E temos também," disse ele, "alguns dos clérigos mais científicos. Todos nós temos colégios e universidades onde nos reunimos — o propósito é que, livres das limitações do corpo, possamos ampliar e fortalecer o conhecimento adquirido.

"Todos nos encontramos," explicou, "com aqueles que vibram na mesma frequência e têm os mesmos desejos que nós. Eu encontro filósofos porque a filosofia é sempre interessante para mim; músicos — a música é a minha alma; e todos os que estão em sintonia comigo."

Percebe-se que há imenso trabalho a ser feito por astrónomos e astrólogos. Eles observam a influência dos planetas sobre o mundo e entre si, e nas Esferas, disse Abduhl, "estão a escrever a história do mundo para os próximos milhões de anos."

"Nos nossos colégios," continuou, "temos dias dedicados ao estudo da medicina. Todos os médicos que estão, digamos, na mesma vibração — ou na mesma Esfera — compreendem que a Mente Divina tem a maior influência sobre o corpo físico. Quanto mais nos aproximamos de Alá — o Criador, o Omnipotente — mais conseguimos harmonizar o corpo físico."

A RAZÃO PELA QUAL O CORPO NEM SEMPRE PODE SER CURADO

Abduhl explicou por que motivo o corpo nem sempre pode ser curado. "Por vezes," disse ele, "tem de cumprir os efeitos cármicos. Mas descobrirás," acrescentou, "que quando o corpo físico está a viver uma vida cármica, a alma sabe. Muitos que sofrem fisicamente são, em espírito, bastante felizes.

"Devemos lembrar-nos de que o homem tem vindo a evoluir por estágios durante milhões de anos. Talvez tenha abusado do corpo. Pecados de ganância, crueldade e muitos outros continuam a ser carregados. Nada acontece, seja no plano espiritual, mental ou físico, sem ter consequências. Aqueles que estão na minha Esfera compreendem estas coisas e podem ajudar quem está a passar por uma vida cármica. Podemos oferecer-lhes harmonia, paz e a consciência de que, afinal, o espírito pode superar tudo.

"Estamos também ligados a outros médicos que ainda não alcançaram este conhecimento — homens que continuam a trabalhar apenas sobre o corpo físico, pensando que a doença é simplesmente doença, quando na verdade não há doença: há desarmonia."

DR. ABRAHAM WALLACE

"Conheceu," perguntei, "o Dr. Abraham Wallace?"

"Sim, certamente," respondeu Abduhl. "É um trabalhador notável; tenho orgulho em conhecê-lo, e ele dirá que também se sente honrado em conhecer-me. Vocês os dois têm muito em comum."

"Costumava encontrá-lo frequentemente," comentei.

"Sim, claro," observou, "tiveram muitas conversas. Ele falou muitas vezes de si comigo, e quer que saiba que tanto ele como Sims estão a ajudar.

"Ele é daqueles que desejam trazer à Terra o conhecimento maior que estão a adquirir. Mas não quer, como alguns fazem, regressar logo para transmitir o pouco que sabem — e muitas vezes é mesmo muito pouco. Ele quer esperar até poder oferecer ao mundo algo realmente superior ao que já existe. Porque devemos dar ao mundo algo sobre o qual possa construir — e proporcionar-lhe uma nova visão da vida, especialmente da sua continuidade. Sims também está a tentar. Tudo leva tempo. Tenho-me esforçado por trazer à Terra um pouco das belezas das Esferas. Mas até onde se consegue ir? E já estou aqui há oitocentos anos."

"EU ESTOU AQUI"

"Diga-me," perguntei, "estou certo ao supor que está realmente nesta sala, agora mesmo, enquanto me fala, e que não está a comunicar desde uma Esfera distante através da médium?"

"Estou realmente aqui," respondeu ele. "O meu corpo etérico está aqui. Mas não, como alguns pensam, dentro do corpo da médium. Utilizo a mente dela — é o meu etérico a atuar sobre uma mente física. E é por isso que nós, que nos manifestamos desta forma, nem sempre conseguimos dizer tudo o que gostaríamos. Vimos preparados para partilhar muito, mas nem sempre conseguimos transmitir tudo. Porém, quando temos um canal tão bom como esta médium, sempre pronta a ser usada, a tarefa é tão fácil quanto possível para nós."

Muitas pessoas ficam perplexas — disse Abduhl — ao tentar compreender como ele consegue estar a trabalhar aqui e ali ao mesmo tempo, sempre disponível, ao que parece, para responder a quem o chama. Explicou dizendo que, sendo o espírito ilimitado e sem fronteiras, pode estar presente em muitos lugares simultaneamente.

"Afinal," disse ele, "o que é o espaço? Quando ainda estás no corpo e pensas profundamente em alguém que amas — mesmo que essa pessoa esteja do outro lado do mundo — estás, na verdade, com ela em espírito. É o mesmo connosco aqui.

"Quando sinto um chamamento, posso estar presente; quem quer que me chame, posso ir até ele. Posso estar aqui e, digamos, em África, ao mesmo tempo. Posso estar em muitos lugares de uma só vez.

"E uma vez que compreendas o que o espírito pode fazer — mesmo enquanto está no corpo físico — já não haverá lágrimas nas despedidas quando os amigos partem em longas viagens. Todos os grandes sábios sabiam disso: que o espírito pode estar onde desejar."

OS BRONTË E A CONFIANÇA NA LIGAÇÃO ESPIRITUAL

Voltámos a falar das Brontë, e da "impressão" que eu tivera de uma conversa com ele sobre Branwell (relatada nesta *Gazette* no mês anterior).

"Estava mesmo em contacto consigo sobre Branwell?" perguntei.

"Claro que estavas!" disse Abduhl. "Não te disse eu que encontrarias, num livro que não conhecias, a explicação para todos os seus problemas? E não o encontraste?"

"Sim," respondi, "encontrei."

Falou amavelmente sobre as dúvidas humanas, sugerindo que elas têm o seu valor, pois promovem a busca da verdade. E continuou a falar do progresso de Branwell no mundo espiritual, descrevendo-o como "uma alma tão bela, tão artística."

E, referindo-se de novo ao cão de Emily, Keeper, que está com ela, disse: "Isto não seria verdadeiramente o Lar, se não pudéssemos ter connosco os animais que amámos. Tenho, como sabes, o meu próprio cavalo. Já foi visto por videntes teus."

"E monta-o?" perguntei.

"Claro que sim, e é uma grande alegria para mim e para ele — e não há qualquer sensação de fadiga."

1936 E 1940

Perguntei, por fim, sobre os anos muito críticos que se avizinhavam — 1936 e 1940 — com aspetos astrológicos desfavoráveis.

Abduhl não foi pessimista; embora houvesse razões para preocupação, sentia — e dizia saber — que o Bem prevaleceria.

"O que fazem todos aqueles que morreram na última guerra?" perguntei.

"Estão a ajudar," respondeu. "São almas extraordinárias; já realizaram coisas. Pertencem a uma grande Irmandade Branca — alguns na Alemanha, outros em França, na Rússia, e em todos os países envolvidos no conflito — e estão a expulsar o mal."

Falou ainda de movimentos positivos do nosso lado que também estão a influenciar o mundo para o bem. "E se," disse ele, "nos mantivermos firmes na crença de que o Bem pode prevalecer — então prevalecerá."

CURA ESPIRITUAL DIRETA

MR. R. H. SAUNDERS DESCREVE UMA "EXPERIÊNCIA ÚNICA"

Na linha Bakerloo, na estação de Waterloo, há uma plataforma em forma de crescente, o que faz com que exista um espaço entre a plataforma e as carruagens. Há cerca de dois

meses, devido à pressão dos passageiros à espera, fui empurrado e a minha perna caiu através de uma dessas aberturas.

Sofri uma lesão considerável, especialmente no joelho, e o choque provocou um ataque severo de nevrite. Compreendi o que é sofrer com este problema tão pouco compreendido. As dores dos espasmos que percorriam o corpo como choques elétricos eram intensas, e nenhum bálsamo ou linimento (como o meu médico local aconselhou), nem tratamentos elétricos, calor ou a ajuda de "curadores" teve qualquer efeito benéfico. Passei várias noites sem dormir.

Apelando mentalmente ao nosso bondoso e maravilhoso amigo Abduhl Latif em busca de ajuda, tive o privilégio de obter alguns minutos de sessão com Mrs. Blanche Cooper, que desconhecia totalmente o que me tinha acontecido.

Abduhl Latif manifestou-se imediatamente e disse: "Recebi o teu apelo e eu, Abduhl Latif, venho tratar do joelho — aqui e agora." De seguida, materializou as suas mãos (a médium estava sob controlo rigoroso e não podia mover-se sem ser detetada); uma mão colocou na minha cabeça e a outra cobriu o joelho. Senti a pressão dos dedos e uma leve sensação de picada enquanto manipulava o joelho, sensação essa que permaneceu muito tempo depois de Abduhl ter regressado às Esferas. As mãos eram de tamanho invulgar, cerca do dobro das de Mrs. Cooper, com temperatura semelhante à humana e textura da pele bastante idêntica.

A dor estava presente no momento em que me sentei, mas em poucos segundos desapareceu, e a voz de Abduhl disse: "Tirei-te a dor — terás um sono tranquilo esta noite." E assim foi — e desde então não tive mais dor.

Tinha agendado uma sessão para a manhã seguinte no British College of Psychic Science com Miss Francis, uma médium em transe, que nada sabia do meu acidente, nem da dor, nem da sessão com Mrs. Cooper. Contudo, a confirmação da manifestação da noite anterior foi imediata. Assim que a médium entrou em transe, Abduhl Latif tomou o controlo e saudou-me. Eu disse: "Felizmente, não tenho sentido dor desde que trataste do meu joelho."

"Nem sentirás," respondeu Abduhl, "pois tratei da causa."

"Qual era o problema?" perguntei.

"O choque do acidente causou um bloqueio de sangue sob a rótula. Agora restabeleci o fluxo normal. Algumas das dores que tiveste foram de intensidade invulgar, mas deviam-se aos meus esforços para remover a obstrução — não podiam ser evitadas."

Este incidente ilustra algo que experimentei frequentemente com os nossos amigos espirituais: a confirmação através de diferentes médiuns daquilo que ocorreu. Aqui temos a confirmação de uma Médium em Transe sobre algo que sucedeu com uma Médium de Voz Direta. A prova da sobrevivência, aliada à demonstração da capacidade dos Espíritos para ajudar os que estão na Terra, dificilmente poderia ser mais forte.

A cura espiritual realiza-se de muitas formas, mas será extremamente raro que haja ação direta e contacto físico real (pois uma mão materializada é, temporariamente, carne e osso), como neste caso. Nunca ouvi falar de algo semelhante.

Quando os médicos espirituais encontram um colaborador terrestre suficientemente recetivo, transmitem-lhe um diagnóstico — essa é uma das formas de trabalhar. Outra forma é através daqueles que possuem um certo grau de poder de cura. Ou ainda (e este método é mais comum), **durante o sono**, assumem o corpo espiritual da pessoa, onde os especialistas experimentam técnicas no corpo psíquico e, depois de decidida a melhor abordagem, transmitem a melhoria ao corpo físico. Já foram realizadas operações, desta forma, além da capacidade dos melhores cirurgiões terrenos.

O ENIGMA DA TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA

O ESTRANHO CASO DE UMA JOVEM HÚNGARA

Uma das histórias mais estranhas dos últimos anos foi contada em grande detalhe por um conhecido jornalista húngaro, na edição de 28 de Abril do *Az Est*, o principal jornal vespertino de Budapeste.

Segundo o relato, há dois anos, Iris Farczady, filha de 17 anos de um químico ao serviço do Estado em Budapeste, caiu num sono estranho, do qual acordou como uma operária espanhola apavorada. Não sabia onde estava; falava apenas espanhol, língua que ninguém compreendia, e repetia que tinha 40 anos e que acabara de morrer de tuberculose em Madrid.

Desde então, Lucia Altarez de Salvio, como a nova personalidade se identifica, passou a habitar tão constantemente o corpo de Iris que a família está convencida de que a filha morreu, e que, por alguma estranha transmutação, outra alma ocupou o seu corpo. Lucia recorda perfeitamente a sua vida em Madrid, aprendeu lentamente alemão para comunicar com a nova família e desfruta bastante da vida num corpo jovem.

RELATO DA MÃE

Assim contou a Sra. Farczady ao jornalista visitante:

"A minha filha Iris era brilhante. Muitos diziam que era um génio. Era uma excelente matemática e linguista — falava francês e alemão perfeitamente — mas não sabia espanhol. Na noite fatídica, após uma crise de gripe espanhola, sentiu-se mal. Deitei-a e fiquei ao seu lado. Ouvi um suspiro profundo e o meu coração apertou-se. Senti que a minha querida tinha morrido. Inclinei-me — respirava. Senti o coração — batia. Fiquei aliviada. Como fui tola! Iris vive. Mas não, ela estava morta. Era apenas o corpo. A alma fugira. Soubemos disso na

manhã seguinte. Pois quando a criatura na cama acordou, começou a gritar numa língua estranha, saltou da cama e tentou fugir. Falámos com ela — não nos entendia. Agarrámo-la — estava em pânico, gritava e chorava."

"Descobrimos que falava espanhol. Ninguém da família falava essa língua. Só compreendemos Madrid e algo sobre um tal Pedro. Mais tarde soubemos a história completa."

Neste momento da conversa, a porta abriu-se e Lucia entrou — uma jovem encantadora que saudou o jornalista em espanhol e tratou a Sra. Farczady por "Señora".

"Não se admire," disse a mãe. "Ela não é minha filha. Está connosco porque veio até nós. Por isso trata-me por Señora."

O jornalista chamou-lhe Iris. A jovem protestou. Era Lucia. Deram-lhe um lápis e ela escreveu, com letra inculta: Lucia DE SALVIO.

"Sou de Madrid," disse. "O meu marido é Pedro Salvio, um operário. Casei com ele aos 17. Não o queria, mas nós, mulheres espanholas, não escolhemos. Os pais quiseram o casamento. Lá nos fomos entendendo. Tive um filho por ano — 14 no total. O último nasceu com ossos tuberculosos. Tive muita pena do pobre menino. Morri de tuberculose aos 40 anos, em Agosto de 1933."

Lucia ou não soube, ou não contou o que aconteceu após a sua morte.

Falou das igrejas de Madrid, das touradas, de como, aos 16 anos, um toureiro atirou a orelha ensanguentada de um touro para o seu colo — a maior honra que uma rapariga espanhola pode receber. Disse ter nascido a 2 de Maio de 1894, que vivia num prédio em 7 Calleoscura. Descreveu danças e canções populares espanholas, o seu temperamento — totalmente diferente do de Iris — e as mudanças físicas que o corpo de Iris foi sofrendo ao longo de dois anos.

"Quando me vi ao espelho pela primeira vez em casa da Señora," disse Lucia, "fiquei em pânico. O que me aconteceu? Como fiquei tão jovem? Onde estão os meus olhos escuros, o meu cabelo que caía até à cintura? Mas eu era bonita — e comecei a gostar da ideia."

Um professor de espanhol disse que a sua pronúncia é perfeita. Foi ensinada a escrever, aprendeu alemão e agora começa a compreender húngaro. A Sra. Farczady está em grande dilema:

"O que devo fazer?" perguntou em tom angustiado. "A Iris morreu. Como posso obter uma certidão de óbito? Teria de ir ao consulado espanhol pedir uma autorização de residência para Lucia. Ela é estrangeira. Mas como posso conseguir-lhe documentos?"

OBSERVAÇÕES SOBRE O CASO

Assumindo que todos os factos relatados são corretos, que conclusão tirar? Por que estranha tempestade psíquica foi a alma de Iris expulsa, e por que acidente estranho entrou a alma da mulher espanhola?

Ou será isto um caso de histeria, de personalidade múltipla? O facto de Iris nunca ter falado uma palavra de espanhol, e de Lucia o falar perfeitamente, contraria essa explicação simplista.

A ignorância dos pais é tocante. Naturalmente, Iris não pode estar morta. Se Lucia é uma personalidade obsessora que, talvez sem saber conscientemente, conseguiu apropriar-se do corpo de Iris, então certamente poderia e deveria ser expulsa.

O único caso semelhante nos anais da ciência psíquica é o do *Milagre de Watseka* (ver *Enciclopédia da Ciência Psíquica*, pág. 404). Mas ali, Mary Roff, a jovem falecida, que durante dezasseis semanas possuiu o corpo de Lurancy Vennum, veio expressamente por um tempo limitado, com o objetivo de restaurar a saúde da legítima dona do corpo. Se a missão de Lucia nesta sua segunda vida for semelhante, ela aparentemente não está ciente disso.

INDÍCIOS SOBRE IRIS FARCZADY

Light v55 n2835 (continuação)

Há sugestões no artigo de que Iris Farczady nunca foi uma rapariga verdadeiramente "normal". Segundo a Sra. Farczady, era sempre melancólica e triste. O Sr. Farczady descreve-a como muito irritável. As possibilidades são várias. Pode ter sofrido um choque em criança, e a personalidade "normal" que os pais conheciam pode, na realidade, ter sido uma personalidade secundária, como no famoso caso de Beauchamp.

A demonstração de conhecimento sobre a vida em Madrid não é, por si só, evidência de algo supranormal. Existem muitas formas de aprender — tanto consciente como inconscientemente. O único verdadeiro obstáculo aqui é o espanhol perfeito de Lucia, que obriga a considerar seriamente a hipótese de obsessão espiritual.

Claro que seria possível verificar em Madrid se alguma vez existiu uma mulher com o nome de Lucia Altarez de Salvio no endereço fornecido. Se essa comprovação objectiva fosse obtida, a teoria da obsessão ficaria praticamente confirmada. Servirá, eventualmente, algum propósito terapêutico mais elevado, como no caso do "Milagre de Watseka"? Isso só se saberá se Iris Farczady recuperar o controlo do seu corpo e puder ser examinada de forma competente.

MENSAGEM DO OUTRO LADO

O meu próprio Guia, com quem mantenho contacto semanal há muitos anos, deu-me a seguinte mensagem, que reproduzo **textualmente**:

"Nunca compreenderás verdadeiramente o processo daquilo a que chamas 'morte' e que nós chamamos 'nascimento', até perceberes que, tal como o teu corpo material é composto por células, também os nossos corpos etéricos (que talvez compreendas corretamente como 'a alma') são, de forma semelhante, celulares. Cada célula de cada órgão tem o seu correspondente etérico.

Quando um corpo é formado na Terra, assim que a Vida desperta e começa a funcionar, o corpo etérico começa a construir-se. A sua função inicial é acumular matéria nas suas células primárias. Vidas saudáveis oferecem os melhores alicerces. E, à medida que falo, deves visualizar o corpo físico e o etérico a crescerem lado a lado, célula a célula; retirando muito pouco do corpo físico, mas absorvendo algo, e — como descobriste — coletando e absorvendo do meio em que se encontra; mas é ligado e parte integrante do ser humano.

Cresce em paralelo com o corpo físico, como disse, mas por vezes muito lentamente quando o ser é degradado; enquanto, quando ele ou ela é espiritual, puro e sóbrio, desenvolve-se rapidamente — como aconteceu com R... — cujo corpo etérico estava plenamente desenvolvido quando chegou aqui.

Tipos inferiores de homens e mulheres, que falharam o propósito da vida, renascem no futuro estado de existência num estado de grande miséria. Se não fosse por alguns terem agido — ou deixado de agir — por ignorância, seria verdadeiramente aterrador. Deformados, pequenos e disformes, têm de crescer com dor no novo estado até atingirem o que poderiam ter sido, se tivessem aproveitado as oportunidades na vida terrestre. O corpo etérico pode, por vezes, estar corrompido ou até deformado.

Usamos os nossos órgãos de modo muito semelhante ao vosso, exceto no que toca à excreção — isso é diferente. Todas as vossas ações na vida terrena provêm, primariamente, da mente, que se estende — em certa medida — ao corpo, à alma e ao espírito, mas é apenas neste último que se pode ter contacto consciente com o Pai de todos.

Alimentamo-nos muito pouco de substância sólida. A maior parte do nosso sustento está no ar, por assim dizer. Os frutos, em vez de apodrecerem, desintegram-se e difundem-se."

Este é o texto original tal como o recebi. Apenas lhe inseri pontuação. Não se trata, certamente, da "sombra com cérebro diminuído" do Sr. Joad.

VISLUMBRES DA VIDA NO OUTRO MUNDO

CONVERSAS COM UM GUIA ESPIRITUAL

Um inquiridor do Espiritualismo disse-me, recentemente, que se sentia surpreendido pelo pouco que os espíritos revelavam sobre o seu ambiente espiritual. Sentia que era seu dever contar-nos tudo o que pudessem sobre o mundo para o qual, mais cedo ou mais tarde, todos caminhamos. Além disso, lamentava o tom frequentemente banal de muitas mensagens espirituais. Nunca ouvira, disse ele, um espírito dizer, através de um médium, algo superior ao que ouvira de um pregador do Exército de Salvação.

"Dir-se-ia," afirmou ele, "que se a vida no Além é realmente melhor do que a terrena, os comunicadores espirituais teriam novas conceções da Verdade para nos transmitir. Em vez disso, recebemos um fluxo constante de lugares-comuns que acabam por deprimir. Quem quer estar sempre a ouvir que a virtude é recompensada e o vício punido? Porque não dizem algo diferente — e melhor?"

É desolador ouvir os ensinamentos espirituais serem comparados aos do Exército de Salvação; mas este crítico não estava totalmente errado. Confesso que, após ouvir durante muitos anos médiuns inspirados e em transe a transmitirem filosofia espiritual, há de facto algo que não bate certo.

Mas talvez a culpa não seja dos espíritos. Esta possibilidade foi-me colocada há trinta anos por um jovem inteligente que tentava desenvolver a sua mediunidade. Nenhum de nós tinha grande conhecimento do Espiritualismo, mas ambos tínhamos uma mente experimental e decidimos explorar por nós mesmos. Descobrimos que, sob o "controlo de um espírito", o meu companheiro adotava uma nova personalidade e começava a declamar sermões morais, sempre com grande solenidade. O tema recorrente era: "Sê bom."

Penso que este poderia muito bem ter sido o título adequado a todos os seus discursos exagerados, que invariavelmente terminavam com um "Deus vos abençoe", e Jack voltava a ser ele mesmo. A nossa intimidade era tal que praticamente tínhamos sondado a fundo as mentes um do outro, e conhecíamos perfeitamente o alcance da linguagem e das expressões de ambos. Era evidente para nós que estas características contribuíam bastante para resolver a questão: estaria o Jack a criar aqueles discursos por conta própria, ou estaria realmente sob a influência de um espírito?

O "controlo" insistia sempre que era o espírito de um antigo e importante membro do Governo Britânico, embora nunca nos tenha dado provas que sustentassem tal afirmação.

"Não se preocupem com quem fui na Terra," dizia ele, "mas aceitem-me pelo valor que tenho agora." No início, valorizámo-lo bastante. Mais tarde, começámos a duvidar desse juízo, mas acabámos por regressar à opinião inicial. Um episódio contribuiu muito para isso — nomeadamente, a resposta que o "controlo" deu a uma crítica algo atrevida da minha parte. Após ouvir com impaciência o que eu chamava de "diatribe" (pois ele tinha estado a condenar abertamente certas crenças religiosas populares, além de insistir no seu velho tema sobre "ser bom"), disse-lhe, algo irritado: "Porque é que não dizes outra coisa? O Jack e eu já sabemos tudo sobre ser bom."

ALGO ERRADO EM ALGUM LADO

"Surpreendes-me," respondeu o "controlo".
"A minha impressão era que não sabiam. Deve haver algo errado em algum lado. Pergunto-me se não será o facto de tu e o Jack conhecerem as palavras sem compreenderem o seu significado? No meu mundo, o significado é muito claro e significativo. Tanto assim que nos esforçamos por o pôr em prática. A diferença entre a vossa interpretação e a nossa parece

ser que vós compreendeis superficialmente o significado das palavras, enquanto nós o compreendemos por realização espiritual. Ser bom é uma condição da alma, uma experiência maravilhosa que só pode acontecer por um estado interior — uma sintonia com Deus."

Senti a força dessa resposta, mas insisti na minha crítica, pedindo ao "controlo" que nos desse algum "ensinamento superior".

"Agora venceste-me," respondeu. "Não conheço nada superior. Se puderes sugerir algo, talvez eu possa tentar corresponder ao teu desejo. Pensa nisso," e retirou-se.

Tanto o Jack como eu reconhecemos que o "controlo" tinha ganho em toda a linha. Que ensinamento mais elevado poderia haver do que insistir na necessidade de agir com motivações puras e, em todos os nossos caminhos, tentar viver de acordo com esse ideal nobre? Conversámos sobre isso e concordámos rapidamente que o verdadeiro problema da humanidade era que ela não era suficientemente boa, e que o que procurávamos não era tanto iluminação espiritual, mas discursos engenhosos. Refletindo melhor, percebemos que discursos engenhosos não acrescentariam virtudes às nossas vidas, embora certamente nos interessassem mais.

Mas de que poderiam ser feitos esses discursos engenhosos? Apenas daquilo que já sabíamos e que nos parecia valioso. Suponhamos, no entanto, que o "controlo" vivia num estado onde aquilo que é considerado engenhoso na Terra talvez não tivesse qualquer significado?

Estávamos, por exemplo, ambos interessados na teoria da Evolução, especialmente na parte conhecida como Seleção Natural. Tínhamos ouvido com entusiasmo oradores conceituados sobre este e outros temas semelhantes, mas saímos dessas palestras pouco melhorados, exceto por se terem tornado as teorias mais claras — ou talvez mais confusas. Descobrimos que tais teorias estavam cheias de lacunas e que tanto se podia dizer a favor como contra elas. Em outras palavras, eram tentativas imperfeitas de explicar certos aspetos da vida, e nada mais. Que poderiam estar erradas era evidente, pelo que não as podíamos considerar conhecimento real.

TESTAR O "GUIA"

Decidi pôr o "controlo" à prova neste ponto, e quando voltou a manifestar-se, perguntei-lhe o que pensava da teoria da Seleção Natural. A sua resposta ofendeu tanto a mim como ao Jack.

"É uma teoria interessante, mas está errada nos pormenores, quase na essência. Charles Darwin, que a propôs, não sabia do que estava a falar."

Esta acusação contra um dos pensadores mais conscienciosos e eficazes do mundo irritou-me, e não hesitei em dizê-lo.

"Não disse que ele não fosse inteligente ou consciencioso," respondeu o "controlo" com tolerância. "Era uma alma maravilhosa, e fez um trabalho esplêndido com o material que tinha à sua disposição. O problema é que tinha muito pouco material, e ninguém pode julgar um quadro apenas pela moldura. Quando chegou aqui, encontrou muito mais dados, e deve ter modificado bastante a sua opinião."

Pedi ao "controlo" que nos desse alguns desses outros dados.

"Agora colocaste-me num dilema," respondeu. "Simplesmente não posso. Vês, o meu mundo é tão diferente do vosso que há poucos pontos de contacto. O meu mundo é, exceto nos fundamentos da moralidade, um mundo causal; o vosso é, relativamente, um mundo de efeitos. Ora, um efeito pode ser tão diferente da sua causa que, ao julgá-lo por si só, pode-se errar profundamente. Na verdade, é isso mesmo que acontece. Se vos disser que o vosso mundo é uma ilusão, rir-se-ão de mim. Vejam a dificuldade que têm em provar a sua realidade! O dia segue-se à noite, a morte ao nascimento, a doença, a dor, o pecado, os senhorios, os cobradores de impostos, as guerras e a fome são todos reais para vós. Sabem quando está bom tempo e quando chove, e por aí fora. Nada vos parece mais real do que essas coisas. De facto, passam a vida entre elas e regulam a vossa conduta por elas."

A simples ideia de que estas coisas eram irreais fez-me rir, e o "controlo" riu-se comigo.

"É bom que consigas rir," disse ele. "De certa forma, o riso é a melhor coisa no vosso mundo, e sem ele não sei como aguentariam. Na verdade, o vosso mundo merece ser motivo de riso. Mas alguma vez ris dos teus sonhos? Se tiveres um pesadelo, sentes que estás a viver uma realidade — enquanto dura. Depois, sorris porque percebes que era apenas uma sombra, sem substância. Pensa nisso."

Pensámos, e chegámos à conclusão de que o "controlo" falava com muito bom senso. Como poderia o nosso mundo ser real se estava sempre a mudar? Como poderia ser real se todos tinham opiniões diferentes sobre ele? Os pobres achavam que seriam felizes com muito dinheiro, mas os ricos muitas vezes pensavam que seriam mais felizes se fossem pobres e obrigados a lutar pela vida. A fama, para as nossas mentes jovens, parecia uma das maiores bênçãos e realidades do mundo, e no entanto aqueles que a alcançavam diziam que se tornava em pó e cinzas na boca.

Quase toda a gente desejava riqueza material, e quem a possuía era tido como um dos grandes bem-sucedidos do mundo; no entanto, quando chegava o momento derradeiro, era quem renunciava ao mundo que mais admirávamos como exemplo de virtude. Qualquer milionário era mal comparado, na opinião pública, com São Francisco de Assis. Buda renunciou à riqueza e tornou-se mendigo — e encontrou aí uma felicidade e fama muito superiores a qualquer coisa que o maior materialista pudesse sonhar. Jesus foi um simples carpinteiro.

UM MUNDO CAUSAL

Era evidente que algo estava errado com a suposta "realidade" do mundo. A sua realidade esvaía-se em insignificância quando comparada com o estado de espírito. Decidimos questionar de novo o "controlo".

"Podes dizer-me," perguntei, "em que é que a vida no teu mundo, que dizes ser um mundo causal, difere de forma tão marcante da vida terrena? Como pode o efeito estar tão afastado da sua causa que não se possa reconhecer a relação entre ambos?"

"Não disse que não se pode traçar a relação," respondeu. "O que digo é que, tomada pelo valor aparente (e é assim que normalmente se julga), ela é diferente da sua causa. Além disso, quando digo 'o nosso mundo', falo do mundo espiritual em geral, não em particular. Existem estados superiores e inferiores de realidade aqui.

"Bem, aqui vão algumas das diferenças entre o vosso mundo e o nosso. No vosso mundo, o Espaço é visto como objetivo, 'uma coisa em si', onde a Natureza colocou os vários objetos que vedes. No nosso mundo, o Espaço é subjetivo. É algo que criamos para colocar os objetos da nossa mente. Depois, vós tendes o tempo sucessivo, enquanto aqui não há tempo, a menos que o criemos. No vosso mundo, quando vedes objetos, são o resultado da perceção; no nosso mundo, são conceções. Em suma, no vosso mundo projetais a existência mais ou menos, e pensais que ela existe fora da vossa mente ou alma; no nosso, sabemos que tal projeção ocorre e, em consequência, consideramos que todas as coisas estão dentro de nós.

"Sei que não consegues compreender tudo isto, e é por isso que temos tanta dificuldade em falar-vos do nosso mundo, e ao dar ensinamentos espirituais não podemos fazer mais do que referir princípios.

"Não notaste que, quando tento desenvolver qualquer tema espiritual, recorro a exemplos do vosso mundo e da vida quotidiana? Sabes, por exemplo, que quando falo uso a linguagem do meu Médium, até as suas expressões. Isso porque no meu mundo não usamos linguagem, apenas pensamento. Estou agora a usar pensamento. Transmito-o à mente do Jack e ele passa-o à sua consciência, e com precisão mecânica diz o que estou a pensar nos termos dele. Esses termos, sejam palavras ou imagens, têm de ser aqueles que a sua linguagem aprendeu a exprimir. Em outras palavras, o Jack controla-me tanto quanto eu o controlo a ele — se não mais. Pensa também nisso."

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DOS SERVIÇOS DE MEURIG MORRIS

Por R. H. SAUNDERS

Numa noite fria, húmida e ventosa de Janeiro, quando o lugar mais apetecível parecia ser junto à lareira, o Teatro Fortune estava cheio do poço ao balcão com uma audiência profundamente atenta, vinda para ouvir o discurso de um Espírito de Elevado Grau nas Esferas — conhecido por nós como "Power" — através da mediunidade de Mrs. Meurig Morris.

Esta senhora, de físico frágil e voz normalmente pouco audível além da primeira fila, torna-se, em transe, instrumento deste grande Espírito, que intensifica os seus órgãos vocais a tal ponto que a sua voz se transforma numa voz masculina poderosa, perfeitamente audível em todos os cantos do teatro.

Já presenciei o transe de muitos médiuns, alguns dos quais parecem passar por grande angústia no processo, mas a Sra. Morris entra em transe sem qualquer perturbação.

MRS. MEURIG MORRIS

As características especiais são que os seus traços se tornam mais masculinos, a voz aprofunda-se, e a postura e comportamento da médium mudam completamente em relação ao seu estado normal. A sua atitude e gestos tornam-se os de um orador habituado a falar perante grandes audiências; nunca hesita na escolha das palavras, e durante uma hora o discurso flui com uma eloquência e fluidez que encantam todos os que o ouvem.

Pela sua elevação moral, pureza de ideais, espiritualidade e beleza de linguagem, o discurso ultrapassou largamente o nível comum — mesmo de sermões extraordinários — e indicou um profundo empenho, cultura e capacidade inegáveis.

Críticos, que na sua ignorância repetem a ladainha de que apenas banalidades vêm das Esferas — uma falsidade já exposta inúmeras vezes — deveriam ter estado presentes para ouvir este discurso, um entre centenas semelhantes proferidos por "Power" ao longo do país no último ano. Mas quererão realmente os céticos, mesmo necessitando tanto disso, receber iluminação?

Foi feita por "Power" uma previsão de grande derramamento de força espiritual durante o ano presente, no qual ocorrerão mudanças importantes para a Causa, trazendo iluminação e encorajamento.

"Power" adotou uma visão ampla e tolerante de todos os que procuram alcançar as Alturas, sejam budistas, cristãos, muçulmanos ou outros. Para o Divino, todos têm igual valor quando a sinceridade ilumina o caminho ascendente — como disse um orador, "como contas num fio".

É um grande erro, penso eu, menosprezar a importância das maravilhas dos fenómenos psíquicos, como fez um orador, pois são esses que atraem os interessados ao tema e fornecem a escada pela qual os investigadores sinceros alcançam a região elevada da filosofia e os aspetos superiores do Espiritualismo.

Mrs. Meurig Morris mantém uma postura tranquila, embora alguns pudessem inchar de orgulho com os louvores que a sua mediunidade especial tem suscitado.

Nesse domingo à noite, 10 de Janeiro de 1932, o trabalho do ano foi coroado por um serviço especial de aniversário, no qual aqueles que apoiaram Mr. Laurence Cowen ao longo de 1931 formaram um grupo em semicírculo no palco, e alguns prestaram homenagem e agradecimento por estes magníficos discursos.

Devemos a Mr. Laurence Cowen, que presidiu a este serviço, a grande projeção pública que os discursos de "Power" alcançaram. Ele abriu um teatro de qualidade, assumindo os pesados custos fixos do seu próprio bolso, e o grande sucesso do empreendimento deve-se em grande parte à sua generosidade e energia entusiástica.

RESUMO DOS DISCURSOS

Mr. Laurence Cowen, o presidente, disse que aquele era o quinquagésimo terceiro domingo consecutivo em que falava ao público no Teatro Fortune em apoio a Mrs. Meurig Morris. Estes serviços começaram a 11 de Janeiro de 1931, e mencionou que até então a sua vida fora dedicada a uma busca incessante de benefícios materiais, da qual todas as considerações espirituais estavam ausentes. Depois conheceu a Sra. Morris e, ao ouvir os maravilhosos discursos de "Power" transmitidos por ela, passou da escuridão espiritual à luz, e durante todos estes meses trabalharam juntos para espalhar a verdade.

Os seus esforços foram coroados de sucesso, pois sempre que poderia ter fraquejado, foi sustentado por essa fé perfeita, essa confiança total na vontade divina, esse sacrifício abnegado pelo dever, sempre representados pela sua querida e iluminada "Dama da Lâmpada". Com profunda humildade e gratidão infinita, contemplava aquela assembleia — representando tantas escolas de pensamento, diferentes religiões, nações e cores — como prova suficiente de que não haviam combatido em vão este bom combate.

"POWER", ao proferir o discurso de aniversário, disse que ele e os que com ele colaboravam tentaram durante doze meses transmitir verdades mais elevadas do que as ensinadas nos colégios, com o sincero desejo de fazer o bem à humanidade. Através de um instrumento humilde, a voz da Verdade foi ouvida e já contribuiu, em pequena medida, para a revolução do pensamento das pessoas.

A Verdade tem muitas faces, muitos caminhos. O aspeto que apresentaram era filosófico, religioso e científico, adaptado a uma época em que as massas estão instruídas e uma grande parte da população abandonou as religiões ortodoxas.

Esta verdade veio de muitas fontes para aqueles que tentam comunicar com o mundo espiritual. Trouxe à luz algo há muito encoberto pelas religiões oficiais: a cooperação real e presente entre os dois mundos, unida à consciência constante da orientação divina. As portas do céu foram abertas para uma grande revelação, que trará a cooperação dos Tomés duvidosos e dos amados Joões no trabalho de regenerar o mundo.

Uma das grandes tarefas era unir as várias religiões do mundo sob os grandes estandartes da unidade espiritual e da fraternidade humana, até que budistas, muçulmanos e cristãos reconhecessem que todos adoram o mesmo Pai Eterno e Universal. Desejavam trazer harmonia a todas as religiões e a todos os povos.

Por todo o mundo, as pessoas já começam a reconhecer a influência dos trabalhadores espirituais invisíveis. Esta já os está a libertar do poder paralisante do materialismo, e mesmo durante este novo ano, o homem comum deixará de rejeitar a crença na intercomunicação entre os dois mundos.

Este movimento era uma expressão do grande espírito do Cristo no mundo, mostrando que os filhos dos homens eram filhos de Deus, pois Deus não podia estar separado da Sua própria criação. Sob a sua influência, Oriente e Ocidente mover-se-iam em direção a um grande e comum objetivo, onde, a dada altura, todos se encontrariam. Escutai as minhas palavras! Da escuridão nascerá a luz, da perseguição virá a liberdade, da fraqueza surgirá a força, e de todas estas coisas o poder do Deus Todo-Poderoso se manifestará claramente entre as nações.

Após um hino e a recolha da oferta, várias personalidades presentes na plataforma exprimiram os seus votos de parabéns. Mr. Denis Conan Doyle, em nome da sua mãe, Lady Conan Doyle, e em seu próprio nome, disse que um único exemplo autêntico de retorno espiritual, como o que acabavam de testemunhar, provava todo o caso do Espiritualismo — e que os seus detratores muitas vezes esqueciam convenientemente esse facto. No entanto, centenas de milhares de mensagens verdadeiras e reais chegavam constantemente do outro mundo, de pessoas que tinham passado pelo vale da morte. Se aqueles que nunca tinham tido experiência desta realidade abrissem agora as suas mentes, olhariam para essa ocasião como uma das mais felizes das suas vidas.

O Rev. Dr. John Lamond, antigo ministro presbiteriano, disse que tivera o privilégio de ouvir alguns dos maiores oradores religiosos do seu tempo, incluindo o Padre Ignatius, mas nenhum o impressionara tanto quanto os notáveis discursos de "Power". Agora, sendo um homem idoso, agradecia a Deus por lhe ter sido permitido testemunhar a maravilhosa obra desta Joana d'Arc do Espiritualismo. Através dos lábios da Sra. Morris, vinha uma mensagem de significado universal, aceitável para todas as mentes, fossem religiosas ou científicas.

Mrs. Champion de Crespigny, famosa romancista, afirmou que considerava um grande privilégio ter ouvido o maravilhoso discurso de "Power", e que, se alguém presente acreditava que nenhuma comunicação de valor real podia vir do outro mundo, já não podia continuar a sustentar tal ideia. "Power" sublinhou que, antes que houvesse verdadeira paz e progresso mundial, teria de haver uma mudança no coração humano — de modo que cada pessoa vivesse para ajudar o seu próximo, não porque devesse ou fosse obrigado, mas porque o amor no seu coração se estendia naturalmente aos outros. Sem essa mudança interior, o mundo continuaria mais ou menos como está.

Nenhum credo, nenhuma lei parlamentar, nem mesmo uma Liga das Nações poderia fazer o que essa transformação interior nos homens traria. Dizia que ouvia cada palavra de "Power" com profundo interesse, esquecendo-se por completo, naquele momento, de que se tratava de uma voz vinda do além. Estavam todos gratos à Sra. Morris por se permitir ser usada como canal e instrumento de tão grande influência espiritual — o que não poderia acontecer se ela própria não vivesse em coerência com essa luz. Estavam igualmente gratos ao Sr. Cowen pela sua energia e coragem em apresentar este grande facto ao mundo.

O Professor W. Stede, Ph.D., afirmou que os discursos de "Power" eram notáveis não só pelo seu conteúdo iluminador, mas também pelo incentivo que proporcionavam. As pessoas recebiam demasiada informação, mas pouco encorajamento umas das outras. Viviam numa atmosfera de medo — medo de tudo, mas sobretudo dos próprios semelhantes. Era um grande enigma psicológico, mas era real.

O medo orgulha-se de se esconder. Sem humildade não havia progresso. Sem traduzirem os ideais em ações, nada de valor verdadeiro podia ser feito. A única salvação era afastar o medo, confiar nas suas capacidades e nas capacidades oferecidas pelos seus guias espirituais. Pois a orientação espiritual era um facto, e sem ela não saberiam para onde ir. Expressou a sua profunda gratidão por tudo o que ouvira naquele palco.

O Almirante Armstrong declarou que, quando presidiu ao primeiro dos serviços de Meurig Morris, nunca imaginara o que viria a acontecer — as maravilhosas audiências que encheriam aquele teatro domingo após domingo, e as vastas multidões que, por todo o país, acorreriam para ouvir "Power". Observou uma grande mudança na atitude do mundo face ao Espiritualismo nos últimos três ou quatro anos. Antes, mencionar o assunto no seu clube era motivo de escárnio.

Hoje, em todo o lado, falava-se abertamente sobre isso. Como indivíduos, poderiam perguntar-se como, com os seus modestos meios, poderiam espalhar a luz — e a resposta era pelo poder do pensamento. As pessoas não compreendiam completamente a influência que os seus pensamentos exerciam sobre os outros. Se abrissem as mentes aos pensamentos espirituais que continuamente lhes chegavam do Outro Lado, e os projetassem no dia-a-dia — pensamentos de paz e de amor — exerceriam um tremendo impacto nas mentes alheias. Já tinha observado esse poder do pensamento operar muitas vezes, e se o praticassem intencionalmente para o bem do mundo, podiam confiar que Deus faria o resto.

O Professor Shastri, D.Litt., disse estar convencido de que era Espiritualista e que, neste sentido, as diferenças de cor entre raças nada importavam. Todos tinham de demonstrar que o homem não era apenas corpo, mas espírito imortal, manifestação do grande Espírito Universal. Se acreditavam em Deus, teriam de saber que, através da devoção e da sabedoria, podiam manifestar o Seu poder divino no mundo.

O Sr. Graham Moffatt, conhecido dramaturgo, afirmou que era Espiritualista e escocês. Enquanto ouvia a maravilhosa mensagem transmitida por Mrs. Meurig Morris, pensava que o que o Espiritualismo precisava hoje era de cem "Powers" e de cem Meurig Morrises. Tal

ensinamento era necessário, pois dava-se demasiada atenção ao lado fenomenal. Os ensinamentos de Power eram o Cristianismo tal como Jesus o pregou no Sermão da Montanha. Era não apenas cristão, mas a substância essencial de onde todas as religiões do mundo haviam nascido. Havia lições a tirar de todas as religiões.

Tendo viajado por todo o mundo, pensava que poderiam aprender algo com os japoneses quanto ao tratamento que davam aos animais. A religião de Power estava livre das teses teológicas e credos artificiais que sufocaram o Cristianismo. Felicitou Mrs. Morris, e também o Sr. Cowen, como colega dramaturgo, orgulhoso de que alguém da sua profissão tivesse feito tanto pelo Espiritualismo. Acreditava que "Power" estava a liderar um grande movimento que se espalharia pelo mundo. Que os dois amigos pudessem continuar este trabalho por muito tempo — pois era obra de Deus! A seara era verdadeiramente abundante, mas os trabalhadores eram poucos.

O Sr. Frank Whitmarsh, representante da União Nacional de Espiritualistas, disse que reconheciam o trabalho de "Power" e o sacrifício pessoal de Mrs. Meurig Morris. Reconheciam também a dedicação altruísta do Sr. Laurence Cowen, que suportara todas as despesas dos serviços dominicais. As ofertas, inicialmente destinadas à caridade, haviam recentemente sido canalizadas para cobrir os custos do processo judicial em que Mrs. Meurig Morris defendia a sua honestidade como médium.

Mas havia ali uma questão mais ampla: o Espiritualismo, tal como ensinado por "Power", praticado por Mrs. Morris e Mr. Cowen, e expresso pelo amigo de cor presente na plataforma, mostrava que todos eram essencialmente seres divinos — e cabia a cada um demonstrar essa divindade nas suas vidas, pensando com bondade e agindo com justiça, percebendo que quanto mais se elevassem em direção ao Divino, mais altruístas se tornariam, pois Deus é, Ele mesmo, a essência do altruísmo.

EILLEN GARRETT

IN: "MUITAS VOZES"

"A própria falta de uma crença sincera que sinto na identidade dos meus controladores perturbou-me. Nunca estive certa quanto à realidade deles, ou de que as mensagens que eles transmitiam a partir do seu "universo," com respeito àqueles que haviam deixado esta existência, constituíam evidência válida da existência de vida após a morte. As pessoas que chegavam para se comunicarem com os "mortos vigentes" geralmente careciam de profundidade suficiente para fazer uma análise crítica das comunicações que recebiam Em vez que ganharem força moral, elas continuavam a procurar aqueles que lhes dessem, de seguida, uma garantia tranquila de que a vida após a morte tinha sido de facto comprovada. Conforme eu observara, a insegurança advinda das próprias crenças que eu tinha sido sustentada pela fé do senhor e da senhora McKenzie. Todavia, comecei a revoltar-me contra

a ideia de continuar a produzir, ano após ano, resultados em relação aos quais pudessem subsistir dúvidas.

"A procura pelos serviços de cura da parte de Abdul Latif, um pretenso controlador que alegava ter sido astrónomo e médico na corte de Saladino, no século XII, foi transcrita por Arthur Connan Doyle e R. H. Saunders. Juntos, ambos trabalharam na produção do livro "Saúde: A Sua Recuperação e Manutenção,1" cujo teor fora transmitido por intermédio de Abdul Latif, que se manifestara recentemente por intermédio da minha mediunidade. Sir Arthr sempre confiava em que eu era capaz de fazer um bom trabalho sob a orientação do controlador. Quando decidi, em meu próprio benefício, que chegara a hora de procurar respostas mais profundas para o significado da mediunidade, Sir Arthur censurou-me severamente a falta de fé e o desejo de abandonar o colégio.2 Argumentei que as personalidades dos controladores poderiam ser parte do meu próprio ser subconsciente, pelo que me pus em campo para reunir evidências por minha própria conta, através da consulta de outros sensitivos. As personalidades controladoras notabilizaram-se pela sua ausência, mas sempre era indicado que eu nunca abandonaria o padrão experimental do meu trabalho.

"Prefiro controlar os controladores como diretores do subconsciente. Durante os primeiros anos do treino eu aceitei-os de nome, sem me aperceber disso. Respeito-os mas não posso explicá-los. Por conseguinte, a avaliação que fizera não seria de grande utilidade para aqueles que acreditavam na sobrevivência. Essa conceção é sustentada por muitos, e enquanto me for possível continuar a produzir este tipo de evidência, não poderei rejeitá-la.

Os controladores estão bem cientes de que eu tenho mantido uma atitude imparcial, porém de respeito, em relação ao meu próprio trabalho e ao deles -- e assim, a busca continua. A crença que tenho é suficiente para as minhas necessidades. Presumo estar perfeitamente ciente do facto de estabelecer comunicação com as mentes humanas e com a vida quotidiana. Parecer ter-se perdido de vista a avaliação do conteúdo das mentes mediúnicas com o passar dos anos. Admito que a avaliação de tal evidência é escassa, porquanto poucos são os que se permitiram tomar parte numa investigação imparcial.

1 NT: A traduzir muito em breve pelo editor desta publicação.

2 Colégio Britânico de Ciência Psíquica.

"Aqui, mais um comentário sobre os controladores poderá vir a propósito. Faz já muito tempo, eu aceitei-os como símbolos práticos do subconsciente. Não obstante, até mesmo hoje os exercícios referidos para a pesquisa nas profundezas do subconsciente, acham-se um tanto fragmentados pelas dificuldades da terminologia; e a psicologia profunda, que constituiu o meu último esforço por descobrir significados, infelizmente não ofereceu quaisquer respostas.3

3 NT: A autora submeteu-se a uma avaliação com um psicanalista chamado Ira Progoff, que quanto a mim, ficou amplamente aquém do que poderia ter sido, pela falta de profundidade de abordagem que demonstrou nas entrevistas que fez aos controladores mais significativos

como Uvani, Abdul Latif, Tote (Thoth, ou o ancestral Hermes), e Rama, que para ele, e após ter estabelecido um prolongada conversa com cada um, personificavam uma representação dos Arquétipos a que chamou Dynatyps. Francamente dececionante devido à deformação profissional e preconceito arraigado, na minha opinião.

"Conceitos existem, e muitos. Mas o meu próprio conceito serve-me melhor porquanto em última análise e conforme as coisas estão encaminhadas, parece que qualquer tentativa de explicar a psique e os seus múltiplos padrões, em termos de linguagem, acaba num atoleiro.

"As respostas bem que podem vir de outros aspetos da ciência, ainda não divulgados oficialmente. Sem dúvida, os fenómenos existem para todas as pessoas, e a maneira de encontrar o significado está aí, para todas elas; mas o subconsciente continua a ser o veículo do significado para além dos cinco sentidos objetivos. O ambiente que rodeou os primeiros tempos da minha vida e as primeiras experiências podem ter produzido imagens que se me servissem até à idade adulta; e a minha própria contextualização vulnerável produziu a carga explosiva que permitiu que a profunda perturbação e potencial, da minha juventude, viesse à superfície.

Se eu tivesse sido menos curiosa, as imagens poderiam ter ficado em repouso no tecido geral do subconsciente, mas elas vieram à tona para se tornarem independentes. Quem sabe por quanto tempo, na minha meninice, elas ficaram à espera de se revelar? Quando surgiram, foram exercitadas no sentido de se personalizar e se relacionar enquanto entidades. As suas aparições foram aceites e quando declararam estar ali para procurar respostas, afastei-me das demais disciplinas de treino e de intenção e rumei para o campo do espiritualismo, onde as entidades foram saudadas como 'espíritos' e tratadas como tal. Todavia, se essas entidades possuem consciência própria, isso é questão que encontrará uma resposta, disso estou certa, embora não durante a minha vida.

"Acredito decididamente que as entidades são formadas pelas necessidades emocionais e espirituais da pessoa em questão. Na tentativa de entender o significado delas tenho-me envolvido, e de forma intensa, em técnicas que tentariam explicá-las. Com o passar dos anos tornaram-se compassivas e úteis para muitos que as respeitam. Elas podem vigiar e num certo sentido resguardar contra influências ameaçadoras, tanto externas quanto internas. Ao mesmo tempo, elas mantêm as suas identidades separadas umas das outras.

Conservaram-me ocupada, pois por sua causa tenho sido capaz de sentir a vida, que é melhor do que ser perturbada por ela. Sem esses aspetos da personalidade, talvez não me tivesse sido possível fazer um esforço tão grande para entender a natureza da mente. A minha felicidade é que esses complexos, ou entidades, é que se tenham mantido compassivos -- jamais ameaçadores -- e salutares na atitude que têm para com o mundo externo; e agora, presumivelmente, eles perdurarão na lembrança daqueles que os conheceram enquanto uma realidade.

"Quanto a mim, nunca fui capaz de os aceitar por completo, enquanto habitantes espirituais do limiar, o que eles parecem acreditar ser. Melhor, recusei-me a aceitá-los como tal, facto

esse que é conhecido deles e não os perturba nem por um instante. Eles parecem ter uma natureza diferente. O complexo Uvani é quase sempre desafeiçoado; o porteiro dissimulado na personalidade do guardião. A personalidade Abdul Latif é igualmente descrita como compassiva, porém, mais universalmente orientada para os acontecimentos exteriores e, portanto, mais positiva nos seus pronunciamentos e juízos. Suspeito que eles existirão enquanto eu existir, ou até talvez depois mesmo de eu já ter saído de cena.

"A esta altura será interessante relembrar que, quando tomei a decisão de ir para a América, Abdul Latif perguntou se não poderia ter outra sensitiva com quem pudesse trabalhar durante a minha ausência, uma vez que relutava em deixar os seus inúmeros amigos, na Inglaterra, sem o seu auxílio. Isso foi-lhe concedido com muita seriedade, e para tal fim ele escolheu a Srt.ª Francis, uma sensitiva altamente respeitada, que então estava a trabalhar no British College de Ciência Psíquica; e fez sentir a sua presença através dela até ela falecer."